J. MARQUESI

PODEROSO DESTINO

J. MARQUESI
PODEROSO
DESTINO

“A feiticeira estava lá, cabelos soltos caindo pelas costas, ombros de fora, pés enfiados na água gelada do lago, formado pela queda d’água. Ele ficou um tempo parado apenas apreciando a vista e tendo de volta todas as sensações que sua presença lhe proporcionava.”

PODEROSO DESTINO

J. MARQUESI

PODEROSO DESTINO

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Produção editorial Aline Santos, Ana Massa, Bárbara Gatti, Fernanda Costa, Luiza Marcondes e Natália Ortega
Revisão de texto Audrya de Oliveira
Preparação de texto Livia Mendes
Capa Layce Design
Foto Ilina Simeonova/Trevillion Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M317p

Marquesi, J.
Poderoso destino / J. Marquesi. — Bauru, SP :
Astral Cultural, 2019.
272 p.

ISBN: 978-85-8246-971-2

1. Ficção brasileira 2. Aristocracia - Ficção 3. Família - Ficção I. Título

19-2168

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira B869.3

ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS
DA EDITORA ALTO ASTRAL

BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO
Alameda Vicente Pinzon, 173
4º andar, Vila Olímpia
CEP 04547-130
Telefone: (11) 5694-4545

E-mail: contato@astralcultural.com.br

1

Uma situação delicada se apresenta

LONDRES, MARÇO DE 1853

— Estamos na ruína, Lily. — Stephen disse, sem ter coragem de fitá-la, olhando a rua movimentada pela janela do escritório.

— Ruína? — Lily tentou, em vão, esconder o tremor na voz. — Você tem certeza, Stephen?

Nesse momento, ele a olhou. Lá estava ela, linda, com um rosto que, mais tarde, enlouqueceria todos os homens de Londres, cavalheiros ou não. Cecily Moncrief, sua adorável irmã mais nova.

Lily, como era conhecida pela família e pelos amigos, era o retrato vivo da família de sua mãe: loira, alta e com olhos azuis tão grandes que quase não cabiam em seu rosto com formato de coração. Seu sorriso, no entanto, era diferente do das outras mulheres de sua casa. Era sincero, puro e contagiante. Apesar da pouca idade, Lily era a pessoa mais lúcida daquele lugar, a única com quem poderia compartilhar seus problemas.

Stephen Moncrief tomou assento junto à irmã. O escritório da

casa de Grosvenor Square era menor do que o da propriedade do campo, Hawk Abbey, porém os móveis eram uma reprodução idêntica aos da mansão ancestral. Ele curvou seu corpo até bem perto ao da irmã, como se quisesse lhe fazer confidências, e Lily não conseguia tirar o espanto dos olhos, embora o restante parecesse a serenidade em pessoa.

— Estive ontem à tarde no escritório do nosso advogado e, antes disso, com o agente representante do banco onde estão nossos investimentos. — Ele passou a mão pelos cabelos. — Nossas finanças estão uma bagunça, e eu nem fazia ideia disso! — O nervosismo o fez levantar-se da cadeira e dirigir-se até o aparador de bebidas no canto direito do escritório. — O Conde nunca foi um homem organizado, mas achei que fosse, pelo menos, inteligente.

— Quão ruim está?

Ele soltou uma risada irônica antes de engolir, de uma só vez, a bebida âmbar de seu copo de cristal.

— Ou ele estava tentando enganar a si mesmo, ou realmente era ruim em seus cálculos. Matemática básica, soma e subtração, tudo errado! Nenhum dos balancetes de Hawkstone Abbey correspondiam aos relatórios do contador. Os livros estavam rasurados, apagados ou, simplesmente, tiveram suas páginas arrancadas!

— Por que ele faria isso? — Lily já demonstrava certo nervosismo diante da situação, e Stephen se sentia culpado por estar colocando sobre ela todos esses problemas. Porém, sua irmã era a única com quem ele poderia desabafar. — Em nenhum momento, ele deu a entender que nossa situação era desconfortável. Pelo contrário! Incentivava-nos a comprar, a viajar…

— Eu sei… — Stephen olhou a irmã com culpa nos olhos e coração apertado. — Também pensei assim quando assumi o título e o controle da família. — Ele voltou a andar em direção às janelas e olhar para o exterior. — Pensei que estava tudo bem com as finanças, com os arrendatários, com as colheitas. Mas eu estava enganado, Lily. Já estamos dançando com a falência há um bom tempo, e não percebi.

Ela pareceu notar o sentimento de autocomiseração pelo qual o irmão passava e, com voz suave, o consolou:

— Você não tem culpa.

— Como não? — Riu, irônico. — Fui criado e educado para gerir nossas terras e nossos investimentos. Cresci sabendo que eu seria o sucessor do título de Conde de Hawkstone, e o que fiz? Tudo errado! O Conde morreu há um ano e, nesse tempo, ajudei a colocar ainda mais pedras dentro dessa barca afundando.

— Stephen, nós também contribuímos! — Lily disse, enérgica. — Não somos conhecidas por sermos econômicas. — Ela deu de ombros. — Você sabe que não havia nenhuma necessidade de irmos à França para renovar nosso enxoval, e eu sabia que seria uma viagem dispendiosa, mas, ao mesmo tempo, queria visitar as exposições e os museus e não me importei de acompanhar mamãe e Elise nessa aventura.

— Vocês não sabiam dessa situação delicada na qual nos encontramos. — Stephen bufou. — Eu também não, embora devesse. E é isso que me frustra tanto! — Balançou a cabeça. — Mas já não importa. O importante é que, agora, precisaremos ser econômicos e — ele riu — esse é um dos motivos pelo qual quis contar isso a você. Preciso da sua ajuda.

— Você sabe que pode contar comigo, Stephen.

— Eu não quero que mamãe e Elise descubram sobre nossa situação, não até meu casamento com Lady Gwen. — Lily hesitou por um momento, pois não entendia como esconder o real estado de suas finanças ajudaria, mas, ainda assim, concordou, sabendo que seria imprudente deixar a mãe e a irmã desesperadas. — Mas preciso que você exerça algum controle sobre elas para que não gastem como de costume.

— Eu sei que parece loucura, depois de tantas compras que fizemos em Paris, mas isso vai ser uma missão bem difícil! — Ela deu uma risadinha.

Stephen concordou que a missão dada à sua irmã caçula era ingrata, pois conhecia muito bem sua mãe e sua outra irmã, e as duas eram entusiastas do consumo, desde pequenas quinquilharias a joias de valores astronômicos. Porém, se havia uma pessoa que poderia pôr freio naquelas amalucadas, era a pequena Lily.

Ele nunca conheceu criatura com mais personalidade que sua irmã de apenas dezesseis anos. Ela poderia convencer qualquer um de qualquer coisa, um talento que poucas pessoas no mundo possuíam, mas que, para ela, viera desde o berço. Ela era uma líder nata, uma jogadora estrategista e uma verdadeira artista com suas palavras e argumentos.

Cecily Moncrief poderia ser, se houvesse nascido homem, um arrebatador de votos populares e ser o deputado mais bem votado para a câmara dos comuns que o reino já vira. E esse sempre fora o desgosto do falecido Conde: todo esse talento em uma mulher.

Entretanto, Stephen pensava diferente do pai e sabia que Lily chegaria aonde quisesse, ainda que fosse considerada “nascida com

o sexo errado”. Ele confiava em sua irmã e conhecia suas habilidades para conseguir o que se propunha a fazer e, acima de tudo, ele precisava, desesperadamente, de sua ajuda.

— Se uma das duas souber de nossa real situação, pode colocar em risco meu casamento iminente. E isso seria o pior de todos os cenários, pois, além de perder a mulher com quem escolhi me casar, ainda perderemos seu dote, que, nas atuais circunstâncias, pode nos salvar da bancarrota e do ostracismo social.

— Eu preciso saber qual é a real situação! — Pela primeira vez naquela conversa, Lily demonstrou angústia em sua voz, além de em seus olhos. — Você me pediu ajuda, Stephen, agora não me deixe no escuro.

Ele respirou fundo.

— Segundo o doutor Loyd, ainda não vamos precisar mendigar, mas teremos que viver modestamente. — Ele sentou-se em sua cadeira. — Vamos conseguir pagar todas as nossas dívidas recentes, mas teremos que ser vigilantes nas vindouras. Além disso, consegui reservar uma quantia singela para atribuir um dote a Elise — suspirou. — Eu gostaria que vocês duas tivessem um dote suficiente para escolher quem quisessem, mas não foi possível. Consegui reservar essa quantia porque pensei que, caso Elise encontre alguém nesta temporada, ela precisará de um dote.

— Não se preocupe comigo, você sabe que casamento ainda não é minha prioridade. Talvez nunca seja...

— Isso só o tempo dirá, minha irmã. O que importa, no momento, é que, conhecendo o Marquês do jeito que conheço, tenho certeza de que ele nunca permitiria que eu desposasse sua filha se soubesse de nossa situação. Andei averiguando

possibilidades de investimento e não achei nada que parecesse confiável, além disso, há pouco dinheiro e precisamos dele neste momento para manter as aparências. Então, a melhor saída, ou a mais confiável, é meu casamento e o dote de Lady Gwen.

— Eu não me oponho a essa solução porque sei que você não é um caça-dotes. Seu compromisso com Lady Gwen já estava marcado antes de tomarmos ciência da nossa situação financeira caótica; e mais, tenho certeza de que, se ela soubesse da situação, não permitiria que o Marquês rompesse o compromisso de vocês, pois ela parece ter, por você, um afeto profundo e sincero.

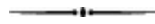
Stephen deu de ombros não tendo tanta certeza do poder de persuasão de sua noiva, pois o Marquês de Rutherford era conhecido por seus rígidos conceitos de superioridade da alta aristocracia. Era um homem que ia além de não gostar de se relacionar com novos ricos e com a pequena nobreza. Ele fazia questão de ostentar que seu título era um dos mais antigos e poderosos de todo o reino. E esse foi um dos motivos pelo qual ele aprovou o casamento de sua filha com um Conde.

O título de Hawkstone era mais antigo do que o do próprio Marquês, uma vez que os primeiros Hawkstones vieram após a Revolução Gloriosa, pelo serviço prestado na destituição da Casa Stuart. Stephen tornara-se o décimo Conde a levar o condado.

— Eu não tenho tanta certeza, e é por esse motivo que eu gostaria que nossa delicada situação não fosse parar nos ouvidos sensíveis do Marquês.

— Eu entendo. Bem, preciso, então, traçar um plano para que, nos próximos meses, eu as convença a economizar, sem alertá-las sobre nossas finanças.

— Eu ser-lhe-ei eternamente grato, Lily. Prevejo que serão tempos difíceis, mas acredite que eu não me cansarei de buscar uma solução; não me vejo como um homem que sobrevive do dote da esposa.

Lily, tendo um dos seus poucos rompantes de juventude, foi até o irmão e o abraçou. Naquele abraço, sem palavras, ela lhe transmitiu o quanto confiava nele e reforçou o empenho que ele trazia dentro de si. Precisava tirar a família daquela situação.

Joaquim Moncrief de Ávila olhou para o céu e fez uma carranca. Odiava o clima de Londres.

Em pleno começo de primavera, a cidade continuava cinza e seu clima era frio e úmido, o que causava nele sensações horríveis. Kim, como era chamado por seus familiares ingleses, odiava o frio e as tempestades, talvez por temê-los em alto-mar, como o bom capitão que era, ou simplesmente por lhe trazerem lembranças difíceis de um dia trágico em sua vida.

Entretanto, independentemente do clima, era em Londres que encontraria a pessoa que viera ver. Sabia que o Parlamento estava aberto e a temporada fervendo e, como buscava a um Lorde específico, era lá que deveria estar.

O coche de aluguel parou em frente ao número setenta e nove da Grosvenor Square, e ele desceu sentindo-se desajeitado, inapropriado e malvestido para adentrar aquela casa. Sentiu um calafrio ao lembrar de todos os momentos em que fora até ali

quando criança visitar seus tios ingleses.

Sua mãe era uma das irmãs do falecido Conde de Hawkstone, James Moncrief, porém os dois nunca tiveram um bom relacionamento, pois ela desrespeitara a vontade da família e casara-se com um comerciante português, rejeitando um casamento com um Duque rico e influente.

Cassidy Moncrief foi considerada a Belle no ano de seu debute, em 1817, levando consigo uma legião de homens apaixonados que a seguiam, mandavam-lhe flores e dedicavam poemas. Ela era linda e diferente de todas as outras *ladies* que frequentavam a *Ton*[1] daquele ano. Era adorada pelas patrocinadoras do Almack's, conhecidas pela rigidez de suas regras e por elevarem ou destruírem a reputação de uma dama.

O Conde de Hawkstone estava satisfeito pelos feitos da irmã, visto que se tornara o cabeça da família ainda muito jovem e preocupava-se em fazer matrimônios lucrativos, em todos os sentidos, com as cinco irmãs que possuía.

O preferido do Conde entre todos os pretendentes da irmã era o Duque de Needham, um pouco velho demais para a Lady, mas que preenchia todos os requisitos para ser seu cunhado.

O problema era que o Conde não imaginava a força de vontade e a teimosia que a doce e bela Cassidy possuía nem que sua inocente irmã estava se correspondendo e se encontrando, às escondidas, com o filho de um comerciante bem-sucedido que se estabeleceu em Londres, vindo de Lisboa.

Um escândalo se formou na época e, sem medo de perder tudo o que tinha, Cassidy casou-se com Antônio de Ávila e mudou-se para Lisboa, em Portugal, de onde era a família do marido. Ambos

tiveram um maravilhoso casamento, abençoado com muitos filhos, prosperidade e respeito.

Cassidy morrera quando Joaquim, seu filho mais velho, tinha vinte anos, deixando a família sentida e o marido à beira do desespero. Anos antes, ela e o irmão, o Conde, tentaram fazer as pazes, visitaram um ao outro, corresponderam-se, mas o inglês nunca conseguira aceitar o marido da irmã.

Foi em uma dessas visitas que Joaquim descobrira o quanto detestava aquela ilha, pois, aos dezessete anos de idade, apaixonara-se pela primeira vez por uma moça e, mais tarde, ele descobrira que se tratava da filha do velho Duque de Needham. Kim balançou a cabeça para apagar as lembranças daquela época. Muitos anos haviam se passado e não tinha motivos para ficar amargando sua primeira desilusão amorosa — sua primeira surra e humilhação — nem para sentir-se nostálgico, afinal não era mais um garoto, mas um homem de negócios de trinta e três anos.

Ouviu ruídos na porta assim que bateu com a aldrava na madeira, em seguida, o mordomo — que lhe parecia o mesmo de sua última visita — atendeu à porta.

Ele entregou seu cartão e solicitou falar com o Conde de Hawkstone, Stephen Moncrief, seu primo.

— Kim? — Ele ouviu a voz doce vindo do *hall* de entrada. — Oh, meu Deus, Kim, é você! Otis, faça-o entrar!

— Ele solicita uma audiência com milorde, milady. — O mordomo lhe ignorou, já pronto para fechar a porta na cara de Kim.

— Bobagem, Otis. Ele é da família, é claro que Stephen vai recebê-lo. — Ela foi até a porta e fez uma reverência perfeita quando Kim adentrou. — É bom vê-lo, senhor Ávila.

Kim riu ao ver a postura ereta e o sorriso faceiro nos lábios de Elise. Não a via há um par de anos, e a moça magricela e alta tornara-se linda, coquete e, com certeza, uma dama.

— Lady Elise — ele a cumprimentou em seu inglês perfeito. — É uma honra ver tamanha formosura!

— Kim! — Stephen Moncrief o chamou, vindo de seu escritório e seguido por seu mordomo.

Kim desviou os olhos do rosto corado de Elise para avistar o primo e, ao ver Stephen, teve a mesma surpresa que tivera ao constatar a mudança da prima.

Quando crianças, os dois aprontaram muitas travessuras, sempre, é claro, sob a liderança de Kim, visto que era seis anos mais velho. Mas Stephen nunca deixara de fazer nenhuma das loucuras que o primo lhe propusera, pelo contrário, excedia-se nas brincadeiras e Kim tinha que o controlar.

Apesar de ser temerário e esperto, Stephen Moncrief tinha a aparência de um anjo, com seus cabelos castanhos encaracolados e olhos tão singulares que o faziam parecer um ser celestial.

Por esperar uma espécie de anjo adulto, Kim se surpreendeu, pois, aquele Stephen, franzino e angelical, deixara de existir e, à sua frente, estava um homem que se parecia com o título que carregava. Ali estava um verdadeiro Hawk.

Stephen era alto, com porte de um lutador e suas feições deixavam de lembrar a de um querubim. Seus traços eram duros, o nariz maior do que o normal e o queixo quadrado. Seu primo não mais ostentava os cachinhos que lhe eram tão característicos, agora, os cabelos estavam muito bem cortados à última moda.

A única característica que ainda persistia nele, embora

sobrepujada pelo aspecto duro de seu rosto, era a cor de seus olhos, um verde e outro azul.

— Lorde Hawkstone! — ele cumprimentou-o, lembrando que agora seu primo ostentava o título nobre da família. — É bom ver que usaste o bom senso e deixaste a beleza para sua irmã.

O Conde riu e o abraçou, deixando-o completamente surpreso.

— Senti sua falta, pirata! — Stephen sempre o chamara assim, em razão da predileção de Kim por estar navegando. — Vamos até meu escritório. Elise, avise mamãe e Lily que temos visitas. — Ele virou-se para o primo. — Onde estão suas bagagens?

E ficar nessa casa? Nem pensar!, ponderou Joaquim, evitando demonstrar o quão desagradável era aquele convite.

— Deixei-as no hotel em que estou hospedado.

— Hotel? Por que hospedar-se em um hotel se você tem casa aqui conosco? — Stephen fez sinal para Otis. — Peça a Wil para buscar a bagagem do senhor Ávila...

— Não! — Joaquim interrompeu-o antes que se visse obrigado a estar debaixo daquele teto naquela noite. — Eu agradeço, mas não vou ficar muito tempo, um hotel está perfeito! — Sorriu sem graça, notando o semblante de Stephen. — Além do mais, não venho a passeio, e sim para falar de negócios.

Stephen franziu as sobrancelhas, estranhando o motivo, afinal os dois nunca tiveram negócios em comum.

— Ah, sim. — Joaquim confirmou. — Então vamos ao escritório.

Os dois entraram no espaçoso cômodo austero, e Kim notou que tudo ali estava como era, quando brincavam de esconde-esconde naquele escuro mausoléu de seu tio.

— A decoração continua a mesma... — pensou em voz alta.

— Ainda não pude trocá-la... — Stephen deu de ombros, desviando o assunto, oferecendo uma bebida. Estava feliz ao rever o primo que há muito não via. Toda sua família morava longe, a maioria no continente e, por esse motivo, ficava anos sem ter notícias das tias, irmãs de seu pai, e de seus primos. — Quer ir direto ao assunto ou pretende me informar como estão meus outros primos?

— Já que insiste... — Kim bebeu o conhaque, sua bebida preferida, de uma só vez. — Todos se casaram, alguns já possuem filhos, e vivem reclamando da escolha que fizeram — debochou, fazendo uma careta.

— Sempre senti inveja de você por só ter irmãos, enquanto eu tinha duas meninas choronas e delicadas.

— Hoje, pelo que vi, você deve ter que expulsar os pretendentes a tiros! — Gargalhou. — Realmente, eu tive mais sorte nesse sentido. Jorge, Cristóvão e Paulo decidiram como seguir a vida deles, e eu, graças aos céus, não tive que me meter em nada.

— Espere para ver Lily! — Stephen disse, desanimado, sentando-se em sua cadeira. — Lily é como Elise, só que, não sei como, ainda mais bela e, o pior, extremamente esperta e inteligente.

— Já sinto pena de você. — Ergueu o copo, oferecendo-lhe um brinde de boa sorte.

— É bom tê-lo aqui novamente.

— Sinto muito pelo seu pai e por não ter estado no funeral.

Stephen não disfarçou seu desdém pelo falecido Conde.

— Recebi sua carta. Ninguém foi pego de surpresa, com a vida

que ele levava... — falou enquanto oferecia-lhe charutos. — Mas estou curioso sobre o assunto de negócios que fez você sair de sua ensolarada Quinta à beira-mar...

— Também não sei muito bem o que me fez pensar em você, talvez porque eu queira alguém de muita confiança, e você sempre foi confiável, guardando nossos segredos e travessuras... — Riu. — O fato é que preciso de um sócio para um investimento novo, arriscado, mas que pode ser muito lucrativo.

— Sócios?

— Sei que aristocratas não fazem negócios como o restante de nós — disse Kim. Stephen ergueu sua sobrancelha em um olhar irônico. — Mas pensei em lhe oferecer a oportunidade.

— Por quê?

— Estou trabalhando nisso há mais de um ano. — Joaquim estava cansado e desanimado. — Perdi um bom par de meses indo e vindo da América, atravessando aquele oceano melindroso e, agora, posso colocar tudo em risco porque perdi meus investidores.

— Perdeu?

— Na verdade, um bastardo nos passou para trás. Já tínhamos levantado todo o empréstimo de que precisávamos e as quantias de cada sócio, e o larápio desapareceu com tudo.

Stephen arregalou os olhos ao notar a fúria de seu primo.

— Tive que vender a Quinta. — Kim notou a expressão de assombro no rosto do primo. Sabia como os ingleses eram com relação à posse de suas propriedades, vinculando as principais aos títulos e gravando-as de inalienabilidade. — Cobri o prejuízo dos outros sócios e parte do empréstimo.

— E, ainda assim, pretende seguir com esse negócio?!

— Sim, Stephen. Eu já não tenho escolha. — Bebeu um pouco mais de conhaque. — Já tenho todos os trâmites necessários para levá-lo adiante e acredito, com toda minha experiência, que esse negócio será o melhor que eu farei. É por isso que reluto tanto em desistir dele!

— No que consiste, afinal?

Kim sorriu, percebendo o interesse de seu primo.

— Café.

---

1 Apelido da alta sociedade britânica.

2

A Duquesa de Needham

LONDRES, 02 DE ABRIL DE 1853

Stephen estava suando frio quando chegou à casa de Lady Frances Danhill, Duquesa viúva de Needham, onde toda boa sociedade ansiava por estar e onde ele gostaria de poder recusar ir, mas não podia, infelizmente. Lady Frances fora, por um curto período, membro de sua família materna, pois seu primeiro casamento fora com Edward Maxwell, irmão mais novo de sua mãe, falecido em 1819 durante uma manifestação em Manchester.

Edward e Frances eram um casal que ninguém entendia como conseguira se juntar. Edward, filho mais novo de um Conde, rebelde, idealista e completamente avesso à aristocracia, e Frances, cantora de ópera sem sucesso, porém linda. Os dois se casaram contra a vontade do Conde de Lindlay, avô materno de Stephen, e fugiram para viver no campo.

Durante anos, deixaram de dar notícias aos familiares, até que Frances aparecera na casa de seu avô, grávida e viúva. Seu avô a aceitou, abalado por ter perdido seu filho mais novo, na esperança

de ter consigo o neto, porém a gravidez não foi em frente e, meses depois, Frances conseguira casar-se com o velho Duque de Needham, que viveu mais alguns poucos anos, porém, o suficiente para deixar uma filha e um herdeiro para seu título.

O novo Duque de Needham, considerado um completo babaca, estudara em Eton com Stephen e fora ameaçado de expulsão mais vezes do que se podia contar. Bêbado, jogador e libertino, afastava a boa sociedade sempre que podia, preferindo estar nos lugares mais impróprios de Londres.

Catherine, a filha mais velha da Duquesa, ficara viúva e sem filhos com apenas vinte e oito anos. Seu falecido marido era um Visconde viúvo que já possuía herdeiros, por isso, ela decidira abrir mão da casa que seu enteado lhe atribuíra e voltara a morar com sua mãe.

Frances era uma mulher fútil e mesquinha que fingia amizade com a mãe de Stephen apenas para menosprezá-la e ostentar todas as coisas que conquistara. Ela fazia questão de incentivar a mania de doenças de Matilda Moncrief, falando de sintomas e tratamentos em todos as conversas que tinham. Além disso, gostava de dizer às pessoas, pelas costas de sua amiga, que Matilda era uma mulher fraca e doente.

Stephen odiava ver que Frances manipulava a mãe dele, principalmente porque sabia que a velha Duquesa sempre sentira ódio de sua família e, de todas as formas, tentou destruir o casamento dos pais, sendo uma das amantes do falecido conde.

A Duquesa sabia que Stephen a desprezava, pois fora o único a pegá-la desprevenida, maquinando contra sua mãe, enquanto fazia carícias no Conde. Stephen era só uma criança quando vira aquela

situação, mas, desde então, aprendera que Frances era uma mulher dissimulada e manipuladora.

Porém, ele tinha que reconhecer que ela era muito esperta, gostava do poder e o poder gostava dela.

Saíra da sarjeta para se tornar uma Duquesa, conquistara aliados, seguidores e era respeitada pela boa sociedade, porém, apesar dos modos refinados, ela ainda mantinha amizade com a escória do submundo londrino, pessoas que, em troca de dinheiro, lhe ofereciam os segredos de seus inimigos.

Ela era, sim, uma boa atriz, e quem não a conhecia a achava uma mulher autêntica e vanguardista, comparando-a a Georgiana Cavendish, a lendária Duquesa de Devonshire.

E era por esse motivo que Stephen estava ali, naquele lugar horroroso, com decoração duvidosa e apinhado de gente, pois seu sogro era um dos seguidores mais apaixonados da odiosa Duquesa.

A noite, ele sabia, seria um tormento sem fim, pois, além de estar próximo daquela megera, ele teria que fingir mais uma vez para sua noiva que o que estava deixando-o tenso e nervoso eram alguns problemas na propriedade campestre da família.

Stephen tentou localizar seus familiares, olhando para o salão lotado, porém não conseguia os ver.

Sua mãe e sua irmã tiveram que vir antes dele, embora reclamassem muito por isso, mas ele não tivera escolha, pois passara no hotel onde estava hospedado seu primo para lhe dar a resposta sobre o negócio que ele lhe propusera e, por isso, estava atrasado e emocionalmente alterado.

Teve que contar a verdade a Kim. Embora ela lhe envergonhasse muito, não tivera opção.

Contara que estava à beira da falência, que a única quantia vultosa que sobrara era a do dote de Elise. Joaquim ficara tão abalado quanto ele, mas fora companheiro e amigo, conversou com Stephen sobre a situação da família, entendendo seu dilema.

O negócio parecia ser a resposta às preces de Stephen, porém não dispunha de recursos para fazer qualquer tipo de investimento e, em conversa com seu banqueiro, este o aconselhou a não se envolver nesse tipo de investimento e lhe negara, educadamente, um empréstimo.

Joaquim, apesar de estar contando com sua ajuda, o apoiou e ainda lhe ofereceu auxílio, mas Stephen lhe contou sobre o seu casamento iminente e a esperança que tinha de que tudo se resolvesse depois que desposasse a filha de Rutherford.

Seu único caminho de salvação era o dote de Gwen e isso o desgostava muito. Não pela noiva, pois eles se entendiam bem como casal, mas por pensar que a estava enganando, que talvez não conseguisse manter o padrão ao qual ela estava acostumada e nem ao menos lhe dera a opção de escolher.

Mas não poderia abrir mão de Gwen, mesmo se sentindo mal por isso. Além do dinheiro do dote, Stephen sempre a quis. Ela era a mulher certa para ser sua Condessa, a mulher perfeita para estar ao seu lado e em sua cama.

Ele entregou seu cartão de apresentação ao mordomo e, após ser anunciado, viu a anfitriã vindo em sua direção com um enorme sorriso falso em seu rosto pintado.

— Lorde Stephen! — Fez uma mensura. — Oh, me desculpe, ainda não me acostumei a chamá-lo Hawkstone... — disse com fingida inocência. — Bem-vindo!

— Excelência — ele a cumprimentou. — Um belo baile.

Ela aumentou o sorriso e seus olhos brilharam.

— Você se tornou um belo espécime, Stephen — ela disse rindo, coquete. — Ainda mais interessante que o falecido Conde, que Deus o tenha.

Stephen fechou os punhos com força, mas continuou com seu sorriso congelado no rosto.

— Obrigado, excelência — agradeceu secamente, passando os olhos pelos convidados, ainda na esperança de encontrar seus familiares.

— Sua mãe e sua irmã estão próximas à entrada do privado das senhoras. — Ela apontou com seus dedos cheios de anéis. — Achei que seria o melhor lugar para as duas, visto que sua mãe está sempre precisando retirar-se para cuidar de sua frágil saúde.

— É muita consideração — ironizou. — Com licença.

— Aproveite o baile, Lorde Stephen, pois nós nunca sabemos o dia de amanhã!

Dizendo isso, abriu seu leque rapidamente — uma de suas marcas registradas — e o deixou seguir seu caminho.

Stephen encontrou sua mãe sentada em um terrível local, escondida como uma doente, próximo à entrada do corredor que levaria ao reservado das ladies. Mas, apesar disso, ele viu que ela não estava só, pois sua futura sogra, Lady Eleonora, conversava animadamente com ela.

— Milady! — Stephen cumprimentou a Marquesa e depois virou-se para sua mãe. — Está encantadora hoje, mamãe. — Beijou-lhe a face, embora soubesse que a Condessa detestava esse tipo de carinho em público. — Onde está Elise? — Levantou a

cabeça e procurou a irmã nas imediações.

— Está fazendo companhia à sua noiva, coisa que deveria estar fazendo, Hawkstone — Lady Matilda o repreendeu.

— Matilda, Hawkstone lhe enviou um bilhete. — Sorriu para o futuro genro. — Nós sabemos como a rotina de um Lorde é atribulada, não é? Mas o que importa é que está aqui agora...

— A Condessa está certa, milady. É imperdoável o meu comportamento de tê-la deixado só, porém, tentando reduzir um pouco minha falta, despeço-me das senhoras para acompanhar minha noiva se me permitirem.

As duas senhoras abriram seus melhores sorrisos para dispensá-lo.

Lady Gwen e Elise estavam próximas ao buffet e conversavam animadamente. Sua noiva era realmente linda, como uma rosa, sua pele era branca como a mais pura neve, seus cabelos eram loiros-dourados e seus olhos eram castanhos e grandes como os de uma corsa.

Era tão alta quanto sua irmã, o que lhe ia bem, visto que os dois faziam um casal com um porte impressionante. Gwen lhe demonstrava verdadeira afeição, a ponto de dizer que o amava e isso o satisfazia, embora ainda achasse que era cedo demais para sentimentos tão profundos.

Apesar de seus vinte e oito anos, Stephen nunca se apaixonara. Tivera suas aventuras, como todo homem, e até manteve uma mesma amante por alguns meses, mas nunca teve uma relação que fosse além da atração física. Esperava que com Gwen isso acontecesse, afinal, ele não conhecia mulher mais perfeita que ela.

Eles ficaram noivos no começo da temporada, o que resultou em

uma surpresa, pois Gwen fizera seu debute juntamente com Elise e ninguém esperava que uma moça com sua altura arranjasse, tão logo, um pretendente. Ela e sua irmã se tornaram grandes amigas e Gwen passou a visitá-la e a estreitar a relação com o Conde.

Foi assim que, em um jantar promovido pelos Marqueses de Rutherford, ele decidiu que Gwen era a mulher ideal para ser a sua Condessa e propôs ao pai dela. No evento seguinte, eles anunciaram o noivado, e ele mandou publicar as boas novas no *Morning Post*.

— Posso saber o que duas lindas ladies tanto conversam? — perguntou com um sorriso.

— Hawkstone. — Sua noiva o cumprimentou com uma reverência, seguida por sua irmã.

— Estávamos falando do penteado estranho de Lady Greenville. — Ele virou-se para ver o que a irmã lhe indicava com os olhos. — Não lhe parece um obelisco?

— Miladies, não é nada correto ficar aí a falar dos outros convidados, embora eu ache um tanto pontiagudo, parecendo mais uma flecha... — Tentou imitar a forma com as duas mãos e piscou para as duas que esconderam suas risadas com o leque. — Lady Gwen, como está seu cartão de baile? Há alguma possibilidade de me conceder uma dança hoje?

— Claro que sim, milorde. — Olhou o cartão. — A propósito, a próxima dança está vazia... — Sorriu faceira para ele.

— Acompanha-me? — Ele lhe estendeu a mão.

Ela tocou em sua mão, e ele teve ímpetos de puxá-la para si e provar, mais uma vez, de sua boca, porém sabia que ali não era o local ideal para isso. Talvez mais tarde...

Elise pigarreou discretamente, chamando-lhes a atenção.

— Eu... — sorriu sem graça por estar desacompanhada — ...vou ficar com a mamãe.

Stephen arrastou Gwen para a pista de dança assim que sua irmã saiu de perto deles. Por sorte, começara uma valsa, assim não precisaria a dividir com mais ninguém.

— Está particularmente linda esta noite, Lady Gwen. — Os olhos dela brilharam e sua face ficou rosada.

— Obrigada pelo elogio, milorde. — E lhe olhou no fundo dos olhos. — Me arrumei pensando em você...

Elise Marie Moncrief estava frustrada, muito frustrada.

Não havia um só homem solteiro com um título à altura de sua família que se pudesse considerar. Onde estavam os homens intitulados? Ela bufou, sentindo inveja da futura cunhada. Gwen era mais alta e menos bela que ela e conseguira conquistar um Conde, embora ele fosse seu irmão... e ela estava ali, sem ter um parceiro para dançar e muito menos uma proposta digna de casamento.

Elise afastou a imagem do homem que, há alguns meses, lhe fizera essa proposta, alegrando seu coração, que quase parara de bater no peito, porém, ela sabia que casamentos aristocráticos não eram feitos guiados pelo coração, e sim pelo melhor lance, sua mãe sempre frisara isso.

Ela era a filha de um Conde e, se não quisesse rebaixar seu *mode*

de vie[1], precisava de um marido com título igual ou maior que o de sua família. Mas esteve próxima de sucumbir, admitia. Fechou os olhos tentando se concentrar e não pensar nele, na doçura de seus beijos e no calor de sua pele.

Sabia que ele estava próximo, pois sentia a presença dele naquele salão, mas, desde o dia fatídico que disse a ele que o que oferecia era pouco, eles nunca mais se encontraram. Ele sempre esteve por perto, mas nunca mais o vira e isso a ajudara na sua decisão de se casar por conveniência, e não por amor, o que lhe lembrava, mais uma vez, de que não conseguira conquistar nenhum Lorde ainda e precisava disso o quanto antes, pois, a cada dia, a saudade e a necessidade de tê-lo perto de si aumentavam, e ela tinha certeza de que não conseguiria se conter por muito mais tempo.

Contra o feitiço de amor que caíra só havia um antídoto, casar com o nobre com o melhor título e fazê-lo engolir as palavras que dissera antes de virar-lhe as costas e sair para sempre de sua vida.

Elise bufou. Não podia ficar para a próxima temporada, pois já teria passado a novidade e se tornaria notícia velha, como algumas damas que ficavam sentadas junto às viúvas e, assim, ela teria que render-se a ele e admitir como verdade o que ele lhe dissera. Precisava de um marido o quanto antes, nem que para isso precisasse usar seu dote para atrair um nobre decadente.

Continuou firme em seu caminho, rumo ao local onde sua mãe estava e notou que a Duquesa estava conversando com ela e isso a animou. Adorava o espírito livre da Duquesa e sua franqueza ao falar o que quisesse sem se importar em ofender as pessoas. Ela tinha poder suficiente para ser assim, e Elise queria ser como ela quando envelhecesse, mas, para isso, precisava de um marido com

título elevado.

— Não! — Ouviu a mãe falar mais alto do que o normal e apressou o passo ao pensar que a Condessa estaria tendo mais uma de suas crises de nervos. — Não é verdade!

— Eu sinto muito, Matilda, mas não há nenhuma dúvida! — a Duquesa dizia, tentando consolar sua mãe. — Eu não entendo como, em tão pouco tempo, isso foi acontecer, mas não há erro!

— Não repita isso, por favor! — a Condessa lhe implorou, baixinho, quando Elise se aproximou.

— O que está acontecendo, mamãe? Por favor, acalme-se, lembre-se de que uma dama sempre precisa manter a discrição — recitou uma das regras dela mesma para ver se surtia efeito, mas sua mãe continuava nervosa. — Acho melhor irmos ao privado...

— Prometa que não irá dizer isso a ninguém! — A Condessa ainda parecia muito abalada, embora se segurasse nas mãos da Duquesa ferrenhamente.

— Ora, Matilda, é uma coisa muito feia o que ele está fazendo, deixando que Rutherford pense que está fazendo um bom negócio para a filha, escondendo de todos...

— O que tem Lady Gwen? — Elise perguntou, curiosa.

— Ora, Lady Elise, vai dizer que milady não é parte nesta mentira ardilosa? — Ela riu irônica. — Milady sabe muito bem que sua família está falida, e nem mesmo um dote as ladies têm mais.

— O quê? — Elise gritou, chamando a atenção dos que estavam à sua volta.

— Oh, pobre criança! — A Duquesa se livrou das mãos da Condessa e passou uma delas no rosto de Elise. — Não estava sabendo que seu néscio irmão afundou a todos da família, que ele

teve revogada sua associação no White’s por falta de pagamento e que fechara várias contas na Bond Street?

— Não... — Elise estava branca, lábios trêmulos, aparentando estar prestes a desmaiar.

— O que será agora, Lady Elise? — a Duquesa perguntou com fingida preocupação. — Pensei que pudéssemos compensar sua altura e seu gênio com seu dote, mas quem irá querê-la agora? — Olhou aos convidados que estavam chegando cada vez mais perto de onde se encontravam. — Além do mais, preciso alertar Rutherford, pois sua filha está sendo enganada por um caça-dotes.

— O que está acontecendo? — Lady Eleonora aproximou-se do grupo. — Querida Matilda, estás sentindo-se mal?

— Não... — a Condessa respondeu em desespero.

— Oh, sim, ela está! Como não estaria, essa criatura tão frágil? — A Duquesa encarou a Marquesa. — Acaba de descobrir que o irresponsável do Hawkstone perdeu toda a fortuna da família...

— Como? — Marquês, que viera logo atrás da esposa, perguntou surpreso.

— Excelência, seu futuro genro está na miséria! — gritou, aproveitando o final da música, para todo o salão ouvir.

---

1 Modo de viver (estilo de vida).

3

O escândalo

Stephen sentiu Lady Gwendoline ficar tensa ao seu lado, mas, para ele, era como se tudo à sua volta tivesse congelado, o tempo parado. Ele tinha dificuldades de manter o ar entrando e saindo dos pulmões, e seu corpo inteiro estava gelado, como se a morte tivesse lhe tocado e tomado todos os seus sentidos.

Notou que todos os olhares no salão estavam sobre sua figura, analisando-o de cima a baixo para medir o custo de suas roupas, o modo como seu valete o penteou e, para seu pesar, como sua companhia estava se portando ao receber a lastimável notícia.

Sentiu o olhar surpreso de seu amigo Charles Ruddington, Visconde de Braxton, tentando assimilar a notícia e, talvez, tentando entender por que o amigo lhe guardara tamanho segredo. Alguns olharam para ele com solidariedade, como os nobres falidos, que, por vezes, eram repelidos pelas matronas que os consideravam caças-fortunas, mas a maioria estava assombrada por tamanho escândalo.

Apesar de sentir a hostilidade ao redor, Stephen não estava se importando muito com os outros convidados, não quando sua noiva

parecia ter virado uma estátua de gelo ao seu lado.

Será que Gwen o estava considerando um cretino, mentiroso, caça-dotes? Seria possível que ela pensasse realmente isso dele? Mas, afinal, ele mesmo estava com medo de ter se tornado um.

Afastou tal pensamento. Percebeu uma movimentação e viu que sua mãe estava sendo amparada por sua irmã, que estava muito pálida e parecia não ter forças para se aguentar por muito tempo. Os olhos de Elise estavam acusadores e decepcionados, como ele sempre pensou que estariam quando, e se, ela soubesse de sua situação financeira.

Ele tomou coragem e olhou Lady Gwen. Ele sentira-se o homem mais sortudo da Terra quando ela o aceitou como marido. Lady Gwendoline reunia tudo o que um cavalheiro gostaria em uma dama, pois era doce, bem-educada e tinha uma reputação irrepreensível, tudo o que sempre sonhara em uma esposa.

Naquele dia em especial, ela estava ainda mais que perfeita: estava deslumbrante. Gwen usava um vestido rosa-pálido com um tecido diáfano por cima de sua volumosa saia, trazendo leveza e movimento enquanto dançavam. O corpete de seu vestido não ostentava um decote profundo, mas ele conseguia visualizar a pele de porcelana dela, com seu pescoço esguio enfeitado por um colar com pequenas pérolas e um pingente de diamante.

Seus olhos castanhos e amendoados estavam arregalados e seu rosto ruborizado, mas aquele rubor não era por causa da proximidade dele ou da intimidade com que lhe tratava, era de vergonha. Vergonha do que ele a estava fazendo passar.

— Vamos, vou leva-la até o Marquês — disse tentando mostrar uma frieza que não sentia.

— Milorde não vai fazer nada diante de tamanha ofensa? — perguntou em um fio de voz.

— Se estão esperando um espetáculo de minha parte, vão envelhecer esperando — declarou enquanto a conduzia até o canto do salão onde seus familiares e a odiosa Duquesa se encontravam. — Não vou me converter no Rigoletto[1] da Duquesa de Needham.

— Então, o que Vossa Graça disse...

— Depois conversaremos — interrompeu-a enquanto passavam por pessoas que os olhavam impudicamente, como se estivessem loucos para verem sua queda, como em uma justa medieval, com olhos sedentos de sangue.

Viu que, embora mais contida, a Duquesa não parava de falar — e de gesticular —, demonstrando a todos que não esquecera de toda a época em que fora uma atriz de opereta.

O Marquês de Rutherford estava vermelho e sua esposa, com a mão espalmada no peito, enquanto sua mãe, a Condessa viúva de Hawkstone, era amparada por sua irmã, que olhava fixamente o piso feito de mármore do salão, uma incrível visão de puro constrangimento.

Stephen não podia acreditar que aquela harpia continuava destilando seu veneno sobre todos à sua volta, pois, depois de sua primeira e escandalosa declaração, o outrora pequeno grupo aumentara consideravelmente.

Quando Rutherford notou que o casal estava a poucos passos de si, avançou em direção à sua filha e tomou-a levemente pelo braço, retirou-a do lado de Stephen, entregando-a à esposa.

— Ouvi até que encerraram a entrega dos jornais em sua residência, Lady Hawkstone. Como pôde não ter notado isso? — a

Duquesa provocava sua mãe.

Ela ia comentar algo mais, entretanto percebeu a presença de Stephen no grupo. Deu-lhe uma pequena piscada charmosa antes de seu último ato.

— Lorde Stephen, ora, digo, Hawkstone! Espero que não se chateie por eu ter... cometido essa pequena indiscrição! Achei que fosse pública e notória a situação financeira de sua família.

Stephen respirou fundo mais uma vez. Não poderia cair nas teias dessa viúva-negra, por isso, riu. Se ela queria jogar, ele sabia ser dissimulado também.

— Não creio que um assunto tão mundano tenha lugar em um salão tão refinado e com a nata da sociedade presente. — Ele aproximou-se de sua mãe. — Milady gostaria de retirar-se? Vejo que não se sente bem. — Fez sinal para Elise para que levantasse sua mãe da cadeira.

Ajudou sua irmã a recolher o leque e a bolsa e, em seguida, rumou para onde estavam os Rutherford.

— Milorde...

— Não, Hawkstone — Rutherford disse sem nem mesmo olhá-lo. — Sua família já causou um escândalo sem precedente esta noite e não vamos estendê-lo. Aconselho-o que se retirem e amanhã lhe mandarei um recado com o horário em que vou lhe receber para uma conversa.

Stephen respirou fundo para não perder a cabeça.

— Sim, Lorde Rutherford. — Fez um cumprimento para a Marquesa e sua noiva.

— É verdade? — perguntou sua mãe em um fio de voz momentos depois.

Eles saíram do baile debaixo de olhares e sussurros. Stephen pediu o coche e agradeceu a Deus por ter serviçais tão empenhados, pois, antes do que imaginava possível, já estava a caminho de casa com sua mãe e sua irmã devidamente instaladas à sua frente no veículo.

— Infelizmente, mamãe. — A Condessa lhe deu um olhar sofrido, e sua irmã bufou de raiva e consternação.

— Você... Que decepção... E não nos conta... — Elise estava tão nervosa que não conseguia formular uma frase inteira sem soluçar. — Estamos arruinados! Agora, como vou conseguir um pretendente com um título digno? Sem dote...

— O que aconteceu? — A voz de sua mãe estava firme e seu olhar fixo no de Stephen. — Não quero que você me esconda mais nada, afinal, além de ser sua mãe, eu ainda sou a Condessa de Hawkstone.

— As contas do condado estavam confusas, e deixei-me levar pelos relatórios que havia encontrado no escritório de Hawkstone Abbey... — Quando ouviu isso, sua mãe arregalou os olhos como se ele tivesse feito a maior loucura de sua vida. *Agora eu sei disso!* — Sei que eu deveria ter ido consultar os agentes... — Bufou. — Inferno!

— Hawkstone, não permito que pragueje dessa forma em nossa presença! — ralhou. — Pelo menos, essa pequena lição de cortesia você deve ter fixado de seus estudos, já que a aula de administração

de seu legado parece ter sido cabulada!

Stephen respirou fundo, tentando se acalmar. Sempre soubera que, quando seu erro viesse à tona, não adiantariam suas desculpas, afinal, um herdeiro é educado para levar adiante sua herdade e, desde muito novo, ele sabia o que era esperado dele. Porém, para a mãe e toda a sociedade, ele tinha falhado no básico, manter a sanidade financeira da família.

Agora, não mais adiantava argumentar que ele estava ocupado demais colocando todos os documentos das propriedades em dia; nem dizer que seu pai era um completo imbecil para os negócios, que só pensava em jogos, bebidas e mulheres.

Stephen olhou pela janela do coche tentando se controlar. Já deixara de ser um menino chorão há muito e tinha de assumir seus erros. Levara quase um ano inteiro para descobrir que os livros estavam fraudados e pensar em pesquisar direto na fonte, ou seja, no banco. Fora crédulo, irresponsável e, por fim, se tornara um mentiroso.

As elegantes casas iam desfilando por seus olhos enquanto ele ia, levemente, sacolejando dentro do veículo de primeira linha que havia comprado meses atrás, quando ainda pensava que tinha disponível todo o dinheiro da família.

Não queria se desfazer dos seus bens, pois isso chamaria muita atenção, mas ele já tinha um levantamento de todos os que poderiam ser vendidos e o quanto cada um deles poderia render, caso fosse necessário. O coche, certamente, seria o primeiro item, já que não havia necessidade de manter um veículo de luxo para transporte apenas em Londres, uma vez que a família poderia usar o antigo que, afinal, tinha a mesma utilidade.

Ao longe, ele conseguia ouvir as duas mulheres conversando entre si por meio de cochichos lamuriosos e raivosos, mas não conseguia prestar atenção no que falavam, porquanto só passava por sua cabeça a reunião que seu futuro sogro teria com ele no dia seguinte.

— Por que não me pediu ajuda? — o Visconde de Braxton perguntou mais uma vez olhando o amigo que conhecia por toda uma vida.

Charles Ruddington esqueceu-se de que toda boa educação pregava nunca apresentar-se em casa alheia antes do almoço e simplesmente aparecera, em uma hora indecentemente cedo, em Moncrief House.

Ele conhecia Stephen desde que ambos eram crianças e foram estudar em Eton College. Os dois foram juntos para Oxford e, depois de formados, fizeram o Grand Tour.

A amizade entre eles sempre fora próxima e cúmplice, porque tinham necessidade desse apoio, não podendo contar com seus próprios familiares.

O pai de Charles, o anterior Visconde de Braxton, casara-se logo que o corpo da primeira esposa esfriara na tumba, pois precisava de uma nova Viscondessa, e seu filho recém-nascido necessitava de uma mãe. Porém, descobrira após as núpcias que, assim como ele próprio, sua esposa não tinha menor vocação para cuidar de uma criança, mas compensava sendo um furacão sob os lençóis.

Assim, o menino fora entregue nas mãos de babás, tutores e, por fim, levado ao colégio, onde era interno e só voltava para casa durante as férias e os feriados.

Charles e Stephen se uniram porque não tinham ninguém, além deles mesmos. No começo, estavam dispostos a chamar atenção e aprontaram dezenas de travessuras juntos: fugiam do internato, roubavam cigarros de algum professor desavisado, tomavam conhaque ou qualquer outra bebida que contivesse álcool.

Ameaçaram expulsá-los por duas vezes, mas suas famílias ficaram satisfeitas em desembolsar grandes quantias desde que os pequenos capetas continuassem longe de suas vistas.

O primeiro ano em Oxford fora marcado por bebedeiras, mulheres e muito desperdício de dinheiro, até que o Visconde de Braxton descobrira estar com uma doença terminal, e sua fogosa esposa o abandonara para fugir com um rapaz mais jovem, porém, pobre.

Com a doença do pai, Charles tivera que retornar para casa durante um período e estivera com o moribundo até sua morte. Inicialmente, ele pensara que sua madrasta havia fugido por não querer tomar conta de seu velho e doente marido, mas, ao retornar, ele descobrira que estavam completamente falidos.

Charles conseguiu retornar à universidade, às expensas de seu tio materno e encontrou, diante de si, um novo Stephen: completamente focado nos estudos, disposto a se vingar das humilhações do pai sendo melhor do que ele em tudo.

Após a graduação, Charles pensara em procurar um emprego para que pudesse se sustentar, pois já tinha disposto de todos os bens não vinculados ao título e dispensado seus empregados.

Então, Stephen o presenteou, levando-o para o Grand Tour que todo cavalheiro de estirpe deveria fazer.

Foi em Paris que Charles conheceu Simone Esme e eles se casaram meses depois. Seu casamento com a francesa, filha de comerciantes bem-sucedidos da cidade, durara dois anos. O casal contraiu cólera e, para desgosto de Charles, Simone não sobrevivera.

Após o enterro, Charles retornou à Inglaterra, e a única pessoa que lhe esperava no porto era Stephen, com uma garrafa de conhaque em uma mão e um sorriso triste no rosto.

Foi a maior bebedeira dos dois desde Oxford. Charles cantou, chorou, riu e chorou novamente nos ombros do amigo. Ele, mais uma vez, perdera tudo. Não tinha família, sua casa em Londres estava caindo aos pedaços e a propriedade em Suffolk completamente tomada pelo mato e mofo.

Durante o tempo em que morara em Paris, conseguira juntar uma pequena fortuna que o propiciaria a viver como um homem comum, e não como um nobre. Mas Stephen o hospedou, o incluiu em seu clube, o fez renovar antigas amizades e, o mais importante, lhe emprestara sua família — não seus pais, que eram completamente alienados dos próprios filhos, mas suas irmãs.

Lily, a mais nova, era apenas uma mocinha quando ele se instalara na casa da família em Londres, e o idolatrara. Desde então, ele a tem como uma irmã querida. Já Elise fora reticente no começo, mas, depois, os dois chegaram a um acordo de boa convivência, porém nunca sem o cessar das trocas de farpas e infinitas provocações. Ele gostava das duas e as via como as irmãs mais novas que nunca tivera.

Até um ano atrás...

Rapidamente, ele mudou o rumo de seus pensamentos, voltando a focar no amigo que ainda não lhe respondera.

Estava preocupado com a situação de Stephen. Sabia que não podia ajudá-lo muito, mas poderia estar ali, mais uma cabeça pensante para achar uma solução, ou apenas um ouvido disposto a ouvir. Entretanto, parecia que quem não estava disposto a falar era Stephen Moncrief.

Charles pensou que pudesse deixá-lo de mau humor chegando tão cedo em sua casa, mas, quando entrara, descobrira que ele nem mesmo dormira. Estivera trancado no escritório desde que chegara do baile, não tomara café da manhã e nem trocara a roupa da noite anterior.

— Stephen... — insistiu.

— O que você quer que eu diga? — ele falou sem olhá-lo. — Que sou um incompetente? Que não me dei conta de que o idiota do falecido Conde estava alterando os livros? Que confiei nele quando sabia que não era confiável?

— Era seu pai, é...

— Caralho, Braxton! Você irá defendê-lo agora? — Ele o encarou pela primeira vez. Charles notou as olheiras profundas e os olhos vermelhos pela falta de sono e excesso de bebida.

— Não estou defendendo ninguém, você sabe que isso não faz meu gênero. Nunca fiz vistas grossas aos defeitos do meu pai nem do seu. Sei que, no mínimo, você foi muito crédulo ao confiar somente nos registros dele, sem nem ao menos consultar os agentes. — Stephen balançou a cabeça concordando. — Mas ele sempre o manteve afastado dos negócios. — Stephen tentou

interromper, mas Charles continuou. — Sei que nós fomos criados para assumir essa função, mas creia-me, seria muito mais fácil se, junto com toda teoria, acompanhássemos a prática. Eu vi isso acontecendo. Meu sogro quis que meu cunhado tivesse a melhor educação que ele mesmo nunca teve, mas o fazia trabalhar na empresa todos os dias. Eu mesmo só consegui pôr em prática o que aprendi na universidade trabalhando com eles.

— Ainda assim, não justifica! — Deu de ombros ao perceber que não adiantaria falar do passado. — O que eu preciso, no momento, é pensar no que fazer se o Marquês de Rutherford cancelar meu compromisso com Lady Gwen.

— Tão ruim é a situação? Eu pensei que seu interesse em Lady Gwendoline fosse sincero.

— Era e ainda o é. Mas conhecemos o Marquês... — Ele levantou sua sobrancelha esquerda em ironia. — As economias que ainda restaram vão manter nossa subsistência por mais alguns meses, mas eu contava sair o mais rapidamente possível desta situação graças ao dote de Lady Gwen.

— E suas irmãs? E sua mãe? Como elas estão? Achei de extremo mau gosto a atitude da Duquesa.

— Aquela harpia sempre nos odiou. — Stephen sabia o porquê, mas nunca revelara o motivo nem para seu melhor amigo. — Eu mal troquei algumas palavras com a Condessa, você sabe como ela fica quando está contrariada! Trancou-se em seu quarto com sua camareira e pediu suas dezenas de remédios. Lily foi a primeira a saber, e confesso que tem sido minha cúmplice para evitar os gastos sem que eu precisasse informar nossa situação financeiras às demais damas desta casa. — Ele riu, pensando que sua irmã fizera

um belíssimo trabalho, mas que a dissolução de sua filiação ao White’s lhe entregara. — Elise reagiu como eu esperava, apavorada por causa de seu dote...

— Elise ficou sem dote? — Charles levantou-se da cadeira. — Ela deve estar louca...

— Não é que ela...

— Ela morre de medo de ficar solteira e, agora, sem dote e com esse escândalo, dificilmente encontrará um partido digno...

— Tenho pena do pobre homem que aceitar se casar com minha irmã...

— Não diga isso! Elise é... — Charles olhou para o copo de conhaque em sua mão — ...ela é como essa bebida que gostamos tanto, precisa conhecer e entender para ser bem apreciada. Ela é linda, tem brilho, mas é difícil de engolir, queima, faz os olhos lacrimejarem, mas aquece...

Stephen olhou o amigo estupefato.

— Estás falando de minha irmã mais velha? — Stephen notou quando Charles se aprumou e lhe olhou assustado. — O que está acontecendo que eu não sei?

— Não estou entendendo... — Charles respondeu, nervoso.

— O desespero ao saber que Elisa estava sem dote, essa sua... — gesticulou para o copo de conhaque que antes o amigo estivera alisando — ...comparação tosca de minha irmã e uma bebida...

— Eu só estava preocupado! Ora, essas meninas são como se fossem minhas irmãs...

Charles sentou-se novamente e tomou um gole de seu conhaque. Não conseguia encarar o amigo, afinal, Stephen o conhecia muito bem para saber quando estava mentido.

— Bem, não é que ela esteja sem dote, mas o que posso lhe atribuir não chega a um quinto do valor do que ela possuía antes...

— Então ela ainda tem chances — disse, com desânimo.Stephen reconheceu imediatamente a expressão de decepção no semblante do amigo. Mas não podia ser! Ou podia? Braxton e Elise?

— O que há entre vocês dois? E não me venha mais com essa história de irmã mais nova!

Charles respirou fundo e, depois de mais uma golada em sua bebida, encheu o peito e disparou.

— Houve uma situação no ano passado...

— Que situação? — Stephen estava começando a ficar nervoso com os rodeios do amigo.

— Quando seu pai estava morrendo e o chamou à sua cabeceira — ele aquiesceu lembrando-se do fato —, eu fiquei sozinho na biblioteca, e Elise entrou descontrolada. — Ele tomou fôlego. — Conversei com ela, mas cada vez ficava mais fora de si. Eu tinha duas alternativas para fazê-la cair em si: ou eu lhe dava uma bofetada ou...

Charles ficou reticente e olhou, pela primeira vez, para o fogo da lareira que estava se esgotando. *Então por que comecei a transpirar?*, pensou ele.

— Ou? — perguntou Stephen, trazendo-o de volta.

— Eu a beijei, Stephen. — Fechou os olhos ao lembrar. — Na boca.

— Que merda é essa?! — Stephen se pôs de pé.

— Eu sei que foi uma loucura, mas ela se acalmou... Estávamos todos nervosos, convenhamos que seu pai não teve uma das mortes mais bonitas e sossegadas da nossa história!

— Você beijou minha irmã que nem havia se apresentado à sociedade ainda? — Ele passou a mão pelo rosto, tentando assimilar. — Você beijou Elise, a vespa?

Charles riu lembrando do apelido, mas logo se recompôs, vendo a expressão mortífera de Stephen.

— Bem, tecnicamente, eu apenas encostei os lábios nos dela. E foi suficiente... — Não poderia mentir ao amigo. — Pelo menos, naquele momento, para acalmá-la.

— Acho bom, pela nossa amizade, você me contar tudo de uma vez, Braxton! — A voz do amigo estava ameaçadora.

— Bem, depois, nós conversamos, e eu dei um pouco de conhaque a ela. — Stephen lhe lançou um olhar mortal novamente. — Eu creio que a bebida a fez se soltar um pouco, porque ela me beijou de volta... E aí, bem... acabamos nos beijamos algumas vezes.

Stephen socou a mesa.

— Inferno, Braxton! Você deu bebida à minha irmã e depois a seduziu?! — gritou.

— Acalme-se! — Ele olhou para a porta. — Não passaram de uns beijos. — Stephen levantou uma de suas sobrancelhas, e Braxton achou melhor ser sincero com ele. — Mas eu fiquei completamente louco por ela, Stephen. Achei que se me afastasse...

— Por isso você sumiu depois da morte do Conde? — Ele confirmou. — Achei que você tinha ido à Suffolk.

— Eu fui e fiquei lá me martirizando, mas não pude esquecê-la. — Stephen arregalou os olhos. — Voltei disposto a pedi-la em casamento, mas elas haviam viajado para França.

— Sim, mas você não me procurou. Poderia ter acertado tudo

comigo!

— Não sem antes conversar com ela. — Braxton confessou baixinho: — Eu fui até Paris.

Stephen deu a volta pela mesa e levantou-o pelo colarinho.

— Você só pode estar brincando! — Sacudiu-o com toda força que tinha, enraivecido por terem escondido isso dele.

— Não! — Braxton disparou a falar. — Encontrei-a visitando a Maison Dion, mas ela me rejeitou. Disse-me que teria uma temporada memorável com seu novo enxoval e que conseguiria um marido à altura do título de sua família. — Deu de ombros.

Stephen o soltou e começou a dar voltas pela sala. Imaginar que seu melhor amigo e sua irmã tiveram momentos tão íntimos sob os seus olhos o deixava ainda mais frustrado. Era realmente um péssimo chefe de família. Sua irmã poderia ter ficado desonrada se fosse outro, senão Charles.

Estava furioso com essa história. Queria expulsar Charles aos pontapés, mas isso só aumentaria o escândalo que pairava sobre sua família, e ele não podia se dar ao luxo de piorar a situação.

— Qual a sua intenção com relação a ela? — perguntou com uma voz baixa e ameaçadora.

— Eu estou apaixonado, Stephen — admitiu desolado. — É incrível, mas acho que, desde que nos conhecemos e implicamos um com o outro, já havia algo.

— E ela? — Stephen estava estupefato com a história.

— É muito orgulhosa para admitir e não quer decepcionar sua mãe sendo uma Viscondessa, mas me ama também, eu sei.

— O dote dela é quase irrisório...

— Abro mão do dote se ela me aceitar. — Stephen o olhou

aturdido. — Sei que não sou rico, mas tenho meios de sustentar minha esposa. — Ele se aproximou do amigo. — E não iria me sentir bem pegando esse dinheiro.

— É dela.

— Eu sei, mas, ainda assim, abro mão.

Se ela o aceitasse, ele faria qualquer coisa para tê-la. Charles contara um resumo de sua história com Elise, pois fora muito mais intensa do que narrara. Eles se encontraram às escondidas por algumas semanas, e ele quase a levara para a cama, antes de cair em si e afastar-se.

Quando ele percebeu que não poderia continuar longe e foi atrás dela em Paris, provara-a de todas as formas que um homem poderia provar a uma mulher, fora maravilhoso e inesquecível, mas ela o rejeitara, pois queria mais do que apenas um Visconde. Dissera a ele que só estava praticando para saber como agradar a um marido. Charles ficara tão enraivecido, constatando que tinha se apaixonado pela vespa Elise Moncrief, que ele lhe rogara uma praga. *Merda!* Ela iria odiá-lo, achando que a praga pegara nela.

— Ela não me aceitará.

— Como sabe? Você não disse que o sentimento era recíproco?

— Eu sei. Sua irmã tem um dos mais detestáveis traços da família Moncrief: o orgulho. Elise preferirá ficar solteira a ser desposada por mim.

— Deixe que com minha irmã eu me entendo. — Stephen olhou as horas no relógio de bolso de ouro que fora de seu avô. — Preciso me trocar para a audiência com o Marquês.

Charles concordou com a cabeça, depositou seu copo vazio na mesa e rumou para a porta.

— Eu lhe peço perdão pelo meu comportamento. Sei que eu deveria ter conversando sobre isso com você antes, mas... — suspirou — ...é difícil! Elise é dez anos mais nova que eu, já fui casado, não sou o melhor partido...

— Charles, você é o melhor que minha irmã poderia ter encontrado. — Ele sorriu. — Mesmo que você não ostente grande fortuna ou um grande título, sei que ela será bem tratada e amada, e isso, meu amigo, é tudo que um bom irmão quer para sua irmã.

Eles se abraçaram.

— Eu juro que vou fazê-la feliz!

— Eu te mato se não o fizer...

Charles bateu a porta do escritório rindo.

---

1 Famosa Ópera de Giuseppe Verdi, inspirada em Victor Hugo e estreada em 1851, na Itália, que conta a história de Rigoletto, um bobo da corte, e seu ódio pelo Duque de Mântua, seu senhor.

4

A humilhação

Stephen poderia ser considerado um homem calmo. É verdade que ele tivera seus momentos de travessuras quando mais jovem, mas estes, há muito, já haviam acabado. Tornara-se um homem centrado, paciente e muito sério.

Entretanto, naquele momento, ele não se reconhecia. Não, ele pensou, desde que descobrira o imbróglio que se encontrava, não era mais o mesmo.

Estava sentado em uma poltrona elegantemente adornada com estofamento em brocado, de fundo verde-musgo e brasões em alto relevo dourados, em uma estrutura de jacarandá com detalhes em bronze polido. Particularmente, ele não gostava do estilo, mas era melhor do que a decoração de seu escritório.

O local era amplo, com duas portas balcão que levavam à varanda, as quais ele nunca vira abertas, porém suas cortinas eram de linho cru — o que permitia que a habitação estivesse sempre iluminada — emolduradas por um drapeado com o mesmo tecido do estofamento das poltronas.

A mesa seguia o mesmo estilo das cadeiras, de jacarandá maciço,

com entalhes de bronze. Na parede oeste, havia uma lareira com console de madeira e muitos objetos em bronze. Ao lado, mais duas poltronas seguindo o mesmo estilo das cadeiras, porém mais confortáveis. Pelo menos, davam a impressão de ser.

Stephen se aprumou em seu assento e conferiu as horas em seu relógio de bolso. Já passava das quatro da tarde e o Marquês ainda não aparecera, um quarto de hora além do horário marcado para a audiência.

Stephen se levantou. Os criados daquela casa eram extremamente mal treinados, nem mesmo lhe ofereceram algum aperitivo ou qualquer outra coisa, por sinal. Ele foi até a mesa de bebidas situada no canto oposto do escritório e olhou os decantadores frustrado. Precisava de um gole de paciência.

Ouviu um barulho na ampla porta adornada e escutou o Marquês dando ordens ao seu mordomo antes de cruzar a soleira.

Rutherford era estranho, grande em altura e largura, com protuberante barriga que sempre parecia maior devido ao colete apertado como um espartilho. Definitivamente, aquele homem não emprestara nada à sua filha, pois tinha os cabelos revoltos e ralos, castanhos, e olhos apertados e muito claros, quase translúcidos.

Mas o que mais se sobressaía nele era que, apesar de seus minúsculos olhos e sua boca um tanto murcha, possuía um enorme nariz esponjoso, com a ponta roliça e muitas marcas, devido à varíola que contraíra ainda criança. Porém, o que lhe faltava em beleza sobrava-lhe em atitude soberba. O homem pensava que era *hors concours*.

— Hawkstone — cumprimentou. — Por favor, tome assento.

Stephen fez o que lhe pedira e o observou fazer o mesmo do

outro lado da escrivaninha.

— Milorde...

Ele lhe fez um gesto para que parasse.

— Não, Hawkstone. Não quero ouvir uma palavra agora. — Ele abriu sua charuteira e lhe ofereceu um fumo, porém Stephen negou. Estava muito tenso e não queria perder tempo fumando.

O Marquês acendeu o charuto e absorveu seu aroma antes de colocá-lo na boca.

— Eu mandei levantar sua situação — disse o Marquês, soltando baforadas.

Hawkstone esperava que ele o fizesse, muito embora pensasse que o faria depois daquela conversa, e não antes. Estava surpreso com o quão expediente era, ainda que devesse saber que nada lhe escapava aos olhos. Ave de rapina.

— Eu posso explicar...

— Não, Hawkstone, não quero explicações! Tenho todas as informações que preciso e confio muito em minhas fontes para duvidar-lhes. — Ele se recostou. — Milorde está realmente quebrado, como a Duquesa de Needham fez saber a todos. E o pior é que tem vindo ocultando isso como um verdadeiro caça-fortunas.

— Eu não sou...

— Não foi o que pareceu. — O Marquês olhou fixamente em seus olhos e levantou uma de suas grossas sobrancelhas. — Sabe, Hawkstone, eu realmente tolerei que minha filha se casasse com você, embora nós soubéssemos da singularidade de sua família, com seu pai e todo aquele vício de jogo, sua tia e seu marido comerciante e português... Realmente acreditei que valia a pena um vínculo entre duas famílias tão antigas!

O Marquês balançou a cabeça, consternado. Stephen já estava fechando o punho para se controlar. Era um homem discreto, calmo e sempre fizera de tudo para ser diferente do pai e, dessa forma, apagar todos os mexericos sobre seu progenitor.

Sabia que esse estigma o perseguiria, afinal, não foram poucos os escândalos criados por suas farras e aventuras, suas mulheres e, principalmente, pela constante exposição da saúde de sua esposa, comentada com desdém pelo falecido Conde. O marido era perito em humilhar a esposa e responsável por transformá-la em uma mulher insegura e doente.

Fora por isso que Stephen, durante uma farra no primeiro ano na universidade, se viu seguindo o caminho do pai e resolvera pôr freios em seus instintos. Ele se envolvera em uma briga com o Marquês de Tremaine, e ele lhe jogou na cara tudo o que não queria ser.

Não poderia viver a vida daquele jeito para punir o pai, porque percebera que só estava prejudicando a si próprio e seu pai mal sabia que ele existia. Depois daquele dia, além de ter o Marquês como um de seus bons amigos, ainda mudara sua atitude.

Passara a levar a sério seus estudos e se formara com louvor, viajara pelo continente, visitara a Terra Santa e a África e sempre fora recebido nas casas das melhores famílias. Isso lhe orgulhara muito, apesar de muitos o acharem calmo e reservado demais.

Não era justo para ele deixar que o Marquês lhe tratasse daquele jeito, pois não era um caça-fortunas. Precisava esclarecer que soubera da delicada situação de suas finanças depois do noivado. Muito embora tivesse cometido o pecado da omissão, em nenhum momento fora somente o dinheiro que o impulsionara a seguir com

o noivado.

— Milorde, o que eu sinto por Lady Gwendoline não tem nada a ver com a situação de minha família...

Rutherford riu.

— Não criei minha filha para nutrir sentimentos, milorde. Sentimentos são para a plebe, para a burguesia, para os pobres, não para gente de nossa espécie. — Ele ficou sério. — Bom, pelo menos, não para gente da *minha* espécie. Eu realmente pensei que milorde seria um homem diferente, que soubesse do privilégio que tem. Mas não! Você não é digno do título que ostenta! — Ele se levantou e se acalmou. — O fato é que a questão do dinheiro seria irrelevante, se milorde tivesse recorrido a mim, poderia lhe ajudar com investimentos corretos, com minha influência. O dote de minha filha é realmente algo absurdamente apetitoso e o dinheiro pertenceria ao marido, então por que eu me importaria?

Hawkstone sentiu um frio na espinha.

— Não, Hawkstone. Seu erro foi ter escondido isso, ou melhor, seu erro foi ter falhado em esconder isso. O escândalo está sendo mencionado nas conversas de almoço das melhores famílias de Londres, sendo aumentado, deturpado e multiplicado como baratas. Minha filha está envergonhada, sentindo-se mercadoria em uma feira...

— Eu gostaria de falar com Lady...

— Absolutamente, não, Hawkstone. O acordo está desfeito!

Hawkstone se levantou para protestar.

— Milorde, eu lhe afirmo...

— Minha filha não irá vê-lo, na verdade, ela não irá ver ninguém. Suas malas já estão prontas e ela partirá imediatamente.

Eu já enviei uma nota ao jornal informando sobre a rescisão do contrato.

Era como se um soco fosse lhe dado na boca do estômago. Ele se adiantara mesmo, chamara-o ali apenas para vê-lo humilhado, implorando atenção e piedade. E era o que ele estava disposto a fazer, precisava da continuidade daquele vínculo para salvar sua família, mas, acima de tudo, faria tudo para ter Gwen, para que não visse mais esse plano frustrar-se, o plano de ter uma esposa como ela.

Mas não daria essa satisfação ao Marquês. Estava falido, sem perspectivas para se levantar, mas lutaria até o fim, não abriria mão tão fácil do que era seu e isso incluía Lady Gwen.

Precisava continuar exercitando a calma e agir com cautela. O Marquês decidira pelo fim do contrato de compromisso, mas Lady Gwen o amava e era isso que ainda lhe dava esperanças.

— ...não temos nada mais a tratar, Hawkstone, e eu, ao contrário do milorde, ainda sou filiado ao clube e lá pretendo estar iminentemente.

Hawkstone perdera o começo do discurso, mas notou que eram só mais humilhações.

— Como queira, tenha um bom proveito. — Cumprimentou-o com a cabeça e saiu.

Lady Gwen estava nervosa. Recebera um bilhete de Stephen e escapara na calada da noite para encontrá-lo. Estava com sua

camisola e, por cima, um pesado casaco e uma capa para lhe esconder o rosto.

Tremia, não de frio, mas a tensão daquele dia fora demais para ela.

Implorara ao pai que mantivesse o acordo com Hawkstone, que o amava e não havia importância sobre o dinheiro, pois o dote dela proporcionaria a ambos uma vida mais do que confortável. Mas ele não lhe dera ouvidos. Esfregara-lhe na cara todas as coisas que Hawkstone estivera escondendo e que toda Londres já sabia. Proibira-a de vê-lo, de falar-lhe ou procurá-lo e ainda a mandara, antes do findar da temporada, ao campo.

Hawkstone era o homem mais bonito que ela conhecera, alto o suficiente para ser seu marido, nobre o suficiente para agradar-lhe à mãe. Ela havia sido a primeira a ser pedida em casamento naquela temporada, a única a arrebatar o homem mais cobiçado entre suas amigas, aquela que fora invejada e descobrira que o casamento podia ser muito mais que um simples negócio.

Podia ser também terno, companheiro e prazeroso. Sim, ela nunca teve dúvidas quanto a capacidade de Hawkstone lhe proporcionar satisfação física. Sonhava com ele, ansiava pelo momento em que poderia ser tocada e acariciada por ele.

Agora, seu pai com essa ideia absurda de cancelar o contrato, a estava colocando em uma posição terrível. Ela seria aquela que já fora noiva e não se casou, aquela que fora experimentada, embora não muito, por um homem e isso a tornaria motivo de piada.

Ele não entendia que esse era o pior escândalo que uma moça poderia enfrentar. Que ela iria do topo à base do mercado matrimonial por causa disso, mas seu pai era muito orgulhoso para

ouvir uma mulher, muito mesmo.

Ela chegou ao local indicado, um beco a três casas da sua, e esperou. Estava com medo, apesar de encontrar-se em uma área nobre da cidade, se algo lhe acontecesse ninguém a acudiria, visto que a maioria dos residentes se encontrava em eventos sociais naquela noite.

Notou quando uma figura se aproximou rapidamente e relaxou quando constatou que se tratava de Stephen.

— Lady Gwen! — disse baixinho ao lhe abraçar. — Agradeço que tenha vindo.

— Eu estava nervosa, mas precisava conversar. Meu pai...

— Eu sei, querida. — Passou a mão no seu rosto. — Eu estive com ele mais cedo.

Ela assentiu, sabendo que a conversa deveria mais ter sido um monólogo, pois seu pai nunca deixava ninguém falar. Quisera descer e encontrar-se com ele, mas fora impedida pela mãe, que a trancou em seu quarto.

Pensou que iria embora de Londres sem nem ao menos vê-lo, mas sua fiel criada de quarto, vendo sua consternação, lhe entregara o bilhete deixado por Stephen.

— Gwen, eu preciso saber se o que me disse no baile é real.

— Sim, Stephen — ela disse, lembrando-se de suas palavras durante a dança. — Eu estou apaixonada por você.

Ele a beijou.

Lady Gwen ficara um tanto surpresa, pois esse beijo era diferente dos outros que ele já havia roubado. Era desesperado, faminto, e ela ficou assustada com a novidade, mas não lhe desagradou.

— Eu preciso que escute o que tenho a lhe dizer — disse,

levando-a para um local onde havia um vão e eles poderiam conversar sem que quem passasse na rua os visse. — Eu não quero abrir mão de você. Não sou um caça-dotes como falam por aí, não me importo com seu dinheiro, quero você.

Ela sorriu.

— Eu pensei e gostaria de levá-la para a Escócia.

Gwen arregalou os olhos. Sabia que isso significava que queria que ela fugisse com ele para se casar.

— Agora?

— Sim, não temos tempo a perder. Seu pai terá de nos aceitar depois do casamento.

— Será um escândalo...

— Sim, será. — Ele tomou-lhe as mãos. — Mas estaremos juntos. E ainda que ele não nos aceite, prometo a você que nada irá nos faltar. Vou trabalhar duro, tenho uma proposta de um negócio que pode ser a salvação de minhas finanças. — Ele riu. — Não! Um negócio que pode me deixar rico como nunca fui.

— Um negócio? Eu não estou entendendo, eu...

— Gwen, não será fácil se me aceitar. Eu não poderei lhe proporcionar a vida que você merece. Por algum tempo, teremos que viver modestamente, mas eu lhe prometo que, se me conceder a honra de ser minha esposa, eu farei tudo para lhe dar o mundo.

Ela sorriu e o abraçou.

— Claro que eu quero! Tenho certeza de que papai mudará de ideia quando nos ver casados e felizes... — Ela limpou os olhos úmidos. — Eu aceito ser sua esposa, Stephen.

Eles se beijaram como se no mundo, de repente, só existissem os dois.

— Eu preciso ir até minha casa... estou de camisola! — Riu, ruborizando-se.

— Elise pode lhe emprestar os vestidos...

— Não, papai não está em casa e mamãe não quis sair esta noite, eu preciso vê-la, ainda que não conte a ela, eu preciso vê-la e também preciso da ajuda de Tilly para organizar minhas coisas.

Stephen suspirou vencido. Já havia pedido tanto a ela, não poderia privá-la de todas as suas lembranças.

— Vá, mas eu a pegarei na parte de trás de sua casa com meu coche dentro de três quartos de hora. — Beijou-a. — Seja cuidadosa e não exagere nas coisas. — Piscou.

Ele a observou indo embora.

Ela estava demorando.

Stephen estava há mais de uma hora dentro de um coche alugado, parado no local onde combinara de encontrar-se com Lady Gwen. Era uma loucura o que pretendia fazer e sabia que, depois que consumasse o fato, o Duque repeliria a aproximação dos dois.

Doía-lhe a consciência saber que ela tinha esperanças de o pai aceitar o matrimônio e ele ter certeza que o detestável homem nunca iria perdoá-los. Mas Stephen não estava disposto a abrir mão dela, e o Marquês teria que aceitar esse fato.

Ele consultou o relógio novamente. Droga!

Estava impaciente, temendo ter acontecido algo, e aborrecido ao pensar que essa demora poderia advir de uma escolha de bagagem

inapropriada. Bufou. Quanto tempo mais? Precisavam sair dali o mais rápido possível e abrir uma distância vantajosa antes que percebessem o que fizeram.

Ele fechou os olhos e tentou relaxar, pois não adiantava ficar tenso.

Acordou com o sacolejo leve do carro. Ficou surpreso ao notar que o dia já estava claro. A mulher à sua frente não era Lady Gwen, mas sim a Marquesa, Lady Eleonora.

— Ela não pôde vir, milorde — disse secamente. — Descobri que ela havia saído e acionei o Marquês.

Hawkstone fez menção de sair do coche para ir até a casa.

— Assim que ela voltou, sabíamos de tudo. Vimos o bilhete, pressionamos a criada e ficamos aguardando. Conheço minha filha e sabia que ela não iria muito longe só de camisola. — Ela deu de ombros.

— O que vocês fizeram a ela? — perguntou com raiva.

— Nada. Rutherford mostrou a ela sua real situação financeira e disse-lhe que, se voltasse a vê-lo, não tocaria em mais um centavo dele.

— Ela não se importa com isso!

— Não? — A Duquesa riu e lhe entregou um bilhete. — Espero que milorde ponha-se em seu lugar e deixe-a em paz. Não contei a ele que o senhor estava aqui à espera, pois, certamente, o mataria, e eu estou cansada de escândalos em minha família por sua causa.

A Marquesa desceu rapidamente do coche. Stephen abriu o bilhete e depois amassou o papel com todas as suas forças.

5

O Conde de Hawkstone

Sua cabeça martelava como se mil trabalhadores estivessem a quebrar pedras nela. Stephen abriu um dos olhos e constatou que se encontrava em seu quarto, embora não se lembrasse de como e quando fora parar ali.

Lembrava-se apenas do bilhete deixado por Lady Gwen e da humilhação que sofrera ao pensar que ela iria com ele, mesmo estando falido. Não, ela não poderia abrir mão dos vestidos, das festas e de toda boa sociedade para viver “à margem de tudo”, como fizera questão de ressaltar.

Ele não valia tanto assim.

A perda é muito alta e o que nós temos não vale a pena. Um dia, compreenderíamos o erro que cometemos e nos odiaríamos eternamente.

Stephen fechou os olhos tentando não visualizar mais aquelas palavras escritas numa letra desenhada e feminina. O papel de carta tinha o cheiro do perfume que ela usava, e a assinatura dela ao final demonstrava todo o seu desprezo: Lady Gwendoline Rochester.

A partir daquele momento, ele percebeu que já não era mais

Gwen e não deveria pensar nela mais desse jeito. Ele bufou. Fora, realmente, uma péssima ideia, mas a única que ele tivera para não abrir mão de todo o caminho traçado por ele. Mas falhara.

Se seu pai estivesse vivo, estaria rindo dele. Mais uma vez, ele fracassara e fora humilhado, mais uma vez, provou que não era digno de ser tratado como um nobre da categoria de seu título.

— Tyler! — gritou e, ao mesmo tempo, gemeu. Não se lembrava de quanto bebera naquela noite, mas, pela dor, apostaria que fora muito. — Tyler...

O criado apareceu com um casaco na mão e uma escova na outra. Parecia contrariado, com cenho franzido e a boca apertada.

— Milorde? — Ele levantou uma sobrancelha.

— Tyler, estou com uma terrível dor de cabeça...

Ele riu.

— Eu estranharia se não estivesse, milorde. — Ele deixou a escova em um móvel e lhe entregou uma xícara, sempre mantendo o casaco pendurado na outra mão.

Tyler odiava a tarefa de desamassar seus casacos. Reclamava constantemente do quão desordeiro era seu patrão com as roupas e do trabalho que lhe dava ter de escová-las até que voltassem a estar adequadas.

Stephen pensou até em pedir para uma das criadas cuidar disso, mas nem bem começou o assunto, o velho criado, que o viu nascer, começou a queixar-se que ele o achava um velho inútil e nenhuma criada saberia fazer o que ele mesmo levara anos a aprender. Então, para o bem geral dos seus ouvidos, Stephen nunca mais tocou no assunto.

O mau humor de Tyler era algo inerente à sua pessoa, e o Lorde

sabia que, por mais que ele lhe atormentasse a vida, nunca existiria criado mais confiável. Era sarcástico, abusado, mal-humorado e extremamente crítico, mas lhe era fiel e cuidava dele como se cuidasse de um filho. Ele fora, e ainda era, tudo o que o pai biológico de Stephen não fora.

Stephen sentou-se na cama para absorver o líquido odioso. A mãe de Tyler o ensinou a fazer aquela coisa esverdeada e amarga, e o criado, desde que Stephen teve sua primeira ressaca, obrigava-o a tomar aquela gosma.

Nunca revelara a fórmula a ninguém, nem mesmo por uma boa quantia oferecida por Lorde Braxton, que também fora sua cobaia e comprovara o milagre causado pela poção asquerosa. O criado de Lorde Braxton fora expulso a tapas quando tentou espiar uma vez, e isso rendera umas boas gargalhadas durante um mês, pelo menos.

O líquido gelado lhe queimava a garganta e fazia os olhos lacrimejarem, mas Stephen sabia que, em alguns minutos, já estaria recomposto e sóbrio para tentar achar uma solução para todos os problemas criados por sua incompetência.

Tinha consciência de que o humilhante evento da madrugada não seria revelado, pois o Marquês faria de tudo para evitar mais escândalos, conforme ressaltara sua esposa. Entretanto, ainda existia o constrangimento causado pela Duquesa de Needham, e o problema maior, seu parco provimento de fundos.

Ouviu-se uma batida à porta e o empertigado Tyler foi conferir, reclamando, durante todo o trajeto, que o estavam perturbando.

Stephen colocou os pés para fora da cama e percebeu que ainda usava as mesmas roupas da noite anterior, com exceção do casaco, que Tyler tirara para evitar mais danos.

Com os cotovelos apoiados nos joelhos, descansou a cabeça entre as mãos e esperou pelo efeito milagroso da poção que tomara, mas, antes que pudesse se recompor, ouviu a voz de Braxton discutindo com Tyler.

— Deixe-o entrar, Tyler! — gritou, cessando o bate-boca entre o criado mal-educado e seu melhor amigo. — Até parece que Braxton e eu não tivemos momentos piores do que este!

Tyler apareceu primeiro e fuzilou-lhe um olhar antes de ir para o guarda-roupas.

— Não entendo como você ainda mantém este petulante do Tyler! — disse Braxton antes de ver o rosto do amigo. — *Mon Ami*! — Riu. — Dou razão a ele, que não me escute dizendo isso, mas você realmente não está em condições de receber ninguém!

— Não ria. Acabei de tomar aquela coisa que ele alega ser receita de druidas. — Braxton gargalhou e foi até a lareira, onde, no console, havia decantadores com bebidas.

— O que houve, afinal? — Ele virou-se para o amigo. — É por causa disso? — Mostrou o jornal.

Stephen gemeu. *Maldito Rutherford!* Agora toda a cidade de Londres, quiçá toda a Inglaterra, sabia que o boato levantado pela Duquesa de Needham era verdadeiro, pois não haveria outro motivo para uma rescisão de contrato de compromisso.

Agora, seus credores ficariam nervosos, os “amigos” se afastariam, sua família seria motivo de chacota e todos iriam esperar para ver, de camarote, a derrocada final.

— Eu não vou deixar isso acontecer! — Levantou-se, ainda tonto, mas decidido. — Braxton, preciso de ajuda!

Joaquim Moncrief saiu frustrado do escritório do terceiro banco que visitava. Não conseguia levantar a quantia necessária para bancar o investimento, e Antônio Augusto da Silveira não o esperaria por muito tempo.

Ele entrou em um *pub* e pediu uma cerveja. Odiava aquela ilha, o tempo e tudo o mais, porém tinha esperança de que seu primo ingressaria no investimento, que ele seria sua porta de entrada no mundo dos lordes e conseguiria os parceiros necessários.

O que nunca poderia ter previsto era que o encontraria, praticamente, na bancarrota. Sentira pena dele, afinal, Stephen era o que existia de bom dentre todos os outros lordes de sua família. Era íntegro, sério e muito responsável, porém fora crédulo e ingênuo ao confiar nos livros fraudulentos de seu pai.

Queria poder ajudá-lo, mas o dinheiro que possuía era para uma última tentativa de seu investimento no café brasileiro. Kim sabia que o investimento era incrível e que ele nunca mais teria a oportunidade que Antônio estava lhe dando.

Antônio Augusto da Silveira era um dos filhos do Barão de Santa Lúcia, proprietário de duas das maiores fazendas do Vale do Paraíba, na província do Rio de Janeiro. O pai, um homem simples que enriqueceu com o café, fora agraciado com um título nobiliário brasileiro e, devido à grande importância desse fato, resolveu investir no futuro de seus herdeiros.

O mais velho, o único que Kim não conhecia, ficara com a administração da segunda fazenda e casara-se com a filha de outro

grande cafeicultor local. Porém, os dois mais novos foram enviados para Lisboa para estudar em Coimbra, e foi lá que Joaquim os conhecera.

Ficara amigo dos dois irmãos, Antônio e Pedro.

Antônio possuía a mesma idade de Kim, e os dois descobriram muitas coisas em comum. Gostavam das mesmas farras, dos mesmos jogos e do fado. Já Pedro era estudioso e responsável e não gostava muito de estar nesses lugares, mas apreciava a arte, a música e, principalmente, um bom vinho do porto.

Cada um, em seu próprio estilo, acrescentara algo à vida de Kim. Ficaram tão próximos que passavam as festas em sua casa, participaram da compra de sua Quinta e o incentivaram a expandir os negócios marítimos de sua família.

Quando Antônio se graduou como advogado, voltara ao Brasil e convencera seu pai a ter sua própria Casa Comissária, um local onde se concentraria todo o café para venda interna e exportação, tanto as de suas fazendas quanto as de outras pequenas propriedades em sua área de atuação.

O Barão levou bastante tempo para entender que “se sujar” com o comércio era algo lucrativo, pois, além de intermediar todas as negociações, não só deixaria de pagar porcentagens a outros comissários, mas também passaria a lucrar com a venda do café dos outros agricultores.

Quando, finalmente, Pedro Silveira voltara ao Brasil, mostrou grande aptidão para os negócios, agregando à Casa Comissária um local onde era possível que um fazendeiro levantasse quantias a crédito, com juros, ou propusesse ao comissário uma parceria de investimentos.

Kim sabia que aqueles dois já eram cobras criadas ao chegarem a Portugal, mas surpreendeu-se ao notar o quanto eles evoluíram depois da universidade. Há um ano, Antônio lhe informara que um dos seus grandes compradores da Europa havia deixado a desejar e o Barão procurava outra empresa para negócio.

Ele lhe informara que havia americanos dispostos a comprar toda a produção, mas que, a pedido dos filhos, o Barão estava aberto a negociar com uma empresa portuguesa.

E foi aí que ele visitou o Brasil pela primeira vez.

Voltou de lá deslumbrado com o que vira. As fazendas Santa Lúcia e Santa Helena eram fabulosas, com terras cultivadas a perder de vista. Visitou, na Corte, a Casa Comissária Silveira e pôde compreender a estrutura montada para a negociação do café e entender a riqueza que o fruto cor de rubi trazia para aquele país.

Empolgado, foi em busca de investidores portugueses, para que sua empresa colocasse seus navios exclusivamente para o transporte do grão para a Europa.

A princípio, havia pensado em abastecer apenas o continente, mas viu a febre que a bebida se tornara e sonhou levar aquela riqueza para a odienta Ilha Britânica.

Foi então que seu pesadelo começou. Seu sócio nunca havia visto tanto dinheiro e não aguentou manter a honestidade. Sumiu com tudo o que já havia sido depositado pelos investidores e deu-lhe um enorme prejuízo, mas o pior foi a perda da credibilidade.

A muito custo, conseguira quitar todas as dívidas com os investidores, abrindo mão de seus bens pessoais e alguns bens familiares, mas nunca desistiu do negócio. Sabia que o tempo estava passando e era seu inimigo nessa empreitada, então, pensou

em recorrer ao outro lado da família, ao lado nobre de seu sangue, ao Conde de Hawkstone.

Ficara feliz em ter essa possibilidade, uma vez que o velho Conde, seu tio, já havia morrido e seu primo herdara o título. Título esse que era antigo, um dos mais antigos do reino, e com dinheiro a perder de vista.

Bem, não para o tolo de seu tio, pelo que ele descobrira.

Não quisera pedir ao primo que rogasse aos seus pares por causa dele, não depois de descobrir que ele estava praticamente arruinado. Preferira acreditar que os bancos achariam seu negócio imperdível, mas enganara-se. Ele não possuía nenhuma garantia válida que oferecesse segurança ao risco do investimento.

Kim terminou de tomar sua cerveja e resolveu voltar ao hotel onde estava hospedado. Não era um hotel grandioso, longe disso, estava mais para uma pensão, porém era limpo e confortável e ele nunca ligara muito para luxo.

Pensara até em aceitar o convite de Stephen para hospedar-se na mansão, mas mudara de ideia rápido ao constatar que as lembranças daquele lugar nunca foram boas. Teria que se conformar em perder a oportunidade do café. Não poderia arcar sozinho com o investimento e, embora sofresse em admitir, falhara.

Ele ainda estava cabisbaixo quando, ao atravessar a porta do *hall* do hotel, fora agarrado pelos braços. Imediatamente, tentou resistir, mas ouviu uma risada debochada e depois reconheceu quem lhe agarrara.

— Cacete! — disse no seu português mais puro. — Maldição, Stephen, solte-me!

Ouviu a risada de novo, mas não reconheceu o engomadinho que

acompanhava seu primo.

Ele foi levado para uma sala reservada do hotel e viu quando o amigo de seu primo fechou a porta.

— É bom que haja...

— Eu preciso saber do montante de que você precisa, Kim — disparou Stephen sem respirar.

Assustado, Kim sentou-se na poltrona mais próxima que encontrou. Nunca havia visto seu primo com aquela expressão, ele parecia disposto a matar ou ser morto. Seu olhar estava cortante e sua expressão, como se estivesse correndo uma maratona grega.

— Você conseguiu investidores? — De repente, animou-se com a perspectiva. — Conversou com seus amigos nobres e convenceu-os? — Olhou para o outro que estava na sala.

— Eu nem sei por que estou aqui, meu caro — o janota respondeu-lhe.

Stephen se acalmou e sentou. Braxton o seguiu.

— Kim me procurou para oferecer a oportunidade de um investimento que ele garante ter retorno imediato e muito lucro ao longo dos anos.

— Quem é ele? — perguntou Kim.

— Este é Lorde Charles Ruddignton, Visconde de Braxton, meu futuro cunhado. — Kim arregalou os olhos ao ouvir a última notícia. — Braxton, este é o meu primo Kim, já lhe falei sobre ele.

Braxton assentiu e cumprimentou o outro.

— Você conseguiu alguma coisa nos bancos?

— Não, Stephen. — Ele deu de ombros. — Não tenho garantias a oferecer.

— Preciso saber do montante...

— Você tentará conseguir com seus amigos?

Stephen riu.

— Não há mais nenhum, além deste que você vê. — Apontou Braxton. — Você não viu os jornais de hoje?

— Não...

— Ele está arruinado — Braxton falou. — E o noivado foi rompido.

— Sim, basicamente isto. Obrigado pela resenha tão objetiva. — Braxton sorriu em solidariedade.

Kim fechou os olhos. A esperança de uma intermediação de seu primo com outros nobres acabou de ruir.

— E então, de quanto estamos falando? — insistiu Stephen.

Kim pegou um guardanapo e a caneta que levava no paletó e escreveu o montante. Braxton assoviou.

— Bem, é muito dinheiro. — Ele levantou e começou a andar em círculos. — Não tenho nem metade disso.

— Eu já tenho um terço, preciso do restante.

Stephen parou.

— Braxton, quando você precisou se desfazer de bens não vinculados a seu título, onde você foi?

— Stephen... — Joaquim tentou intervir.

— Bem, dependendo do que você for vender, há várias lojas que compram todo tipo de coisas usadas.

Stephen não tinha outra solução. Vender seria demonstrar desespero, mas se ficasse rico novamente, ele não se importava.

— Vou vender o que puder. Desde artigos pessoais, veículos, obras de arte, à propriedade que herdei do tio Thomas.

— É quase uma choupana, mas deve render algum dinheiro... —

comentou Braxton. — O negócio é tão bom assim?

Kim assentiu.

— Eu gostaria de investir também, mesmo que seja numa proporção mínima. — Voltou-se para Stephen. — Sabe que sua mãe e irmãs irão sofrer muito com isso tudo. Vai poupar-lhes as coisas, não é?

— Pelo contrário! Algumas joias valiosas não estão vinculadas à família e elas pertencem às minhas irmãs.

— Elise não vai gostar disso. E eu não poderei presenteá-la com joias tão cedo.

— Ela terá o dote...

— Está louco? — perguntou Braxton. — Eu já lhe disse, se ela me aceitar, eu abro mão do dote!

— Você não pode, esse dinheiro...

Braxton fez sinal com mão para que ele se calasse.

— Se ela me aceitar, o dote será parte de nosso investimento. — Stephen arregalou os olhos. — E não adianta dizer não! Estou pensando no futuro dela também.

Kim assistia à discussão dos amigos estupefato. O montante era enorme e, ainda que Stephen conseguisse vender tudo a tempo, e o dote da sua irmã, que era pequeno, fosse para o investimento, eles não conseguiriam alcançar a quantia.

— Vou entrar em contato com alguns conhecidos e ver se consigo acertar tudo para as vendas que você irá fazer — Braxton disse levantando-se. — Preciso de uma lista com todos os itens amanhã. Vou marcar as reuniões.

— Obrigada, Braxton. — Ele virou-se para Kim. — Esperamos conseguir tudo a tempo... Ainda temos tempo?

— Pouco.

Braxton assentiu e saiu da sala.

— Você só pode estar louco, Stephen. O montante...

— Vamos conseguir. — Ele levantou-se. — Vou conversar com um antigo colega que me deve favores. Nunca pensei em fazer isso, mas situações extremas pedem medidas extremas...

Kim assentiu, ainda que não levasse muita fé.

Uma semana depois da singular reunião na saleta do hotel, Kim ainda não tinha visto o primo. Pensara em procurá-lo, em tentar saber notícias, mas não queria ter muitas esperanças. Embora Stephen estivesse com determinação naquele dia, poderia saber o que se passava na cabeça de um nobre?

E foi com esse pensamento que ele decidiu fechar a conta do hotel e retornar a Lisboa. Porém, mal tinha descido com as malas para a saguão, viu um homem com um olhar fatal e um sorriso debochado no rosto.

Se não o conhecesse há uma vida inteira, teria medo. Seu olho esquerdo ainda estava um tanto roxo, mas sua cara era de satisfação. Ele adentrou no local simples e, enquanto ia caminhando, todos o olhavam, como se o temessem. Hawkstone!

Agora, sim, pela primeira vez desde que o reencontrara, ele parecia Hawk. Não só seu físico, mas a expressão e a atitude.

— Vai a algum lugar? — perguntou Stephen sem nem ao menos cumprimentá-lo.

— Para casa. — Olhou para seu olho. — Andou brigando?

Ele riu e tocou a face.

— Negociando. Mas não se preocupe, meu oponente também não está muito conservado. — Ele colocou um papel sobre o pequeno balcão do hotel. — Aqui está!

Kim franziu o cenho e olhou para o papel. Era de um banco, e a quantia depositada em uma conta era inacreditável. Como? Ele olhou para o primo que leu sua expressão.

— A partir de agora, você tem três sócios investidores — informou. — Confiei a você tudo o que tinha. Reservei apenas o suficiente para a comida de minha família, estamos saindo de Londres, dispensei os empregados daqui e quase todos de Hawkstone Abbey, vendi tudo o que podia...

— Stephen....

— Não, Kim — ele falou sério. — Você me procurou para pedir ajuda e agora estou entregando a você o futuro de minha família. Sou eu quem está lhe pedindo ajuda. Quero que você saiba que a decisão que tomei não foi fácil, doeu na carne. Minha mãe e minha irmã foram humilhadas há três dias em um evento social, e a única coisa que consolou Elise foi saber que Braxton a ama. Minha mãe está de cama, não quer ver ninguém. Todos, nesta maldita cidade, sabem o que fiz e me olham como se eu fosse um verme. — Ele balançou a cabeça. — E eu, realmente, me sinto assim. Vendi bens particulares de minhas irmãs, vestuários completos que elas compraram em Paris e nem chegaram a usar. Joias que foram presentes em momentos especiais, artigos de decoração que estavam na casa, prataria, móveis... — O olhar de Stephen escureceu. — Cobrei uma dívida que prometi a mim mesmo nunca

cobrar... você me entende? Dei minha palavra a um amigo de Oxford que nunca falaria sobre uma situação e agora fui cobrar pelo silêncio. — Ele riu. — Saí de lá com uma costela trincada e o olho roxo, mas também com um grande investidor.

Kim assentiu, compreendendo que ele queria fazê-lo entender que esse investimento não era um investimento comum, era sua vida, seu futuro.

— Eu confio em você e, em momento algum, duvidei do que você me disse sobre o negócio. Sei que vamos lembrar desses eventos para sempre, que talvez até achemos graça, mas, por agora, eu lhe digo, me sinto o pior de todos os homens. Esfreguei na cara de todos a minha incompetência para gerir meu legado, envergonhei minha família, perdi minha noiva, quebrei minha palavra... — Stephen tomou fôlego. — Nunca mais quero sentir isso de novo! Nunca mais quero ser o homem fraco, ingênuo e crédulo. Quero que tenham orgulho de mim. — Ele fez que não com a cabeça. — Quero que me respeitem. Quero ser digno de respeito, poder andar de cabeça erguida, ser diferente do meu pai...

— Você é, Stephen...

— Não! — Ele olhou no fundo dos olhos do primo. — Não sou mais Stephen, eu sou Hawkstone! Nunca me senti capaz de levar esse título, sempre aceitei que os outros achassem que eu não era digno dele... Não mais, Kim.

Kim concordou.

— Bem-vindo ao negócio, Hawkstone! — ele cumprimentou o primo. — Saiba que você é a pessoa mais digna que já ostentou este título e, tenho certeza, ninguém nunca vai ousar pensar o contrário.

6

Novos caminhos

LONDRES, JUNHO DE 1856

Hawkstone caiu na cama exausto. Estava suado, ofegante e com os batimentos cardíacos em disparado. Fechou os olhos e apoiou um dos braços sobre a cabeça. Estava exaurido, mas satisfeito e relaxado.

Sentiu um peso sobre seu peito e uma mão sobre seu abdômen, imediatamente, lembrou-se do motivo pelo qual estava com todos aqueles sintomas: Crystal.

Tentou ficar inerte por mais alguns segundos, tomando fôlego e curtindo o relaxamento de seu corpo, mas sabia que o que sua amante tinha de fogosa, tinha de falante, e seu idílio terminaria em breve.

Crystal era o seu mais recente arranjo para ter prazer e não precisar ficar expondo a si próprio, ou a família, às fofocas da aristocracia. Já tivera muito disso há uns anos e não estava mais tão tolerante quanto fora no passado. Além do mais, não estava disposto a ficar à mercê de doenças venéreas, usando as mesmas

prostitutas que os outros homens.

Desde cedo, aprendera que ficar pulando de uma cama para outra não levaria a outro lugar senão à sífilis — e aprendera essa lição dentro de casa, por seu falecido pai. Definitivamente, não queria acabar como ele, nem mesmo queria ser como ele, pois não havia nada em seu progenitor que fosse digno de imitação.

Por isso, escolhia suas amantes com cautela. Geralmente, moças do interior que chegavam a Londres para se prostituírem em bordéis, e ele pagava um bom preço às moças e às cafetinas a fim de que elas dedicassem a ele atenção exclusiva. Assim, ele montava uma pequena casa, cedia alguns funcionários e lhes entregava uma quantia semanal, além de um acordo substancioso ao final do
período de convivência.

Isso garantia que não teria que compartilhar um corpo com outro homem. Garantia-lhe, ainda, que as moças não se lamuriariam quando ele partisse, visto que era, desde o começo, um acordo estritamente profissional.

Crystal ronronou em seu peito e esfregou-lhe a face em seu pescoço.

— Pretende ficar esta noite comigo, milorde? — ela perguntou com sua voz melódica e sensual, seduzindo-o para que ficasse.

Ele abriu os olhos e baixou o braço para enlaçá-la pela cintura.

— Sabe que eu não posso, Crystal. — Olhou para o relógio que ficava na mesa de cabeceira da cama.

Fez uma careta ao ver a hora e outra, para o ridículo relógio esculpido em madrepérola rosada. Se havia algo que se arrependia naquela relação era de ter dado carta branca para que ela decorasse

as áreas íntimas da casa, pois isso resultou em um quarto cheios de flores e babados, basicamente em tons rosa e creme; em uma saleta cheia de arranjos de plumas e querubins de mármore e em um banheiro com aroma de perfume francês adocicado.

Era como estar em um quarto de menina, e não de uma mulher de vinte e cinco anos. Não que ele pensasse na decoração quando ela exercia todo seu conhecimento em seus jogos, mas, depois de saciado, aquele local lhe causava asco.

— Ah, por favor, milorde... — disse, descendo a mão para a área inferior de seu abdômen.

Ele retirou a insinuante mão de si e sorriu para ela.

Crystal era linda e, desde a primeira vez que ele a viu na casa de Madame LeFleur, quis tê-la. A astuta senhora lera o interesse dele desde o começo e, como ela conhecia as exigências de seu cliente, negociou duro por aquela beleza.

Ela era clara como um cristal. Essa sempre fora a primeira coisa que lhe passara na mente quando a olhava. Os cabelos eram quase brancos de tão loiros, finos, sedosos e brilhantes, sua tez era perolada e, quando ela se expunha ao sol, ficava com as bochechas vermelhas, como se tivesse se maquiado. Os olhos eram azul-claros e pareciam refletir, como acontecia com as águas de um lago plácido e gelado. Seu corpo era generoso em curvas na medida certa, era magra, mas possuía seios cheios e pesados.

Ele a beijou de leve na testa e se levantou. Ouviu quando ela ronronou em protesto, mas continuou seu caminho até a poltrona com estofado de jacintos rosa onde estavam espalhadas suas roupas. Hawk lamentou não tomar um banho antes de vestir-se, mas caíra na armadilha da banheira uma vez e não estava disposto

a cair novamente, embora tivesse sido uma experiência memorável.

— Eu deveria ter despachado com meu secretário hoje, preciso de algumas informações que só ele pode me dar, mas atrasei meu trabalho para atender a seu chamado mais cedo.

Ela fez beicinho, e Hawk tentou se controlar, odiava chantagens emocionais.

— Não estou dizendo que não gostei da surpresa. — Ele apontou para a indumentária que ela estreara naquela tarde. — Mas, realmente, há negócios importantes esperando por mim em casa...

— Milorde sempre é tão rigoroso quando se trata de seus negócios. Os outros nobres não são assim, eles desfrutam a vida! Levam suas amantes à ópera... Eu sempre quis ir à ópera!

Ele respirou fundo, mas continuou a vestir-se. Já haviam conversado sobre esse tema inúmeras vezes, e ela sabia muito bem o porquê de não levá-la a lugares públicos. Além do mais, poucas coisas em sua vida eram mais importantes que seus negócios.

Porém, ele entendia que ela não compreendesse, afinal, o que via à sua frente era um aristocrata nascido e criado em berço de ouro, com uma fortuna à sua disposição, sem esforço ou mérito.

Mas ela estava errada. Tudo o que ele possuía fora fruto de seu trabalho e conhecimento. A velha fortuna, a fortuna de sua família centenária, já havia minguado antes mesmo que ele assumisse o título e o pouco que restou dela, ele fez multiplicar.

Claro que só era quem era, só tinha o que tinha, devido às circunstâncias desfavoráveis que tivera de enfrentar. Se não tivesse vivido tudo aquilo no passado, com certeza, agora estaria casado e tendo que viver da generosidade de seu rico sogro.

No entanto, o destino não quis assim, e Hawk aprendera a confiar

no destino. A salvação de suas finanças chegara no momento certo, quando nem ele sabia que precisaria de salvação.

Agora, Crystal poderia olhar para ele, para as coisas que ele possuía, para as coisas que ele lhe proporcionara, mas nunca poderia saber que ele passara meses ajudando a limpar sua própria casa, ajudando sua irmã mais nova a cozinhar, vendo sua mãe e sua irmã mais velha sendo desprezadas pela alta aristocracia. Ela nunca poderia imaginar que deixara de comer para que sua mãe e suas imãs pudessem fazê-lo, que ele chorara escondido em seu quarto quando pensara ter cometido uma loucura ao investir tudo em um único negócio. Nem que ele abraçara seu criado de câmara quando este se recusou a abandonar o emprego por falta de pagamento.

Não, Crystal não conhecia o homem que estava em seu quarto naquele momento. Conhecia seu corpo, suas preferências... Conhecia o nobre, mas não o homem.

— Sinta-se à vontade para procurar outro protetor, caso alguém lhe tenha feito tal proposta. — Ele viu, através do espelho, que ela arregalou os olhos. — Nosso acordo é bem claro, sempre foi. Mantenho-a para estar à disposição nas horas em que eu achar conveniente, mas nosso relacionamento só cabe a nós dois e deve continuar assim até o final.

Ela assentiu.

— Eu só estou um pouco entediada...

— Não a mantenho prisioneira, Crystal. Saia, divirta-se, vá à ópera! A única coisa que peço é a exclusividade sobre seu corpo.

Ela suspirou.

— Não entendo por que milorde é tão frio! — Levantou-se da cama.

Hawk sentiu seu desejo aflorar novamente, afinal, era homem e ela era incrivelmente desejável, mas se controlou. Tinha coisas a resolver e não perderia mais tempo com frivolidades.

— Você sabe que não sou frio. — Caminhou até ela e abraçou-lhe pelas costas. — Mas sabe qual papel é desempenhado por você em minha vida e quero que não se esqueça disso. — Ele a beijou no pescoço. — Tenha uma boa noite.

Ela suspirou novamente.

— Boa noite, milorde.

Hawk saiu da casa incomodado com a reação de Crystal, afinal, ela nunca questionara tanto suas decisões e nem sua posição como amante. Talvez ela estivesse envolvendo-se demais naquele acordo e ele precisasse abrir mão dela antes que as coisas saíssem do controle.

Ele riu, entrando em sua carruagem, quando lembrou que ela o acusou de ser um homem frio. Se ela soubesse que esperara toda uma noite, escondido dentro de um coche de aluguel, para fugir com uma dama... Frio? Com certeza, ele não era.

Apesar de toda a mudança que ocorrera naqueles três anos, Hawk ainda balançava quando ouvia notícias de Lady Gwen, agora Lady de Muir.

A moça se casara com um nobre do norte apenas três meses depois do rompimento com ele. O Conde de Muir era um senhor idoso com quatro filhos varões e duas filhas, de dois casamentos anteriores.

Mas era rico e tinha prestígio o suficiente para o Marquês de Rutherford. Assim, ele entregara sua linda e jovem filha ao velhote.

Há um ano, sua irmã Elise, Lady Braxton, encontrara-se com a

Condessa de Muir em um evento social da Sociedade das Mulheres Protetoras das Crianças Órfãs, cuja presidência era de Elise, e as duas conversaram como velhas amigas.

Claro que Elise transmitira a Hawk toda a conversa depois, uma vez que seu nome fora citado diversas vezes. Segundo Lady Braxton, Lady Muir fora obrigada a escrever a fatídica carta de rompimento, pois o Marquês ameaçara matar Hawkstone caso ela não o fizesse. Sobre o casamento repentino com o Conde de Muir, ela alegara que, quando chegara à propriedade da família, Lorde Muir, que era seu vizinho, já tinha um acordo com o pai dela.

Hawkstone dissera à irmã que aquilo tudo era irrelevante para ele, mas mandara investigar a vida da ex-noiva.

O relatório do investigador concluiu que ela era uma esposa fiel, que cuidara muito bem de suas enteadas, agora todas já devidamente casadas, e mantinha respeito e amizade pelo marido, que se encontrava enfermo na época.

Hawk decidiu deixar de pensar em Gwendoline e arquivou o relatório sem nunca ter entrado em contato com ela ou comentado algo com a irmã. Quando Elise tocava no assunto, ele desconversava e dizia que não havia interesse de sua parte por ela.

A história do término do noivado marcou-o em seu orgulho. Fora humilhado pela família da ex-noiva, desprezado pela sociedade por ser reconhecido como um caça-dotes e, principalmente, esquecido por muitos que diziam ser amigos.

Ele desceu da carruagem em frente à Moncrief House e, antes que pisasse no último degrau da entrada, Otis, seu mordomo, abriu a imponente porta do *hall*.

— Boa noite, milorde.

— Boa noite, Otis. — Ele lhe entregou o casaco. — Sabe se Harrison ainda está à minha espera?

— Absolutamente, milorde, como indicara no bilhete.

— Ótimo! — Hawk foi em direção às escadas. — Avise-o que já desço. Peça à senhora Woods que mande preparar meu banho.

— Imediatamente, milorde.

Hawkstone entrou em seu quarto e relaxou. Sentia-se bem naquele lugar, principalmente depois de ter expurgado qualquer lembrança do antigo Conde dali.

Oito meses depois de ter deixado aquela casa e partido rumo a Wiltshire, para Hawkstone Abbey, o ousado investimento obteve retorno. Kim retornara do Brasil com mais da metade da carga vendida no continente e a outra parte já vendida para a Inglaterra.

Grandes empresas escoadoras de produtos praticamente disputaram, aos punhos, a rica carga trazida pelo Lusitana, o navio cargueiro a vapor capitaneado pelo capitão Joaquim Ávila, de Portugal, pertencente à d’Ávila Companhia de Transportes Marítimos.

Após esse evento, os investidores cresceram e foram trazendo cada vez mais carga, diversificando os negócios e fazendo os fundadores mais e mais ricos.

Quando, enfim, Hawk chegou a um patamar elevado de fortuna, decidira começar a mexer em suas propriedades e investir em outras atividades. Empeçara uma fábrica em Wiltshire, próxima à sua casa ancestral e lá beneficiara-se de todo tipo de fibra, transformando-a em tecidos grossos para uniformes em geral.

Além disso, investira em novos negócios, como imóveis, prédios inteiros, cujos apartamentos e lojas eram alugados a terceiros; na

criação de cavalos de raça estrangeira e na importação de alimentos do continente e da América.

Quanto mais aprendia sobre o comércio, mais gostava, embora tivesse que suportar o desprezo da boa sociedade pela forma com que refizera sua fortuna. Contudo, o que importava a ele não era a opinião e boas graças dos nobres, mas sim a possibilidade de nunca mais desamparar sua família.

Sua irmã mais velha, Elise, estava feliz sendo paparicada pelas ladies mais modernas que, juntamente com ela, engajavam um sem-número de projetos sociais.

Braxton e ela eram extremamente apaixonados e, apesar de Elise não ter conseguido levar à frente nenhuma das duas gravidezes, formavam uma família harmônica e tranquila, contra todas as expectativas, visto o gênio de sua irmã.

Lily, sua irmã mais nova, foi a que mais usufruiu de sua nova posição e insistiu em educar-se, recusando-se a debutar em sociedade, embora já contasse com dezenove anos. Tinha sua própria biblioteca, onde escolhia os assuntos dos livros, e estava decidida a tornar-se uma escritora, para o desespero de sua mãe.

A maior frustração de Hawk era Lady Matilda Moncrief, a Condessa de Hawkstone. Não importava quão rico ficara em apenas três anos, não importava a segurança que esse dinheiro lhes proporcionara, não importava nada daquilo, pois ela não tinha mais o prestígio que tinha quando o dinheiro da família advinha da herança — dinheiro antigo, como ela dizia.

Desde que soubera que estavam na penúria, ela nunca mais se reerguera. Hawk sempre soubera que sua mãe era uma mulher de saúde delicada, mimada e fraca, mas se culpava por ela ter ficado

ainda pior.

Era um fardo que ele carregava todos os dias e, apesar de poder dar luxo e riqueza àquela mulher, não podia arrancar-lhe um sorriso ou uma palavra boa. Ela o odiava por tê-la humilhado, por ter vendido suas coisas preciosas, por ter deixado que todos soubessem o quão grave era a situação de sua família, por não ter conseguido acertar as coisas como faria um nobre de verdade.

A prostração de sua mãe era tão grande que, no decorrer do primeiro ano após o escândalo, ela envelhecera o triplo do normal. Ficara doente, inventara doenças, infernizara a vida de Elise por ter se casado com um Visconde, infernizara a vida de Lily por não ser a filha que ela queria que fosse, e quando, finalmente, ela começara a dizer que odiava o filho, ele decidiu que já era demais.

Mudou-se para a casa de Londres e procurou uma dama de companhia para a mãe. Entretanto, percebeu que ninguém podia com a Condessa viúva, ninguém exceto Margareth Spencer, sua tia mais nova, recentemente viúva de um cavalheiro da pequena nobreza de Herefordshire.

Tia Margareth fora uma verdadeira bênção para Hawk. Ela era viúva e possuía somente um único filho, que se casara com a jovem filha do vigário local e, após a morte deste, assumira o vicariato. Tia Maggie ficara radiante em ser útil e ir morar em Hawkstone Abbey, uma vez que o filho já morava com a esposa e a família dela, composta pela sogra e suas três filhas mais novas.

No começo, sua mãe relutara contra a ideia de Maggie ir morar com ela, mas depois gostara da companhia da irmã e acabara aceitando-a em sua casa.

Mas, para Hawk, a ida de Maggie para Hawkstone Abbey fora

uma bênção, visto que Lily nunca tivera a atenção necessária da mãe para tornar-se a mulher linda que estava destinada a ser, e esse carinho e cuidado ela encontrara em tia Maggie.

Assim, com os conflitos domésticos resolvidos, Hawk se viu livre para, pela primeira vez desde a morte do pai, seguir com a própria vida. A princípio, pensou em encontrar uma noiva, mas depois desistiu da ideia, visto seu desgosto com a sociedade.

Foi então que começou a escolher suas amantes e fazer seus arranjos, mas, acima disso tudo, rearranjou sua vida, sua casa, seus domínios.

Agora, sim, tinha orgulho de seu lar, tinha prazer em dormir em seu quarto, de frequentar seu escritório, de comer à sua mesa. Tudo o que estava ali era seu. Nada restara dos Condes passados, tudo fora reorganizado, refeito, redecorado conforme seu gosto, posição e riqueza.

Acabou o ar fúnebre e de cabaré que havia naquela casa. Saíram as cortinas de veludo bordô e entraram tecidos como a seda e o linho egípcio. Os móveis de cedro deram espaço para o mogno, o jacarandá e a radica.

Os pesados cortinados das camas foram abolidos, bem como as tapeçarias nas paredes, substituídas por papéis de paredes. Os consoles das lareiras, antes de pedra, receberam mármores e, em ambientes exclusivamente masculinos, alguns objetos receberam partes em couro.

Ele olhou para seu quarto e ficou satisfeito. Aquele lugar era seu.

— Milorde, boa noite. — Tyler aparecera já com seu casaco em uma das mãos. — Vejo que a reunião inesperada foi um tanto turbulenta. — Mostrou, a contragosto, o estado lastimável de seu

casaco. — Espero que milorde aprecie o tipo de... hmmm... fragrância deixada em seu casaco. — Franziu o nariz. — Embora creia que seja doce demais, até para o gosto de milorde.

Hawk gargalhou.

— Já dei algumas dicas sobre isso, mas creio ser um terreno onde minha opinião não é levada a termo. — Riu novamente. — Mande para a tinturaria. — Deu de ombros.

— Sabe que não entrego seus itens pessoais nas mãos daquelas desmioladas, pois... — parou de falar ao ouvir um barulho e saiu resmungando.

Hawk se serviu de uma bebida enquanto terminava de retirar suas roupas. Cheirou a camisa e fez uma careta, realmente aquele perfume era um horror, tinha que conversar com Crystal sobre aquele assunto novamente.

— Desmioladas e incompetentes... — Tyler voltou resmungando. — Precisarei advertir a senhora Woods mais uma vez. Seu banho está pronto, milorde.

Hawk pegou o roupão de seda da mão do criado e o vestiu.

— Tyler, não me cause mais problemas com a senhora Woods — advertiu, já sabendo da implicância do homem com a senhora. — Ela é extremamente eficiente, você que se tornou um velho resmungão.

Tyler fechou a cara e saiu rumo ao quarto de vestir.

Harrison trabalhava há quase dois anos com o Conde e estava

acostumado com a obsessão do patrão pelo trabalho. Em seus anos de experiência, nunca havia tratado com um nobre da estirpe dele que trabalhasse tão arduamente em seus negócios.

Ele, realmente, era um falcão, como seu título sugeria. Nada escapava a seus olhos, nenhuma vírgula ou um *penny* sequer. Todos os dias, ele revisava os relatórios vindos de seus investimentos, de suas aplicações e de seu agente do banco.

Ele escrevia pilhas e pilhas de cartas, respondia a um número praticamente igual, analisava contratos e tecia comentários em acordos. Harrison tinha orgulho de trabalhar com ele, pois era um homem inteligente e muito sensato, que o ouvia quando não tinha conhecimento do assunto ou mesmo experiência para saber como proceder.

Além do mais, trabalhava junto com ele, não o fazia resumir como os patrões anteriores que tivera e isso era um alívio, pois, anteriormente, perdia horas fazendo resumos que não seriam entendidos, lidos ou mesmo eram importantes para seus patrões.

Estava trabalhando no escritório desde a uma da tarde e, trinta minutos depois, recebera o bilhete de Lorde Hawkstone de que algo o atrasaria. Ele continuou a trabalhar e, quando escurecera, começara a inquietar-se, mas não saíra da casa.

A senhora Woods lhe servira chá, café e bolos enquanto ele estava esperando, com o serviço pronto, que Lorde Hawkstone aparecesse. Ele separara a correspondência em pilhas, como o Lorde o instruíra fazer.

Sabia que a primeira pilha que milorde verificaria seria a de negócios, depois a da família — que raramente possuía muitas missivas e, por última, a do social.

O Lorde, como Harrison aprendeu ao longo do tempo, tinha verdadeiro pavor de alguns eventos sociais e recusava a maior parte dos convites. Ele, basicamente, frequentava o seu clube — o Brooks, desde que o White lhe revogara a filiação — e ia em eventos de amigos e parceiros de negócios.

Nos outros eventos, fossem públicos ou privados, ele simplesmente agradecia o convite e recusava.

Harrison também era responsável pelo pagamento das contas pessoais do Lorde e, diferentemente de seus outros patrões, seu chefe não tinha um *penny* sequer gasto em casas de jogos clandestinas e em bordéis pela cidade. Ele realmente se restringia a jogar no clube de cavalheiros em St. James Street e mantinha uma casa, os criados e um pagamento semanal a uma certa senhorita, cujo nome Harrison nunca soube.

Quem tratava diretamente das questões legais do Conde era o senhor Hermes Lawson, da firma Lawson & Davies Advogados. Provavelmente, o único a conhecer o nome da *chérie* de Lorde Hawkstone era o circunspecto causídico. Harrison ouviu barulho na porta e viu Otis, o mordomo, adentrar.

— O Conde já chegou e logo irá descer. Perguntou pelo senhor quando chegou e lhe informei que se encontrava à espera.

— Obrigado, Otis.

Ele lhe fez um cumprimento e saiu.

Harrison aprendera que a melhor maneira de manter seu emprego com um Lorde era sendo discreto. Assim, ele evitava conversa com os criados e criadas da casa, tratava o mordomo e a governanta como se fossem seus iguais, visto a posição que ocupavam na hierarquia dos empregados da casa.

Estar em um lugar tão formal requeria um exercício diário de política e era isso do que ele mais gostava, pois estar ali o preparava para tudo na vida.

— Harrison, boa noite — o Conde o cumprimentou, entrando no recinto vestido com informalidade, de colete e sem casaco, sinal de que passaria a noite em casa. — Não vamos perder mais tempo, Anton lhe mandou o projeto?

— Sim, milorde, está na pasta azul. — Ele olhou suas anotações. — O senhor Oliver e o senhor Masterson enviaram relatórios semanais, eu chequei e fiz algumas anotações.

Hawk se pôs a ler os relatórios de seus administradores.

— O senhor recebeu oito cartas de negócios, entre elas, uma do senhor Ávila, que fiquei em dúvida, mas, como estava no envelope da empresa, classifiquei como sendo de negócios...

— Fez bem — disse Hawkstone, ainda lendo os relatórios.

— Chegaram duas cartas de Hawkstone Abbey, sendo que a última, de vossa tia, há alguns minutos atrás.

Hawk o olhou surpreso.

Imediatamente, pegou o envelope mencionado e leu a missiva. Bufou.

— Responda à senhora Spencer que não — respondeu, impaciente. — Mamãe não virá para Londres.

Pediu que continuasse enquanto ele abria as cartas de negócios.

— Milorde recebeu dez convites para o encerramento da temporada. Recusei oito públicos e de pessoas que milorde já predeterminou, mas ainda restam dois que talvez avalie, pois se tratam de parceiros.

— Vou olhá-los.

— Ah, ia me esquecendo... — Ele entregou um envelope diretamente a Hawk. — Não sabia como classificar. É da Condessa de Muir.

Hawk olhou perplexo para o envelope à sua frente. Era de Lady Gwendoline?

— Deixe-o na pilha de social. Vou analisá-lo juntamente com os demais. — Voltou sua atenção ao que estava fazendo.

— O escritório lhe enviou dois relatórios e dois novos contratos. — Hawk assentiu. Harrison disfarçou um bocejo, mas o patrão o encarou.

— É só? — Harrison assentiu. — Vá para casa, Harrison — ordenou, voltando a ler a carta que estava em mãos. — Amanhã você redige as respostas das outras missivas.

— Mas, milorde...

— É uma ordem, Harrison. Vá descansar! Amanhã teremos muito trabalho para organizar os relatórios do banco.

Os relatórios do banco. Harrison detestava aqueles relatórios intermináveis, e Lorde Hawkstone examinava *penny* por *penny*.

— Boa noite, milorde — disse, levantando-se.

Hawk assentiu, como sempre fazia, ainda com os olhos fixos na carta. Assim que Harrison saiu, Hawk parou de fingir que estava lendo. Perdera a concentração desde que ele dissera o nome de Lady Muir. Gwen lhe escrevera depois desses anos todos, só lhe restava saber por quê.

Ele pegou a carta e reconheceu a caligrafia, a mesma da carta odienta de três anos atrás. O que poderia querer Lady Gwendoline com ele, afinal?

Ficou tentado a abrir o envelope, mas recolocou a carta no lugar.

Poderia esperar. Abriu a carta de Kim e estranhou o tom, o primo estava convocando os três primeiros e principais investidores para uma reunião.

Hawk sabia que só apareceriam Braxton e ele, pois o terceiro nunca se fez representar, mesmo porque entrara naquele negócio sob chantagem. Era Hawk que, por desencargo de consciência, geria e depositava os rendimentos dos investimentos para ele.

O que poderia ter acontecido? O investimento no café brasileiro com certeza era o mais lucrativo de todos. Hawk ficou preocupado, mas pegou a carta de Lady Muir.

Essa era uma parte de sua vida que ficara mal resolvida, um caminho traçado para si, uma esposa perfeita escolhida a dedo para ser a mãe de seus herdeiros e que lhe fora arrancada, negada.

Isso o incomodava. Era um homem que possuía tudo o queria, tinha qualquer coisa a sua disposição naquele momento, mas, ainda assim, tinha esse ranço de desprezo e humilhação.

Ele abriu a carta e ficou branco com o que estava escrito.

7

O passado

O local que Kim escolhera para a reunião não poderia ser mais inusitado, na opinião de Hawk. O *pub* irlandês, St. Patrick, era conhecido no East End de Londres como um local barulhento, de jogatina clandestina e mulheres à disposição, ou seja, tudo o que eles não procuravam naquele momento.

Se bem que a cerveja servida ali era uma Ale da melhor qualidade, forte e cadenciada, como Hawk apreciava. Na carta, o assunto da reunião fora classificado como urgente, mas, pela escolha do local, Hawk só poderia supor que se tratava de mais uma brincadeira de Kim.

Seu primo era muito extrovertido, adorava contos e piadas e, por ter viajado praticamente o mundo todo, sempre tinha uma história engraçada para contar. Kim estivera fora da Inglaterra por cinco meses, sempre tratando dos assuntos relacionados aos investimentos feitos pela sua empresa de transporte marítimo. O homem, que antes odiava a ilha, não só fixara residência em Londres como transferira parte de sua empresa para a cidade.

Ele dizia a todos que era um mal necessário, visto que tudo o que

lhe rendia dinheiro estava ali. Mas a verdade é que ele gostava de estar perto de seus amigos.

Hawk entrou no estabelecimento onde praticamente todo mobiliário era pintado de verde e pediu uma generosa caneca de cerveja. Olhou as pessoas que ali se encontravam e estranhou a escassez. Talvez fosse pela hora, não sabia, mas, certamente, o local estava mais vazio que o habitual.

Consultou seu relógio de bolso e franziu o cenho, estranhando seu primo e seu cunhado não estarem ali. Ouviu um barulho quando uma porta, aos fundos da construção, se abriu. De lá, saiu uma mulher, grande, com peitos impossíveis e saltando do decote, rindo muito e caminhando em sua direção.

— Milorde ser o Conde “Awkstone”? — disse com seu inglês “cockney”, característico das pessoas daquele lugar.

Ele apenas assentiu com a cabeça e a mulher apontou a porta de onde saíra.

— Seus amigos estão lá. — E voltou para trás do balcão.

Hawk abriu a porta e encontrou Kim e Braxton tomando cerveja e rindo como se tivesse sido contada a piada mais engraçada do mundo.

— Hawk! — Kim levantou-se para saudá-lo. Braxton só levantou a caneca de cerveja, antes de vertê-la garganta abaixo.

— Estou atrasado para algo? — ele questionou, visto o número de recipientes vazios de bebidas em cima da mesa.

O local era a salinha usada para os jogos clandestinos, mas que, naquele horário, bem no começo da tarde, ainda não estava em uso. As mesas com carpete verde cobrindo-as eram os únicos móveis que reinavam no local.

— Não — Kim disse, indicando-lhe um local para sentar. — Nós é que nos encontramos mais cedo e decidimos vir para cá e aproveitar a bebida. — Ele mal acabou de falar e entrou a “moça” com a caneca de cerveja de Hawk. Quando se virou para sair, Kim deu-lhe um tapa em seu traseiro, o que arrancou uma altíssima gargalhada e uma pequena rebolada da atrevida.

Hawk riu. Seu primo nunca mudava, sempre o impulsivo e ousado Kim.

— Eu sei que gostamos muito desta cerveja e estivemos aqui várias vezes enquanto estávamos praticamente *rotos*, mas, além de toda essa camaradagem e nostalgia, eu gostaria de saber o motivo daquela carta. — Kim parou de beber. — Não me entenda mal, Kim, eu aprecio estar com vocês, embebedar-me, contar piadas, provocar garçonetes, mas, se fosse para isso, bastava um bilhete rabiscado, e não uma carta formal com o selo da empresa.

Kim bateu a caneca na mesa e bufou.

— Porra, Hawk! Desfrute um pouco da diversão antes de falarmos de coisas sérias!

Braxton olhou de um para o outro e depositou sua caneca na mesa.

— Ah, então realmente existe um assunto sério! — Ele socou a mesa já um pouco embriagado. — E eu achando que aquela carta era só um disfarce para que Elise não me enchesse com essa escapulida!

Kim revirou os olhos.

— Você se tornou um frouxo, Braxton. — Riu.

Hawk tomou sua cerveja e esperou Kim revelar o que o tinha motivado a marcar aquela reunião. O assunto deveria ser muito

sério, visto a dificuldade do primo em querer falar, e isso preocupava Hawk.

— Estive em contato com Antônio da Silveira.

— Algum problema com a safra desse ano? — Braxton perguntou, apavorado.

Diferentemente de Kim e Hawk, Braxton fixou todo seu interesse em um único investimento, o café. Realmente, até o momento, era um dos mais rentáveis da companhia, mas todos achavam muito arriscado investir em uma só frente.

— Não — Kim acalmou Braxton. — Ao contrário, parece que será excelente, com previsão de ser maior que a anterior. — Braxton respirou, aliviado. — Os negócios dos Silveira estão expandindo, e eles começaram a comprar café de pequenos proprietários do entorno, além de todo comércio da Casa Comissária.

— Mas? — Hawk sabia que ele estava apenas floreando, antes de falar a parte problemática.

— Mas... — ele tomou mais um gole — ...parece que o Barão recebeu ofertas tentadoras dos americanos e Antônio não sabe se nossa parceria vai à frente.

Braxton ficou pálido, Hawk apenas abriu um sorriso malicioso.

— Então a parceria não foi desfeita ainda...

— Não, nós ainda temos a preferência.

— Isso quer dizer que o seu amigo quer renegociar...

— Mas não atualizamos o preço de acordo com o mercado? — perguntou Braxton, ainda apavorado ante a possibilidade de perder sua galinha de ouro. — Isso é legal, Kim?

Kim deu de ombros.

— Ele é livre para negociar com quem quiser. Nossa "exclusividade" é um acordo entre cavalheiros.

— Merda! — Braxton se levantou e começou a andar em círculos. — O que você está esperando para renegociar?

— Eu não sei o que, exatamente, o Barão quer. — Kim riu. — Antônio disse que o pai quer tomar frente nesse negócio e insistiu liderar as negociações.

Hawk estranhou.

— Mas não é Antônio o responsável pela Casa Comissária?

— Nesse assunto, não é mais. — Braxton proferiu mais um xingamento. — Ao que parece, ele acha que o filho é influenciado por sua amizade comigo.

— Vou perguntar de novo, Kim. O que vamos fazer? Temos que renegociar! É meu maior investimento!

— Kim, por que você nos chamou aqui?

Ele se recostou na cadeira e fechou os olhos.

— Preciso que me acompanhem para a renegociação. — Hawk e ele se olharam. — Ter vocês me dá uma vantagem, pois são dois nobres ingleses e isso tem relevância por lá.

Foi o momento que Hawk compreendeu o que ele dizia e, pela primeira vez durante aquela conversa, surpreendeu-se de verdade.

— Você quer que viajemos ao Brasil?

Braxton abriu a boca em um grande "Ó".

— Sim. — Assentiu. — E o mais breve possível!

Elise Ruddington não era uma mulher com gênio fácil, mas amava o marido. Tentara loucamente não o amar, mas não resistira aos encantos do melhor amigo de seu irmão mais velho.

Desde que se tornara uma mocinha e tivera consciência das diferenças entre homens e mulheres, estivera secretamente sonhando com ele. Braxton era tão divertido, tão mundano, e ela o via como um príncipe de contos de fadas, seu conto de fadas. Mas os anos se passaram e ele foi para o continente, encontrou uma francesa, e Elise pensara que nunca mais iria vê-lo.

Ela tentou seguir sua vida, calma, tranquila e protegida, sonhando encontrar alguém que lhe provocasse o mesmo sentimento que ele despertou.

Então, de repente, ele voltou, viúvo e sofrendo. Nessa ocasião, Elise já não era uma menininha que o via como um príncipe, ela estava sendo treinada para sua estreia, para a apresentação à Rainha Vitória, e, principalmente, para enlaçar um marido rico e de grande título.

Seu coração ainda disparava quando ela o via e, em seus sonhos, o homem que a beijava era ele, mas sabia que Braxton não era o candidato ideal e ele não correspondia às expectativas de sua mãe e de seu pai.

Meses se passaram, ela o observava a distância, vendo como ele estava triste, querendo consolá-lo, mas sem poder o fazer. Seu pai já estava muito doente, delirante, e todos na família sabiam que o Conde estava à beira da morte.

Braxton ficou hospedado com sua família por um longo tempo, pois seus imóveis estavam muito degradados e inabitáveis. Ele estava lá quando o pai de Elise deu seu último suspiro e, naquele

momento, todo o consolo que ela queria não estava em sua mãe ou seus irmãos. Ela queria os braços dele, o consolo dele, queria estar com ele e sentir-se viva. E foi isso o que aconteceu. Seus sonhos se mostraram ínfimos diante da realidade dos lábios dele nos seus e de tudo o mais que fizeram juntos. Ela sabia que aquilo estava errado, afinal fora uma moça muito bem-educada e tinha arraigado dentro de si valores morais elevados. Mas ela esquecia de todas as coisas quando estavam juntos.

Então, ele se afastou dela, alegando que não estava pronto, que ela merecia um homem melhor. Elise se fiou nisso e mergulhou de cabeça no que sua mãe queria para ela. Até que o reencontrou em Paris. Lá tiveram tantos momentos roubados, felizes. Lá, se entregara a ele, seu corpo, sua alma, mas também fora lá que o rejeitara como ele fizera com ela antes.

Perdida em seus pensamentos, Elise olhou para o espelho e viu que seu penteado estava a contento. Dispensou a criada e suspirou. E graças a tudo de ruim que lhe acontecera, tivera a oportunidade de viver esse amor, de enxergar que um casamento por amor era melhor que um por conveniência.

Passara por grandes privações no começo. Tiveram que morar todos juntos em Hawkstone Abbey, sem criados, sem boa comida e com meia dúzia de vestuário, mas ele estava com ela e isso a fizera mais forte.

Agora, Elise usufruía de posição e dinheiro novamente. Era uma mulher admirada pela sociedade, pelas damas engajadas em projetos sociais e pelos políticos modernos. Ela sabia que isso só fora possível porque seu irmão e seu primo conseguiriam um negócio dos deuses. Entretanto, esse negócio estava ameaçado e,

não importava o que fosse preciso fazer, ela não poderia deixar que seus planos e seus sonhos fossem, mais uma vez, frustrados.

Há uma semana, Braxton chegara em casa bêbado e completamente transtornado. Contara a ela o que Kim queria ao marcar a reunião e expôs todo seu medo à esposa. Elise quase enlouqueceu quando ele falou da viagem que teriam de fazer.

Ela morria de ciúmes do marido, não conseguia passar uma noite sequer sem tê-lo ao seu lado e ainda não havia desistido da ideia de dar-lhe um filho. Ela nunca poderia aceitar, de bom grado, que ele ficasse semanas fora de casa, em uma terra desconhecida e onde, todos diziam, os nativos andavam desnudos.

Mas, sabendo da importância da presença de seu marido para a continuação dos negócios, ela aceitou. Não só aceitou como resolveu apoiar, e era por isso que, naquela noite, ela estava oferecendo um jantar.

Ela convidara Kim e Hawkstone, naturalmente, além de algumas pessoas de seu círculo de amizades. Comemorariam a viagem como se ela fosse apenas para exploração, ou seja, eles iriam conhecer o Brasil que lhes fornecia a "sobremesa" mais saborosa de todos os tempos, o café.

Braxton apareceu na porta de comunicação de seus quartos, já vestido e com um sorriso de apreciação nos lábios. Elise se animou ao ver a admiração nos olhos do marido, afinal tudo o que fazia era para ele.

— Você está linda, Vespa! — Ele a beijou na testa. — Espero poder ter o privilégio de despi-la deste vestido maravilhoso esta noite... — Piscou.

— Você é um homem morto se não o fizer!

Ele riu.

— Não me tente, senão os convidados vão ter de esperar pelos anfitriões.

Ela deu-lhe um tapinha no ombro, e ele a beijou profundamente.

— Você me enlouquece... — ele disse.

— Só espero não enlouquecer Hawkstone — replicou preocupada. — Você me avisou que não seria boa ideia, mas...

— Elise! — Braxton arregalou os olhos. — Você não o fez!

Ela sorriu diabólica. Estava cansada de ver seu irmão passando de uma amante a outra, pensando que ninguém sabia o quanto ele era sozinho.

Ela se importava com ele e sabia que nunca se interessara por outra além de Lady Muir. Por que não? Afinal, nada mais poderia ser impedimento para eles.

Ela só esperava duas coisas esta noite: estar viva até o final do jantar e que os dois se acertassem.

Ele iria matar Elise.

Hawk olhava para sua irmã como se ela fosse uma verdadeira medusa. Como a atrevida ousara convidar Lady Muir para seu jantar? E como a Condessa fora capaz de aceitar, afinal, ela estava de luto!

Mas lá estava ela. Ainda mais bonita do que ele se lembrava, mais madura, mais confiante, vestida de negro, estonteante. Perfeita, essa era a palavra que descrevia Gwen.

Ela conversava com Lady Philmam e sua filha, Lady Ariane. Parecia tão calma, tão elegante, rindo com discrição das coisas que a velha dama lhe contava e compartilhando olhares cúmplices com Lady Ariane, que era quem acompanhava a mãe em eventos sociais.

Elise se aproximou do grupo e apresentou Kim para as damas. Logo depois da apresentação, Gwen olhou para Hawk, e os dois se encararam por uns instantes.

— Juro que a proibi de convidá-la — Braxton falou, oferecendo-lhe uma taça de champanhe. — Mas você conhece sua irmã...

Hawk riu. Ele a conhecia muito bem, não só a abusada Elise, como também a seu cunhado, e sabia que ele faria tudo o que a esposa pedisse.

— Eu disse a ela que você iria querer matá-la por isso, mas acho que, por fim, foi uma boa ideia. Vocês dois ficam nesse jogo de tentar olhar um para o outro disfarçadamente, mas sem conseguir, lamento informar.

— Ela está ainda mais bonita — Hawk finalmente admitiu.

— E viúva — ressaltou Braxton ao beber o champanhe. — Uma viúva com posses, que não depende da caridade do enteado nem do pai, o que é muito bom.

— Parece que Elise fez sua pesquisa direito.

— Nós fizemos. — Riu orgulhoso. — Talvez, ela ainda seja a mulher perfeita para ser a Condessa de Hawkstone.

Hawk não respondeu. Ele não tinha dúvidas de que ela preenchia todos os requisitos, mas ele havia mudado muito e não sabia se ainda existia espaço para ela em sua vida.

Talvez seu orgulho gritasse por fazê-la ser dele. Como amante,

talvez, afinal ela era uma viúva, mas tê-la furtivamente não traria nenhum benefício a ele. Não, se fosse para tê-la, ele queria que todos soubessem que ela era dele, que ele conseguira.

Foi naquele momento que Hawk soube que Lady Gwen era a peça que faltava para esfregar seus êxitos na cara de toda a alta sociedade londrina. E ele a teria.

8

A viagem

BRASIL, AGOSTO DE 1856

Hawkstone tinha ouvido muitas histórias sobre o Brasil, mas não imaginava que todas elas fossem verdadeiras, uma vez que a maioria de seus contadores nunca estivera naquela terra. Os livros que descreviam o país, geralmente, falavam de sua floresta, dos nativos ou faziam uma pequena descrição da Corte.

Ele sabia que a maioria dos livros de viagens existentes era pobre em detalhes, normalmente, passava a impressão de quem esteve no local, não somente detalhes e fatos. Como ele sabia disso? Ele era um homem que sempre gostara de viajar.

Quando criança, fora levado algumas vezes ao continente, para a França ou para a Itália. Depois, quando pôde sair de seu país e explorar novos lugares, ferrou-se àquilo como se fosse sua vida. E amara cada segundo das experiências que tivera.

Ele nunca gostara de ser um mero espectador da cultura do local que visitava, Hawkstone gostava de viver aquela cultura. Durante os meses em que estivera viajando, esqueceu-se de que era filho de

um Conde, que sua família possuía sangue antigo pulsando nas veias e que havia uma enorme expectativa de como ele deveria comportar-se.

Nos lugares em que esteve, ele era apenas um homem comum, desfrutando das peculiaridades locais e divertindo-se. Conheceu pessoas, ricas e pobres, trabalhou para ganhar algum dinheiro — não que precisasse, mas porque era divertido — e viveu experiências que nunca poderia ter tido se soubessem que ele era um nobre.

Por vezes, Braxton o chamara de louco, mas ele, pela primeira vez em sua vida, sentia-se livre. Ele era o dono de seu destino. Podia caçar na África, montar em um elefante na Índia, conhecer um sultanato no Oriente, escavar pirâmides no Egito, mergulhar no Mar Morto e no Mediterrâneo, assistir às touradas na Espanha, tomar muito vinho do Porto e dançar um fado em Portugal. Hawkstone teve todas essas experiências e desfrutou de todas elas como se fossem as últimas. Tudo o que ele sentiu naqueles momentos poderia ser resumido em uma só palavra: liberdade.

Era essa mesma liberdade que estava sentindo ao desembarcar na Corte do Rio de Janeiro, em um dia quente e ensolarado, vendo o porto apinhado de pessoas que transitavam, trabalhavam, vendiam e compravam.

Ele respirou o ar salgado vindo do mar e sentiu o cheiro das misturas de coisas que estavam ao seu redor. Ali, ele via uma diversidade tão grande de pessoas que era como se estivesse em um lugar que reunisse pequenas partes de toda a população do mundo. Eram tantas cores, tantos modos e, principalmente, tantas vozes.

O movimento do local era intenso, via-se trapiches apinhados ao

longo de toda a orla, com veleiros atracados e muitos outros navios menores a descarregar produtos. Hawkstone olhou para Braxton, que, como ele, admirava a beleza conturbada à sua volta.

A paisagem além da costa era exuberante. Morros com matas sem fim, igrejas no topo de colinas e um maciço impressionante que parecia reinar sobre aquele lugar. Tudo era vivo, poético e muito belo.

Kim estava despachando com homens do império, funcionários alfandegários que trabalhavam a bordo, visto que o porto não tinha condições de suportar o atracamento de um navio do porte do Lusitana. O compartimento de cargas do navio estava repleto de produtos britânicos, como tecidos, móveis e aço.

A viagem até ali fora tranquila, em um mar manso e sem muitos percalços. Tiveram uma ou duas tempestades, mas nada que o grande navio a vapor não suportasse. Levaram, exatamente, quatro semanas para chegar ao Rio de Janeiro, mas ainda tinham muitos caminhos à frente.

Depois que todos os documentos foram conferidos e os tributos devidos finalmente pagos, a carga começou a ser despachada para um entreposto alugado pela Companhia D'Ávila. Kim acompanhou todo o processo, junto com seu imediato e marujos, assim como estivadores brasileiros que ele contratara.

Depois que tudo estava devidamente encaminhado, ele foi até o camarote onde estavam Hawk e Braxton e comunicou que uma embarcação esperava para levá-los à terra.

— Isso aqui é insuportavelmente quente, e Kim nos disse que era inverno! — queixou-se Braxton. — Acho que nem nosso verão é tão quente!

Hawkstone riu e deu tapas de consolo no ombro do amigo, embora também estivesse suando. Definitivamente, concluiu ele, suas roupas eram inapropriadas àquele clima, precisaria encontrar peças mais leves, porém, sem a ajuda de Tyler, que não o acompanhou na viagem.

Na verdade, o criado insistiu e bateu o pé para segui-lo, mas havia tanto que Hawk não tinha a liberdade de vestir-se como quisesse que determinou que seu criado ficasse em Londres. Além do mais, trazer Tyler consigo só lhe causaria dor de cabeça, visto o quão resmungão era seu empregado.

Foi um verdadeiro alívio saber que nem Braxton, muito menos Kim pensaram em levar seus criados consigo. E isso fez daquela viagem ainda mais empolgante, pois ali estavam eles, apenas três amigos, três homens comuns que compartilhavam uma aventura.

E aquela, talvez, fosse a última que faria solteiro. Sim, porque logo depois do jantar e da armadilha de Lady Braxton, Hawk e Gwendoline começaram a se encontrar.

No começo, ele ainda estava reticente sobre aquela reaproximação, sem saber bem o que esperava, o que poderia ocorrer. Mas, depois do primeiro encontro na casa da própria Condessa viúva, ele percebeu que ainda sentia algo por ela que não sabia o que era, mas que estava disposto a descobrir.

Gwendoline continuava como há três anos, graciosa e elegante, porém, depois de seu casamento, já não era a ingênua e recatada debutante que ele conhecera, e isso acrescentou algo a mais na relação dos dois.

Começaram a frequentar eventos em casa de amigos em comum, a se encontrar em restaurantes e confeitarias, a fazer passeios no

Hyde Park e a tomar sorvete no Gunter’s.

Na maioria das vezes, estavam na companhia de amigos, como sua irmã e seu cunhado, Lorde e Lady Pearl, que eram parceiros em muitos investimentos de Hawk, e alguns amigos de Gwendoline que ele passara a conhecer.

Os dois estavam vivendo um outro tipo de relacionamento, diferente do noivado formal anterior. Eles podiam conversar sem restrições, contar, um para o outro, o que pensavam e, principalmente, podiam dar vasão aos desejos carnais.

Eles começaram com beijos e abraços e acabaram na cama. Hawkstone não estivera muito impressionado com a desenvoltura da Lady nos “jogos de lençol”, mas sabia que ela havia se casado com um idoso e que, mais tarde, poderia aprender com ele.

Transpassado esse ponto na vida deles, o Lorde decidiu que era hora de desfazer o acordo que o ligava à sua atual amante. Imaginara que ela havia se apegado a ele e tivera com razão, pois não fora nada fácil fazê-la compreender que eles não se veriam mais.

Entretanto, muitas lágrimas e uma boa soma de dinheiro depois, ele conseguira despedir-se da linda moça sem nenhum embaraço. Sabia que sentiria falta dela, afinal ela era uma exímia entendedora da arte de seduzir, mas entendera que, como há três anos, Gwendoline Rochester Sharpe era a escolha certa para ser sua Condessa.

— Vamos direto para o hotel — informou Kim. — Amanhã iremos até a casa de Pedro Silveira.

— Ele mora na Corte? — Braxton questionou, enquanto tentava afrouxar sua gravata.

— Mora — respondeu Kim, desviando de um mercador de escravos que passava.

Hawkstone parou ao ver a cena que se desenrolava diante dele. É claro que sabia que grande parte da mão de obra no Brasil era composta por pessoas em situação de escravidão, além disso, já visitara países onde havia a mesma prática, mas ver acontecer era diferente de saber que acontecia.

Acorrentados em fila, caminhando de cabeça baixa, seguiam seu “dono”. Ele sentiu Braxton ao seu lado e olhou para o amigo que estava vermelho e nervoso.

— Nunca, nunca diga à sua irmã que você viu isso — comentou sem tirar os olhos da cena. — Ela nos mataria se soubesse que o nosso café é colhido por escravos. — Fechou os olhos. — E há crianças... Bom Deus, se ela souber...

— Vocês vêm? — Kim chamou e voltou a seguir seu caminho. Hawk e Braxton seguiram o amigo, mas um pesado silêncio se estabeleceu entre eles. — Sabe, não é bom ficar encarando. Mercadores de escravos são sujeitos extremamente rudes e inconstantes.

Eles assentiram.

— Eu pensei que já tivesse sido proibida a entrada de escravos no Brasil — Hawk comentou.

— Não é possível mais entrar com escravos vindos da África, isso já há alguns anos, mas o comércio interno ainda sobrevive — Kim explicou. — Eu sei que não é algo que vocês estejam acostumados e não vou pedir para que se acostumem, mas apenas não transpareçam tanto espanto — expirou, ruidosamente. — Também não gosto disso, mas aqui as coisas são assim. A

economia gira em torno da escravidão desde quando o Brasil era colônia de Portugal.

— Só não deixe que ela descubra... — Braxton repetia ao pensar em Elise e em todo o estardalhaço que sua esposa causava na sociedade ao pedir melhores condições para os trabalhadores e a proibição do trabalho infantil.

Stephen foi obrigado a concordar com o cunhado, mesmo achando o medo que o amigo sentia da esposa algo divertido. Braxton poderia ter conseguido colocar freios em Elise, entretanto, fora totalmente domado por ela.

O hotel não tinha o mesmo nível dos de Londres, ainda assim, fora uma grata surpresa para Hawk. Era limpo, amplo e muito bem mobiliado, embora ele reconhecesse a maioria da mobília dali: todas europeias.

Seu quarto possuía janelas amplas e cortinas bordadas que combinavam com o estofado da cadeira e com a colcha em cima da cama. O colchão era macio e os lençóis eram cheirosos. No toucador, havia água fresca na ânfora de louça que fazia par com uma bacia do mesmo material.

Fora um verdadeiro alívio encontrar tal local, visto que as condições das ruas e das casas deixaram os dois ingleses um tanto impressionados. A rua fedia, não tinha calçamento, podia ver os escravizados carregando baldes de dejeto nas costas para serem jogados no mar, o cheiro era bem parecido com o do Tâmisa,

insalubre e enojador.

Quando chegaram ao hotel, puderam respirar aliviados com o asseio do local. Hawk caminhou até um espelho de moldura dourada, que estava na parede acima do toucador, e pôde notar o quanto estava barbudo. Não se barbeara a viagem toda, e sua barba estava cheia e o incomodava um pouco.

Ele pegou sua lâmina na mala, mas, antes mesmo de encostá-la na pele, pensou melhor e trocou-a por uma tesoura. Aparou sua barba, deixando-a mais rente, porém ainda visível. Acertou apenas algumas áreas com a lâmina e se deu por satisfeito. Há anos não ficava sem se barbear e a sensação de poder fazê-lo sem se importar com a opinião alheia foi incrivelmente boa.

Hawk sorriu para o espelho e notou que pequenas rugas já se formavam nos cantos de seus olhos, sinal de que o tempo estava passando. Já contava com trinta e um anos, e seus cabelos castanhos também começavam a exibir alguns fios prateados.

Ele passou a mão na cabeça e sentiu que seu cabelo, antes bem aparado, agora, estava virando uma juba. Nunca gostara de usar os cabelos compridos, nem quando estava na moda e, se Tyler estivesse ali com ele, certamente, já estaria com uma tesoura na mão para apará-lo.

Ele verteu água na bacia, lavou o rosto e umedeceu os cabelos. Pegou seu pente de tartaruga e colocou-os no lugar com o auxílio de uma pomada. Olhou-se novamente.

— Deve resolver até que possa encontrar um barbeiro.

Braxton irrompeu em seu quarto sem bater.

— Falando sozinho? — Sentou-se em sua cama. — Até agora está tudo melhor do que eu esperava.

Hawk concordou.

— Sabe, eu fico pensando que vou ficar meio idiota por aqui — Braxton falou.

Hawkstone riu.

— Devido a que esse pensamento?

— Não conheço a língua — disse, desanimado. — E, pelo que percebi na recepção do hotel, poucas pessoas aqui sabem inglês. — Deu de ombros. — Estou em desvantagem, visto que seu primo é português e você conhece algumas palavras.

— Poucas, eu diria. — Hawk ajeitou seu colete. — Não se preocupe, tenho certeza de que Kim nos fará entender tudo o que for necessário. — Pegou o paletó. — Vamos jantar?

— Ah, sim! — Braxton levantou-se. — Estou louco por comida de verdade, não aguentava mais aquela comida de navio.

Pedro Augusto da Silveira não correspondeu em nada às expectativas de Braxton e Hawkstone. Os dois esperavam um homem mais velho, moreno e rígido.

Ele revelou ser exatamente o oposto. Era alto, magro, tinha apenas vinte e oito anos, possuía cabelos castanho-claros e tez muito branca. Mas o que mais surpreendeu os ingleses foi que ele falava, fluentemente, inglês.

— É um alívio poder conversar em inglês — Braxton cochichou com Kim durante o café. — Eu pensei que não conseguiria falar minha língua por aqui.

— Pedro morou muitos anos na Europa — explicou Kim. — Ele fala inglês e espanhol fluentemente. E Antônio ainda fala francês!

Braxton assentiu animado ao saber que o outro irmão, com quem iam de fato negociar, também falava sua língua.

— A fazenda fica muito longe da Corte? — Hawk perguntou a Pedro.

— Infelizmente, sim — ele disse, sorvendo um gole de seu café. — Veja bem, a distância não é muita, mas não temos estradas de ferro como na Europa, teremos que ir em coches e a subida não é muito fácil.

— Subida? — Braxton questionou.

— Sim. A fazenda fica em uma região de serra, um lugar muito bonito e com clima mais ameno que o da Corte.

— Ah, sim, ideal para o cultivo do café — Hawkstone concluiu. — Não seria mais rentável se o transbordo do café fosse feito de trem até o porto?

— Sim, e estamos estudando a implantação de uma linha ferroviária para atender essa demanda. Cada ano que se passa, aumentamos nossas safras e a maior parte de nossa colheita vem para a Corte, seja para consumo interno ou exportação. Utilizamos alguns portos fluviais também, mas a estrada de ferro é o ideal.

— Isso adiantaria, e muito, o trâmite de compra e venda do café — Kim acrescentou.

— Certamente! De julho a junho do ano seguinte, ficamos somente ocupados com colheita, beneficiamento, carregamento e transbordo do café para depois exportarmos. Onze meses inteiros preocupados com isso. Para se ter ideia, a colheita toda foi feita, preparamos as plantas para a nova safra, mas ainda estamos

ocupados tirando os grãos da safra anterior da fazenda. Mal despachamos tudo e já estamos colhendo de novo. — Ele riu. — O trabalho não para!

Hawk percebeu que, embora o país contasse com muitas coisas modernas vindas da Europa, ainda não tinha a infraestrutura de lá. Não havia linhas de ferro para transporte de mercadorias nem para o de passageiros. O que já era algo comum na Inglaterra, aqui ainda parecia uma realidade distante.

— Papai fez questão de recebê-los na Santa Lúcia, nossa maior fazenda, porque estamos bem no meio da colheita, e o café coletado em maio já está no ponto para ser despachado. Tenho certeza de que ele irá querer que vocês acompanhem todo o processo. — Levantou as mãos em sinal de desculpas. — Há quem goste!

— Não é seu caso, por sinal! — Kim riu. — Pedro sempre detestou o interior. Está para fazer carreira na política.

Hawk assentiu, percebendo que o rapaz levava todo o jeito para isso.

— Antes, porém, vou me casar. — Kim arregalou os olhos. — Sim, querido amigo, a mosca do casamento me picou — gargalhou. — Mas ela é uma dama que merece que eu seja feito um homem decente.

Os três continuaram conversando e o café transformou-se em aperitivo, e, ao findar da noite, três homens bêbados foram levados de coche até o hotel na área central da cidade.

9

Santa Lúcia

O trajeto até a fazenda Santa Lúcia foi, como antecipado por Pedro, demorado e cansativo. A estrada não era boa, havia muita subida e a carruagem em que viajavam estava pesada e lenta.

Hawk lembrara das longas viagens que fizera com a família para visitar os avós maternos em Northumberland, na fronteira com a Escócia, antes da construção das linhas férreas na Inglaterra. Eram longos dias viajando dentro do coche e noites passadas em estalagens, às vezes, bem desconfortáveis.

Porém, depois que os trens passaram a fazer essas longas viagens, nunca mais ele fez o caminho de carruagem. Usava o veículo apenas para pequenas distâncias, como para Hawkstone Abbey, que ficava a algumas horas de distância de Londres e não havia nenhuma linha de trem que fosse até lá.

Hawk percebeu o quanto seria mais fácil se fosse investido nesse tipo de transporte, pois o império brasileiro era vasto, com relevo acidentado e estradas precárias.

Ao chegarem a Santa Lúcia, a primeira coisa que ficou evidente para eles era o quanto o Barão apreciava as palmeiras. As plantas

estavam dispostas em fila e traçavam todo o caminho até a casa-grande da fazenda.

O local era bem cuidado, com um belo gramado, um jardim de roseiras e muitas topiarias. No lado esquerdo da construção, havia uma pequena fonte, e, do lado direito, um portão grande, com capacidade para a passagem de carros largos.

A casa era impressionante, possuía dois andares. No andar térreo, era possível ver apenas grandes janelas com venezianas e guilhotinas envidraçadas. A madeira das janelas era pintada de azul, enquanto toda a fachada era do mais puro branco. Bem no centro da construção, havia uma escadaria, com degraus de pedra e guarda-corpos de ferro fundido com desenhos de arabescos.

Uma enorme porta dupla aguardava ao término da escada, majestosa e imponente, com aldravas de bronze nos dois lados. Ao longo do segundo andar, era possível ver também as grandes janelas como as do andar térreo, porém com algumas portas balcão e sacadas. Braxton elogiou a fachada do imóvel a Pedro, o qual explicou que, quando o pai dele chegara ao local, construiu uma pequena choupana para a família; depois, levantou toda a estrutura da fazenda, como senzalas, silos, celeiros, currais, capela, terreiros para a secagem do café e, somente depois da primeira safra vendida, a edificação da casa-grande definitiva começou.

— É impressionante! — Braxton estava completamente encantado com o local.

Quando, por fim, a carruagem entrou no pátio de pedras que havia em frente às escadarias, um mordomo negro, elegantemente vestido, porém descalço, apareceu no topo das escadas. Segundos depois, uma tropa — porque eram realmente muitos — de meninos

e moços desceu a escadaria para auxiliar aos que chegavam.

— Finalmente, chegamos, Tião! — Pedro saudou o mordomo.

— Bem-vindo de volta, "sinhozinho"! — Sorriu, mostrando uma fileira de dentes muito brancos.

Hawk também acompanhou o sorriso, pois imaginou seu próprio mordomo com tão bom humor e informalidade. Nunca, em todos os anos que Otis servira em sua casa, o vira sorrir.

— Esses são os hóspedes de papai. — Virou-se para os três que estavam ao seu lado. — O Senhor Ávila já é conhecido. — Tião o saudou. — E esses são Lorde Braxton e Lorde Hawk, da Inglaterra.

O mordomo realizou uma bem-feita reverência. Ao que parecia, todo o pessoal do serviço fora treinado para a recepção dos Lordes ingleses.

— Acompanhem-me, por favor. — Pedro adentrou a casa.

Logo na entrada, um enorme salão muito bem decorado, com piso de madeira lustrosa e tapetes orientais, ostentava um enorme piano de cauda alemão. Havia algumas poltronas e cadeiras espalhadas por todo o local. Com certeza, aquele era um grandioso salão de baile. Aos fundos do salão, havia outra porta dupla — envidraçada e emoldurada por cortinas de brocado — que dava acesso a uma sacada. As crianças estavam levando toda a bagagem por uma porta na parede direita, a qual se abria para um extenso corredor. Pedro conversou com uma escrava já idosa, vestida com um enorme vestido na cor marrom, aventais branquíssimos e uma espécie de turbante na cabeça.

— Maria acaba de me informar que meu pai teve um imprevisto na fazenda Santa Helena e não conseguirá voltar a tempo de saudá-los. — Deu de ombros. — Por isso, vocês vão ter de se contentar

comigo como anfitrião.

— Estamos satisfeitos, não se preocupe. — Hawk o acalmou.

— A bagagem de vocês está sendo distribuída e uma mucama estará à disposição de cada um para organizar seus itens e atendê-los no que for necessário. — Uma linda mulher, com fartos cabelos presos no alto da cabeça, adentrou segurando uma bandeja com copos e um prato com bolinhos. — Quitéria, coloque naquela mesinha ali e pode deixar que nos servimos. — A moça fez como o senhor lhe indicara.

Braxton estava de boca aberta.

— Não contem a ela... — começou a falar enquanto se dirigia às poltronas próximas à mesa com os refrescos. — Não digam nada...

— Braxton! — Hawk chamou a atenção dele. — Comporte-se!

— Do que vocês estão falando? — perguntou Pedro, achando graça da cara de Lorde Braxton.

— Provavelmente, meu cunhado achou sua criada bonita. — Balançou a cabeça.

Braxton arregalou os olhos e todos riram.

— Quitéria tem realmente uma rara beleza. Chama a atenção por seu porte e seu sorriso, mas lhe digo, o marido dela é enorme como um armário, então, contenha-se — disse, advertindo Lorde Braxton, que levantou as mãos como se não tivesse pensado nada.

Após o lanche, os três foram levados até suas acomodações.

O quarto de Hawk era arejado, decorado basicamente em tons de cinza e azul, com uma enorme cama ao centro, uma mesinha de cabeceira de cada lado, com luminárias, e uma cadeira próxima à janela.

Ao fundo do quarto, um armário de madeira com suas roupas já

nos cabides e seus sapatos e botas ao fundo. Ao lado do guarda-roupas, uma prateleira de madeira apoiava uma bacia com sua ânfora de metal e um espelho jazia na parede.

Hawk estava cansado da viagem, mas muito entusiasmado com tudo o que via. Ainda não conhecia muita coisa da fazenda, somente a casa, mas não via a hora de poder conhecer como funcionava aquele tipo de agricultura.

Uma outra moça, com a pele um pouco mais clara que a de Quitéria, entrou em seu quarto e lhe saudou.

— Boa noite! Seu nome? — ele perguntou, falando com seu português limitado.

— Luzia, milorde. — E fez-lhe uma reverência.

— Luzia, *eu querer banho*. — Esperava que ela entendesse, pois ele não sabia formular a frase, só conhecia as palavras.

Ela assentiu e saiu pela mesma porta pela qual entrara.

Alguns minutos se passaram e logo ela voltou, e não sozinha, conseguiu mais três rapazes, um carregando uma espécie de biombo e os outros dois, uma tina. Hawk olhou surpreso para aquele objeto. Vira uma tina daquelas durante sua viagem ao Oriente.

Os rapazes saíram e a moça tirou, de dentro do armário, duas toalhas brancas e um sabonete francês.

Hawk ainda a estava observando colocar as toalhas e o sabão em cima da cadeira, que agora estava ao lado da tina, e abrir o biombo para encobrir os dois objetos.

— Deseja alguma coisa mais? — ela perguntou, sempre olhando para o chão.

Ele não sabia como responder, afinal, como tomaria banho no

seco? Também não conseguia formular a pergunta muito bem, mas tentou.

— Água? — E apontou para a tina, os sinais sempre eram entendidos, em qualquer lugar.

Ela tentou não rir, embora tenha falhado na tentativa.

— Os meninos. — Apontou a porta.

Ele assentiu, e ela saiu do quarto. Em seguida, os rapazes entraram carregando baldes e baldes, até a tina estar cheia pela metade. Entraram rápido e calados, e saíram mais rápido ainda.

Hawk ficou sozinho no quarto.

Tirou suas peças de roupa e dobrou-as, deixando em cima da cama. Aprendeu que, quanto mais ordeiro fosse com suas coisas, menos trabalho tinha para guardá-las na mala ou para achá-las.

Fechou os olhos de prazer quando entrou na água morna. No navio, tomara um banho completo apenas uma vez, visto a dificuldade que era para encher uma banheira e, no hotel, não tivera a chance de usufruir de uma banheira só para si.

Aquela pequena tina — ele se sentia com um adulto em uma banheira de criança — estava lhe parecendo um paraíso.

Pela manhã, Hawk foi levado por Luzia a um cômodo cheio de janelas e com uma enorme mesa de madeira. Pedro e Kim já estavam sentados à mesa, onde todo o tipo de comida estava disposto em seu tampo.

Havia muitos tipos de bolos, pães, biscoitos, frutas, sucos, café e

chás. Hawk, que na noite passada tomara um delicioso caldo em seu quarto e, logo após, dormira, sentiu seu estômago reagir ante aquele banquete.

— Bom dia — ele saudou os dois ocupantes da mesa.

— Bom dia, milorde. — Pedro indicou uma cadeira próxima à cabeceira da mesa para que ele se sentasse. — O que deseja para o desjejum?

— Café. Pão — disse em português.

Kim quase engasgou ao rir de sua pronúncia, e Hawk lhe olhou feio.

— Está bom, Hawk — disse, ainda rindo. — Parece uma criança aprendendo a falar, mas já é alguma coisa. Estou com pena de Braxton, que ontem entrou apavorado em meu quarto porque Quitéria estava lá para servi-lo.

Hawk só franziu o cenho.

Braxton, Braxton...

— Ele não sabia o que ela queria e nem sabia como pedir algo a ela. Sugeri que ele ficasse comigo, no meu quarto, assim, ele teria alguém para auxiliá-lo.

— E onde ele está agora?

— Ainda dormindo. — Kim continuou tomando seu café. — Hoje, vamos explorar um pouco a fazenda...

De repente, o primo parou de falar e se levantou da cadeira. Hawk olhou para a porta e viu um homem entrando na sala: alto, um pouco fora do peso e com os cabelos de um negro profundo, já com as têmporas grisalhas.

— Ah, papai, seja bem-vindo! — Pedro foi até o homem e o cumprimentou. — Chegamos ontem pela tarde, aconteceu algum

problema?

— Bom dia a todos — disse o Barão, sem responder ao filho. — Desculpe não estar presente, mas houve um pequeno problema com uma máquina de beneficiamento em minha outra fazenda... — Parou enquanto Kim ia traduzindo tudo para o inglês. — Sou João Augusto da Silveira, Barão de Santa Lúcia — disse, em um inglês tão arrastado quanto o português de Hawk.

Hawk se pôs de pé para cumprimentá-lo informalmente, mas, antes que conseguisse abrir a boca, seu primo se adiantou.

— Barão, apresento-lhe meu primo, Lorde Stephen Moncrief, Conde de Hawkstone.

O Barão estendeu as mãos para Hawk, e ele se sentiu aliviado por não ter mais uma reverência florida.

— É um prazer, milorde — disse Hawk em português.

Ele gargalhou muito alto, fazendo com que sua proeminente barriga balançasse sob o colete.

— Ninguém me trata por milorde, *milorde* — disse, olhando para Kim como se aquilo fosse uma grande piada. — Chame-me apenas de Silveira, como todos os demais o fazem.

Hawk abriu um grande sorriso, já gostando do humor de seu anfitrião.

— Nesse caso, chame-me apenas Hawk.

— Falcão? — Ele olhou para Kim, sem graça.

— Não, Silveira. Hawk é um diminutivo do título que os amigos usam.

O Barão exclamou um altíssimo “ah!” e pareceu gostar de já ser considerado amigo de um Lorde britânico.

— Continuem o café, não devemos deixar que esfrie e estrague,

afinal, cada grãozinho dessa coisa vale ouro!

Sentou-se gargalhando.

— Estávamos conversando sobre explorar a propriedade. Lorde Hawk deseja conhecer o funcionamento da fazenda.

— Oh, claro. Creio que na Inglaterra não se tem nada parecido com o que temos aqui — e arriscou falar em inglês. — Os ingleses gostam mesmo é de suas máquinas, mas nós, aqui, amamos a terra!

Hawk sorriu educadamente, embora não concordasse em absoluto com o que dissera o Barão, porque, embora a Inglaterra fosse extremamente industrializada, as famílias mais nobres ainda conservavam suas terras, mantinham a agricultura e tinham orgulho de suas propriedades.

10

Olhos de leoa

— Amanhã à tarde vamos até a fazenda Santa Helena para uma festa — disse Pedro a Hawk, enquanto cavalgavam. — Eu esqueci de avisar antes, porque estivemos tão ocupados conhecendo tudo por aqui que nem me lembrei de diversão.

— A que se deve a comemoração?

— É dia da padroeira que deu nome à fazenda. Aproveitamos esse dia para comemorar, pedir e agradecer pela colheita — explicou Pedro, animado. — É uma festa que começa ao entardecer e só termina ao alvorecer. Papai dá o dia livre para os escravos e todos participam da festa.

Hawk assentiu animado ante a perspectiva de diversão.

Ele estava na fazenda há duas semanas e, durante esse período, passou todas as horas do dia conhecendo a fazenda e todo o processo da produção do café.

Ele ficara impressionado com a estrutura existente naquele lugar, não só na área de plantação, que era geralmente nos morros no entorno da sede, mas do modo prático que a fazenda funcionava.

Na Inglaterra, geralmente, um senhor de terras não fazia nenhum

cultivo em sua propriedade. Ele a dividia em pequenas frações e estabelecia arrendamentos para cada uma delas. São seus arrendatários que plantam e colhem e, ao final, pagam o arrendamento com parte dos lucros de sua safra.

No Brasil, não. Hawkstone sentia que ali, embora fosse uma atividade agrícola, funcionava como uma indústria, pois era um só dono tomando conta de tudo e cada parte do processo tinha um fluxo complexo, como em uma produção.

O cafezal era perene, ou seja, o plantio era feito uma só vez, e a planta, depois de alguns anos, atingia sua produtividade plena. As novas plantações, feitas para substituir as mais velhas ou expandir a produção, eram feitas após a derrubada de mata virgem em algum outro morro.

Os escravizados faziam a colheita manualmente, usando alguns instrumentos específicos, e levavam as frutas, vermelhas como cerejas, para serem lavadas e, após, para o terreiro de secagem. Lá, outros escravizados eram responsáveis por espalharem as frutas, remexer de tempos em tempos, juntar e cobrir à noite.

Depois de seco — processo que demorava aproximadamente trinta dias —, o café era enviado para as tulhas, construções parecidas com celeiros, porém suspensas e com caimento para dentro da estrutura seguinte, e para os galpões de beneficiamento, onde eram descascados pelos engenhos de pilões, limpos, escolhidos e, por fim, ensacados.

Hawk, Kim e Braxton acompanharam cada etapa do processo, ainda muito rudimentar, e opinaram sobre a substituição dos equipamentos simples por máquinas a vapor.

Os dois homens chegaram ao topo de uma colina que tinha vista

para o quadrilátero formado pelas construções da fazenda. De lá, Hawk avistou alguns escravos remexendo o café no terreiro enquanto a senzala — construção retangular que ficava ao longo do terreiro — estava com todas as janelas abertas, aproveitando o sol e a ventilação para arejar as pequenas “baias”.

Ao longe, podia-se ver ainda escravas trabalhando na horta, no galinheiro e em outras plantações que abasteciam a fazenda com alimentos frescos.

Um pouco mais próximo de onde eles estavam, ficavam os currais e as baias dos cavalos.

Duas semanas ali e Hawk se sentia em casa. Em Santa Lucia, ele era apenas um homem; importante, mas um homem que podia rir das piadas desavergonhadas do Barão e beber aguardente à noite com os outros. Seu português melhorara tanto naqueles dias, que, às vezes, ele se esquecia de que era inglês. Até mesmo Braxton já arriscava algumas palavras.

Ao pensar em Braxton, Hawk balançou a cabeça.

— Você acha que Braxton estará em condições de nos acompanhar?

— Acho que não é aconselhável. — Riu. — Maria tem se esforçado com os remédios de mato, mas nada parece surtir efeito. Ele melhora e depois tem mais uma recaída.

Há quatro dias, Braxton se empanturrou de um cozido, feito de feijão com partes salgadas de porco, e aguardente, o que lhe resultou dor de cabeça, vômito e diarreia.

O Barão ficou tão assustado que mandara buscar o médico mais próximo, na cidade de Entre Rios, que o consultou e descartou a ideia do cólera, doença que Braxton jurava que o levaria à óbito em

terra estrangeira, longe de sua esposa.

Assim, fora de combate, o Visconde passava os dias em seu quarto, saindo quando se sentia melhor, mas retornando à latrina sempre que comia alguma coisa mais pesada. O doutor insistira em uma dieta leve, de pão sem fermento com chás digestivos, mas o teimoso Braxton insistia em comer a deliciosa comida preparada por Maria.

— Não posso correr o risco de algo mais sério ocorrer a ele. Elise seria capaz de mandar prender-me na Torre de Londres caso eu volte sem o marido ou com ele avariado.

Pedro riu.

— Sua irmã põe medo em todos os homens de sua família? — Riu da cara de desamparo de Hawkstone. — A minha não é muito diferente, não desanime.

Hawkstone o encarou.

— Não sabia que você tinha uma irmã!

— Ah, sim, tenho — gemeu. — Você acha que meu pai teve a sorte de só procriar filhos varões ajuizados? O Barão Silveira descreve sua filha mais nova da seguinte forma: — Limpou a garganta para imitar a voz do pai, como sempre fazia. — “Pense em todos os moleques travessos do mundo, agora acrescente uma inteligência anormal, coragem e teimosia: eis a minha filha!”

Hawkstone pensou em suas irmãs. A filha mais nova do Barão era como se fosse a mistura das personalidades de Elise e Lily. Deus! Como eles conseguiam lidar com ela?

— Ela era tão endiabrada que meu pai tinha medo de que ela crescesse e quisesse tomar a fazenda dele. Sim, pode acreditar, a menininha andava por aí mandando e desmandando nas coisas,

trepando em árvores, participando das cerimônias dos escravos e montando como homem, vestindo minhas calças de rapazola.

— E como o Barão resolveu? Casou-a?

— Não! — Pedro gargalhou. — A menina tinha a fineza de um jumento para as coisas de mulher. E, além disso, era muito nova para casar. Papai mandou-a para uma escola de moças.

— Ah, sim!

Hawk já ouvira falar nas escolas para senhoritas, embora nenhuma de suas irmãs as tivessem frequentado. As filhas do Conde de Hawkstone estudaram em casa, com preceptoras, enquanto ele fora mandado para Eton ao atingir a idade certa.

A fazenda Santa Helena era menor do que Santa Lúcia. Eram bem próximas uma da outra, com só o enorme Rio Paraíba do Sul a separá-las. A casa-grande era onde morava o filho mais velho do Barão Silveira, Augusto, e sua esposa, Amélia.

O casal recebeu Hawkstone com deferência e educação, mas, com Kim, trocaram abraços e palavras carinhosas de saudade. Hawkstone sempre soube da relação de amizade entre os Silveira e Kim. Seu primo fora, praticamente, uma família para Antônio e Pedro quando ambos estavam na Universidade de Coimbra, em Portugal.

A amizade com o mais velho veio depois, quando Kim veio conhecer a fazenda da família de seus amigos. O jovem casal possuía um filho de quatro anos, João Augusto da Silveira Neto, e

Amélia estava esperando o segundo para dali a quatro meses.

A moça, morena e pequena, estava ligeiramente roliça, porém resplandecente de felicidade. O pequeno Netinho, como era chamado o filho do casal, não ficava retido na ala de crianças — que Hawk nem sabia se existia —, mas participava, junto à família, de todos os acontecimentos da casa, inclusive da festa daquele dia.

Ele ficou admirado com o cuidado e a dedicação que a senhora Silveira dispensava ao filho. Brincava com ele, cantava e ela mesma lhe dera banho e o arrumara para a festa. Nunca, em toda a sua vida, vira sua própria mãe fazendo algo parecido.

— Você já está pronto? — Kim disse ao entrar no quarto onde o Conde estava hospedado. — Fiquei sabendo que várias outras famílias virão hoje, principalmente, para conhecerem ao nobre inglês hospedado com o Barão de Santa Lucia.

— Pela primeira vez, não sei o que vestir. — Olhou para Kim, que, embora estivesse elegante com sua calça cor marfim, camisa branca e um casaco marrom, estava informal. — Não quero parecer muito diferente dos demais.

Kim riu.

— Você, caro Hawkstone, já é diferente por si só! — Ele foi até a bagagem do primo. — Você vai decepcionar os visitantes se não aparecer de fraque e cartola.

— Nunca! — Ele riu. — Nem trouxe essa vestimenta, não estou em Londres, afinal. Queria me vestir como um brasileiro.

— Bem, isso é bem difícil, porque nem brasileiro se veste como brasileiro, estão todos vestindo a última moda da Europa!

Hawk bufou e pegou um terno simples, de cor escura.

Ao entrar no salão, percebeu que seu primo estava certo sobre o

que falara das roupas dos nobres brasileiros. No salão pequeno e apinhado da Santa Helena, ele se sentiu como se estivesse em Londres. Todos vestidos com muita formalidade, mulheres ricamente enfeitadas e nenhuma criança à vista, nem mesmo o pequeno Netinho.

Ele fora apresentado a mais dois Barões e muitos fidalgos. Conhecera as filhas solteiras, e algumas mães tiveram a coragem de lhe perguntar seu estado civil.

— Sou comprometido — dizia com um sorriso e sem entrar em detalhes.

A verdade era que ele mesmo ainda não tinha acertado essa condição, pois, com a viagem e a preocupação de deixar todos os seus negócios protegidos, ele não tivera a chance de conversar com Gwen nem com sua família e, muito menos, anunciar o relacionamento dos dois.

Mas, depois do que houvera entre eles, era uma questão de honra já manter em mente que ele era um homem comprometido. Afinal, Gwen fora sua escolha no passado por uma série de motivos e ainda continuava sendo sua escolha pelos mesmos motivos de antes, só que com um gostinho de satisfação a mais.

Adoraria dar a notícia de seu casamento aos pais dela. E, desta vez, não teria um longo noivado, seria rápido, pediria uma licença especial ao Arcebispo de Canterbury e anunciaria o compromisso às vésperas do casamento.

O movimento no salão cessou de repente, e as pessoas começaram a sair. Ele consultou seu relógio e viu que eram seis horas da noite.

— Você vai? — Kim lhe perguntou, já saindo.

— Onde?

— À missa! — Ele apontou uma capelinha a alguns metros dali. No mesmo instante, Hawk ouviu o badalar de sinos. — Sei que você é anglicano, por isso, já expliquei...

— Sem problemas de minha parte, eu vou, sim.

Kim o esperou para irem juntos.

A missa católica não era muito diferente da anglicana. Hawk conseguiu acompanhar toda a cerimônia, visto que era fluente em latim, e todo o serviço foi realizado nessa língua.

Ele olhou para a área da igreja reservada aos escravos e se surpreendeu ao perceber que muitos deles recitavam as rezas na antiga língua. Hawk tentava compreender se eles tinham noção do que falavam, se estavam ali por vontade própria, mas sempre lhe diziam que o que vale é a intenção do coração, independentemente de em que se acredita.

Após a celebração religiosa, a música tomou conta da fazenda. Dentro do salão, um quarteto de cordas tocava melodias europeias de maestros consagrados. Contudo, do lado de fora, nos terreiros e nas senzalas, o som era mais vibrante, e o canto dos escravos, mais bonito. Hawk quis descobrir como era aquilo.

— Não podemos ir para fora? — perguntou a Kim.

— Mais tarde — Kim respondeu, fumando um cigarro de palha produzido na própria Santa Helena. Hawk gostava de charuto, mas não aprovou esses cigarros. — Pedro disse que mais tarde nos juntaremos ao pessoal lá fora. Lá não tem só escravos, mas também os moradores da vila e os empregados livres das fazendas.

Hawk assentiu ansioso para que "mais tarde" chegasse logo. Enquanto isso, tinha que conversar com a nobreza local e dançar

com suas filhas.

— Agora, vamos — anunciou Pedro a Kim e Hawk.

Imediatamente, o inglês sorriu, animado.

Saíram os três pelos fundos da sede, que era a entrada para o terreiro principal. A animação estava a toda e, apesar do avançado da hora, as pessoas ainda dançavam e cantavam.

Nem bem chegaram perto do alvoroço e alguém entregou uma garrafa de aguardente e três copos para Pedro, que distribuiu a bebida entre eles. Logo depois, uma moça simplesmente puxou Pedro pelo braço, sumindo na multidão.

A moça era incrivelmente linda, com a pele um pouco mais clara que a dos outros e cabelos negros, cheios e crespos, soltos, caindo até a cintura. Estava vestida de uma forma muito simples, com muita pele à mostra para os padrões, mas ninguém parecia importar-se com isso.

— Escrava? — Hawk perguntou a Kim, apontando a moça que arrastava Pedro para o meio da algazarra.

— Sim — suspirou, olhando na direção em que a escrava e seu amigo foram. — Marieta é maravilhosa. Dizem que é filha de um nobre amigo de Silveira, quem sabe? — Deu de ombros.

Hawk ficou estupefato. Filhas bastardas de nobres com escravas ainda continuavam na escravidão? Como podia?

— Isso é comum? Quer dizer, ela é bastarda de um nobre, mas ainda é...

— Escrava? Sim, infelizmente. Na verdade, algumas delas ficam com a própria família do nobre, mas outras são afastadas da fazenda ainda muito pequenas. Principalmente se for um incômodo para a esposa. Dizem que é esse o caso de Marieta. — Ele chegou mais perto de Hawk. — Na época, pelo que Pedro me contou, Silveira fez uma troca, mandou sua própria filha bastarda para a tal fazenda e recebeu a escrava preferida do Barão de Rubi, uma mina[1] de beleza extraordinária, já grávida de Marieta.

— O Barão Silveira?

— Sim, mas ninguém nunca soube se isso é realmente verdade. — Ele acenou para uma moça negra que dançava, e ela concordou com a cabeça. — Consegue se virar sozinho?

Hawk riu.

— Pode ir, meu português está melhor, mas, se precisar — fez uns gestos —, faço alguns sinais!

Ele viu Kim afastar-se com a moça e começou a andar no meio da multidão de escravos e pessoas livres do povoado. Sentia-se um peixe fora d’água com aquele terno, por isso, tirou a gravata e jogou-a em algum canto. Seu paletó ele ofereceu a um rapazola que estava com uma camisa sem mangas.

Sentiu-se melhor e começou a imitar alguns movimentos da dança das moças, causando verdadeira comoção, pois elas riam a cada movimento dele. Em alguns momentos, ele parou para admirar como elas se moviam, nunca assistira a nada igual, era lindo, sensual e quase espiritual, pois todo o corpo das dançarinas parecia cultuar à vida. Ficou tão impactado com a dança das moças que, naquele momento, esquecera que era um Conde inglês, rico e nascido com uma colher de ouro na boca.

Recebeu mais bebida de alguém e começou a sentir muito calor. Tirou o colete, as abotoaduras e enrolou a manga da camisa até os cotovelos. Nem sabia como, mas se via participando de um círculo, a maioria composta por homens que batiam palmas para as mulheres que dançavam, rodopiavam e agitavam suas saias. O som do tambor era empolgante, agitava seu coração ao mesmo ritmo, fazendo-o sentir-se diferente, conectado, ou talvez fosse efeito da aguardente que nunca cessava em seu copo.

Uma mulher mais ousada o agarrou pelas costas e o levou ao centro da roda, mexendo-se ao ritmo da dança. No começo, Hawk achou divertido e seguiu dançando enquanto a moça o mantinha cativo, mas, depois, começou a incomodar-se, porque a mulher grudara nele como uma sanguessuga e já estava até impedindo-lhe os movimentos.

Ele tentou livrar-se dela educadamente, mas não teve êxito, então começou a ser mais enérgico, tentando tirar os braços dela de seu peito, mas ela parecia colada nele. Os outros homens riam ao vê-lo naquela situação, mas não faziam nada para ajudá-lo.

Foi então que ele viu uma moça olhando a cena e rindo muito. Ele parou de se debater e fez um gesto para ela, que o olhou desafiante, deu de ombros e continuou a rir.

Hawkstone continuou lutando contra aquela mulher polvo, sem conseguir uma trégua. Ele não queria machucá-la, nem fisicamente, nem sentimentalmente, mas não havia outro jeito...

— Ei, você está aí! — O Conde virou-se para a voz que gritava com ele. — Cassilda, você pode soltar minha companhia, por favor?

Era a abusada que lhe negara ajuda anteriormente.

Ela era de estatura mediana, mas estava com as mãos na cintura e com a cara de poucos amigos para a outra mulher.

Aquele “carrapato” o soltou, o que, por si só, foi um alívio, mas, em seguida, a outra mulher lhe tomou a mão e saiu arrastando-o para longe. Eles andaram rápido até bem distante dos olhos de Cassilda e, quando pararam, sua salvadora não conseguia parar de rir.

Foi aí que Hawk olhou de verdade para ela!

Estavam a alguns passos de uma construção e uma tocha iluminava o local. Enquanto ela ria da situação dele, ele pôde fazer uma análise geral dela. Estava vestida com uma saia ampla, vermelha — ou algo próximo disso — e uma blusa larga, que talvez houvesse sido branca, mas que, naquele momento, era mais para a cor da areia. A blusa larga lhe caía pelo lado, deixando o ombro esquerdo à mostra.

Sua cintura era diminuta e contava com um cordão — ou uma corda — para manter apertada a saia. Tinha seios e quadris cheios. A pele era dourada, como se tivesse se bronzeado. O rosto era perfeito, uma boca cheia, um sorriso com dentes brancos e retos, um pequeno nariz. Ele não conseguia ver os olhos dela, pois, ao dar risada, eles se mantinham fechados.

Os cabelos eram encaracolados, compridos, castanhos ou, se não fosse o reflexo do fogo, avermelhados como o pelo de um cavalo alazão.

Uma escrava branca? Provavelmente!, pensou ele.

— Você nunca ia sair daquele abraço! — ela disse ainda rindo. — Mas estava muito engraçado...

— Ha-ha-ha... — ele debochou.

Ela parou de rir e lhe encarou.

Hawk ficou lívido.

Uma vez, há muitos anos, ficara de frente com uma criatura com olhos iguais àqueles. Naquele momento, ele sentira um frio na barriga e seu coração disparara. O sentimento era o mesmo, mas, agora, não por medo.

Olhos dourados!

Uma leoa estava à sua frente, mas em forma de mulher. Uma linda, atrevida e estonteante mulher. Imediatamente, sentiu o desejo fluir por todo o seu corpo, seu membro ficou duro e sua respiração pesada. Ela ainda o olhava, avaliando, ou, quem sabe, a palavra certa fosse "apreciando".

Quando notou o olhar dele, ela desviou o seu.

Hawk encurtou a distância entre eles, segurou o rosto dela entre as mãos e a beijou. Beijou como há muito não beijava uma mulher. Um beijo molhado, profundo, nada de apenas lábios tocando-se. Naquele momento, seu corpo inteiro a beijava, suas línguas roçavam uma na outra, suas salivas misturadas em perfeita harmonia. No começo, talvez pela surpresa, ela não correspondeu, mas, depois, pareceu derreter-se em seus braços. Ele foi correspondido à altura, desafiando, ela o enlouqueceu com sua pequena e doce língua, tocando seu peito inicialmente e, depois, abraçando-o forte.

Hawk sentia o cheiro dela, que era bom e excitante. Sentia a suavidade de sua gloriosa juba afogueada, o calor de sua pele no ombro nu, a maciez de seus seios encostados nele.

Queria-a, precisava provar seu corpo inteiro, sentir seu gosto, saber dos seus segredos. Hawk não resistiu e desceu as mãos pelo

corpo dela, sentindo suas curvas, a forma arredondada e firme de seu traseiro.

Ele gemeu, de frustração, de vontade, enlouquecido com nunca pelo tesão, sua pele reagindo à daquela moça que nunca vira antes, como se os dois se completassem. Apertou-a contra si, fazendo-a sentir sua excitação, deixando claro para ela quais eram suas intenções.

Queria estar dentro dela esta noite, por horas, sem pensar no dia seguinte. Ouvi-la gemer em cada orgasmo que lhe desse, enquanto fodia-a em todos os lugares que lhe permitisse.

Esquecera-se de quem era, esquecera a prudência e todas as coisas que lhe foram ensinadas. Não pensava, não podia pensar, apenas sentia. Ele estava pronto a propor a ela que saíssem dali para um local mais discreto, no entanto, para sua surpresa, ela o empurrou.

— O que...— A moça parecia ofegante e perturbada. — O que foi isso?

— Obrigado — disse com um sorriso encantador, sem entender o que ela quis dizer, mas supondo que tivesse apreciado o beijo.

Ela o olhou desconfiada, mas depois sorriu.

— Você não é daqui, não é?

— Não. — Hawk entendia alguma coisa do que ela dizia, mas não queria falar com ela, queria beijá-la, degustá-la, comê-la inteira... a noite toda.

Ela balançou a cabeça assentindo com um sorriso envergonhado, o que o deixou ainda mais aceso de tesão. Ao longe, o som de uma música animada com muitos toques de tambor se elevou.

— Quero dançar! Vem! — disse animada e o arrastou para perto

da multidão.

Hawkstone não queria ir, queria tê-la só para si, mas a energia daquela jovem era tão contagiante que ele começou a dar risadas antes mesmo de dançar.

Quem seria ela? Estaria disponível? Ele poderia tê-la enquanto estivesse ali? Precisava de todas essas respostas, urgentemente, porque a necessidade era tamanha que chegava a doer.

Ele a viu dançar ali, no meio dos escravos, a noite toda. Dançava lindamente como as outras mulheres, mas, às vezes, sentia que dedicava a dança a ele. Hawk não sabia como dançar, vira os homens apenas seguindo o ritmo com as mãos e assim o fez. Algumas vezes, ela girava e girava e acabavam se tocando acidentalmente, trocavam olhares de desejo e sorrisos secretos.

O dia ia amanhecendo, ele ainda não tinha conseguido nenhuma de suas respostas, e ela não parava de dançar.

Quando, enfim, a música cessou, apareceram o feitor e o capataz para pôr os escravos senzala adentro, ela simplesmente lhe deu um beijo rápido na boca e saiu correndo.

Hawk tencionou ir atrás dela, mas foi impedido por Kim.

— Estive à sua procura a noite toda! — O português notara o olhar do Conde, que observava uma moça correr ao longe, e riu. — Pensei que você estivesse fora de combate, Hawkstone!

Então, ele se lembrou de Lady Gwen, das promessas que fizera a ela e de tudo que planejara para seu futuro. Fechou os olhos tentando concentrar-se, mas estava bêbado, cansado, suado, com um tesão estratosférico e insatisfeito.

— Foda-se, Kim! — Saiu pisando duro.

---

1 Diz-se de quem vem da Costa da Mina, uma região do Golfo da Guiné, na África.

11

Sedução

Hawk não conseguira descansar após a festa e, embora com muita dor de cabeça e ressaca, decidiu voltar a Santa Lúcia e tentar colocar seu juízo no lugar.

Ele estivera bêbado, em um lugar diferente e com um clima de descontração que há muito não sentia, por isso aquele encontro de madrugada lhe parecera tão mágico e o desejo fora tão forte que a mulher não lhe saía da mente.

Tudo fora ilusão e sua realidade não estava, nem nunca poderia estar, naquele lugar. Mais um par de semanas e eles iriam embora daquela terra, ele voltaria a tomar conta de seus negócios, cumpriria seu dever e se casaria com Lady Gwendoline, mostraria a todos quem era Hawkstone, apagando de vez toda e qualquer dúvida que ainda restasse sobre sua capacidade e sua índole.

Tinha que se concentrar nisso, e fora com esse pensamento que ele decidiu voltar o mais rápido possível a outra fazenda.

Dias depois da festa, ele se sentia mais tranquilo, embora ainda pensasse naquela moça, em quem ela poderia ser e se realmente aquilo tudo aconteceu ou foi mera imaginação sua. Ele estava sentado na saleta de estar que ficava do outro lado do salão de festas, próxima ao escritório, à biblioteca e ao oratório. Antônio, filho do meio do Barão, chegara há alguns dias da Corte, e Hawk gostou muito da personalidade do homem que administrava toda a negociação do café na Casa Comissária. Ele trouxera consigo alguns jornais importantes do império e Hawk estava tentando ler.

Ele não entendia muita coisa do que estava escrito, mas, pelo menos, era uma distração bem-vinda, já que Pedro e Braxton estavam jogando cartas e Kim saíra com Antônio rumo a Santa Helena.

O Conde esteve tentado a ir com o primo e o amigo, mas obrigou-se a ficar. Não sabia se a moça era de Santa Helena, mas, como nunca a tinha visto ali, supusera que ela poderia ser escrava por lá. Nesse caso, para o bem de sua libido, era melhor que ele ficasse bem longe da fazenda.

De repente, todos que estavam naquele lugar ouviram um barulho forte de alguém socando madeira, para, logo após, ouvir um xingamento pesado proferido pelo Barão.

Imediatamente, Pedro se desculpou com Braxton e saiu sem terminar a partida rumo ao cômodo ao lado, o escritório do pai.

— O que houve? — perguntou Braxton.

O Visconde já estava melhor e se lamentava, todos os dias, por ter perdido a comemoração da santa. Ele havia emagrecido um pouco, mas sua pele já possuía cor outra vez e seu olhos já não

estavam abatidos.

— Algum problema com o Barão. — Hawk dobrou o jornal, colocando-o em um cesto ao lado da poltrona e se juntou ao cunhado.

Nem bem ele se sentou, ouviram a voz irada do homem.

— ...mandei a carta para felicitá-la por seu aniversário... — Depois o som ficou abafado e, novamente, o barão gritou: — Não me interessa o que eles acharam, eu pago uma fortuna em francos, e eles tinham a obrigação de averiguar... — Pedro falou algo, mas seu tom de voz era bem mais baixo que o do pai, o que impossibilitava ouvi-lo. — Como vou fazer isso? Eu vou matá-la quando puser as mãos nela... Eu... eu... — Ele berrou outro xingamento. — Onde será que ela se meteu?

Braxton estava ansioso pela tradução da conversa, mas o Barão falava tão rápido que Hawkstone apenas entendeu partes isoladas da conversa.

— Parece que alguém sumiu... — Deu de ombros.

— Um escravo fujão? — ele perguntou, temeroso. — Sei que as punições para fuga não são coisas bonitas de se ver.

— Eu não sei, mas também é de extremo mau gosto ficarmos ouvindo a conversa alheia.

Braxton fez um muxoxo e começou a embaralhar as cartas do baralho para uma nova partida, pois, provavelmente, perdera seu parceiro de jogatina para algo mais importante.

— Corta — disse a Hawk.

— Vou até a vila, alguém deseja me fazer companhia? — anunciou Antônio.

Este filho do Barão era o único que, efetivamente, parecia-se com o pai. Era alto, corpulento, cabelos negros e olhos escuros. Era três anos mais velho que Hawk, tinha esposa e um filho a caminho para muito em breve.

A família da esposa era proprietária de uma importante fazenda à beira-mar próxima da Corte e, quando Hawk, Braxton e Kim chegaram, ele estava por lá com a esposa que estava de repouso por causa da gravidez.

— Eu quero ir! — disse Braxton, levantando-se e colocando seu paletó.

— Eu preciso ir à Corte — desculpou-se Kim. — Preciso dar andamento a alguns negócios por lá.

— Eu vou ficar por aqui. Acordei um pouco indisposto hoje.

— Fale com Maria, aquela senhora é uma exímia curandeira. Ela tem remédio para tudo, pensei até em lhe pedir algumas receitas, mas estou com medo da reação dela ser como a de Tyler... — E Braxton lhe mostrou a língua, debochado.

Hawk mandou-o sair e escutou a risada de Antônio enquanto os dois se retiravam. Com certeza, seu cunhado contou a história do criado de Hawk e seu notório mau humor.

— Algum problema sério? — perguntou Kim, parecendo preocupado.

— Não, apenas não consegui dormir direito na noite passada. — Deu de ombros.

— Essa insônia tem a ver com uma certa moça que eu vi sair

correndo em Santa Helena? — Kim perguntou sério, mas seu tom traía sua seriedade.

Hawk bufou, se levantou da cadeira e foi até o piano. Tocou algumas notas, não querendo conversar, mas desistiu ao notar que o instrumento estava levemente desafinado.

— Ela não me sai da cabeça — admitiu, finalmente. — Inferno, isso nunca dura tanto tempo! Já se passaram quase duas semanas da maldita festa, e eu ainda sinto o gosto dela!

— Opa! — Kim levantou a mão, impedindo que ele continuasse. — Vocês foram tão longe a ponto de trocarem beijos?

Hawk assentiu enquanto abaixava a tampa das teclas.

— Uau! Você sabe quem é ela?

— Não — respondeu, desanimado, mas olhou ao primo com esperança. — Você sabe?

— Não a vi direito, apenas um cabelo esvoaçando enquanto ela corria ao longe. Era negra?

— Não. Sua pela tinha um tom dourado, levemente morena.

— Uma escrava branca, talvez? — Ele se aproximou do primo. — Esqueça isso, Hawk. Você não sabe quem é, talvez não esteja disponível ou, pior, seja a filha bastarda de alguém importante.

— Eu já ponderei todas essas coisas, além disso, há Gwen e o caminho que desejo seguir em Londres, mas eu não sei...— Hawk se sentia frustrado. — Eu apenas preciso tirar essa “coisa” de mim. Essa curiosidade, esse desejo. Eu penso que se eu a tiver uma única vez será o suficiente para apagá-la da memória.

— Eu não seguiria por esse caminho. — Sentou-se em uma banqueta próxima ao local onde Hawk estava. — Estou descendo para a Corte, mas já conversei com Antônio e, assim que o Barão

conseguir resolver um problema inesperado que aconteceu, nós iremos conversar sobre a continuação de nossa parceria. Eu disse a ele que, por mais que seja um prazer estar aqui, nós precisamos voltar, afinal temos mais negócios em Londres.

Hawk assentiu.

— Não faça nada para encontrá-la. Creio que, no mais tardar, semana que vem já faremos a viagem de volta a Londres. Se soubéssemos de quem se trata e se ela estivesse disponível, eu o incentivaria a buscá-la, mas...

— É melhor não arriscar — Hawk complementou, desanimado. — Porra! — Ele passou as mãos pelo rosto. — Eu deveria ter ido com Antônio e Braxton, preciso de uma distração.

— Por que você não cavalga um pouco? — Kim sugeriu. — Ao norte da propriedade, para além das plantações de feijão, há um belo riacho e, se você seguir mais ao norte, encontrará uma cachoeira. Não é um local de fácil acesso, mas é ideal para clarear a mente.

— É uma boa ideia. Obrigado. — Um escravo, que fazia as vezes de cocheiro, apareceu na porta e Kim se levantou para ir à Corte. — Boa viagem.

— Não faça nada que eu não faria — aconselhou-o, despedindo-se.

Hawk se trocou, solicitou que fosse preparada uma montaria e saiu a cavalgar pela fazenda. O exercício de controlar o animal o ajudava a espairecer e isso era tudo de que precisava.

Não estava acostumado a ter uma mulher tanto tempo em sua mente. Ele não ficara assim nem mesmo quando perdeu Gwen, pois, naquela época, muita coisa estava em jogo, e ele precisou de

toda a sua concentração no que realmente importava.

Depois disso, sempre que necessitara satisfazer sua luxúria, tomava para si uma amante ou desfrutava dos favores de uma ou outra cortesã.

Ele seguiu pelo caminho indicado por seu primo e encontrou o riacho de águas transparentes e com muita correnteza. Apeou do garanhão e foi caminhando, indo ao contrário do curso d'água.

A mata à sua volta começou a ficar densa e o clima, mais úmido e frio. Ao longe, ele ouviu uma voz cantando. A melodia, simples e bonita, o fez abrir um sorriso, imaginando o descanso preguiçoso logo após uma tarde de muito sexo.

A voz era rouca e baixa, não muito afinada, mas apaixonante. A pessoa que cantava entrou em seu campo de visão, e ele sentiu todo o pelo de seu corpo arrepiar ao reconhecer a feiticeira que lhe tirava o sono todas as noites.

Lá estava ela, com os pés enfiados no lago formado pela queda d'água, cabeça para trás, cabelos balançando e olhos fechados. Definitivamente, ela só podia ser fruto da imaginação dele.

Ao dar mais um passo na direção dela, seu cavalo relinchou e ela olhou assustada em sua direção. Assim que ela o reconheceu, levantou-se apressada, abaixando as saias e pegando o cesto cheio de uma frutinha redonda e escura.

Ele conhecera aquela fruta de casca azeda e polpa doce quando chegara à fazenda e achara uma delícia. Hawk se aproximou e pegou uma fruta.

— Jabuticaba?

Ela assentiu. Ele provou a fruta, estava como se lembrava, doce e suculenta, e olhou para ela com o desejo de fazer o mesmo com

aquela boca avermelhada.

— Eu preciso ir...

Ela tentou passar por ele, mas ele a segurou pelo braço.

— Eu quero você — disse. — Você está livre?

Ela olhou para ele e arregalou os olhos. Nunca imaginara que ouvir isso de um homem assim, tão diretamente. Mas aquele não era um homem qualquer.

Desde que o vira tentando livrar-se do abraço opressor de Cassilda, ela gostou dele. Um homem com um porte físico daquele poderia simplesmente dar um tapa na escrava e livrar-se dela, mas ele não o fez. Tentou desvencilhar-se sem usar a força, sem saber da tenacidade com que ela se agarrava nos outros.

Ela o observou por um tempo, até que ele a encarou. Os olhos dele eram diferentes de tudo o que ela já vira, eram apaixonados, vivos e com cores diferentes.

— Seus olhos... — ela disse, encarando de mais perto.

Ele riu. Esse sempre fora o ponto forte dele com as mulheres, desde que iniciara sua vida de conquistas. Ele nascera com um olho de cada cor e, embora ninguém soubesse explicar esse mistério, sua mãe dizia que o sangue dela e o do marido eram tão nobres que disputaram o local de maior destaque no rosto dele. Os olhos azuis da família dela e os verdes dos Hawkstone.

Quem não estivesse atento nem percebia essa peculiaridade, mas as pessoas que ficavam muito próximas podiam notar a diferença.

— Gosta?

— São lindos!

Ele passou a mão no lado esquerdo do rosto dela e não resistiu quando ela fechou os olhos.

O beijo começou diferente daquela vez, sem pressa, apenas uma boca saboreando a outra, como se nada mais importasse. Ela deixou cair no chão o cesto com as jabuticabas e o abraçou, encostando seus corpos.

Hawkstone agradecia por ela não usar anáguas nem armações sob a saia, pois, daquele modo, não poderia sentir suas curvas, nem explorar sua silhueta como estava fazendo.

Eles pararam o beijo e, sem dizer uma palavra sequer, ficaram abraçados. Ela se encaixava perfeitamente nele, pois conseguia escondê-la toda entre seus braços. Hawk sentia como se seu corpo reconhecesse o dela e parecia que uma descarga de trovão passeava-lhe pelo corpo.

Ele já estava excitado, mas se controlava para não assustar a moça dessa vez, pois, se desse rédea solta ao que estava sentindo, a deitaria ali mesmo, beijaria todo seu corpo, a faria gozar sob sua língua e, em seguida, a foderia como um louco, tamanho era seu desespero.

— Eu me sinto estranha quando você está perto. — Ele não entendeu muito bem o que ela quis dizer com aquilo. — Nós nem nos conhecemos, e eu sinto meu corpo inteiro tremer e queimar quando penso em você.

Um sorriso de satisfação colou-se no rosto dele ao ouvir a declaração de que ela o queria tanto quanto ele. Mesmo sem saber explicar, ela o queria. Hawk a beijou novamente. Aquela energia estranha era recíproca, como ele sempre imaginou. Aprofundou o beijo, brincando com a língua dela, apertando seus seios, querendo sempre mais. Decidido, desceu a boca pelo pescoço esguio, refez o caminho e sugou o lóbulo de sua orelha. Ela gemeu alto e isso fez

com que o corpo inteiro dele vibrasse.

Fez um caminho com a língua até o ombro dela, molhado e quente, marcando-a com sua saliva, sentindo o sabor de sua pele. Abaixou a gola da blusa, expondo cada pedaço do colo dela enquanto a enchia de beijos.

Inferno de tortura! Hawkstone sentia seu pênis pulsar e esticar a frente de sua calça. Ele pegou a mão dela e a levou até seu pau para que ela pudesse ter noção do que estava sentindo, para que ela soubesse o que fazia com ele.

A moça gemeu fortemente e explorou toda a extensão de seu membro, apertando e esfregando, curiosa, sensual, enlouquecedora. Foi a vez de Hawk gemer, fechando os olhos e sentindo a sensação maravilhosa que ela lhe proporcionara com aquela simples exploração.

Hawk abaixou toda a blusa dela, deixando-a embolada na cintura. Sua leoa o encarou com olhos nublados de desejo e uma pose sedutora. Seus seios cheios e empinados, com mamilos escuros completamente duros, esperavam por ele.

Eles não esperaram muito. Com um rosnado de tesão, lambeu cada um deles, sugou-os, mordeu-os. Suas mãos os juntavam para passar a língua no vale entre os dois e, depois, os acariciava. Hawk não aguentava mais, precisava estar dentro dela!

Desceu uma de suas mãos e começou a embolar o tecido fino de sua saia, até que seus dedos roçaram a pele quente e firme de uma coxa. Deslizou-os para o lado e sentiu os cachos úmidos de sua boceta. Ela tremeu quando a tocou, deslizando seus dedos sobre sua entrada, massageando-a, deixando tudo ainda mais molhado e quente.

O cavalo relinchou ao longe, e ela, de repente, se afastou.

— Isso é loucura — disse com o rosto afogueado e a respiração ofegante, recolocando a blusa no lugar. — Eu não posso fazer isso... Eu quero... mas não posso.

Ela fez menção de ir embora, mas ele a abraçou com carinho.

— Tudo bem. — Hawk se controlava para não a agarrar à força. Nunca fora o tipo de homem que fazia isso, mas, naquele momento, ele estava tentado a deitá-la naquela terra e dar tanto prazer a ela, que a danada imploraria para que ele a tomasse por inteira. — Não precisa pressa.

Hawk esperava que tivesse falado de maneira correta. No estado de tesão em que se encontrava, era milagre ainda conseguir lembrar as palavras em português.

— Eu tenho que ir, não posso ficar aqui tanto tempo.

Ele concordou.

— Onde vejo você de novo? — perguntou quase implorando.

Ela sorriu, e ele pensou que ela não fosse dizer nada, mas estava enganado.

— Aqui. — Ela se aproximou e o beijou de leve. — Venha mais cedo!

E foi pelo caminho contrário ao que ele tinha vindo.

Hawkstone respirou fundo e olhou para a frente de sua calça. Inferno! Ele não voltou ao normal! O Conde olhou para os dois lados, liberou seu pênis, fechou os olhos e buscou, ele mesmo, seu alívio. Gozou como um louco, sozinho, no meio da mata, pensando no corpo e nos olhos de uma leoa que o enfeitiçou.

— Você o quê? — Braxton quase gritou.

Os dois estavam na varanda, sentados em redes e vendo o findar do dia, os escravos cobrindo o café no terreiro enquanto os que chegavam da lavoura guardavam seus instrumentos.

— Ei, fale baixo!

— Não há ninguém aqui que entenda nossa língua! Eu ainda não acredito que você conseguiu um caso!

Hawkstone sentiu-se incomodado pelo modo com que ele falou do que aconteceu entre a moça misteriosa e ele.

— Aconteceu! Braxton, eu acho que estou ficando louco. Não sei quem é ela, nós nunca nos apresentamos...

— Quando isso iria acontecer? — debochou. — Pelo que me contou, vocês se veem e pensam logo em trepar feito coelhos!

Hawk riu. Era assim que ele se sentia quando a via, um animal no cio, louco para tê-la em seus braços.

— Kim me aconselhou a manter distância, mas eu não sei se consigo, ela mexe demais comigo.

— Eu entendo, meu amigo. — Ele pensou em Elise. — Passei por isso com...

— Não, Braxton! — Hawk o silenciou. — Não quero detalhes do que houve entre você e minha irmã. Só de pensar que você fez tudo pelas minhas costas...

Braxton se desculpou.

— Kim me disse que, na semana que vem, nós voltaremos para o Lusitana e seguiremos viagem. Acho que ele teve que adiar a reunião, pois o Barão está com algum problema.

— Sim, eu sei. Quando Antônio e eu chegamos, Pedro estava à espera do irmão, mas, como não consigo entender o que falam em português, não sei do que se trata.

— Eu ainda não entendi o motivo de nossa vinda para cá, afinal, Kim tem tão bom relacionamento com essa família que não vejo o porquê de o Barão ameaçar nossa parceria.

— Já havia pensado nisso também, eles o tratam como se fosse da família.

Há dias, Hawk pensava sobre essa questão, afinal, o Barão não parecia querer mais dinheiro ou coisa assim, porque se quisesse, já teria resolvido a negociação. Porém, a cada dia que eles passavam na fazenda, mais vínculo de amizade iam criando e cada vez mais estranhava a postura do Barão de Santa Lúcia.

— Ainda não acredito que você está de caso por aí... — rindo, Braxton voltou ao assunto. — Sabe que nunca vou contar isso a ninguém, mas seria engraçado ver a reação da aristocracia ao saber que o “gelado” Conde de Hawkstone está enfeitiçado por uma escrava.

— Nem brinque com uma coisa dessas. Não sei se ela é uma escrava, apenas supus pelo que entendi. E você sabe muito bem que vou me casar com Lady Gwen.

— Sei! A questão é: você faz questão de me lembrar ou de se lembrar? Afinal, você enfiou na sua cabeça há tanto tempo que quer Lady Gwen que eu fico me perguntando o quanto disso não é pelo seu orgulho ferido. — Hawk tentou interromper. — Não me entenda mal! Eu acho, sinceramente, que Lady Gwen é perfeita para ser a futura Condessa e acho que ela realmente sente afeto por você, mas e você, Hawk?

Ele deu de ombros, ignorando a pergunta. Isso não importava! Lady Gwen fora a mulher que escolhera para si, mas que lhe fora negada. Agora, ele a teria e mostraria que conseguia tudo o que queria.

12

Idílios

Na manhã seguinte, Hawkstone foi um dos primeiros a acordar na fazenda. Ele desceu ao piso térreo, passou pela cozinha movimentada por causa da preparação do café da manhã e seguiu para os estábulos.

Enquanto encilhavam seu cavalo, ele pensava nas possibilidades do que aconteceria logo mais. Não sabia se a misteriosa dos olhos dourados estaria realmente aguardando-o como prometera, mas, caso estivesse, o que aconteceria entre os dois?

Hawk bufou, excitado apenas pela perspectiva de tê-la em seus braços, provar do seu corpo e perder-se em prazer. Pelo pouco que os dois já haviam experimentado, ele tinha certeza de que seriam ótimos juntos, que o sexo seria muito prazeroso para ambos.

O caminho até a margem da cachoeira pareceu mais longo nesse dia, ou talvez fosse somente a enorme vontade de descobrir se a pequena leoa estava à sua espera como prometera. Ele amarrou o cavalo em uma árvore distante do local onde a vira no dia anterior e se pôs a caminhar silenciosamente.

A feiticeira estava lá, cabelos soltos caindo pelas costas, ombros

de fora, pés enfiados na água gelada do lago, formado pela queda d’água. Ele ficou um tempo parado apenas apreciando a vista e tendo de volta todas as sensações que sua presença lhe proporcionava.

Ela, percebendo que estava sendo observada, virou-se em sua direção e abriu um enorme sorriso, pondo-se imediatamente de pé, esperando por ele.

— Olá — saudou-o, pés descalços sobre a relva, pele e cabelos brilhando ao sol.

— Olá — Hawk ainda estava um pouco desajeitado com o português, mas esperava compreender e ser compreendido durante o tempo que passasse ao lado dela. — Linda! — Não resistiu e tocou-lhe o rosto, e ela apreciou esse contato. — *Como seu nome?*

— Guta. — Os olhos ambarinos ficaram fixos nos dele. — E você? De onde você veio?

— Stephen, *from* London — Hawk respondeu em inglês, mas logo apressou-se a corrigir. — Sou Stephen, de Londres.

— Você é parente dos Witheres que moram em Entre Rios?

Hawk não fazia ideia do que ela lhe havia perguntado, mas respondeu afirmativamente com a cabeça, e ela pareceu gostar da resposta, pois sorriu.

— *Meu português não bom...*

O som da gargalhada de Guta encheu todo o ambiente e, mesmo sem entender o motivo de tal explosão, Hawk viu-se rindo também, movido pela energia que emanava dela. Sentia-se tão livre de tudo, despido completamente de toda pompa e postura que deveria ter em seu país.

Puxou-a para seus braços e cobriu sua boca em um beijo

completamente molhado e quente, brincando com sua língua, fazendo-a gemer e agarrar-se a ele como se fosse uma tábua de salvação em um naufrágio.

Stephen beijava-a como ela nunca pôde imaginar ser beijada, fazia-a sentir tantas e tantas coisas, em seu corpo, em seu coração. Não conhecia aquele homem, sabia que era estrangeiro e que, assim como ela, tinha tempo contado por essas bandas, mas, ainda assim, queria permitir-se a desfrutar o que ele estava ensinando.

O corpo dela se modificava quando ele a tocava, os bicos dos seus seios ficavam duros, o meio de suas pernas ficava úmido e havia também um pulsar, uma vontade, uma insatisfação que ela não entendia de onde vinham. A maneira como ele a tocou no dia anterior foi única.

Assim que retornara à senzala, perguntou à Marieta sobre o que sentira nos braços do estrangeiro. Claro que, primeiramente, sua amiga de infância quis dissuadi-la de voltar a vê-lo, pois ele poderia tentar algo, machucá-la, violá-la, mas ela sabia que o homem que a beijara daquela maneira não faria isso. Não entendia o motivo, mas confiava nele. Depois de sossegar sua amiga, pediu a ela — já casada há muitos anos — que lhe explicasse o que lhe acontecera. Quando Marieta falou da cópula, do leito conjugal, foi difícil imaginar ser verdade, pois sempre ouvira conversas sussurradas sobre os horrores da noite de núpcias.

Sua amiga apenas riu de sua inocência e explicou a ela que o que sentira nos braços do estrangeiro era desejo e que, sem isso, o ato sexual seria realmente um pesadelo. Após Marieta ter saciado suas dúvidas, voltou a aconselhá-la a ficar longe dele, pois nada de bom adviria de qualquer coisa que acontecesse entre os dois.

Porém, à noite, deitada no pequeno catre no chão, na pequena área reservada à família de sua amiga, ela só pensava em vê-lo novamente, em reviver todas as maravilhosas sensações que tivera em seus braços.

Mal o dia amanheceu, ela se lavou, trocou de roupa e foi correndo, descalça, para a beira do lago da cachoeira. Pensou em mergulhar nas águas límpidas e frias para acalmar seu coração, no entanto, teve medo do que poderia advir se ele a encontrasse nua na água.

— Você... — Stephen tentava achar as palavras, mas, sem conseguir, voltou a beijá-la. — Louco!

— Você é louco ou eu? — provocou-o, achando graça.

— *Você me faz louco!*

A admissão feita em uma voz rouca, trêmula de tesão, com o... *Como foi que Marieta chamou? Viga!*, pensou... com a viga dele dura contra seu corpo, deixou-a com calor, muito calor.

— Vamos nadar?

Stephen abriu um sorriso olhando para a cachoeira e, em seguida, começou a tirar a roupa. Ela acompanhava cada movimento dele para abrir a blusa, ficando apenas com a camiseta de linho por baixo. Ficou tensa quando ele desabotoou a calça e viu suas ceroulas, principalmente, o volume na frente da peça.

— Não tire tudo! — Ela o impediu de tirar a cueca, no entanto, Stephen se livrou da camiseta.

Deus Santo!, pensou ela ao ver seu dorso despido, músculos fortes, pelos negros como seus cabelos cobrindo parte do peito e do abdômen. Não resistiu ao tocar-lhe, sentir a maciez dos cabelos e a quentura de sua pele.

Hawk gemeu, enlouquecido com o toque inocente da pequena leoa. Gostava de como ela o explorava, como mordia o lábio enquanto deslizava os dedos por entre os pelos de seu peito ou sentia a rigidez de seus músculos. Gemeu e fechou os olhos quando a mão dela brincou com seu umbigo, fazendo seu pau pulsar.

De repente, o toque cessou, e ele viu um amontoado de roupa à sua frente e, em seguida, o barulho de algo caindo na água.

Guta surgiu como uma ninfa, do fundo do lago, jogando seus cabelos molhados para trás, criando um arco-íris com as gotas que se desprenderam deles, brilhando contra o sol. Vestia uma fina combinação de algodão cru um tanto amarelada, mas que, molhada como estava, ficava totalmente transparente. Rapidamente, Hawk retirou os sapatos e as meias e correu para juntar-se a ela.

A partir desse dia, os dois passaram a se encontrar todas as manhãs. Ela o ajudou — e muito — a melhor seu idioma enquanto ele lhe falava sobre suas viagens quando era mais jovem.

Nos primeiros dias, evitaram falar qualquer coisa relacionada à vida pessoal, apenas desfrutando a companhia um do outro. Deitavam juntos na relva e, depois, em um velho acolchoado que ela passou a levar para os encontros. Hawk, por sua vez, começou a transformar os idílios em verdadeiros piqueniques, levando bolos, pães e frutas.

Conversam sobre tudo e sobre nada. Beijavam-se como loucos, faziam carinhos, tocavam-se intimamente, mas não avançavam uma linha razoável de compostura. A companhia dela passou a ser mais importante do que o sexo em si, mesmo ele sofrendo com ereções longas, das quais se aliviava com suas próprias mãos à noite.

Quando começaram os questionamentos, por parte dele, sobre a vida dela fora daquele mundo paralelo que criaram, Guta evitou falar muito sobre si mesma, apenas garantiu que não haveria um marido ciumento atrás dele. Hawk se deu por satisfeito com isso, pois era realmente o único assunto que lhe importava, visto que já tinha suposto todo o resto da história dela.

Em um dia já mais desesperado, ele oferecera levá-la a algum lugar onde tivessem privacidade e conforto para consumarem o desejo de ambos, mas ela sempre alegara que não podia sair por muito tempo, caso contrário, viriam atrás dela.

Hawk aceitara cada uma de suas desculpas, afinal, ela era uma escrava, não era livre para fazer o que quisesse com seu tempo.

Foi aí que uma estranha ideia começou ocorrer-lhe.

Em uma noite, durante sua conversa com o Barão, seus filhos mais novos e Braxton à mesa do jantar, Hawk perguntou como era possível conseguir a liberdade de um escravizado. A pergunta causara um mal-estar tão grande à mesa que Hawk decidiu deixar o assunto morrer e apenas falar em privado com um dos amigos.

Mais tarde, Pedro o chamou, pedindo desculpas pelo clima e lhe respondeu que somente o dono podia libertar seu escravo por meio de um documento chamado carta de alforria.

— Como faço para encontrar o dono e negociar o preço de um escravo que eu queira libertar?

Pedro franziu a testa.

— Você quer comprar um escravo? — Hawk não respondeu, e Pedro pareceu entender. — Ah... uma escrava! — Riu sem poder acreditar. — Não me diga que caiu de amores por uma delas? Eu sei que são lindas, meu amigo... — gargalhou ao ver Hawkstone

tentar manter uma expressão neutra — ...você não seria o primeiro a passar por essa situação! Já houve um caso semelhante e ele fez de tudo para tê-la, mas não conseguiu. — Pedro respirou fundo e voltou à questão de Hawk. — Foi ela quem lhe pediu isso?

Hawk pensou em Guta, analisou cada palavra, cada insinuação e... não, ela nunca lhe pedira nada.

— Não, mas se eu quiser...

— Hawk, meu amigo. Sei que elas são lindas, mas o que vocês fariam em Londres? Pelo amor de Deus, pense com a cabeça certa, homem!

Pedro tinha razão. Nunca poderia levá-la com ele, mas poderia deixá-la livre para seguir sua vida depois que ele retornasse a Londres. Mesmo sabendo disso, Hawkstone queria que fosse possível levá-la, sua mente fervilhava possibilidades, tentava encontrar soluções, contudo nenhuma parecia ser correta, nem para Guta nem para Gwen.

— Eu não vou levá-la comigo — justificou. — Vou só dar a ela o direito de ser livre, como qualquer outro ser humano.

— Merda! — Pedro levou Hawk para um canto isolado do escritório onde conversavam. — Não deixe papai ouvir isso! Sei que é uma cultura estranha para você essa coisa de escravidão, mas aqui as coisas são assim. Há alguns abolicionistas começando a propagar ideias de libertação e esse movimento cresce vertiginosamente mundo afora. Também não me sinto à vontade com essa situação, embora ache que não podemos só pensar em dar a liberdade. Essa é uma questão delicada e tem que ser feita já com um plano pós-libertação. — Hawk concordou com Pedro. — Diga-me, o que essa moça vai fazer depois que se tornar livre? Onde vai

morar? Vai conseguir manter-se sozinha? O que vai comer?

Hawk concordou com ele sobre esse ponto. Pensara nisso também. Não bastava ser livre e não ter um teto ou morrer de fome, era preciso que houvesse um meio para que ela se mantivesse e, nesse caso, ele poderia prover-lhe uma mesada e arranjar um local... Respirou fundo e viu como isso seria complicado.

— Gostando ou não da situação, a verdade é que há bons mestres, que cuidam de seus escravos. Sei que existem outros que abusam deles, que os maltratam, e a privação da liberdade, por si só, já é um pecado enorme. Acredite em mim, eu gostaria que fosse diferente, contudo, não podemos apenas pensar em libertá-los e jogá-los na rua à própria sorte.

Hawk concordou com o amigo e o cumprimentara.

— Meu caro Pedro, vejo que você está no caminho certo. Tenho certeza de que sua carreira política será um sucesso.

— Eu não tenho tanta certeza, Hawk. Os interesses que terei de defender não são os mais nobres, mas, por outro lado, posso trabalhar para melhorar um pouco a situação.

— Tenho certeza que sim. Eu teria orgulho de ter alguém como você ao meu lado na Câmara dos Lordes.

Pedro sentiu-se lisonjeado com o cumprimento, muito embora soubesse que, mesmo tendo ideias de liberdade para os negros, essa situação desumana a qual eles eram submetidos estava longe de terminar. Tudo o que ele poderia fazer era garantir que, pelo menos nas fazendas de sua família, recebessem um tratamento melhor do que nas outras.

Ainda assim, ao deitar-se na cama, sua consciência lhe dizia que isso era pouco.

O questionamento de Hawk o deixou um tanto curioso sobre a identidade da escrava que mexeu tanto com o frio inglês a ponto de ele pensar em comprá-la. Pedro só esperava que não fosse nenhuma das casadas ou, muito menos, uma das mocinhas prometidas.

13

A revelação

Kim voltou à fazenda na manhã do dia seguinte e, assim que o viu, o Barão disse que era hora de conversarem. Ele repassou a mensagem aos dois Lordes e, assim, Hawkstone perdera a manhã com sua Guta.

Ele esperava que ela estivesse à espera dele no dia seguinte, porque, caso contrário, teria que visitar cada fazenda da região ou cada casa da vila para encontrar a moça.

— Desculpe ter adiado tanto a reunião, mas tive problemas sérios de família para resolver.

— Algo errado com a família de Augusto? — Kim perguntou, preocupado.

— Não, foi com Helena, mas já resolvemos, ou melhor — ele olhou para o filho do meio —, já vamos resolver.

Hawk supôs que Helena fosse a filha mais nova do Barão.

— Bem, caros Lordes Hawkstone e Braxton — disse com seu inglês arrastado —, vocês têm algumas vantagens ante os americanos, são parentes de Kim, que é como se fosse da família, nosso acordo já tem alguns anos de sucesso e, a mais importante no

momento, vocês são da aristocracia.

Hawk estranhou essa última colocação. O que ser membro da aristocracia inglesa poderia contribuir para uma fazenda de café?

— Não entendi... — Kim expressou o sentimento de todos.

— Deixe-me explicar, pai. — Silveira consentiu a palavra a Antônio, que tinha melhor domínio do inglês. — Meu pai deseja uma aliança com a nobreza inglesa.

Hawk e Braxton não esconderam seu espanto.

— Que tipo de aliança? — Hawk perguntou.

— Uma de ouro — o Barão falou rindo, como se fosse óbvio. — Tenho uma filha com vinte anos completos, educada nas melhores escolas da Europa, com um belo dote e beleza inigualável.

— O senhor quer um casamento para Helena? — Kim não podia acreditar no que ouvia. — Meu Deus, eu nem sabia que a pirralha havia crescido!

Antônio riu.

— Cresceu, mas continua uma pirralha...

— Mas é filha de um Barão, rica, jovem e bonita. Tenho certeza...

Hawk não aguentou ouvir mais nada.

— O Barão está me dizendo que um de nós, ou melhor, eu devo me casar com sua filha, já que Braxton já é casado, para manter o nosso acordo de negócios? — Ele se controlava para não socar a mesa, tamanha a indignação. Não estava à venda.

— Oh, Deus, não! — Silveira riu. — Kim me disse que você é comprometido! Não quero causar qualquer tipo de escândalo envolvendo o nome de minha família com um homem comprometido, mesmo sendo um Conde inglês! Gostaria que vocês

a apadrinhassem em uma daquelas suas famosas temporadas.

Braxton ficou visivelmente aliviado, mas Hawkstone ainda não estava gostando daquilo. A temporada vitoriana era muito rígida, exigiam um nível de decoro e refinamento que Hawkstone não tinha ideia se a filha do Barão possuía. Além disso, uma coisa era ainda mais relevante, ele não frequentava mais as temporadas.

— Acho que isso pode ser feito... — Kim olhou para Hawk. — A senhora Margareth pode conduzi-la e ela pode estrear junto com Lily.

— Há o problema da língua...

— Não há — respondeu Antônio. — Minha irmã vive há doze anos na Europa, inclusive já foi aluna interna em uma escola em Bath. Ultimamente, ela reside na França.

Braxton sorriu, já considerando que o acordo seria mantido.

— Eu não sei... — Hawk olhou para seu cunhado, que fez uma carranca mal disfarçada. — Acho que podemos tentar — cedeu.

— Pois bem, é o seguinte: — Antônio retomou as rédeas da negociação — ela ficará hospedada com um dos dois...

— Na casa da família do Conde, lógico — frisou Silveira.

Merda!, Hawkstone pensou. Sua família residia em Whiltshire, longe de Londres. E, para poderem frequentar a temporada, teria que levar todos para sua casa de Londres. Ele quase gemeu ao pensar na perda de sua privacidade, ainda mais com os planos iminentes de casamento com Lady Muir.

— Todos os custos com enxovais, joias e demais despesas pessoais ficarão sob nosso encargo — Antônio explicou. — O que vocês devem fazer é garantir que ela seja apresentada às pessoas certas e consiga, até o fim da temporada, um bom casamento.

— Não tenho preferência por algum título específico — esclareceu o Barão. — E não vejo problema se o indivíduo estiver em dificuldades financeiras, mas uma coisa eu exijo, ele tem que ter conexões com as melhores famílias inglesas, ser discreto e ter boa reputação.

Hawk sentiu pena da pobre moça. À venda no mercado matrimonial inglês, disponível para aquele que possuir um título e boas conexões. Os caça-dotes estarão com sorte na próxima temporada.

— Se ela não quiser se casar...? — Kim perguntou.

— Ela não terá escolha, mas não se preocupe, Helena entenderá que é o melhor caminho a ser seguido.

Kim não tinha a certeza que o Barão tinha, mas, se o pai garantia que a moça não se rebelaria contra a decisão, quem era ele para duvidar?

— Mas se, ainda assim, ninguém a quiser, vocês cumprem com a parte de vocês e nosso acordo continua.

Kim se levantou e apertou a mão do Barão.

— Faremos o melhor.

— Entregarei minha única filha a vocês, não me decepcionem. — Kim e Braxton assentiram, mas Hawk ainda se sentia incomodado com o acordo. — Pedro se casa em alguns meses, depois disso, ele e a esposa irão a Paris. Helena partirá de lá, com eles, rumo a Londres. Pedro ficará responsável por verificar se tudo estará a contento e, logo após, a deixará sob sua tutela.

Antônio trouxe documentos referentes ao acordo, e eles começaram a tratar de assuntos mais práticos, como o preço da saca de café, os prazos para o transporte etc.

Enquanto Kim negociava com Antônio, Hawk pensava em como lidaria com todas aquelas mudanças. Em alguns meses, não só receberia uma hóspede que não conhecia, estrangeira, para arranjar-lhe casamento, como ele próprio teria de comprar uma casa, pois queria casar-se o quanto antes com Lady Gwen.

Em poucos meses, tudo estaria diferente e, talvez, até lá, a lembrança de uma escrava com olhos dourados, corpo de sereia e uma sensualidade latente já tivesse saído de sua mente.

Ele não tinha tanta certeza disso, mas esperava que sim.

— Eu preciso ir embora — Hawk comunicou a ela.

Os dois estavam deitados, um ao lado do outro, na relva do entorno da cachoeira. Imediatamente, a pequena feiticeira levantou-se, como seus olhos dourados, encarou o Lorde e não disfarçou a decepção.

— Você tem mesmo que ir? Não pode ficar mais uns dias?

Hawk sentiu vontade de apertá-la contra ele e prometer nunca a deixar. No entanto, não faria isso, pois tinha responsabilidades em Londres, e ela não fazia parte da vida do Lorde, era um privilégio dele como Stephen, apenas um homem comum.

— Não posso, meu navio parte depois de amanhã — ela suspirou. — Hoje é nosso último encontro.

Guta voltou a deitar-se ao seu lado, mas não o tocou.

— Eu sabia que isso ia acontecer. Já era anunciado desde o começo, afinal, você não é daqui. — Hawk assentiu. — Eu também

não sei por quanto tempo mais conseguirei enganar os outros e ter a liberdade para ser quem eu sou.

Hawk acariciou seus cabelos.

— Eu gostaria de poder lhe dar essa liberdade...

Ela riu.

— Oxalá alguém pudesse fazê-lo, Stephen. — Hawk puxou-a contra seu corpo e a beijou como sempre fazia, com entusiasmo, fogo, e ela respondeu do mesmo modo. Porém, seus olhos continuavam tristes. — Eu gostaria de, pela primeira vez, tomar a rédea da minha vida.

Guta se ergueu, demonstrando na voz toda a sua frustração. Ela usava um vestido de algodão muito velho e um pouco largo para ela, mas nem isso lhe tirava o encanto. Era naturalmente linda e, a cada dia, Hawkstone desejava-a mais.

Sem nenhum tipo de aviso, ela se virou na direção de Hawk, que permanecia deitado sobre a colcha, e abriu os botões da frente do vestido até a cintura, deixando-o cair sobre seus pés. Ele se sentou no acolchoado, surpreso, porém completamente excitado com a visão daquele corpo, jovem e perfeito, exposto ao seu deleite.

— Você é minha primeira escolha de liberdade. — Ela estendeu-lhe a mão para que ele se erguesse. Imediatamente, Hawk se pôs de pé. — Eu quero que você me faça sua.

Ele fechou os olhos e tentou concentrar-se na sua respiração. Há dias esperava pelo momento de tê-la completamente rendida a ele. Ouvir aquelas palavras era tudo o que ele queria, contudo, com dias de desejo oprimido, ele precisava acalmar-se, caso contrário, tudo terminaria antes mesmo de começar.

Queria e precisava explorar cada ângulo daquele corpo, cada

curva, cada entrada, devagar, primeiro com as mãos, depois com a língua e, por fim, estar dentro dela. Passara tantas noites pensando em como seria, no que sentiriam, se toda a identificação, a harmonia nas conversas, a diversão das brincadeiras e o desejo com os beijos se manifestariam também quando transassem.

Sem conseguir conter-se, puxou-a pela nuca para um beijo intenso, molhado e suplicante. Sentia o cheiro dela, de relva e de flores, sua pele estava flamejante e seu coração, disparado. Era chegado o momento de saber se todos os sentimentos que tivera, que crescera ao longo desses dias de encontros furtivos, causaria maior prazer ao encontro de corpos.

Hawk desejava provar cada centímetro de sua pele. Começou descendo os lábios em direção ao seu queixo, garganta e, enfim, para o colo, onde ficavam os seios mais perfeitos e empinados que já vira.

Guta gemia e se contorcia, olhos fechados, boca levemente aberta, seus pelos levemente acobreados arrepiando-se a cada vez que a barba de Hawk resvalava em seus mamilos.

Ele a devorou. Sentia-se faminto por ela, segurou seus seios, lambeu e chupou seus mamilos até que estivessem vermelhos, eriçados, estimulados por sua boca e língua. Não havia um só lugar no corpo daquela mulher que ele não desejasse conhecer. Suas mãos começaram a passear pelas curvas tentadoras, apertando, deixando sua marca em cada parte dela.

Guta era sua!

— Tire minha roupa — suplicou, com a voz rouca de desejo.

Imediatamente, ela começou a desabotoar sua camisa, mas tremia tanto que não conseguia tirar os botões das casas. A impaciência

tomou conta dela, que começou a puxar a blusa dele de modo que alguns botões voaram para longe, perdendo-se no meio da relva. No começo, Hawk pensou que fosse efeito do enorme tesão que sentiam, contudo, percebeu que ela estava extremamente nervosa.

Parou-lhe as mãos.

— Você tem certeza de que quer isso?

Guta assentiu antes de encará-lo.

— Sim. — Sorriu, nervosa. — Nunca senti o que sinto quando estou com você. — Hawk segurou o fôlego ao ouvir a declaração e, como se fosse possível, sentiu seu pau aumentar ainda mais dentro da calça. — Eu quero que você seja o primeiro, aquele que aquecerá minhas noites, em quem pensarei quando tudo estiver difícil. Eu preciso dessas lembranças.

Hawkstone sentiu-se congelar ao dar-se conta do que ela acabara de lhe contar. *Ser o primeiro?! Caralho!* Ele nunca desvirginara uma moça, sempre achou que isso era algo que lhe pesaria a consciência para o resto de seus dias, pois compreendia o significado desse momento na vida de uma jovem.

Pensar em arrebatar a virgindade de Guta, mesmo que ela fosse tratada naquele país como uma propriedade, sem nenhum tipo de responsabilidade ou mesmo garantia de que ela ficaria bem, não lhe pareceu correto. Não poderia usufruir do prazer do corpo dela e depois virar-lhe as costas.

O olhar suplicante, ansioso e cheio de desejo dela reacendeu o fogo em suas veias, e ele mandou sua consciência às favas. Não se negaria a esse prazer, ela era o seu privilégio, sua concessão em meio a uma existência pautada em deveres e responsabilidades com os outros. Ela era sua, somente sua.

Beijou-a com ansiedade, esfregando no ventre dela seu pênis ainda aprisionado em suas calças. Ela respondeu aferrando-se a ele, em desespero, gemendo e ondulando seus quadris.

Hawk deitou-a sobre a colcha e deixou-se ser guiado apenas pela vontade.

Passou as palmas de suas mãos, abertas, por toda extensão de seu corpo, notando que ela, como um felino ronronante, apreciava suas carícias. *Sua leoa!* Esqueceu-se do tempo e da própria tortura que tomava conta de suas calças e quis demonstrar-lhe, com suas carícias, o quanto a desejava.

— Eu quero lamber você toda... — Passou a língua sobre o ventre plano dela. — Eu preciso conhecer o seu gosto, Guta. Preciso do seu prazer em minha boca.

Seus beijos seguiam em direção ao seu monte de vênus, notando os cachos curtos castanho-acobreados, sedosos e brilhantes. Não resistiu e passou os dedos entre eles, fazendo com que ela se envergasse sobre a colcha.

Voltou a encostar sua boca, lambendo sua virilha, contornando seu sexo quente e molhado. Abriu completamente as pernas dela para olhá-la, deleitou-se com os lábios pequenos, o clitóris levemente inchado e o brilho da umidade em sua entrada. Hawk cheirou a excitação dela, absorvendo o aroma, salivando de vontade de prová-la.

Antes, porém, tocou o ponto em que sabia que ela sentiria prazer e gemeu ante a resposta dela ao seu toque.

— Macia como seda. — Quase não se controlava, o prazer dela, os gemidos mexiam diretamente com o seu, e ele estava a ponto de gozar na cueca como um menino tendo sua primeira experiência.

— Quente como um dia de verão deste país. — Não resistiu mais e abocanhou-a por inteiro, enfiando a língua entre seus lábios, indo buscar seu sabor na parte interna de seu sexo. — Maravilhosa...

Começou a lamber de baixo para cima, intercalando com alguma sucção e mordiscadas. Quando se concentrou apenas em seu clitóris, ouviu-lhe os gritos, sabendo que ela chegaria ao orgasmo em alguns instantes. Ergueu o braço e tampou a boca dela com a mão, evitando, assim, que seus gritos de puro êxtase, por mais excitantes que fossem, atraíssem algum curioso que estivesse nas redondezas. Não demorou mais e ele a sentiu enrijecer, seu peito subia e descia rapidamente, e ela levantou o tronco do chão, completamente entregue ao seu gozo. Hawk bebeu cada gota que chegava a sua língua, um puro elixir de mulher, de prazer. O verdadeiro sabor da felicidade.

Assim que ela começou a relaxar, não pôde esperar mais. Assistir à moça chegando ao clímax fora a gota d’água para ele. Hawk desabotoou as calças e se libertou, rígido e pulsante. Guta arregalou os olhos ao vê-lo. Os sons que emitia assemelhavam-se a um bicho desesperado, acuado, a mão enorme dele fechava-se contra o membro roliço e comprido. Ele se pôs de joelhos entre as pernas dela e passou a acariciar-se.

Mesmo com o tesão em níveis indecentes no corpo, sua consciência não lhe dava trégua. Tudo o que queria era enfiar-se naquele corpo, provar dos segredos daquele sexo nunca explorado, apertado, quente e úmido. Mas, ainda assim, não o fez. Apesar de tudo, ela merecia mais do que uma trepada rápida às margens de uma cachoeira.

Guta, percebendo o que estava acontecendo, a guerra travada

dentro do homem que escolhera para ser o primeiro, aquele que há pouco lhe dera o maior prazer — o qual nunca poderia ter imaginado existir —, decidiu agir, sentando-se imediatamente e tocando-o. Hawk gemeu com a carícia tímida e posicionou a mão dela, guiando-a, ensinando-a como lhe dar prazer.

Ela sorriu, encantada com a sensação do pênis dele em sua mão, mas a curiosidade de saber se o que acontecera a ela — toda aquela sensação de estar morrendo e indo para o céu — poderia ocorrer com ele aflorou. Assim, sem pensar muito, ela deslizou sua língua para fora e tocou-o bem na cabeça.

Porra! Um prazer enorme perpassou por toda a coluna de Hawk enquanto ela passava a língua nele, ainda como uma virgem inexperiente, porém, com vontade de retribuir o que ele lhe dera há pouco. Estava pronto para sua *petite mort*, sabia que seu orgasmo estava próximo, então olhou para baixo, para ver uma cabeça com abundantes cabelos castanho-avermelhados e a pequena língua safada tocando a cabeça de seu pau.

— Abra a boca — ordenou sem qualquer pudor. Sua voz grave e contida completamente afetada pelo tesão que sentia.

Guta obedeceu, e ele se introduziu por sua boca úmida e macia. *Quente, muito quente!* Ela o sugou com força, e ele quase explodiu naquele mesmo instante. Mas não, as sensações eram boas demais, queria que demorassem, que permanecessem e o fizessem esquecer que, em breve, teria de a deixar.

A deliciosa língua ainda o provocava, enquanto ele, segurando-a pelos cabelos, fazia com que o recebesse profundamente e, depois, apenas a ponta. A doce tortura, a vontade de fodê-la era tão grande que não pôde resistir mais. Retirou-se rápido e gozou em sua mão,

com uma bela feiticeira de olhos dourados a acompanhar toda a cena.

Ninguém disse nada. Foi como se o tempo parasse depois da enorme intimidade que haviam compartilhado. Ele sentia como se houvesse um punho a socar-lhe o estômago e um bolo se formou em sua garganta. Afastou-se para se lavar no pequeno lago e, quando retornou já recomposto, encontrou-a deitada, também vestida.

Hawk sentou-se ao lado dela e acariciou os seus cabelos.

— Eu nunca vou esquecer também. — Nunca, nunca antes havia dito uma coisa dessas a uma mulher, mas aquela lhe despertava sentimentos que ele não sabia existir. — Sempre vou me lembrar de hoje.

Ela não disse nada, apenas assentiu, e ele viu lágrimas brilhando em seus olhos. Queria pedir a ela que fosse com ele, que contasse quem eram os seus donos, contudo, apenas a ideia de comprá-la lhe causava uma sensação horrível. Não podia ser dono de um ser humano, não queria que ela ficasse com ele por ter a obrigação de servi-lo. Então, beijou seus olhos, sentindo o sabor salgado das lágrimas que ela tentara não derramar.

— É melhor você ir — Guta disse, baixinho. —Vou dobrar a colcha e seguir no caminho oposto. — O olhar dela rasgou-o por dentro, e ele ficou imóvel. — Vá de uma vez!

Hawkstone a beijou pela última vez em sua vida e se levantou.

— Adeus, leoa!

Ela riu, triste.

— Adeus, Stephen.

Caminhou rapidamente até o garanhão, montou-o e tomou a

estrada rumo à fazenda. Durante boa parte do trajeto tentou convencer-se de que fez o melhor, que poderia continuar com sua vida como fora planejado, que, embora tenham compartilhado momentos de paixão, nunca prometera nada a ela.

Parou de repente. Não! Não podia retornar ao seu país como se nada tivesse acontecido. Voltou para onde a deixara em um intenso galope, sem saber o que realmente pretendia. Queria vê-la uma última vez, dizer a ela que... não queria perdê-la. Tudo mudou a partir do momento em que se encontraram, tudo!

Queria saber quem era seu dono, o obrigaria a vendê-la, a levaria consigo para a Inglaterra. Era loucura, ele sabia, mas não queria abrir mão dela só porque iria se casar com Lady Gwen, não precisava ser assim!

Era prática comum continuar tendo amantes mesmo após o casamento. Não era justo com Lady Gwen, ele sabia, mas já perdera tanta coisa em sua vida, já fizera tantos sacrifícios, e ela era algo que ele não queria perder. *Seu privilégio!*

Hawk praticamente pulou do cavalo ao chegar na cachoeira, mas não havia nenhum vestígio de que ali estivera um casal se amando. O local estava intacto, sem a colcha, sem os sapatos dela em cima de uma pedra, sem a presença dela em lugar algum.

Prosseguiu pelo caminho que sempre a vira fazer, porém parou em uma bifurcação sem saber qual rota tomar. Hawk respirou fundo, desanimado. Não havia nenhum indício de para qual lado ela foi. Perdera-a para sempre.

Não soube por quanto tempo ficou lá, parado, remoendo o tempo que perdera ao tomar o rumo da fazenda, arrependido por não ter feito a proposta de levá-la. Já estava tarde quando finalmente

chegou à fazenda, suas malas prontas, e seus companheiros o aguardavam para irem até a capital e embarcarem rumo a Londres.

14

Helena

INGLATERRA, JANEIRO DE 1857

Helena Augusta da Silveira estava dentro de seu camarote naquele navio e sentia borboletas no estômago. Não estava assim por causa do mar, já que o navio acabara de ancorar no porto de Londres, mas sim porque chegara ao seu destino.

Destino!, ela pensou tanto naquela palavra nos últimos tempos que parecia que ficaria louca. Há quatro meses, seu pai lhe informara que ela iria para Londres e participaria de uma temporada, ou seja, faria o famoso debute na sociedade inglesa e, é claro, ela foi completamente contra isso.

Não queria nada daquilo. Tudo o que sempre quis era estar em casa, desfrutando da deliciosa comida de Maria, ouvindo o resmungo baixo de Tião e fofocando com Quitéria. Queria sua casa de volta, pois já não aguentava mais ser uma forasteira em um país estrangeiro.

Helena queria o calor do Brasil, que vinha do clima e do humano, ver a natureza resplandecente, correr entre os cafezais como fazia

quando criança. Queria estar junto dos seus irmãos e ver seus sobrinhos crescerem, mas tudo isso, mais uma vez, lhe estava sendo negado.

Seu pai a punia todos os dias por ser parecida com a mãe. Por ter a aparência física, a personalidade e a teimosia de sua genitora. Mas ela não tinha culpa, não escolheu ser assim. Tentou não ser vista como ela, mas, simplesmente, era sua natureza, não tinha como negá-la.

Nicole Dubois, sua mãe, fora a terceira esposa do Barão de Santa Lúcia. A primeira esposa, Ana, morrera ao dar à luz a seu irmão, Augusto. Meses depois, ele casara-se com Efigênia, mãe de Antônio e de Pedro. A mulher criara aos três meninos, os amara e era tida como um exemplo para todas as outras mulheres. Mesmo após sua morte, há vinte e dois anos, era citada em reuniões de caridade e homenageada pela igreja da vila.

Um ano após a morte de sua perfeita esposa, seu pai surpreendera a todos, voltando da Corte casado com uma cortesã. Na época, ninguém tinha conhecimento do antigo ofício da moça, mas não demoraram muito a descobrir. Sua mãe era jovem, tinha apenas vinte e um anos, possuía uma beleza exótica, cabelos ruivos, olhos claros e um corpo que daria inveja a qualquer outra mulher do mundo.

Seu avô materno era francês, veio para o Brasil trabalhando em um navio de carga e nunca mais retornou a França. Casara-se e tivera uma filha antes de morrer, bêbado e afogado, na praia da Gamboa. Sua avó, viúva e com uma filha para criar, trabalhara para uma famosa cortesã como faxineira, mas Nicole Dubois, após a morte da mãe, empregara-se lá como prostituta.

No primeiro ano de casada com o Barão, ela deu à luz a Helena Augusta, que recebera esse nome porque nascera no dia de Santa Helena. Acompanhara a filha até os três anos de idade, depois se cansara da vida na fazenda e fugira com um tropeiro. Anos depois, veio a notícia de sua morte.

Helena cresceu sem saber o que era ter uma mãe e, o pior, sabendo que sua mãe a abandonara. Assim, tornou-se uma criança difícil e endiabrada, até que seu pai a flagrou tomando aguardente e fumando cigarro de palha com apenas oito anos de idade.

Foi a gota d'água para o Barão que, algumas semanas depois, despachou a menina para Portugal, para um internato. Lá, apesar do confinamento, Helena soube o que era ser feliz. Em dias livres, seus irmãos a visitavam e, nas férias, ela ficava com eles, viajando pelo continente.

Foi então que aprontou uma peça para as freiras e seu pai achou prejudicial o contato da menina com dois homens feitos, mesmo que fossem seus irmãos, e a enviara para a Inglaterra. Foram os piores anos de sua vida. Ela era constantemente provocada pelas outras crianças, até que, depois que se tornaram moças, passaram a ignorá-la.

Depois de muita lamúria, convenceu seu pai a tirá-la daquele lugar, mas em vez de voltar ao Brasil, ela fora enviada para Nice, no sul da França, para uma escola mais moderna, com várias expressões artísticas e matérias relevantes, como filosofia, ciências e economia doméstica.

Foi lá que aconteceu a transformação de Helena, tanto no aspecto físico como no comportamental. Ela decidira usar sua inteligência para seu próprio crescimento e descobriu que amava pintar — ela

tinha um verdadeiro dom com tintas e tela.

Estava feliz por lá, pois pensava que, assim que completasse dezoito anos, voltaria para casa e pintaria as lindas paisagens, das quais ela nem se lembrava mais. Porém, passaram-se quase dois anos que ela havia completado a idade máxima para se estar no colégio e o pai dela continuava mandando sua mensalidade e não dizia quando ela poderia voltar.

Esquecera-a lá, enterrara lá sua vergonha, a filha que o lembrava da mulher que o enganou publicamente e preferiu a companhia de um homem pobre à do suntuoso Barão de Santa Lúcia.

Foi aí que ela resolveu que precisava ser a menina levada de novo e arquitetou um plano. Só não esperava que, mais uma vez, o destino interferisse na sua vida.

Helena suspirou e avaliou seu traje no espelho do camarote. Seu vestido verde-claro era composto por saia de pregas horizontais sobrepostas, cintura marcada e gola alta, o que lhe sufocava como se estivesse tentando matá-la, no entanto, sabia que estava vestida à última moda.

Era inverno, estava muito frio e ela pegou sua capa marfim, forrada de peles. Ouviu uma batida à sua porta e seu coração tombou no peito.

Destino, inclemente e cruel, poderoso.

Abriu a porta já preparada para o sermão que viria a seguir.

— Está atrasada! — Pedro falou, mas, ao mesmo tempo, sorrira ao ver quão elegante e bela estava sua irmã mais nova.

— Estou aqui — disse, seca. — Onde está Acássia?

Ele apontou para o final do corredor, mas Helena não viu a cunhada.

Helena perdera o casamento de seus dois irmãos mais velhos e o nascimento de seu primeiro sobrinho, mas, por sorte, assistira ao nascimento de outros dois e ao casamento de Pedro com Acássia.

A partir daquele momento, contudo, sabia que não participaria de mais nada da família Silveira, nem mesmo uma Silveira ela seria dali a alguns meses. Estava indo a leilão, como acontecia com os escravos. Ela nunca mais seria livre de novo. Pertenceria a um homem inglês, moraria em solo estrangeiro, teria de curvar-se aos seus costumes e obedecê-lo em tudo.

— O coche do Conde de Hawkstone já está à nossa espera — informou seu irmão.

Imediatamente, ela sentiu todo o calor deixar seu corpo e precisou de uma força descomunal para continuar sorrindo e mover-se. *Destino!*

Assim que ela saiu do camarote, entrou o pessoal do serviço para despachar sua bagagem. Seu pai fizera questão de que ela tivesse todo o guarda-roupa renovado, com peças exclusivas feitas para ela, confeccionadas pelos maiores modistas da França. Nesse momento, mais de dez baús estavam sendo descarregados.

Helena sentia-se a alma mais pobre sobre a face da terra.

— Contratei um coche próprio para o transporte de carga para levar seus baús. — Pedro disse, e ela assentiu agradecendo. — Mas ainda acho que você exagerou nas compras.

— O Barão disse que eu poderia gastar quanto quisesse — disse, esnobe.

Seu irmão ignorou a retaliação, sabendo que ela só o fizera como última desafronta à vontade do pai de casá-la com um desconhecido.

O tempo em Londres estava péssimo, assim como seu humor, e ela teve vontade de xingar ao ver a névoa densa que cobria todo o cais e a fina chuva que caía sem cessar. Pensou nos campos verdes e no sol acolhedor de seu país. Pensou no canto dos negros, na sua música, na alegria mesmo em meio à adversidade na qual viviam.

Tudo lhe estava sendo tirado.

— O Conde não pôde vir, mas enviou o cunhado para nos recepcionar — Pedro interrompeu suas lamúrias, acenando para a esposa que o aguardava. — Ele é o Visconde de Braxton, dirija-se a ele...

Helena o olhou com uma sobrancelha erguida.

— Eu morei e estudei aqui, acho que ainda posso me lembrar de todo *Burke's Peerage*[1], não se preocupe.

Ele assentiu e continuou a descer do navio, com sua esposa de um lado e sua irmã do outro.

O Visconde de Braxton era um homem de tamanho mediano, cabelos loiros e olhos azul-escuros. Não era um homem feio, mas não atraía em nada a Helena, e ela, embora tenha residido no país, tivera contato com poucos ingleses do sexo masculino, pelo menos, não enquanto estava aqui. Desviou-se do pensamento inquietante e o encarou. Braxton tinha uma verdadeira expressão de felicidade ao recebê-los e, pelo que Helena sabia, ele e o irmão dela haviam se tornado grandes amigos.

— Milorde. — Pedro fez uma reverência. — Permita-me apresentar-lhe minha esposa, Acássia Silveira. — Sua cunhada fez uma reverência, assim como o marido. — E esta é minha irmã, a senhorita Helena Augusta da Silveira. — Ela o cumprimentou primeiro com um dos seus sorrisos ensaiados e depois fez a

mensura.

— É um prazer conhecê-la. — cumprimentou-as rapidamente e logo voltou sua atenção a Pedro. — Parabéns pelas recentes bodas.

— Obrigado, Braxton.

O Visconde indicou o coche onde dois criados, vestindo a libré vermelha e cinza de Hawkstone, aguardavam para auxiliar as senhoras no embarque.

Helena estava curiosa e frustrada. Embora tivesse residido por anos no reino, não conhecia Londres e também não conheceria hoje, visto que a neblina lhe impossibilitava ver qualquer coisa.

Vou odiar este lugar!, pensava ao longo do caminho, enquanto seu irmão e o Visconde não paravam de conversar. Helena pensou até em conversar com a cunhada, que não falava inglês, mas desistiu ao vê-la cochilando.

Eram recém-casados, afinal, mal tinham tempo de dormir, ela pensou, bloqueando as lembranças que teria de evitar para sempre.

Oh, destino desgraçado!

Decorreram alguns minutos antes que o coche parasse em frente a uma enorme construção em um bairro muito bem organizado e, principalmente, sem tanta neblina. Os jardins bem cuidados, a limpeza do entorno, tudo demonstrava a ela que estava na parte nobre da capital inglesa.

— Hawkstone teve que se ausentar, pois a futura sogra morreu — explicou o Visconde, e Pedro prestou seus sentimentos. — Quando voltamos, a Marquesa já estava muito doente, mas, ao longo dos meses, ela foi piorando. A noiva de Hawk ficou com a mãe até o fim e agora ela voltará para Londres para começar a organizar o casamento.

Helena ouviu a explicação de Braxton e tentou não se fixar naquela informação, não precisava mais disso, não se importaria. Desde que soubera de toda a história da loucura do pai em casá-la com um aristocrata, Helena queria poder parar de sentir qualquer coisa, tornar-se fria como aqueles ingleses.

Foram levados para dentro da casa e guiados por um mordomo alto e magro como uma árvore, cujo nome parecia ser Otis.

— Lorde Braxton, senhor e senhora Silveira. — Helena reprimiu um sorriso quando o mordomo se enrolou para falar o sobrenome estrangeiro. — Senhorita Silveira. — Terminou o anúncio e, finalmente, saiu do caminho, deixando-os entrar em uma enorme sala com decoração fina em tons de verde e prata.

À espera deles estavam três mulheres, inclusive uma que estava grávida.

— Permita-me apresentar-lhes — começou Braxton. — Minha esposa, a Viscondessa de Braxton. — Todos os visitantes executaram uma reverência para a linda loira com barriga proeminente. — Sua tia, a honorável senhora Spencer. — Seu irmão e sua cunhada pareciam perdidos, sem saber como cumprimentá-la, mas Helena fez-lhe um pequeno gesto de cortesia e ofereceu um sorriso, então eles a seguiram. — E, por fim, Lady Cecily Moncrief, irmã caçula do Conde de Hawkstone.

E lá estava ela, a moça mais bonita que Helena já vira.

Cecily era bem mais alta que a própria Helena, mas era elegante, magra, com uma pele de porcelana, olhos azuis e cabelos muito loiros. Ela lhe sorriu com educação e simpatia, enquanto Elise fazia as honras.

— É um prazer recebê-los em Moncrief House, lamento a

ausência de meu irmão, o Conde de Hawkstone, e de minha mãe. A Condessa viúva está indisposta hoje — falou a Viscondessa de Braxton. — Sentem-se. — Apontou os lugares e fez sinal para que seus criados servissem o chá.

Helena se sentara ao lado de Lady Cecily.

— Fiquei feliz quando me disseram que eu teria uma companhia feminina de minha idade — ela cochichou para a hóspede. — Seu quarto é próximo do meu e, se a senhorita permitir, gostaria de auxiliá-la em sua adaptação.

Helena sorriu ao constatar, com surpresa, que a Lady não era como as outras moças que conhecera no passado. Era simpática e soava muito sincera, o que a aliviou um pouco.

— Obrigada. — Resolveu retribuir a simpatia da moça, contando como se sentia. — Confesso que estou apavorada.

Cecily lhe deu um tapinha nas costas de sua mão que repousava em seu colo.

— Não se preocupe, tudo dará certo. Seu inglês é perfeito!

Helena agradeceu de novo.

Oh, destino cruel, não permita que me apegue a essa moça!

O chá terminou e os hóspedes foram levados até seus aposentos. Os homens, Pedro e Braxton, seguiram para o escritório de Hawkstone a fim de conversarem, enquanto as senhoras e as senhoritas foram aconselhadas a descansar da viagem.

No entanto, a irmã caçula do Conde tinha outra ideia.

— Vem, vamos conversar um pouco em particular. — Cecily a arrastou quarto adentro. — Eu confesso a você que me surpreendi com a quantidade de bagagem que chegou juntamente consigo. — Ela riu, jogando-se sobre a cama. — E olha que eu estou

acostumada com muita bagagem, afinal, sou irmã de Elise!

Ah, o nome da irmã mais velha era Elise. Helena detestava não saber o nome verdadeiro dos ingleses, sempre Lorde e Lady fulanos de tal.

— Fale-me um pouco sobre você!

Helena gelou, pois não sabia o que seria conveniente contar. Decidiu pelo resumo geral.

— Tenho vinte anos, sou filha de um fazendeiro que virou Barão e resolveu que quer casar sua filha, no caso, eu, com um Lorde inglês.

Cecily lhe deu um olhar compreensivo.

— Bem-vinda ao clube! — Pegou sua mão. — Sou a irmã mais nova de um Conde que acha que já é minha hora de ingressar no mercado matrimonial. — Deu de ombros. — Viu? Somos almas gêmeas!

Helena sorriu de verdade pela primeira vez em muitos meses. Sabia que aquela guerra seria perdida, pois nunca conseguiria não gostar de Lady Cecily Moncrief.

---

1 Burke's Peerage Limited é uma editora de genealogia britânica fundada em 1826, quando o genealogista irlandês John começou a lançar livros dedicados à ancestralidade e heráldica da nobreza, baronetagem, cavalaria e nobreza rural do Reino Unido. Fonte: Wikipédia.

15

A surpresa

Hawkstone estava cansado depois de um dia exaustivo a bordo de um trem. Fora ao encontro de sua noiva, Lady Muir, na casa familiar do Marquês de Rutherford. A Marquesa, Eleanor, acabara de falecer, e ele fora prestar apoio à noiva e ao próprio Marquês.

Não foi fácil. Estar próximo ao futuro sogro, mesmo em circunstância tão infeliz como a morte de uma esposa, era um verdadeiro sacrifício para ele. Os dois ainda se odiavam e, principalmente, depois que Gwen fora contrária à opinião do pai e aceitara casar-se com Hawk, esse sentimento se intensificou.

Gwen estava magra e abatida com tudo o que ocorrera. Há três meses, quando finalmente voltara para casa, ele soube do estado de saúde da Marquesa. Lady Muir já havia ido para a casa de campo dos pais para estar ao lado da mãe, e ele não tivera coragem de ir até ela naquele momento.

Ainda estava muito confuso com relação a tudo o que sentira no Brasil e viera decidido a não levar em frente o compromisso com ela. Não era justo com Gwen ter um marido como ele, que poderia,

a qualquer momento, apaixonar-se por outra como acontecera naquele país estrangeiro.

Aquela experiência só provou a ele que um relacionamento com Gwen estava fadado ao fracasso, porque nunca sentira ou sentiria nada parecido por ela. Era melhor ser sincero e evitar sofrimentos futuros, embora a admirasse e a achasse perfeita para ser sua Condessa.

Contudo, só soubera da doença da mãe dela depois que o relacionamento dos dois tornara-se público e notório e todos esperavam para saber se os dois “pombinhos”, que foram separados uma vez, conseguiriam ficar juntos. Seu relacionamento com Gwen fora romantizado a ponto de ser comparado a algumas grandes óperas.

Esse fato, que ele achava que seria um tapa na cara da sociedade, o transformara no queridinho novamente. Todas as mulheres, solteiras ou casadas, achavam romântica a história dos dois a ponto de espalharem que ele ficara solteiro aqueles anos todos esperando por ela.

Ironicamente, ele se vira preso a sua própria armadilha.

Conforme o tempo foi passando, Hawk passou a aceitar e a desfrutar do arranjo, uma vez que ele precisava se casar e ter um herdeiro, afinal tinha completado trinta e dois anos e ele nunca encontraria outra mulher perfeita como Lady Gwendoline.

Hawk entrou em sua casa e perguntou a Otis onde estavam todos. Há alguns dias, seus hóspedes chegaram, e ele não pôde estar presente para recebê-los, o que lamentava.

— Na sala de jogos, milorde — informou o mordomo, pegando seu chapéu e casaco.

— Ah, ótimo, ainda não jantaram. Peça a senhora Woods que mande preparar meu banho.

— Imediatamente.

Hawk subiu ao seu quarto. Tyler, mais uma vez, não o acompanhou na viagem e, por esse motivo, o Conde o encontrou resmungando mais do que o normal, mas com seu serviço em dia. Ele tomou banho e depois Tyler o ajudou a se vestir. Olhou para seu rosto e notou que a barba estava crescendo novamente e, desde que voltara do Brasil, sempre a mantivera raspada, pois ele ainda sentia os dedos dela deslizando pelos seus fios.

Bufou de raiva, balançou a cabeça e se ordenou a esquecer. Pediu a Tyler para que raspasse todo o pelo de seu rosto e o deixasse liso. Não era mais o *Stephen*, era Hawkstone, o Conde inglês noivo e cheio de responsabilidades.

Quando desceu, Otis lhe indicara que ainda estavam na sala de jogos e ele se preparou para, finalmente, conhecer sua "afilhada" naquela temporada, aquela que teria de domesticar e conseguir um marido, rico ou pobre, mas portador de um título inglês.

Só esperava que, ao menos, a moça fosse bonitinha, porque, caso contrário, sua sorte dependeria apenas de conseguir encontrar um nobre desesperadamente falido, como ele mesmo estivera há alguns anos.

Fez sinal para o mordomo, que abriu as portas do salão e o anunciou.

— O Conde de Hawkstone.

Ele entrou altivo, vestido como nunca estivera no Brasil, mas com um olhar de divertimento para provocar Pedro.

— Hawkstone! — Braxton o saudou, ainda sentado na mesa de

cartas, jogando com tia Maggie.

Elise estava recostada em uma *chaise* Louis XV, com estofado branco capitonê e estrutura dourada, lendo uma revista. Hawk notou a barriga já aparecendo sob o vestido e a forma carinhosa com que ela acariciava o próprio ventre. Sorriu ante a cena.

Na mesa de xadrez, estavam Lily e Pedro, que interrompeu o jogo para cumprimentá-lo.

— Hawkstone! — disse o brasileiro, sem fazer reverência, simplesmente apertando sua mão.

— Espero que esteja sentindo-se em casa, como eu me senti na sua — falou em português ao retribuir o cumprimento.

— É um pouco diferente, mas, ainda assim, estou à vontade, obrigado.

Hawk olhou para o restante da sala e não viu mais ninguém.

— Soube que se casou recentemente, onde está a senhora Silveira? E também, claro, a minha pupila...

— Kim as sequestrou, mas já devem estar voltando. Ele queria mostrar algo a elas. — Deu de ombros sem saber do que se tratava.

Tia Maggie o chamou para falar de um assunto privado, e ele já podia imaginar que se tratava de sua mãe. Resignado, ouviu o relatório do que ocorrera em sua casa durante os dias em que passou fora, ao lado da noiva.

— Ela não saiu do quarto nenhuma vez, nem sequer para conhecer os hóspedes! Pergunta por você e por Lady Gwen o tempo todo, falando dos preparativos do casamento.

Hawkstone parou de ouvir sua tia quando viu três pessoas aproximando-se.

Kim estava com uma mulher enganchada em cada um de seus

braços, a esposa e a irmã de Pedro, porém ele não sabia qual era qual. Um frio começou a subir-lhe pela espinha à medida que eles ficavam mais próximos e tudo o que Hawk podia pensar era que havia alguma coisa errada, muito errada.

O primo o viu, sorriu e o chamou. Só então ele teve certeza.

Ao lado direito do português, uma dama elegantemente vestida ostentava cabelos castanho-avermelhados presos em um coque meio solto, requintado e simples. O vestido de listras lilases e verde-claras colava-se em seus seios fartos, embora a saia com anáguas escondesse a curva dos quadris. Entretanto, mais do que o cabelo e o corpo, o que o deixou petrificado foram os olhos.

Olhos dourados, como os de uma leoa. *Sua leoa!*

Hawk não acreditava no que estava vendo. Fechou os olhos e os abriu sem conseguir esboçar nenhuma reação. Kim conversava com a outra moça, miúda e morena, e não percebera o estranho clima que se estabelecera entre sua outra companheira e o Conde.

Quando eles estavam a escassos centímetros de distância, Hawk conseguiu desviar os olhos dela e preparar-se para descobrir se aquela mentirosa era a irmã ou a esposa de Pedro.

— Hawkstone, que bom tê-lo de volta. — Olhou para a mesa do carteado. — Já que Braxton está ocupado, farei as apresentações. — Indicou cada uma das mulheres ao seu lado. — Senhoras, este é o Conde de Hawkstone. — Elas fizeram uma reverência idêntica, porém a enganadora não lhe olhara nenhuma vez. — Hawkstone, esta é a senhora Acássia Silveira, esposa de Pedro. — Apontou para a moça miúda, que lhe sorriu. — E esta é a sua pupila, senhorita Helena Augusta da Silveira, filha do Barão de Santa Lucia.

Hawk não podia acreditar no que estava acontecendo! Como era possível? Aquela mulher à sua frente era a fogosa escrava branca com quem ele... *Caralho!*

— É um prazer conhecê-las — cumprimentou-as e apontou para o primo. — Precisamos conversar, agora!

Kim assentiu, e Hawk notou que a mentirosa ficou rígida. *Porra, como se livraria dessa situação?!*

— O que houve? — perguntou, preocupado.

— Eu preciso ficar na sua casa — Hawk disparou.

Kim fez uma careta.

— Por quê?

— Estive pensando e acho que não ficaria bem um homem solteiro vivendo na mesma casa...

Kim riu.

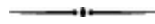
— Eu sei, Hawk. E o entendo. — Hawkstone ficou na defensiva. — Que Pedro não nos escute, mas que delícia se tornou aquela pirralha!

Hawk fechou os punhos sentindo um intenso ciúme do modo como Kim falara de Guta... Não, ela se chamava Helena. *Inferno!* Ele já estava tendo uma ideia do que passaria durante a temporada, pois ela era linda mesmo trajando roupas simples. Vestida como uma dama, Helena era espetacular. Hawk já vislumbrava entregas de buquês de flores, pretendentes entrando e saindo de sua casa, um verdadeiro tormento.

Definitivamente, sua irmã e ela não dariam a chance de brilhar a mais nenhuma outra naquela temporada.

Hawk de repente sentiu-se gelar. Pretendentes!

Deus Santo! Teria que casá-la!

— Isso não pode estar acontecendo! — disse ao sair a passos largos do salão, deixando um estarrecido Kim sem entender o que havia acontecido.

Helena sentia o coração pulando como se fosse sair pela boca a qualquer momento. Agora era definitivo. Hawkstone chegara e já sabia que ela estava ali e quem era de verdade. Não havia mais nenhuma esperança de que ele não fosse o seu Stephen, pois ela não conhecia ninguém mais que tivesse um olho de cada cor.

Que confusão se metera. Cada vez mais, ela odiava o seu destino, pois agora o mesmo homem que lhe mostrara o prazer, que a ensinara a amar, era o que a entregaria ao futuro marido.

Helena começou a tremer tão forte que Acássia lhe perguntou se estava com algum problema.

— Dor de cabeça — justificou. — Não queria ser rude com ninguém, por isso não me queixei, mas... — Ela tentava segurar as lágrimas, e a garganta queimava. — Eu preciso me retirar.

— Vá, eu digo ao seu irmão o que houve.

Helena agradeceu e saiu do salão tentando não chamar a atenção, segurando-se para não correr. Tinha pressa de chegar a ao quarto para poder dar vazão ao pranto. Conteve-se até começar a subir os degraus, onde sentiu cair a primeira lágrima e se apressou, praticamente correndo, de cabeça baixa para que ninguém a visse. Foi bruscamente interrompida, entretanto, quando um punho se fechou em seu braço e arrastou-a escada acima, levando-a na

direção contrária a que ficava seu quarto.

Não precisou olhar para saber quem era, pois seu corpo traidor já o reconhecera. Hawkstone a arrastou até um cômodo no começo do corredor e fechou a porta. Era uma antessala, grande e com característica masculina, e ela se retesou ao imaginar estar nos aposentos dele.

— Eu preciso de uma explicação — disparou antes mesmo que ela o olhasse. — Agora!

Ela respirou fundo e o encarou. Seu coração tremeu dentro do peito. Hawkstone estava com o olhar transtornado, o rosto tão lindo, completamente sério. Sua voz demonstrava toda a raiva e a surpresa que estava contendo.

— Sou Helena Augusta da Silveira, filha caçula do Barão de Santa Lúcia, nascida em dezoito de agosto...

— Pare já com essa merda! — Ele perdeu o controle e a segurou pelo braço, quase a sacudindo. — Esse não era seu nome e essas... — apontou para seu corpo... — não eram suas roupas e, pelo amor de Deus, você não falava inglês!

Ela secou, com as costas da luva, as lágrimas que, insistentemente, teimavam em rolar. Foi aí que Hawk percebeu o quanto ela tremia e a fez sentar-se em uma poltrona. Respirou fundo e tentou acalmar-se, agachando-se na frente dela para tentar conversar com civilidade.

— Você entende a situação em que estamos metidos agora? — Ela assentiu. — Eu quero saber o por quê! Por que aquela encenação de escrava?! Por que todas aquelas mentiras?!

— Nunca te disse que era uma escrava! — rebateu.

— Como não?! Você falava em ser livre, dizia que estava se

escondendo e... Porra! Ninguém sabia que você estava lá?!

Ela negou, admitindo o embuste.

— Você disse que se chamava Guta — ele acusou.

— E me chamo mesmo! — Ele cruzou os braços sobre o peito. — É um diminutivo de Augusta! — explicou, mas Hawk pareceu não se convencer. — Você também disse que seu nome era Stephen.

— E é, porra! Stephen James Moncrief.

— Só esqueceu de dizer que era o Conde de Hawkstone! — acusou-o. — Se eu soubesse, nunca...

Ele bufou de raiva, levantou-se e a interrompeu. Ele não mentira para ela. Apenas achava que se tratava de uma escrava, então não teria por que se apresentar com seu título. Mas, Helena, não. Ela mentira para ele deliberadamente.

— Conte-me a história toda — exigiu.

— Eu estou cansada...

— Agora!

Helena se encostou na poltrona e fechou os olhos ante a ordem enérgica e baixa. Se ela não estivesse tão assustada e com a maldita dor na cabeça lhe incomodando, teria se levantado e o mandado às favas. Não o fez.

— Vivi doze anos longe de casa, de colégio em colégio. Pensei que, quando eu, finalmente, fizesse dezoito, o Barão me deixaria voltar para casa. Mas não, eu estava com dezenove anos em uma escola cheia de menininhas. — Ela se lembrou de tudo o que sentira. — Eu só queria ir para casa.

Hawk foi até um aparador e se serviu de uma dose de uísque, enquanto Helena continuou contando.

— Forjei uma correspondência para o colégio, como se fosse enviada pelo meu pai, e solicitei que me mandassem de volta para casa. A diretora reservou um camarote em um vapor, contratou-me uma acompanhante e despachou-me para o Brasil. Cheguei à Corte e entrei em contato com Amélia, a esposa de meu irmão.

— Sei quem é, a conheci lá.

— Eu a conheço desde que nasci, e ela era a única a me visitar quando vinha para a Europa. — Helena tomou fôlego. — Bem, ela me ajudou a chegar a Santa Lúcia, mas então decidi que não queria ficar na casa. — Enxugou mais uma lágrima com raiva. — Já que o Barão não me queria de volta, eu não voltaria. Pedi a Marieta, uma escrava que foi criada comigo, que me escondesse, e fiquei lá por um mês inteiro sem ninguém desconfiar de mim. — Sorriu, triste. — Ninguém mais se lembrava de mim, não me reconheceram.

Hawk sentou-se, sem saber o que dizer. Notava que ela estava sofrendo ao contar-lhe aquilo, mas estava com tanta raiva dela que não conseguia sentir pena. Helena continuou a contar:

— Então veio meu aniversário e as comemorações de Santa Helena, e nós nos conhecemos.

— E você aproveitou para brincar um pouco com a minha cara. — O ressentimento falou mais alto.

— Não sabia que você estava hospedado em Santa Lúcia! Os escravos comentaram do estrangeiro, mas eu tinha visto Kim com Pedro e achei que fosse ele!

— Você já conhecia o Kim?

Ela assentiu.

— Pela primeira vez, eu não tinha ninguém me controlando ou mandando em minha vida. Eu era livre, finalmente. — Os dois se

olharam, mudos por um tempo. — Você foi... curiosidade; depois, desejo... e...

— Por favor, nem fale isso! — Hawk passou a mão pelos cabelos. — Sabe o escândalo que seria se alguém descobrisse? Para você, para mim, para as nossas famílias?!

— Para sua noiva... — Helena acusou-o.

— Sim — ele concordou. — Ela não merece saber dos meus erros.

Ouvi-lo dizer isso, compará-la a um erro, foi como se uma faca lhe entrasse no peito. Helena engoliu a dor e resgatou seu orgulho. Se era um erro, não tinha por que ficar lembrando, tinha de esquecer.

— Nunca direi uma só palavra — garantiu, aprumando o corpo e secando as lágrimas. — E não precisa mais se preocupar comigo, a curiosidade com relação a você já passou. — Levantou-se, ignorando a expressão confusa dele. — Agora que já acertamos tudo, vou me retirar, porque pareceria, no mínimo, muito suspeito estarmos juntos aqui dentro.

Ele assentiu.

— Tem razão. — Pôs-se de pé.

— Boa noite, milorde.

Fez uma reverência e saiu de cabeça erguida, sem olhar para trás.

16

Que comece a batalha!

Hawk estava na sala verde, juntamente com Braxton, tomando uma dose de conhaque e esperando as damas da casa. Elise pediu a ele que as levasse à ópera, enquanto ela ainda cabia em seus vestidos de noite, para assistir a uma estreia teatral no Drury Lane, em Covent Garden.

Pessoalmente, Hawk gostava mais de seu camarote e das produções do Theatre Royal, porém, desde o ano anterior, estava fechado para reforma após o incêndio que o destruiu.

Ele consultou seu relógio de bolso e sacudiu a cabeça impaciente. Havia mais de três quartos de hora que ele estava naquela sala aguardando as três damas, Elise, Lily e Helena, e não havia um só indício de que apareceriam tão cedo.

Helena.

Hawk pensou nela ao tomar mais um longo gole de sua bebida. Já fazia um mês inteiro que ela estava hospedada em sua residência, mesmo período que ele mesmo não residia na casa, pois achou melhor manter a maior distância possível entre eles e, por isso, usou uma desculpa para ficar na casa de Kim, do outro lado da

praça.

Os acompanhantes dela, Pedro e Acássia, permaneceram em Londres por dez dias e, depois, voltaram para o continente, a fim de continuar a lua de mel em Roma, na Itália.

Desde que chegara, Hawk percebeu, Helena e Lily se tornaram boas amigas e sua irmã mais nova a ajudava em sua adaptação, bem como tia Maggie a colocava em dia com os assuntos do momento e todas as regras tolas de uma debutante, embora ela informasse que, por ter estudado alguns anos em Bath, aprendera algumas coisas.

Ao que parecia, sua família aceitara muito bem a estrangeira, e Helena se integrava, a cada dia mais, na rotina diária da casa dele. Entretanto, havia um ponto que Hawk não sentia progresso em relação à sua pupila, pois, ainda que ela tivesse estreitado laços com seus familiares, o principal, que era encontrar um noivo, ela não fez.

No começo, a Condessa viúva se recusara a conhecer os hóspedes do filho e, até a partida do irmão e da cunhada da jovem Helena, Matilda Moncrief não havia sido devidamente apresentada à moça.

Até que, um belo dia, sua mãe surpreendeu a todos e apareceu na sala de jantar para compartilhar o desjejum. Hawk achou que a senhora não comentaria sobre Helena, mas bastou a moça retirar-se do recinto e sua mãe pontuou, um a um, todos os defeitos que achara nela, das roupas aos olhos estranhos.

— Olhos estranhos? — Ele rira. — Eu tenho um olho de cada cor!

Matilda o fuzilou com o olhar antes de acrescentar:

— Mas nenhum deles é amarelo!

Esse foi o fim da discussão para Hawk. Não teceria sua opinião sobre Helena, pois não seria nada aconselhável dizer, em voz alta, tudo o que ele achava dela.

Durante todo esse tempo decorrido, ele conseguiu seu propósito e, como a temporada ainda demoraria a começar, ele não precisava ter assiduidade em Moncrief House. Dessa maneira, passava por lá alguns dias da semana, sempre durante algumas refeições e, se precisasse de algo de lá, mandava um criado buscar. É verdade que, apesar de estar a maior parte do dia despachando com seu secretário, ele se sentia entediado e solitário. Kim voltara para o Lusitana e o deixara completamente só com o serviço na casa. Então, para se distrair, Hawk ia ao Brooks jogar, ao Tarttesalls para ver cavalos e às lojas de Bond Street para encomendas de trajes para a temporada que se aproximava.

Em todo resto do dia e, às vezes, parte da noite, ele trabalhava. Não queria sua cabeça desocupada e, muito menos, pensar na possibilidade de atravessar a praça para ver uma certa mulher com olhos de felino.

Não, ele não queria isso. Retomara sua filiação em uma academia de boxe e, assim que acordava, ia até lá para praticar e manter o foco do que realmente era importante e do que ele planejara para si.

Entre um afazer e outro, ele se correspondia com a noiva, que se mostrava cada vez mais ansiosa para retornar a Londres, mas ainda aguardava a mudança definitiva da tia dela, que se encarregaria de supervisionar a casa e os cuidados com seu pai.

Hawkstone achava admirável o cuidado que Gwen tinha com o Marquês, mas admitia que essa demora da noiva em retornar à

capital e começar a preparar os detalhes do casamento dificultava muito as coisas.

Se Gwen estivesse em Londres, tudo seria mais fácil para Hawk. Nesse momento, ela estaria ao seu lado indo para o teatro e seria o braço dela enganchado no seu.

— Mulheres... — comentou Braxton, entediado com a espera. — Se estão demorando assim hoje, você pode imaginar o que nos aguarda na abertura da temporada.

— Já pensei nisso, Braxton. — Ele deu de ombros. — Lily ainda terá audiência com a Rainha.

Braxton gemeu.

— Estou com pena de você... — Ele se aproximou a fim de falar mais baixo. — Você acha que sua mãe comparecerá ao baile de abertura? Você sabe o quanto isso é importante para a aceitação da senhorita Silveira.

— Tia Maggie e eu estamos unindo esforços para que ela vá. — Hawk encarou seu cunhado. — Você teme que a moça seja rejeitada?

— Pelas damas, sim. — Riu. — Mas, pelos cavalheiros, não há hipótese de isso acontecer! Aquela moça é... — ele pensou em uma palavra para defini-la — ...extraordinária!

Hawk concordou com a cabeça, levando seu copo novamente à boca.

— Eu tenho certeza de que estaremos com um compromisso de casamento logo no começo da temporada, tanto para nossa pupila como para Lily!

Hawk engoliu sua bebida com mais dificuldade.

Embora tivesse consciência de que era seu dever conseguir um

marido para Helena, ainda era difícil conceber que outro homem teria o privilégio de tocá-la. *Privilégio... Ela era meu privilégio. Meu!*

— Finalmente! — Braxton interrompeu o rumo dos pensamentos de Hawk.

Hawk se virou para olhar a entrada da biblioteca e engasgou com o restante da bebida. Braxton o olhou assustado, mas ele sinalizou que estava bem.

Sua irmã mais velha estava linda, em um vestido bordô de mangas compridas e saia ampla. Lily exibia um vestido azul de gola alta, mas Helena... Hawk não conseguia tirar os olhos dela.

A atrevida vestia um traje verde-esmeralda, cujas mangas terminavam no pulso, mas começam na clavícula, deixando um pedaço enorme de pele dourada à mostra, até o decote se fechar, em forma de “V”, sobre os seios.

Elise parecia não ver nada de estranho naquele vestido, mas Hawk tinha certeza de que não era o traje adequado para uma moça que nem sequer fez seu debute, mesmo sendo estrangeira.

Ele olhou para a irmã, que ajeitava a gravata do marido, e tentou lhe enviar uma mensagem sobre a questão. Elise o ignorou. Hawk bufou de raiva, pois não queria tocar nesse assunto ali, ainda mais sabendo que poderia ofender a moça. Mas como, em nome de Deus, prestaria atenção à peça? Como, ele achou melhor acrescentar, qualquer homem prestaria atenção a qualquer outra coisa naquela noite?

Helena estava esplêndida. Linda, sensual, exótica... Só de olhá-la, Hawk sentiu seu pênis reagindo. *Porra!*

Imediatamente, olhou para Braxton esperando ver alguma reação

por parte do cunhado, mas ele conversava com as damas e não parecia notar o vestido de Helena, nem como ela estava deliciosa nele.

— Hawk? — chamou Lily, percebendo a expressão de seu irmão. — Algo errado?

Ele respirou fundo, afinal, não sabia o que estava em voga para as senhoras, não acompanhava a moda, mas quis se manifestar, de qualquer modo.

— Estava pensando que o vestido da senhorita Silveira, talvez, seja fresco demais para o clima de hoje.

Helena levantou uma das sobrancelhas e o olhou muito séria.

— Oh, mas ela está absolutamente linda neste vestido! — exclamou Elise. — Eu já havia visto em uma ou duas revistas francesas e lamento não poder usar um também, minhas condições... — Acariciou a pequena saliência em sua barriga.

— O que há de errado com meu traje, milorde? — perguntou Helena, desafiadora.

Ele notou que todos na sala o olhavam e esperavam uma resposta para a questão.

— Eu não conheço a moda feminina, senhorita. — Deu de ombros. — Estava mais preocupado com seu bem-estar, afinal o inverno de Londres é bem diferente do brasileiro.

Helena exibiu um sorriso forçado e frio.

— Agradeço sua preocupação, milorde, mas lhe garanto que estou confortável, eu saberei me manter “quente”. — Assim que pronunciou as palavras, ela balançou a cabeça como se tivesse cometido um erro. — Quero dizer, “aquecida”.

Hawk sabia que ela dominava seu idioma muito bem e que

aquele erro fora proposital. Ele ainda se lembrava do quão quente ela era, em todos os sentidos. *Inferno!*

Elas colocaram suas capas antes de saírem à rua, porém, assim que Otis abriu a porta, Hawk avistou Kim vestido com traje de noite.

— Vejo que cheguei a tempo! — disse feliz, cumprimentando a todos. — Cheguei à casa e Tyler me informou onde vocês iam. Não se importam que eu os acompanhe, não é?

— Claro que não! — Lily disse, enganchando seu braço no dele. — Eu quero saber tudo sobre essa última viagem.

Hawk olhou para o casal e depois notou Elise e Braxton dirigindo-se à carruagem. Não tinha outro jeito. Ofereceu o braço a Helena, e ela o aceitou. Na mesma hora, um calor percorreu todo o seu corpo. Ele tentou não pensar nisso, mas, assim que o vento da noite trouxe o cheiro dela até suas narinas, sabia que a noite seria uma tortura.

Se Lily estivesse junto a eles, essa compreensão do corpo dela próximo ao seu não teria sido tão forte. Hawk odiava aquilo, não entendia que forte atração física era aquela, não conseguia descobrir que tipo de feitiço ela lhe jogara para, assim, conseguir se ver livre dele.

Um criado a ajudou a subir na carruagem e, quando ele entrou, percebeu que ambos estavam sozinhos. *Porra!* Suas carruagens só permitiam a acomodação de quatro pessoas, por isso ficaram a sós.

Helena sentou-se à sua frente, e ele pôde analisar toda sua beleza. Os cabelos cor de mogno estavam presos, mas havia alguns cachos soltos em volta do coque, roçando no pescoço que ele uma vez mordera e lambera. Mais uma vez, aspirou o perfume dela e seu

corpo todo se acendeu.

Helena também não parecia à vontade com ele na carruagem, e Hawk se perguntou se ela sentia o mesmo, se seu corpo atraía o dela, se sua simples presença era capaz de excitá-la a ponto de não pensar em mais nada.

— Não é uma viagem longa... — tentou brincar com a situação e desviar os pensamentos luxuriosos.

— Ainda bem!

Ela estava brava com ele?! A mentirosa, atrevida se achava no direito de ser grosseira com ele? Hawk crispou as mãos e desviou o olhar para a janelinha do coche.

Cretino! Helena queria dar algumas bofetadas nele. Estava indignada pela maneira com que Hawk tentou constrangê-la na frente de todos, justamente em sua primeira saída de casa à noite.

Ela pediu ajuda a Elise para escolher o vestido, e foi a própria Viscondessa que garantiu que não havia nada de escandaloso em seu traje, uma vez que, apesar dos ombros à mostra, o decote não era baixo e o corte era de muito bom gosto.

Ela tivera medo e, ao contrário do que dissera, não estava à vontade naquela roupa. Há bem pouco tempo, ela nunca havia usado um traje tão elaborado como aquele, afinal, entre uma escola em regime de internato e a senzala de uma fazenda, onde ela poderia usar algo assim?

Além disso, ela não sabia nada da moda, apenas o que vira e

aprendera em Paris durante as compras. Na escola, ela aprendera a se expressar educadamente, a se comportar, a se dirigir corretamente a um nobre, mas moda? Isso mudava de tempos em tempos, e as professoras diziam que era uma questão prática.

Pois bem, ela tinha uma infinidade de vestidos de noite, mas não sabia em que ocasião seria correto usá-los. Ela sabia que os mais simples eram usados de dia e separou, por cor e estilo, os de manhã dos da tarde. Algumas outras roupas eram bem óbvias, como as de montaria e as de viagem, mas as da noite... Eram tantos e tão diversos os lugares que se podia ir à noite.

Naquela noite, estavam indo ao teatro, mas ainda teriam saraus, concertos, jantares, coquetéis e bailes para irem durante a temporada e, além disso, ela precisaria saber a magnitude e o local dos eventos.

Ela bufou alto, e Hawk a olhou com o cenho franzido.

Helena teve a vontade infantil de lhe mostrar a língua, mas sabia que nada de bom isso acrescentaria na já difícil relação dos dois.

Aquele homem, sentado à sua frente, não parecia em nada com o que ela conhecera meses atrás. Essa versão dele, de tutor, era completamente ridícula, afinal, ela já vira suas partes mais íntimas. O rosto de Helena, imediatamente, ficou rubro ao pensar nisso, pois, com certeza, ele vira mais do corpo dela do que ela do dele.

Ela não queria lembrar-se daquele dia. Não queria e não deveria, porque, além do papel que ele desempenhava agora em sua vida, era um homem comprometido.

Ela sentiu o coração tremer ao lembrar da conversa que ela e as duas irmãs dele tiveram sobre o assunto. Na verdade, ela nem queria saber sobre a tal noiva, mas o assunto surgiu, e Elise contou

que eles eram considerados uma versão real de um tipo de “Romeu e Julieta”, porém com final feliz.

Ele, que tivera a chance de casar-se com qualquer outra dama de Londres, esperara a mulher que lhe fora negada por culpa dos pais dela. Até mesmo Helena, que nunca se viu como romântica, suspirara ao ouvir a história.

Os dois estavam noivos quando Hawkstone descobriu estar falido, porém escondeu a situação de todos, até da família. Mas o fato é que ele foi descoberto e considerado, por toda a sociedade, como um caça-dotes mentiroso, visto que a noiva vinha com um dote vultoso. O pai dela, um Marquês, desfez o compromisso e a obrigou casar-se com um velho.

Ele não cortejou mais ninguém. O coração de Helena doera ao ouvir aquilo e constatar que só quem era realmente apaixonado esperaria o atual marido morrer para, depois, ir atrás da amada.

Hawkstone a considerava um erro, porque ele traíra a mulher a quem, de verdade, amava.

Depois daquela conversa, Helena passou a se sentir a pior das criaturas e a se culpar pelo que acontecera. Mas, passada a emoção da narrativa e considerando todos os acontecimentos do Brasil, ela chegara à conclusão de que ele era um cretino, pois sabia que era comprometido o tempo todo em que estivera com ela.

Contudo, mesmo sabendo disso, mesmo considerando-o um idiota, ainda o queria. Sonhava com ele, acordava ofegante, excitada, sabendo que estavam tão perto e, ao mesmo tempo, mais longe do que nunca. Queria seus beijos novamente, queria que ele lhe mostrasse o prazer, a ensinasse como agradá-lo e a tornasse sua para sempre.

A carruagem parou ao chegar ao seu destino, e Helena se sentiu aliviada por poder sair daquele pequeno compartimento em que ele estava. Um criado abriu a portinhola e colocou a escada para que o Conde descesse. Hawk estendeu a mão para ajudá-la a sair com aquele vestido volumoso e, em seguida, lhe estendeu o braço.

Os outros dois casais já haviam desembarcado e estavam à espera em frente à entrada do teatro. Helena sentiu quando Hawk ficou tenso ao seu lado e percebeu uma moça de cabelos quase brancos de tão claros olhando para ele com um sorriso velado.

Porco cretino! Ela xingou-o ao constatar que deveria ser mais um dos erros dele. Analisou a mulher realmente linda e se sentiu uma tola por pensar que ela poderia ter sido importante para ele em algum momento.

Engoliu o ciúme e o seguiu para o camarote e, assim que se acomodaram, ouviu Braxton cochichando para o Conde.

— Aquele com a mulher dos cabelos claros era Tremaine?

Hawk apenas assentiu.

— Corajoso! Trazendo a amante em um dia de estreia!

O teatro estava completamente lotado e, graças à iluminação a gás, todos estavam bem visíveis em seus lugares. Helena conseguiu achar a mulher, devido ao tom único de seus cabelos, percebendo que ela ainda olhava Hawk, antes de desviar os olhos para encará-la abertamente.

Helena levantou uma sobrancelha e devolveu-lhe o olhar mais altivo que conseguiu, a mulher abaixou os olhos, voltando-se em direção ao palco. As luzes se suavizaram e os sinais de que a representação teria início soaram um a um.

No intervalo do segundo ato, Lily a chamou para irem juntas ao

toilette, e os homens decidiram circular um pouco para conversar com conhecidos. Hawk e Braxton pararam para conversar com alguns investidores e tomar uma taça de champanhe enquanto aguardavam as damas voltarem do *toilette*. Foi quando ele viu Tremaine aproximando-se sem Crystal, por sorte.

O Marquês parou a escassos metros do Conde, mas não o cumprimentou, apenas o olhava friamente. Hawk entendia o motivo pelo qual ele, antes um dos seus melhores amigos, agora o odiava. Lamentava profundamente a perda da amizade, mas não se arrependia do que fizera, pois ele fora sua salvação.

A atenção do Marquês se desviou a outro canto, e, quase sem querer, Hawk olhou para a mesma direção. Elise estava conversando e sorrindo para Helena, que estava linda e exótica naquele vestido ousado, e Tremaine a devorava inteira.

Imediatamente, ele se sentiu queimar, pois sabia que o olhar de apreciação de Tremaine não era para a irmã, uma vez que ele conhecia muito bem a Viscondessa de Braxton.

Aquele libertino desgraçado estava comendo Helena com os olhos. Sem pensar duas vezes, ele foi caminhando até onde estavam as duas.

— Vamos voltar ao camarote — informou Hawkstone em um rompante.

— Estamos esperando Lily, eu precisei sair porque estava muito cheio e fiquei tonta, Helena quis me acompanhar, mas Lily...

— Você espera Lily com Braxton. — Ofereceu o braço para Helena. — Vamos!

Helena estranhou aquela reação, mas não disse nada, apenas seguiu-o de volta ao camarote, vendo-o parar rapidamente para

mostrar a Braxton onde a esposa estava.

— Acho que, de hoje em diante, terei de aprovar seus vestidos antes de...

— O quê? — ela o interrompeu surpresa.

— Você está chamativa demais nesta roupa e pode passar a imagem errada.

— Que tipo de imagem errada estou passando hoje? — perguntou Helena, se controlando para não gritar com ele. Hawk a olhou sério. — Fale!

— De que está disponível...

Ela riu amarga. É claro que ela estava disponível, afinal, estava ali, naquele maldito lugar, para ser vista, avaliada e comprada pelo melhor título.

— Eu estou disponível, milorde! — declarou amargamente, fazendo menção de se afastar.

Hawk a segurou pelos cotovelos.

— Não brinque comigo, Helena. Você está aqui sob a proteção do meu nome, e eu não vou permitir que envergonhe a mim ou à minha família, entendeu?

— Eu. Não. Fiz. Nada! — Pontuou ao puxar o braço que ele segurava. — Eu quero saber quem é que vai me proteger de você, pois acabo de descobrir que é louco!

Hawk abriu a boca para retrucar, mas viu Braxton, seguido de Elise e Lily entrarem no camarote.

17

Pólvora e fogo

Depois do ocorrido no Drury Lane, Hawk se afastou ainda mais de Moncrief House. Para isso, ele recusara todos os convites que recebera para as reuniões e bailes que antecediam a temporada, alegando que, como Lily ainda não tinha se apresentado na sala da Rainha, não era conveniente expô-la.

Mas não era a verdade.

Ele queria evitar, o máximo possível, estar perto de Helena, ficar sozinho com ela ou ter de acompanhá-la aos eventos sociais. Sabia que era isso que Silveira esperava que ele fizesse, que expusesse sua filha para o maior número possível de cavalheiros e tentasse pescar ao menos um, mas ele não conseguira conter o ciúme que sentira ao ver outro homem olhando-a com cobiça.

Hawk não podia deixar que aquilo que aconteceu entre eles no passado o impedisse de cumprir seu acordo com o Barão, mesmo porque não havia espaço em sua vida para uma fidalga brasileira, isso não estava nos seus planos.

Era tanto para tentar colocar a cabeça no lugar como uma maneira de se proteger de qualquer tentação que pudesse sentir que

ele solicitara a volta de Gwen com urgência. Na carta, ele explicava à noiva que precisava dela para os preparativos da estreia de Lily e para auxiliar, como exemplo, a estrangeira que a família dele apadrinhava naquele ano.

Ele se sentia mal com aquilo, usar sua própria noiva como escudo, mas sabia que somente com a presença de Gwen e o foco no que realmente importava é que aquela inconveniente atração física teria fim.

Gwen era a personificação da mulher que ele sempre sonhou em ter ao seu lado. Ela era solidária, amorosa, dedicada e nunca, nunca mesmo, o desafiaria como aquela pequena leoa fazia. Não, Gwen tinha a nobreza no porte e no sangue, sabia muito bem qual era seu lugar e o papel que deveria exercer.

Além do mais, a reviravolta que a história dos dois deu foi, em inúmeros aspectos, benéfica para Hawk. Eles voltaram a ser o casal favorito da sociedade e, apesar da resistência do Marquês ao casamento, ele faria uma aliança com umas das famílias mais poderosas do reino.

Não havia nenhuma desvantagem ao desposar Gwen, pois, além de tudo que a classificava como uma Condessa perfeita, ela ainda era linda e tinha afeto sincero por ele, que também se sentia muito bem na sua companhia. Desse modo, não seria nenhum sacrifício esse casamento, para nenhuma das duas partes.

Ele ouviu uma pequena batida à porta de seu escritório e, logo após, viu Otis entrar no recinto, seguido de um criado carregando uma bandeja com uma xícara de café fumegante e um prato de biscoitos.

— Otis, pode dispensar o serviço, não vou mais precisar de nada.

— Como quiser, milorde. — Ele fez uma reverência e esperou o criado sair.

O mordomo já ia fechar a porta do escritório quando Hawk viu um exemplar de Oliver Twist em cima do sofá ao lado da lareira. Ele franziu o cenho e pegou o volume na mão.

— Otis... — O mordomo abriu uma pequena fresta na porta para atendê-lo. — Alguém esqueceu isto aqui. — Mostrou-lhe o livro. — Você poderia levar de volta?

O mordomo pegou o exemplar, fez nova reverência e saiu.

Hawk sentou-se à escrivaninha e tomou um gole do café, forte e amargo, enquanto olhava os convites que haviam chegado aquele dia. Com certeza, Harrison os levaria à casa de Kim no dia seguinte, depois de tê-los classificado e já estar com uma minuta de resposta para cada um deles, afinal, seu secretário era sinônimo de organização.

A temporada já estava próxima de começar, apenas algumas semanas de preparação final e todas as casas de Londres estariam cheias, os parques seriam frequentados com maior assiduidade, além de exposições, corridas e óperas à disposição das famílias que estariam ali.

Há muito, Hawk não participava da maioria desses eventos, mas via o lado positivo de ter aberto exceção naquele ano, pois, além da apresentação — quase tardia — de Lily, ele poderia ter contato com mais Lordes interessados em seus investimentos.

Pegou o primeiro convite da lista e fez uma careta. Ao que parecia, a Duquesa de Needham decidira antecipar seu majestoso baile e, no lugar do encerramento, ela daria início à temporada.

Não sabia até que ponto poderia suportar aquela mulher

peçonhenta, mas adoraria esfregar na cara dela todas as suas conquistas ao longo daqueles anos. Era certo que a Duquesa esperava assistir à sua derrocada, mas ela ainda não conhecia a força de vontade e o horror de desistir que existiam em Hawk. Ela apenas o subestimou, achando que ele se recolheria entre as pernas de sua mãe e choraria.

Ele afrouxou o laço de sua gravata e tirou o paletó. Estava vestido a caráter, pois Kim decidira dar uma pequena festa em sua casa. Muitos dos amigos de seu primo e conhecidos dos dois estavam presentes, além de belas damas para distraí-los. No entanto, enquanto as horas avançavam, Hawk começava a se sentir entediado. Foi então que, ignorando que era começo de madrugada, ele resolveu ir para sua própria casa e desde então estava alojado no escritório. Talvez, se conseguisse trabalhar um pouco e distrair sua cabeça, poderia enfim conciliá-lo com o sono.

Resolveu analisar o relatório bancário mais recente e começara a ler, porém, sem nenhum aviso prévio, a porta de seu escritório se escancarou, e ele ouviu um pequeno som de surpresa.

Seu corpo inteiro respondeu, principalmente uma parte importante da anatomia masculina. Ele levantou os olhos e a viu. Helena estava parada com a mão ainda na maçaneta, de olhos arregalados.

— Eu... — Ela parecia constrangida e passou os olhos pelo escritório. — Pensei ter deixado aqui o livro que estava lendo.

Hawk assentiu.

Ah! Sim, o Oliver Twist!

— Eu pedi a Otis que o recolocasse na biblioteca. — Helena bufou. — Como vai? — Hawk tentou mostrar-se educado, visto

que a última conversa dos dois foi terrivelmente tensa.

Ela o encarou.

— Vou bem, obrigada. Apenas estou sem sono e gostaria de terminar a leitura.

— Tudo bem. — Levantou-se. — Oliver Twist é uma ótima leitura. — Aproximou-se dela sabendo que era um erro, mas não poderia evitar. — Eu gosto da escrita de Dickens também.

Ele a segurou pelo cotovelo e começou a caminhar com ela para fora do escritório. Imediatamente, Helena ficou tensa sem saber o que esperar, afinal ele a estava expulsando do escritório ou levando-a para outro lugar com ele?

— Milorde...

— Silêncio! — ele sussurrou. — Vou ajudá-la.

Ela percebeu que estavam indo a caminho da biblioteca.

— Não é neces...

— Eu insisto, afinal, fui eu quem atrapalhou sua leitura.

O coração dela estava disparado. Podia sentir o delicioso cheiro da colônia dele, o calor de sua mão sobre seu fino penhoar de algodão. Ela olhou-o pelo canto dos olhos e notou que, embora estivesse sem o casaco e com a gravata frouxa, estava impecavelmente vestido.

É claro que, ao contrário dela, o Conde não estava passando todas as noites em casa. Ele estava saindo e divertindo-se por aí enquanto mantinha suas próprias irmãs e ela em casa. Helena sabia muito bem que foi a discussão que tiveram no teatro que o fez resolver esperar a temporada.

Chegaram à habitação escura, Hawk ligou o lustre central da biblioteca, que era a gás, e Helena piscou diante da claridade.

— Vejamos... — Ele a soltou. — Dickens... — Ele foi olhando as prateleiras, cujos livros estavam dispostos em ordem alfabética pelo sobrenome dos autores. — Ah! Aqui está! — Ele pegou os três volumes da obra. — Qual deles?

— O segundo. — Ela apontou.

Hawk guardou os demais livros e olhou para ela, desafiante.

— Venha buscar. — Helena respirou fundo e andou decidida até ele. Tirou o volume de sua mão e já ia dar-lhe as costas, quando o ouviu dizer baixinho: — Não vai agradecer?

Ela o encarou e sentiu a raiva tomar todo o seu corpo. Raiva e outros sentimentos que procurava não considerar. *Cretino, idiota!*

Ela lhe deu seu olhar mais frio, ergueu uma de suas sobrancelhas e tencionou virar-se novamente. Tencionou, sim, porque antes que fizesse qualquer movimento, ela sentiu uma mão quente agarrá-la pela nuca e, logo após, uma boca ávida sobre a dela.

Surpresa, não conseguiu esboçar nenhuma reação, mas, quando sentiu a língua dele invadir a sua boca, tentou empurrá-lo, porém não obteve sucesso ao sentir o abraço dele cada vez mais apertado.

A outra mão lhe acariciou as costas e todo o seu corpo se arrepiou com o contato. A fina roupa de dormir não deixava nada escondido, fazendo-a sentir em seu abdômen a dura e grossa ereção dele.

Ele a trouxe mais para perto e moveu a rigidez de seu pênis contra ela. Helena gemeu contra sua boca, sentindo o corpo queimar e sua parte íntima ficar úmida e muito quente. Aquele beijo era completamente errado, mas incrivelmente consumidor, a ponto de fazê-la pensar apenas no quanto sentira falta, no quanto gostaria de estar nos braços dele e que ele a amasse como naquele

dia, às margens da cachoeira.

Hawk sentia-se perdido e, ao mesmo tempo, em casa. Seu corpo reconhecia o dela e sentia uma enorme satisfação de estarem juntos novamente. Ele a beijava como se quisesse sugar-lhe a alma, o calor, e tudo o que conseguia de volta era mais vontade de tê-la.

Suas mãos percorreram as costas dela de cima a baixo, apertando-a contra ele de modo que pudesse fazê-la sentir o que lhe estava acontecendo. Era pura loucura, ele sabia, mas não conseguia evitar. Estava há tanto tempo reprimindo essa vontade... Sonhando com ela, pensando nela e desejando somente ela.

Era como se Helena lhe tivesse penetrado o sangue, pois, em todos os momentos, lembrava de como era a sensação de sua boca, de suas mãos, o gosto de seu sexo e o cheiro de seu gozo. Não havia nada mais excitante para ele do que a lembrança de seus gemidos e de sua boca úmida recebendo-o inteiro.

Precisava dar um jeito de expulsá-la da mente ou cometeria a loucura de levá-la, dessa vez, para sua cama e amá-la a noite toda, por inteiro, por completo, não deixando dúvidas de que ela pertencia a ele.

Ele interrompeu o beijo, mas não afastou a boca, apenas ficou ali, sentindo seu hálito cálido e sua respiração ofegante. Sob suas mãos, sentia o calor da pele dela, parcamente protegida pela fina roupa de dormir.

Ele abriu os olhos e os dela estavam questionadores, embora cheios de desejo. Ele gemeu alto e a abraçou com força, mas com o mesmo carinho que o fazia no Brasil.

— Isso é loucura! — disse, revelando o desespero que sentia. — É loucura eu a querer tanto, é loucura você estar aqui... —

Encarou-a. — É loucura o motivo pelo qual você está aqui...

Ela assentiu, mordendo o lábio inferior. *Maldito destino!*

Hawk riu tristemente e passou a mão pelos cabelos.

— Eu não sei o que fazer com isso que acontece quando estamos juntos. Às vezes, quero te expulsar para longe, estar distante — passou os dedos por sua face —, e outras vezes quero sentir aquilo tudo de novo. Na maioria das vezes, quero aquilo de novo.

— Você disse que foi um erro... — ela o acusou, magoada.

— E foi — disse, sincero. — Ainda é, Helena. Não tenho o direito de tocar em você, pois eu deveria protegê-la desse tipo de avanço. Além do mais, nada de bom pode sair dessa situação. Eu vou me casar ao final da temporada, assim como você.

Ela fechou os olhos ao ouvir essa afirmação. Eles se casariam, mas não um com o outro. Doía ouvir isso, mesmo sabendo o tempo todo que seria assim, mesmo que seu coração insistisse em ter esperanças. Ela nunca seria dele, nem ele dela.

— Não é justo com ninguém isso que aconteceu. — Hawk encostou o rosto no dela. — Como eu vou fazer para parar de querer-te? Como eu poderei entregar-te a outro homem?

— Eu não preciso...

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela, calando-a. Sabia o que ela iria dizer e considerava uma loucura sem fim. Ela teria que se casar com alguém, mas, se ela não o fizesse, iria embora da Inglaterra. E, naquele momento, Hawk não sabia o que doía mais.

De repente, ele sentiu a ponta de uma língua quente passar sob seu dedo e gemeu em resposta. Como poderia resistir a ela?

Encostou-a contra a estante de jacarandá abarrotada de livros. Não foi muito gentil, mas a atrevida não reclamou, apenas gemeu e

sorriu, aceitando a brutalidade do tesão que ele sentia por ela. Foi a gota d'água para sua racionalidade, completamente subjugada pelo desejo. Ele precisava dela.

Hawk levantou as pernas de Helena e encaixou seu quadril no meio delas. A pressão que ele exercia sobre ela a mantinha firme suspensa, então elevou seus braços e segurou seus pulsos com uma só mão, enquanto ela o abraçava com as pernas.

Invadia sua boca com a língua, frenético, chupava seus lábios, mordia-os, executando, com os quadris, movimentos bruscos, querendo-a deixar excitada com a fricção de seu pau em sua boceta. Era intenso e, por vezes, brutal. Usou uma de suas mãos, a que estava livre, para puxar o cordão do penhoar e rasgar o decote da camisola que ela usava.

Passou a mão pelos seios dela, brincando com os mamilos pontudos ao mesmo tempo que mexia os quadris contra os dela sem parar. Atacou seu pescoço, lambendo e beijando, descendo para o colo, querendo prová-la inteira de novo.

Helena era viciante, e quanto mais a provava, mais a queria. Sua vontade só aumentava, seu desejo o consumia a ponto de se masturbar todas as noites pensando nela, lembrando dos momentos que tiveram no Brasil, gozando como um louco e, mesmo assim, não se saciando.

Tudo o que pensava em fazer era abrir a calça e afundar-se dentro dela pela primeira vez. Queria sentir as paredes úmidas e apertadas nunca exploradas e abri-las, moldando-as ao seu tamanho. Queria ouvi-la gozar, alto e majestosamente, gritando seu nome e, finalmente, queria segui-la ao céu, derramando-se dentro dela, marcando-a como sua para sempre.

Ela era sua.

Cego por esse pensamento, desabotoou a calça e liberou seu pênis. Levantou sua camisola até a cintura e gemeu quando seu pau encostou-se na carne úmida desprotegida, sem nenhuma roupa íntima, como nas vezes em que ela se encontrava com ele às margens da cachoeira.

Os dois gemiam juntos enquanto seus sexos roçavam um no outro. Helena rebolava, intensificando o contato, usando-o para sentir prazer, para estimular seu clitóris. Era torturante, e Hawk já não aguentava mais esperar.

Afastou-se levemente, segurou seu pau e o posicionou na entrada dela, mas parou ao ouvir uma pequena explosão. Assustados, eles encararam o lustre, cujas chamas mantidas pelo gás encanado estavam inconstantes. Outra explosão se fez ouvir, e Hawk foi até o dispositivo que liberava o gás para desligá-lo.

Helena se segurou para não rir. Linda, despenteada, boca e pele avermelhadas por causa dos beijos dele. Hawk abotoou sua calça, respirando fundo. Apontou o lustre.

— Acho que foi nossa deixa. — Sorriu para ela, mas com olhos lamentosos.

— Sim... Acho que, literalmente, poderíamos ter explodido dentro dessa biblioteca. — Helena abaixou-se para pegar o livro que, em algum momento, caíra no chão. — Boa noite, milorde. — Despediu-se passando por ele.

— Boa noite, leoa — murmurou somente para si.

Estava perdido e condenado pelo que quase acontecera. Por pouco, não a possuíra, trepando com ela de qualquer maneira, em pé, dentro de uma biblioteca. Mas também admitiu a si mesmo que,

embora fosse loucura, sentia-se absolutamente mais feliz ao tê-la em seus braços.

Estava fodido.

18

Promessa

Naquela semana, abria-se, oficialmente, a temporada de bailes em Londres. Todas as famílias, mesmo as que não eram tão ricas, estavam na cidade para verem e serem vistas. Os locais elegantes da cidade estavam tendo cada centímetro ocupado — e disputado — e o número de cavalos e coches, que já não era pequeno, se multiplicava.

Andar pela Bond Street à tarde se tornou um verdadeiro jogo de equilíbrio e reflexo. As senhoras que ainda não tinham completado seus enxovais abarrotavam as lojas de moda, as joalherias e qualquer outra que fosse relevante ao seu vestuário.

Conseguir tomar algum refresco no Gunter’s era um exercício de paciência, pois, apesar de ainda ser primavera, os termômetros já haviam subido consideravelmente.

Hawkstone caminhava pela rua acompanhando suas irmãs e Helena, enquanto as senhoras iam de vitrine em vitrine olhando chapéus, tecidos, fitas e calçados. Elise, apesar de seu estado aparente de gravidez, ainda guardava uma energia para as compras que deixaria qualquer homem louco e, talvez, já sabendo disso,

Braxton logo inventou um compromisso e encarregara Hawk de acompanhar as damas.

Por vezes, quando elas paravam para ver algo, ele, propositadamente, esbarrava de leve em Helena, que lhe olhava pelo canto dos olhos e enrubescia. Ele adorava vê-la rubra, lembrava-lhe de cada vez que, naquelas semanas, o fizera ofegar de prazer.

Estavam se encontrando em todas as oportunidades possíveis, como acontecera no Brasil. Beijavam-se como loucos, conversavam, riam, liam e se amavam como conseguiam, sem que isso a comprometesse para sempre. Hawk se sentia um verme ao pensar que o motivo que o mantinha sob controle era o fato de pensar em casá-la com outro. Isso o destruía, mas, ainda assim, não conseguia abrir mão dela.

Era loucura o que estava acontecendo entre eles, e Hawk sabia que isso teria de ter um fim, afinal, o tempo dos dois estava se esgotando. Em breve, ela seria apresentada a um sem-número de cavalheiros e escolheria um deles para ser seu marido, assim como ele mesmo desposaria outra pessoa.

Hawk bloqueou o pensamento para não se lembrar de Gwen e da horrível traição que cometia contra ela. Muitos poderiam dizer que, como ele ainda era solteiro, não estava fazendo nada que outros não fariam, mas Hawk nunca se imaginou agindo dessa maneira.

Ele sempre idealizou que, ao escolher a mulher certa para si, as outras teriam que deixar de existir para ele, afinal, nunca pretendera ser um mulherengo traidor como fora seu pai. Tanto pensara assim que, quando Gwen voltara a fazer parte de sua vida, dispensara a amante para ser fiel a ela.

Contudo, percebera que havia diferença entre o plano real e o imaginário e que, contra aquela atração quase animal que sentia por Helena, não havia como controlar seus atos.

Elise sugeriu, finalmente, que eles descansassem e se refrescassem em uma confeitaria, e eles se dirigiram a uma elegante casa de chá aberta recentemente naquela região e que servia o elixir de Elise, o chocolate *lait*.

Mais tarde, ao chegarem em casa, Hawk trazia, escondido em seu bolso, um bocado do delicioso doce. Ele esperava, ansiosamente, poder ver a sobremesa derreter sobre uma pele quente e dourada.

— Há uma correspondência para milorde. — Otis lhe mostrou o envelope sobre a bandeja.

Ele pegou a missiva e a abriu. Era de Lady Muir informando-lhe que sua tia ainda não chegara, mas que ela faria o possível para estar presente no dia da apresentação de Lily. Hawkstone se lembrou da carta enviada a ela e estranhou a demora da noiva ao respondê-lo.

Ainda pensava sobre isso quando viu Elise dirigir-se à saída com Braxton.

— Vamos até nossa casa — Elise informou a ele. — Acabam de chegar a tia e as primas de Charles. — Fez uma careta. — Pensei que não viessem esse ano, visto que as avisei sobre a apresentação de Lily e o quão ocupada eu estaria. Mas Braxton disse que elas alegaram uma visita para nos felicitar pela criança. — Deu de

ombros.

Em seguida, dois lacaios apareceram carregando as malas da irmã.

— Eu tentarei vir todos os dias...

— Não se preocupe — acalmou-a. — Tenho certeza de que mamãe e tia Maggie dão conta das meninas.

Ela fez uma cara descrente, mas não retrucou. Despediu-se de seu irmão e saiu ao encontro do marido que a aguardava na porta do coche.

A segunda surpresa apareceu no jantar daquela noite, quando a Condessa viúva resolveu aparecer, altiva, bem-vestida e informou que os acompanharia. Ela ainda era uma jovem senhora, com cinquenta anos de idade, mas sempre fora uma mulher com muitos problemas de saúde, agravados pelo desprezo do marido e o desgosto com o filho.

Era magra e alta como as filhas, seu cabelo ainda tinha muitos fios dourados resistindo aos prata, e seus olhos, de um azul intenso, possuíam pouco viço.

— Resolveu voltar para casa, Hawkstone? — perguntou à queima-roupa.

— Não, ainda continuo do outro lado da praça com Kim — respondeu, destrinchando o assado sobre a mesa para, então, os criados servirem aos outros.

Ela assentiu, mas continuou.

— E sua noiva? Quando Lady Gwen voltará para começarmos os preparativos do casamento?

Hawk não respondeu imediatamente, passando os olhos por Helena antes de repousar o garfo e a faca de trinchar sobre a

bandeja e sentar-se.

— Em breve.

— Bom. Realmente, essa é uma das únicas notícias boas dos últimos tempos. O casamento com Lady Muir e a união de nossa família com a do Marquês de Rutherford é, sem dúvida, a melhor coisa que você conseguiu realizar em sua vida, Hawkstone.

— Ah, mamãe, que injustiça. — retrucou Lily. — A senhora tem muitas coisas para se alegrar ultimamente, afinal, a senhora em breve será avó. — A Condessa fez uma careta de desgosto a esse tratamento. — Nossa situação financeira nunca esteve tão bem e, finalmente, eu farei sua vontade e me exibirei no mercado matrimonial.

— Lily! — a Condessa ralhou. — Esse não é o tipo de assunto que devamos levar à mesa! — Balançou a cabeça. — Não sei por que você não consegue ser um pouco mais delicada!

— Desculpe, mamãe — disse irônica, voltando a comer.

Helena esteve sem reação durante toda aquela conversa. Sabia que a relação da matriarca da família e seus filhos não era muito amistosa, mas não imaginou que ela os tinha em tão baixa conta, além do mais, pelo que soube, se não fosse pela ousadia dos investimentos de Hawk, eles estariam na penúria agora.

Porém, aquela senhora não via assim. Ela não encontrava alegria em ter uma filha maravilhosa e inteligente como Lily, nem em sua filha mais velha ter-se casado por amor e estar carregando o fruto dessa relação e, muito menos, por tudo o que o filho fazia por ela. Helena já havia notado o quanto Hawk era dedicado aos negócios da família, o quanto dispensava energia e dinheiro para fazer a vida de sua mãe tranquila e confortável. Mas em nada adiantava, pois,

na visão da Condessa viúva de Hawkstone, se os filhos não dançassem conforme sua música, eram fracassados.

— Lily pensa que sou uma pessoa insensível... — Matilda voltou a resmungar. — Não sou, apenas sei muito bem o quanto o seu irmão deseja esse casamento, afinal, há quase quatro anos, ele espera por ela.

— Mamãe... — Hawk tentou interromper.

— Não, Hawkstone, deixe-me explicar a essa mocinha petulante que se acha muito esperta! Eu me importo com vocês e, exatamente por isso, quero que tenham o melhor. Braxton não foi o melhor para Elise, mas dadas as circunstâncias em que nos encontrávamos — olhou feio para Hawk —, ela poderia ter ficado pior. Mas, agora, nossa situação voltou a ser como era e não temos que nos contentar com pouco, com qualquer coisa. Tenho certeza de que encontraremos um marido à sua altura nessa temporada, assim como tenho certeza de que Lady Muir é a mulher perfeita para assumir meu lugar no condado.

Lily assentiu não querendo brigar.

— Matilda, acho que já se exaltou demais com essa conversa, temos uma convidada à mesa — disse tia Maggie com sua voz conciliadora.

A Condessa encarou Helena. A moça sentiu um frio percorrer sua espinha de cima a baixo ao notar o olhar de desprezo da senhora.

— Ah, sim. Perdoe-nos, senhorita.

Helena tentou sorrir, porém só conseguiu mostrar uma careta estranha. Aquela mulher a olhava como se ela fosse apenas um inseto indesejado vagando por sua casa.

— Mas, de qualquer maneira — continuou a Condessa —, qualquer pessoa de bom senso reconheceria que Gwendoline é a escolha ideal para o posto. — Olhou de novo para Helena. — A senhorita não teve o prazer de conhecê-la, não é? Mas, quando o fizer, verá por que não existiu outra para meu filho. — Hawkstone pigarreou e tomou um gole de vinho. — Ela é doce, elegante e refinada. Tem um coração maravilhoso, cuidou da mãe doente durante meses, mesmo sua família tendo condições de contratar quantas enfermeiras quisesse. Mas ela fez questão! E, agora, põe sua própria vida de lado para deixar tudo arranjado na casa de seu pai, uma vez que Eleonora, a falecida Marquesa, era quem coordenava tudo naquela enorme propriedade. Tenho certeza, Hawkstone, de que não há no mundo outra mulher tão perfeita para você.

Hawk não disse nada, e um silêncio perturbador imperou na sala de jantar. Ele queria olhar para Helena e dizer a ela que... Suspirou, tomando mais um gole de seu vinho. Tudo o que sua mãe dissera sobre Lady Gwen era verdade, e ele mesmo achava que não havia mulher mais qualificada que ela para ser a futura Condessa.

Mas isso não fazia com que ele se sentisse melhor, pois ainda se sentia um bastardo cretino. Lady Gwen era tudo e muito mais do que sua mãe dissera, mas Helena era aquela que parecia ser parte dele.

— Sei que combinamos que eu sairia somente após a apresentação à Rainha, mas, amanhã à noite, será celebrado o sarau na casa de Lady Blanchet e, você sabe, Hawk, somos amigas desde pequenas... — Lily quebrou o silêncio.

Hawkstone decidiu parar de comer. Lily olhava para ele quase

implorando para que as levasse à casa do Duque de Stanton, exatamente um local que ele queria evitar. Mas como dizer não à sua irmã sem justificar o motivo? Afinal, o que ela dissera era verdade sobre a amizade da família dele com a família de Stanton.

— Teremos que fazer uma exceção, Hawkstone — disse a mãe, animada. — É claro que seria um local ideal para que Lily pudesse ser vista e, além disso, há o Lorde Tremaine.

Hawk sabia que não haveria modo de evitar aquele momento, só esperava que Tremaine não comparecesse, visto que tinha fama de ser um homem completamente frio com seus familiares.

— Vou solicitar a Harrison que encaminhe uma confirmação amanhã cedo. — Lily abriu um de seus brilhantes sorrisos, e Hawk sentiu pena do homem que se casasse com a irmã, pois era impossível negar-lhe qualquer coisa.

Após o jantar, sem a companhia de Braxton, Hawk se retirou ao seu escritório para fumar. A Condessa resolveu voltar ao seu quarto, acompanhada de sua irmã. Lily foi para a biblioteca ler e Helena, alegando uma pequena dor de cabeça, se desculpou com a amiga e se recolheu.

Aquela conversa toda sobre a tal perfeita, fina e elegante Lady Muir tinha lhe revoltado o estômago. Lembrar que o homem com quem estava tendo encontros às escondidas tinha uma história de amor e estava prestes a se casar com uma mulher que todos julgavam ser maravilhosa fazia odiar-se.

Não era justa, para ninguém, aquela situação. Ela sentia-se como um objeto de diversão para Hawkstone, apesar das negativas dele. Ela era aquela por quem ele sentia atração, que conseguia completá-lo como homem, mas não era a escolhida para ser sua

esposa.

Constatar a realidade da situação em que ela estava fez com que se sentisse muito pior que um inseto intruso: sentiu-se uma cobra, um bicho peçonhento e ardiloso que traía a confiança de todos e que, no fundo, queria apenas destruir uma relação já estabelecida.

Helena sentou-se na beirada de sua cama. Ela nunca fora assim e não seria agora que passaria a ser. Aquela situação toda estava muito errada. Permitir que os encontros amorosos continuassem era consentir ser rebaixada a amante, a uma prostituta. Ter aquele tipo de relacionamento com Hawk era seguir pelos caminhos de sua mãe e ratificar tudo o que seu pai sempre dissera que ela era.

A porta de seu quarto foi, rapidamente, aberta e fechada. De olhos arregalados, ela encarou Hawkstone.

— Eu não podia esperar para falar com...

— Saia! — ordenou, apontando a porta.

— Helena, eu gostaria que perdoasse todas as coisas...

— Diga-me, milorde, sua noiva não é aquilo tudo o que foi dito? Você nega que não há, no mundo, alguém mais perfeita para você do que ela?

— Não, eu não posso negar isso. — Ele caminhou até ela. — Eu não sei o que está acontecendo...

— Chega, milorde. — Ela fez sinal para que ele não se aproximasse. — Acabou. — Hawk assentiu tristemente. — Nós dois sempre soubemos que isso não teria futuro, então não há por que...

— Eu não gostaria de tê-la magoado — disse com sinceridade. — A última coisa que eu quero é vê-la ferida, Helena.

— Não é algo que esteja em suas mãos. O que eu sinto só

pertence a mim — suspirou. — Eu apenas quero que alguém me queira de verdade. Não quero mais ser escondida de ninguém, não como meu pai fez, ou como eu estava fazendo agora. Eu quero que, pela primeira vez, alguém tenha orgulho de ter-me por perto.

— Eu tenho... — Hawk decidiu que não queria piorar tudo. — Eu prometo a você que vamos achar essa pessoa.

Ela o encarou.

— Eu prometo — repetiu, saindo rapidamente do quarto, da mesma maneira que o fez da vida dela.

19

O Marquês de Tremaine

Helena estava nervosa ao ir ao sarau na casa do Duque de Stanton, e o tremor que acometia seu corpo não era somente por estar próxima a Hawkstone, mas também por estar indo, pela primeira vez, a um evento oferecido por um Duque.

Não que tivesse tido a oportunidade de ir a muitos, pois, se contasse os das escolas em que estivera, tinha ido a, exatamente, cinco deles. Ela tentou tirar aquelas lembranças da mente, pois se o evento para o qual ela se esmerou tanto fosse, no mínimo, parecido com os da escola, ela não saberia como conseguiria ir até o fim sem roncar.

Tudo bem que ela era injusta às vezes, pois invejava as moças que tinham o dom de cantar, de tocar ou recitar. Ela não recebera nenhum daqueles dons. As professoras sofriam para fazê-la cantar como um anjo, mas desistiam ao ouvir as primeiras notas. Já com os instrumentos, ela tentara primeiro o piano, depois, o violino, o violoncelo e, por fim, a flauta. Helena teve que se segurar para não rir das lembranças dos sons que tirava dos pobres instrumentos.

Quanto à recitação de poesia, ela sempre achou que ia bem, mas

as professoras estavam sempre lamentando quando ela lia algum verso. Sempre achavam um defeito. Ora ela lia rápido demais, ora, devagar. Diziam que sua voz não era apropriada, e ela pensava que, se cantando era desafinada, falando deveria ser também.

Depois de alguns anos, ao manter um relacionamento de amizade com o rapaz da entrega de legumes, soube que ele achava sua voz muito sedutora, e ela ficou se questionando se não era por esse motivo que sua voz era tão inapropriada.

Lily pegou em sua mão enluvada e deu-lhe um sorriso de conforto. Ela sabia que Helena estava tensa, pois, ao ser avisada sobre esse evento, ela quis saber tudo sobre as pessoas que estariam no local e, principalmente, sobre seus anfitriões.

A dama lhe explicou que o Duque de Stanton, Luke Adolphus Allen, era um senhor idoso, casado e pai de quatro filhos. A mais velha, Adriana, era casada com o Conde de Lyons e tinha dois filhos; o filho varão, herdeiro do título, era Sebastian Allen, Marquês de Tremaine, ainda solteiro; depois dele vinha Alicia, casada com um Conde francês e residente na França; e, por fim, a melhor amiga de Lily, Blanchet, já na sua segunda temporada.

Apesar de toda tensão, estava grata por Hawkstone ter ido no outro coche, junto com a mãe e os Viscondes de Braxton. Assim, ela não precisava lidar com a presença dele naquele momento.

Dessa vez, ao sair de casa, ela fez diferente, até mesmo para evitar conflitos, e já desceu com sua capa por cima de seu traje. Não o olhou em nenhum momento para não ver a reação dele, mas achou que ele não estranhou, visto que Lily fizera a mesma coisa.

Aquela noite, Tilly, a criada pessoal que a estava servindo desde que chegara, se esmerara tanto em seus cabelos como em sua

maquiagem e, também, no modo em que a ajudou a escolher o vestido. Helena tinha medo de errar e causar constrangimento desnecessário aos Moncrief, mas, como Elise mesma ressaltara da última vez, seu guarda-roupas era elegante, refinado e o que tinha de mais moderno na moda parisiense.

Ela olhou para a senhora Spencer que dormitava no banco em frente ao que elas estavam sentadas. Sorriu para Lily passando uma imagem confiante. Poderia até estar com medo, com o coração quebrado, mas, naquela noite, ela começaria a brilhar.

Estava decidida a conquistar o melhor partido daquela temporada e não queria que ele viesse a ela por seu dote. Seu pai sempre falara de seu gênio e físico parecidos com os de sua mãe, e as freiras e as professoras, ao longo dos anos, sempre tentaram subtrair dela a sensualidade da voz e do corpo. Mas, agora, aquilo tudo que ela sempre acreditara ser negativo seria usado como arma para conquistar seu objetivo.

Sentiu o coche parar e olhou para a enorme construção que se erguia, tomando uma esquina inteira. A casa de Londres do Duque de Stanton, em Park Lane, era majestosa, possuía, pelo menos, três andares acima do solo e jardins à frente, ao lado e, provavelmente, nos fundos, além de enormes varandas e sacadas que proporcionavam aos moradores uma vista exclusiva do Hyde Park.

Helena desembarcou do coche avistando a fila que as carruagens faziam para que seus ocupantes pudessem descer próximo à entrada da imponente mansão. Ela olhou encantada para Lily, mas a amiga parecia não estar notando nada de extraordinário, visto que conhecia aquela residência e já estava acostumada com sua opulência.

Lily fez sinal para sua mãe, vendo-a ao pé da escada, provavelmente esperando por elas. Tia Maggie, imediatamente, as conduziu até ela e o casal Braxton, porém Hawkstone não estava à vista. Helena franziu o cenho e, sem querer, passou a vista pelos nobres que se encaminhavam pela entrada que dava acesso à propriedade.

— Pensei que não íamos chegar nunca! — exclamou Lily. — Se viéssemos caminhando, teria sido mais rápido.

— Caminhando... — resmungou a Condessa como se sua filha tivesse cometido um sacrilégio. — Não seja absurda, Cecily! Já basta termos de ficar aqui esperando Hawkstone!

— O que houve? — Lily fez a pergunta que martelava a mente de Helena.

— Chegou uma correspondência de última hora, e Harrison o alcançou aqui. — Ela fungou. — Pelo que parecia, ele viera andando...

Lily riu e recebeu um olhar fatal de volta.

— O Conde não deve demorar, mas acho de bom tom esperarmos um pouco — informou Braxton.

— Ah, sim! Afinal, ele possui o título mais elevado.

— Mamãe... — Elise chamou-lhe a atenção. — Não comece — disse entredentes e com um falso sorriso carinhoso no rosto.

Helena não precisou olhar para trás para saber que Hawk se aproximava. Conhecia o perfume dele e seu corpo inteiro arrepiava com esse cheiro. *Cretino!* Ela fazia questão de se lembrar.

— Desculpem, miladies — disse um pouco ofegante. — Era um assunto que precisava despachar. — Olhou para as mulheres da família, evitando Helena. — Vamos? — E ofereceu o braço à mãe.

Na porta de entrada da mansão, havia um mordomo juntamente com um lacaio, faziam o serviço de, respectivamente, receber os cartões de apresentação dos nobres e segurar-lhe as capas e os chapéus.

Hawkstone já estava na antecâmara do salão de baile quando teve a primeira visão do vestido de Helena. Ele segurou a respiração ao pensar em como era possível toda aquela produção tê-la deixado ainda mais bonita.

Os cabelos artisticamente penteados delineavam um coque cheio de cachos, tendo uma joia entremeada nos fios. No rosto, uma maquiagem leve que realçava seus olhos, transformando-os de dourados em esverdeados. E o vestido — ele admirou o corte perfeito da peça — possuía ombros nus, mais uma vez, com uma renda francesa caindo-lhe sobre os seios, mesma renda que fazia detalhes nas pregas da barra da saia, e o corpete, no mais esplêndido azul royal que ele já vira, ressaltava sua cintura fina e o abdômen plano.

O vestido continha apenas uma pequena manga, parcialmente coberta pela renda cravejada de cristais do busto, e os braços encontravam-se protegidos por luvas sete oitavos na cor preta.

Lily estava igualmente bonita, trajava um vestido verde-escuro, seguindo um estilo parecido ao de Helena e com os cabelos penteados em uma cascata de cachos no lado esquerdo de sua cabeça. As duas juntas eram como uma pintura, e ele tinha certeza de que, naquele dia, elas estavam fazendo seus caminhos para serem as mais requisitadas de toda a temporada.

Sentiu uma reviravolta em seu estômago, mas, imediatamente, a ignorou. Ele lhe prometera que ela teria alguém que a quisesse

acima de tudo, e Hawk cumpriria a promessa.

— O Conde de Hawkstone! — anunciou o oficial do evento. — E a Condessa viúva de Hawkstone.

Hawk entrou no salão para cumprimentar os anfitriões.

— O Visconde e a Viscondessa de Braxton. — Tomou fôlego. — Lady Cecily Moncrief, a Senhora Margareth Spencer e a senhorita Helena Silveira.

Hawk assistiu à entrada dos anunciados e, em seguida, olhou para os rostos daqueles que já se encontravam no salão. Muitos homens e mulheres pararam para observá-las, e ele sorriu, orgulhoso.

Elas se juntaram a eles, e a Condessa logo disparou:

— Senhorita Silveira, ponha-se ao meu lado esquerdo e espere que eu a apresente a quem for. — E olhou-a carrancuda. — Primeiro, apresentarei Lily, que a precede em importância.

Hawkstone respirou fundo, sem paciência com a mãe. Era melhor circular.

— Com licença. — Fez uma reverência e foi até um grupo de conhecidos, onde Braxton já se encontrava.

— Quando começam as apresentações? — perguntou Helena a Lily.

— Somente ao final. Primeiro, as pessoas querem se divertir, afinal. — Riu, mas aprumou-se ao notar que a mãe as encaminhava aos Duques de Stanton.

Hawkstone reviu vários antigos colegas ali, renovou algumas amizades, e outras preferiu deixar como estavam. Tomou uísque, conversou sobre política, afinal o parlamento estava no auge de suas sessões, e um pouco sobre investimentos.

Muitos dos homens que estavam ali, nobres e filhos de nobres, pediram para serem apresentados à sua “pupila”. Ele listou, mentalmente, quem deveria ou não ser apresentado, de acordo com a reputação e a situação financeira de cada um deles.

Antes de o primeiro concerto ser anunciado, ele notou algumas pessoas cochichando e isso, naquele ambiente, geralmente prenunciava algum tipo de escândalo e, por isso, seguiu os olhares para ser surpreendido pela presença do Marquês de Tremaine.

O Marquês estava vestido impecavelmente, como sempre fazia, e seus cabelos estavam penteados para trás, rentes à cabeça. A altura dele chamava a atenção, visto que era um dos homens mais altos que ele conhecia. Ele andava por entre os convidados, imponente e aristocrático, distribuindo alguns de seus raros sorrisos a amigos ou ignorando a outros.

Era incrível o Marquês ter comparecido à festa, pois, conforme diziam, há anos ele não frequentava a casa dos Duques.

Os olhos dos dois se cruzaram, e Hawk, pela primeira vez, viu tristeza nos de Tremaine, sendo aquele sentimento logo substituído por desprezo.

Ele aproximou-se do Marquês e, aproveitando a bebida extra que segurava, a qual tencionara dar a Braxton, ofereceu o copo ao ex-amigo que um dia chantageara.

— É preciso muito mais do que uísque, Hawkstone — ele disse, porém aceitou a bebida. — Então, estamos de volta! Finalmente

nos rendendo às tradições e aos julgamentos da sociedade.

— Estamos? — Hawk riu, irônico. — Deus sabe que eu faria de tudo para estar em outro lugar, mas não posso!

Ele assentiu, pois sabia que Lily faria sua estreia naquele ano.

— Eu soube de Philomena, sinto muito — Hawk disparou.

Viu quando os nódulos dos dedos do Duque, da mão que segurava o copo, ficaram brancos. Philomena era um assunto que nunca deveria ser discutido entre os dois, muito menos em uma reunião como aquela, mas Hawk precisava dizer a ele que se importava e, talvez, aquela fosse a última oportunidade.

— Eu agradeço. Já se passou mais de um ano...

— Eu sei e gostaria de ter estado lá com você. — O Marquês o fitou incrédulo. — Eu sempre soube o quanto ela era importante.

Tremaine riu, sarcástico.

— Tenho certeza de que sim, afinal, na primeira oportunidade, você foi me extorquir por causa dela.

— Eu já lhe expliquei, e o dinheiro retornou...

— Dez vezes mais, eu sei. Meu advogado tem recebido os depósitos. Mas, ainda assim, Hawkstone, você foi muito longe.

— Reconheço e desculpo-me novamente. Eu estava desesperado e não tinha tempo para conseguir aquela quantia.

Braxton se aproximou, e eles interromperam o assunto.

— Tremaine — cumprimentou. — Eu pedi a Elise que se sentasse ao lado da senhorita Silveira durante os concertos.

— E Lily? — perguntou Hawk.

— Junto com Lady Blanchet, mas logo estará de volta e se sentará ao seu lado. A Condessa e a senhora Spencer sentaram-se à frente. — Apontou discretamente um grupo de ladies viúvas. —

Mas a senhorita Silveira, como nossa afilhada...

— Apresente-a a mim, Braxton — disse Tremaine. — Eu a acompanharei com prazer.

Braxton sorriu, e Hawk sentiu o corpo inteiro se rebelar contra aquele arranjo. Tremaine era a última escolha que ele faria para ela, afinal, além de ser o futuro Duque de Stanton, guardava segredos que, se fossem, um dia, à luz, manchariam seu nome para sempre.

Braxton o levou até a pupila de Hawkstone, e Tremaine abriu um amplo sorriso ao constatar quem era a moça.

Os concertos foram, como previsto, sofridos. Helena esteve o tempo todo dividida entre o espanto e a dor nos ouvidos, só não fora pior por causa do nobre ao seu lado, Lorde Tremaine, filho dos anfitriões, um Marquês.

A cada apresentação, ele lhe contava o que aconteceria, fazia piadas e algumas imitações. Algumas pessoas, ele conhecia tão bem que previa o que tocariam, cantariam ou declamariam. A tortura foi visivelmente mais branda graças à inteligência mordaz que ele possuía.

Ela também reparou no quanto ele era um homem charmoso, apesar de ser bruto demais para ser considerado bonito. Era muito alto, com mãos muito grandes e um rosto anguloso demais, embora possuísse um queixo muito aristocrático.

Os cabelos estavam mais compridos do que ditava a moda, mas totalmente penteados para trás e colados à cabeça, usava uma barba

muito bem-aparada e sua roupa simbolizava a elegância rica.

Realmente, era um espécime muito interessante, porém, apesar dos galanteios e brincadeiras, não fazia o corpo dela reagir como acontecia com Hawkstone.

Helena até tentou, mas não conseguiu não olhar o Conde durante o evento. Surpreendeu-o olhando-a também e, para seu espanto, percebeu o quanto esse olhar lhe dizia do desgosto de estar longe dela e de ter outro homem acompanhando-a.

— Eu gostaria de visitá-la — Tremaine solicitou, assim que o sarau acabou. — Gostei muito da companhia da senhorita.

Helena sorriu, adulada.

— Eu não sei se é comigo que milorde precisa tratar sobre as visitas...

— Não, não é. — Sorriu. — No entanto, eu gostaria da sua opinião sobre elas. Não quero me impor, só vou se a senhorita desejar que eu vá.

Helena gostou disso, embora soubesse ser um comportamento raro.

— Ficarei encantada, milorde.

Ele levou a mão dela até os lábios, fez uma mensura e se despediu.

— Hmmm... Um futuro duque! — Lily se aproximou animada.

— Ele nunca iria querer compromisso com alguém como eu. — Helena sacodiu a cabeça negando. Lily ergueu as sobrancelhas. — É muito nobre!

A amiga gargalhou.

— Tremaine? Não é o que eu escuto por aí.

— Como assim?

Lily chegou bem perto.

— Dizem que ele tem um... apetite voraz pelos encantos femininos, se é que você me entende. — Riu. — Além disso, brigou feio com os pais por se recusar a casar.

Helena observou-o de longe, admirando o porte, a expressão, mas somente isso. Tremaine seria o partido ideal para ela mostrar a todos, agradaria — e muito! — ao seu pai e faria Hawkstone... Não! Ela nunca usaria uma pessoa por esses motivos e gostara muito da companhia dele para submetê-lo a isso.

A verdade é que doía saber que talvez fosse considerada até por um futuro Duque, mas que Hawkstone a achava inadequada. Doía muito.

20

A temporada

Finalmente, o dia da apresentação de Lily na sala de apresentação no Palácio St. James chegara. Hawkstone estava aguardando as irmãs descerem e conversava com Braxton. Eles estavam no escritório, mas, a todo momento, eram interrompidos pelas encomendas que chegavam.

Flores. Dezenas de buquês de flores chegando, a cada minuto, para Lily. Hawk não sabia se ria da situação ou se começava a se desesperar, pois, desde o dia do sarau na casa dos Duques de Stanton, sempre havia algum presente sendo entregue para ela naquela casa.

Mais uma vez, Otis batia à sua porta. Braxton lhe olhou com um sorriso provocador.

— Aposto dez libras que dessa vez são orquídeas! — E esperou pela contraposta do cunhado.

— Não, dessa vez, são narcisos amarelos. — Apertaram as mãos. — Entre, Otis.

— Milorde, encomenda para... — Ele leu o cartão.

Hawk ficou de pé no momento em que viu o enorme ramalhete

de rosas vermelhas. O arranjo era tão grande que o mordomo não conseguia enxergar o cartão em sua mão e via-se que tinha dificuldade para equilibrá-lo. Até aquele momento, as flores que chegaram tinham sido discretas e sofisticadas, como lírios, narcisos, orquídeas e peônias. Aquele era o primeiro e mais estranho arranjo floral, com dúzias de rosas vermelhas do tamanho de seu punho.

— Ah, sim! — disse o mordomo empertigando-se novamente. — De Lorde Tremaine para a senhorita Silveira, milorde.

Braxton gargalhou, e Hawkstone ficou mudo. O Conde caminhou com raiva e, praticamente, arrancou o cartão da mão do mordomo.

— "Lembram-me você. T." — Leu em voz alta e, em seguida, amassou o cartão. — Como ele se atreve?! — Olhou para Braxton que tinha os olhos abertos como pratos. — Essa indecência de arranjo e esse tipo de mensagem... — A raiva consumia Hawk de uma forma que nunca sentira antes. — A intimidade com que lhe escreveu! Bastardo!

Braxton concordou que o gesto de Tremaine foi descabido. Em primeiro lugar, era o dia de Lily, pois ela era a única a ser apresentada à Corte. Depois, enviar aquele tipo de flor com um cartão tão íntimo era uma completa falta de respeito.

— Onde eu as deixo, milorde? — perguntou Otis, já sentindo o peso do presente em suas mãos.

Hawkstone apontou para uma mesinha de canto no escritório, esperou o mordomo depositar as flores e retirar-se.

— Tremaine não é o tipo com quem eu pensaria em emparelhar Helena — disse Braxton. — Além de toda fama de libertino e

insensível que ele tem, ainda é o sucessor do Duque de Stanton.

Hawk balançou a cabeça concordando. Ele sabia que o interesse de Tremaine em Helena não era o que eles estavam procurando. Ele sentia a raiva tomando todo o seu corpo. Ele não deixaria Tremaine aproximar-se de Helena, nem que para isso, ele tivesse que socá-lo como quando eles se conheceram anos atrás.

Ele não era o homem certo para ela, nunca seria, e Hawk sabia que uma aproximação entre eles seria desastrosa.

— Preciso esclarecer as coisas com Tremaine — ele disse a Braxton, que concordou. — Eu...

— Vocês viram a quantidade de flores que recebemos hoje? — Elise entrou no recinto com um enorme sorriso no rosto. — Eu sempre soube que Lily seria um enorme sucesso! — Ela aproximou-se do arranjo de rosas vermelhas e franziu o cenho. — Lindas, mas um tanto vulgares. — Procurou o cartão e não o achou. — Quem...

— Veio sem cartão — Hawk respondeu à irmã.

— Que grosseria! — ela lamentou. — Lily descerá em alguns minutos. Esperem para vê-la, está deslumbrante!

— Aposto que não tanto quanto você. — Braxton se aproximou e beijou a testa da esposa.

— Comporte-se, Braxton — disse rindo. — Ela já deve estar descendo, vamos?

Os três saíram do escritório e foram ao *hall* da entrada, aos pés da grande escadaria. Quando, finalmente, Lily desceu, Hawk abriu um largo sorriso de orgulho.

Helena a ajudava com a cauda e o véu, cuidando para que ela não se embolasse naqueles metros e metros de seda e renda. O vestido

branco tinha um caimento perfeito, decote baixo, mangas curtas e camadas e camadas de tecido na volumosa saia.

Ela usava uma gargantilha de diamantes, e brincos no mesmo estilo faziam conjunto com a peça. Estava com os cabelos elegantemente penteados em um coque com duas plumas em seu lado esquerdo e uma joia que, além de enfeitar, segurava o longo véu de renda.

Hawk percebeu que ela ainda não havia calçado as luvas, talvez por medo de sujar o tecido imaculadamente branco. Assim que ela chegou ao *hall*, Elise suspirou, lembrando de seu próprio *debut*.

— Milady, está divina! — Hawk disse, reverenciando-a.

Lily sorriu sem graça.

— Estou me sentindo um touro em uma loja de porcelanas, Hawk — ela disse fazendo careta. — Tenho medo de respirar e alguma tragédia acontecer com esse vestido. — Ela apontou os cristais bordados em estilo *dégradé* no traje.

— Não seja melindrosa — disse a Condessa no topo da escada, acompanhada pela irmã. — Você foi treinada a vida toda para esse momento, mocinha!

— Ah, sim, diga a uma ovelha indo para o matadouro a mesma coisa e veja se isso a acalma. — Lily retrucou. Helena não conseguiu segurar a risada e ganhou um gélido olhar da Condessa.

Elise beijou a face da irmã, mantendo uma distância segura do vestido, e desejou-lhe sorte. Braxton seguiu seu exemplo, sem o beijo.

— Milady sente-se bem para acompanhá-la? — perguntou Hawkstone à Condessa. — Pode-se ficar horas à espera na fila.

— Ora, eu ainda sou a Condessa de Hawkstone e — olhou para

Elise — sou a mulher mais graduada dessa família. Não vou permitir que minha filha se sinta menos que as outras.

Hawkstone bufou e viu Braxton ficar vermelho ante a humilhação da Condessa.

— Enviamos meu nome ao Lorde Chamberlain! É a mim que ele espera anunciar, junto, é claro, ao nome de Cecily!

Hawkstone assentiu. Há alguns dias, ele enviara as cartas contendo os nomes de Lily, da Condessa e o seu próprio para serem inscritos no livro e para que Lorde Chamberlain pudesse anunciá-las.

Ele ficara temeroso ao indicar a mãe, visto que, da última vez, com Elise, ela esperara por cinco horas a apresentação da filha e se queixara muito durante aquele tempo.

Helena se despediu da amiga, dizendo-lhe o quanto ela estava adorável e encorajando-a. Lily tomou o braço de Hawkstone e ambos saíram, acompanhados por Lady Matilda e tia Maggie.

— Espero que dê tudo certo — Elise disse ao ver a porta se fechando. — Sabe, Helena, não é nada fácil estar naquele lugar, pois, além da multidão presente, ficamos horas esperando nossa vez. E, quando finalmente chega o momento, você está tão nervosa, tentando não pisar na cauda de três metros nem no véu que a acompanha e empenhando-se para lembrar de fazer a reverência do modo certo, que nem presta muita atenção à Rainha. Mas, o pior, é ter de sair da sala andando graciosamente para trás, uma vez que é proibido dar às costas à Rainha.

— Para mim, parece ser uma tortura. — Riu. — Ainda bem que não preciso passar por isso.

Elise olhou-a maliciosa.

— É aí que você se engana, minha cara. Se tivermos êxito em casá-la com um aristocrata, você será a próxima de nós a fazer presença na sala da Rainha.

Helena arregalou os olhos, pois não tinha pensado nisso. Sabia que poucas moças plebeias eram apresentadas na Corte, geralmente, filhas de clérigos, de militares ou até mesmo de médicos. Mas qualquer uma que se casasse com um membro da alta nobreza, ganharia o mesmo “privilégio”. Helena gemeu ao pensar na possibilidade de ter de passar por aquilo.

Alguns dias depois da bem-sucedida apresentação de Lily à Corte, elas poderiam, finalmente, assistir ao primeiro baile oficial da temporada e sabiam que não era um baile qualquer, mas sim o mais famoso, oferecido pela Duquesa de Needham.

Hawk considerou não aceitar aquele convite e estivera a ponto de ignorá-lo quando recebeu uma carta de Gwen. Foi então que, com um sorriso malicioso, ele indicou a Harrison que aceitaria ao convite da odiosa Duquesa. Naquele momento, ele se encontrava à espera de sua noiva, juntamente com Braxton e Elise.

Lady Gwendoline havia retornado um dia após a apresentação de Lily e lamentara muito ter perdido o evento, mas, como o pai estava ainda muito depressivo após a perda da esposa, ela não pudera voltar mais cedo a Londres. Hawk fora visitá-la em sua casa, mas sentiu que ela estava tão cansada da viagem que decidira deixá-la descansando. Então, depois de alguns meses sem estarem

pessoalmente juntos, somente se correspondendo por cartas curtas, ela estava ali, linda e radiante em um vestido de baile na cor vinho e um rosto perfeitamente maquiado. Ele sorriu ao vê-la e foi até ela para cumprimentá-la.

Hawk abraçou-a com carinho, mas não sentiu nada além disso. Ele tentou ignorar aquela sensação, dizendo a si próprio que fora por causa da distância entre eles que ficara assim.

Gwen sorriu constrangida para ele, também parecendo não estar muito à vontade, afinal passaram-se longos meses desde que tiveram algum contato mais íntimo, porque quando o Conde a fora visitar em Rutherford Park, ela se encontrava tão abalada com a sofrida morte da mãe que eles não tiveram nenhum momento a sós.

— Você está adorável, minha Lady. — Ele disse lhe beijando a mão.

Eles foram em um de seus coches, na companhia dos Viscondes de Braxton, enquanto a sua mãe, sua tia, Lily e Helena seguiram em outro veículo rumo a Piccadilly, onde residia a Duquesa de Needham.

Hawk não se surpreendeu pela conhecida e excessiva suntuosidade do salão da Duquesa, que, por sinal, ainda lhe trazia amargas lembranças da última vez que estivera ali, juntamente com Elise e Gwen.

Fora aquele dia que ele viu todos os seus sonhos e planos começaram a ruir como se fosse um castelo de cartas. Esperava estar frio às amargas lembranças, mas percebera que algumas feridas nunca cicatrizavam completamente. Sua irmã lhe enviou um olhar de coragem, e ele sorriu, mostrando-se descontraído, como se os fantasmas daquela horrível noite não o estivessem rondando.

Ouviu a voz de sua mãe atrás de si.

— Vamos mostrar nossa superioridade, Hawkstone!

Ele assentiu, resistindo ao impulso de olhar para trás e conferir como Helena estava naquela noite. Hawkstone não queria continuar sendo um canalha com nenhuma das duas, pois fizera sua escolha e ela estava bem clara a todos naquela cidade. Ali, naquele lugar onde destruíram seus planos cuidadosamente traçados, ele mostraria que dera a volta por cima.

Ouviu seus nomes sendo anunciados, respirou fundo, colocou seu melhor sorriso cínico no rosto e caminhou para o salão.

Helena tentava não olhar para ele, não olhar para ela, não a invejar por ter sido a escolhida e por ele tê-la esperado e desejado todos aqueles anos. Ela sentia o coração martelando em seu peito e uma dor, quase física, sufocava-lhe a garganta.

Mas sempre fora forte e nunca iria dar vazão àquilo que sentia, nunca. Ela levantou o rosto com altivez, vendo como alguns cavalheiros a olhavam de longe, apreciando-a, enquanto a maioria das damas a olhava com desprezo.

Ela estava ali como convidada e protegida do Conde e da Condessa viúva de Hawkstone, além, é claro, de contar com o apoio dos Viscondes de Braxton. Fora devidamente apresentada a todas as pessoas importantes com quem cruzaram, depois, juntamente com as damas mais velhas, fora sentar-se em um canto.

Lily nem bem entrara no salão e os cavalheiros começaram a

fazer fila para serem oficialmente apresentados e solicitar a reserva de uma dança. O cartão de baile, preso por uma fitinha no pulso da Lady, estava completamente cheio.

Às vezes, quando Helena olhava a amiga, discernia perfeitamente se ela estava apreciando ou não a dança com o cavalheiro da vez. Lily era muito franca e transparente e não conseguia esconder o que sentia, mesmo tendo de fazê-lo.

Tia Maggie estava conversando com a Condessa e mais outras viúvas quando, de repente, se aproximou de Helena e pediu a ela que buscasse algum refresco para Lady Hawkstone. Helena foi até o buffet, sortido com bebidas e aperitivos, e, na volta, cruzou com um rosto conhecido no meio daquela multidão de nobres.

— Senhorita Silveira! — Tremaine a saudou. — Onde a senhorita estava escondida? Precisa de ajuda?

Ela negou com a cabeça e olhou temerosa para o local onde suas companheiras se encontravam.

— Creio que precisamos que alguém nos apresente... — ela comentou com uma careta.

Tremaine riu.

— Perdoe-me, senhorita — ele segredou. — Já estou indo corrigir meu erro. — E piscou para ela, seguindo seu caminho.

Helena não soube se apontar aquela regra o chateara, mas não queria prejudicar sua reputação nem a de seus patronos com um comportamento impulsivo, apesar de lamentar não ter conversado mais tempo com Lorde Tremaine, pois gostava da companhia dele.

Ela entregou a bebida à Lady Hawkstone, e tia Maggie se desculpou com ela.

— Esses garçons nunca vêm até onde nós estamos — explicou.

— Obrigada, minha querida.

— De nada...

— Oh, eu acho que não deveria estar dançando, afinal, ainda estou de meio luto, mas como dizer não ao Hawk? — Lady Gwendoline foi ao encontro delas com a face corada.

— Não se preocupe com isso, minha querida — tia Maggie a tranquilizou. — Onde está Hawkstone que não lhe acompanhou de volta?

— Ele achou que viu Lily indo para os balcões... — Deu de ombros.

Helena olhou pelo salão e constatou que Lily parecia não estar em lugar algum.

— Há algum problema em ir até os balcões? — ela perguntou, ainda procurando a amiga.

Lady Gwen riu dela.

— Senhora Spencer, pensei que tivessem se esmerado mais na educação desta senhorita. — E olhou diretamente na direção de Helena. — Não é apropriado ir para fora do salão, sozinha ou acompanhada. Então, caso a senhorita tenha a sorte de ser tirada para uma dança, nunca siga os cavalheiros para fora. Não sei como são as coisas onde a senhorita vivia, mas, aqui, uma dama perde a reputação por pouco menos.

Helena levantou uma de suas sobrancelhas e a encarou.

— Muito obrigada pela importante instrução — disse irônica. — Mas penso que, talvez, ela estivesse apenas precisando respirar um pouco, afinal, esse salão está extremamente cheio e nem todos os presentes são agradáveis como milady.

Lady Gwen a olhou de cima a baixo, o que não era difícil, visto

que ela era tão alta quanto Hawk. Estava pronta para responder quando viu Lorde Tremaine acompanhado por Lady Hawkstone.

— Lady Muir — disse a senhora. Imediatamente, Gwen colocou um sorriso no rosto. — Já conhece o Lorde Tremaine?

— Ah, sim, nos encontramos algumas vezes, como vai, milorde? — E lhe fez uma reverência. Ele apenas a cumprimentou com a cabeça. Em seguida, virou-se para Helena e, depois, olhou para a Condessa.

— Senhorita Silveira, conheça o Marquês de Tremaine. — Helena lhe fez uma reverência. — A senhorita Silveira é filha do Barão de Santa Lúcia e é minha hóspede para esta temporada.

— Lady Hawkstone, eu gostaria de solicitar uma dança, caso...

— Ah, sim, milorde — disse a Condessa, virando-se para Gwendoline. — Lady Muir ainda está de meio luto, mas pode acompanhá-lo...

— Seria um enorme prazer, milady. — Lady Gwen sorriu já se preparando para segui-lo. — Porém, eu solicitava a companhia da senhorita Silveira.

— Perdão. — A Condessa estava, visivelmente, sem graça. — Senhorita, como está seu cartão?

Helena respirou após a rejeição de Tremaine à Lady Muir.

— Tenho vagas... — respondeu. A verdade é que o cartão estava vazio.

Então, Hawkstone aparecera com Lady Lily. Tremaine cumprimentou a dama, e Hawkstone aproveitou para tentar tirar Helena de perto dele, mesmo que pensasse que tê-la junto ao seu corpo seria loucura.

— Senhorita Silveira, concede-me uma dança, como seu

padrinho? — ele perguntou e notou o olhar surpreso de sua noiva. *Inferno!*

— Desculpe, milorde. — Helena aproximou-se de Tremaine. — Mas já havia prometido a dança ao Lorde Tremaine. Com licença.

Tremaine lhe estendeu a mão, e ela aceitou, aliviada.

Hawkstone estava incomodado ali, parado ao lado de sua mãe e sua noiva. As duas damas estavam conversando com Lady Philmam e sua filha, e ele apenas acompanhava pedaços isolados da conversa.

Tentava se esforçar para não olhar para Helena nos braços de Tremaine, justamente quando se tocava uma valsa longa e romântica. Sua noiva insinuara que gostaria de voltar a dançar, mas ele fingiu não entender e agradeceu a interferência da idosa Lady Philmam.

Ele olhou novamente e viu que, ao contrário do que ditava a boa educação, Tremaine conversava com Helena, que sorria e, às vezes, o olhava. Hawkstone sentia o corpo tremer de raiva ao pensar que outro estava admirando os olhos de leoa que deveriam olhar somente a ele.

Porra! Hawkstone tinha que se controlar. Voltou novamente a prestar atenção à conversa e notou o olhar de sua noiva sobre si. Ele sorriu, tentando parecer carinhoso, e ela respondeu a uma pergunta feita no grupo.

Resolveu olhar para o lado contrário, onde Lily dançava com um Barão escocês. O homem ruivo e com cara de criança parecia

extasiado ao olhar para sua irmã, e ele tivera vontade de rir ao ver Lily olhando para as sobrancelhas vermelhas do homem.

Vermelhas como as rosas que Tremaine enviara a Helena mais cedo, e ele escondera dela. Olhou-os mais uma vez, tentando imaginar se o Marquês lhe perguntaria das flores e o que ela responderia.

— Hawkstone.

Ele ouvira seu nome e voltou a olhar para o grupo.

— Desculpe-me — disse à Lady Philmam. — Eu estava conferindo as damas. — Fez sinal indicando Lily e Helena. — Poderia repetir, por favor?

— Eu perguntei como foi sua viagem.

Ele franziu o cenho, mas depois lembrou-se de que ela estivera no jantar promovido por Elise.

— Muito agradável, milady. O local ainda não tem as comodidades de Londres, ou mesmo da Inglaterra, mas é muito bonito.

Ela sorriu e Lady Ariane, sua filha, pediu que ele desse detalhes. Hawkstone fez um resumo rápido, basicamente sobre a Corte brasileira. Quando terminou, percebeu que a música havia cessado e viu Lily retornando ao grupo.

Rapidamente, ele buscou Helena com os olhos, mas a atrevida não estava no salão.

— Estou exausta! — comentou a irmã. — Se pudesse, pularia a próxima dança, mas lá vem o próximo do cartão. — Pegou o papel e conferiu desolada.

— Viu Helena? — Sem querer, usou o primeiro nome dela e, por esse motivo, sua mãe e sua noiva o olharam surpresas. — A

senhorita Silveira estava com Lorde Tremaine, mas não...

— Estamos aqui, Hawkstone! — Lorde Tremaine disse. — Ainda não raptei sua pupila, embora a tentação seja grande. — Falou-lhe bem próximo para que somente eles escutassem. — Foi um prazer, senhorita Silveira. — Ele lhe beijou a mão. — Espero poder visitá-la amanhã.

Hawkstone deu-lhe um olhar mortal.

— Claro que pode, Lorde Tremaine! — A mãe de Hawk parecia animada. — Estaremos esperando por você, não é, Cecily?

Lily, que até então tentava descansar, se assustou.

— Quê? — A mãe indicou, disfarçadamente, Tremaine. — Ah, claro!

Ele agradeceu e se afastou do grupo.

— Onde vocês estavam? — Hawk perguntou para Helena.

— Dançando! Lorde Tremaine rodopiou tanto nas últimas notas que acabamos do outro lado do salão. — Ela riu, verdadeiramente divertida. — Acho que devemos considerá-lo!

— O quê? Tremaine? Não seja absurda!

Ela se surpreendeu com a negativa rápida dele.

— Por que não? — questionou.

— Ora, querida — Lady Muir, pegando no braço do noivo, esclareceu —, ele será um Duque daqui a alguns anos, não acha que está um pouco acima de você?

Hawkstone ficou rijo ao ouvir a explicação verdadeira, porém direta demais, que a noiva dera e ao perceber o olhar magoado e raivoso de Helena.

Inferno!

21

Minha!

Hawkstone voltara para casa após ter deixado Gwen e esquecera, por completo, que não estava dormindo mais ali, mas sim hospedado com Kim. Estava muito nervoso com aquela situação toda, mas, durante todo o trajeto, Lady Gwen lhe questionara sobre Helena e disse que não a achara uma pessoa digna de confiança.

O Conde tentou desviar a conversa, mas sua noiva insistira que ele teria que escolher o primeiro que se interessasse por ela, caso contrário, sua família poderia se ver em um novo escândalo por causa dela. Ele garantira a ela que Helena possuía todas as qualidades de uma moça refinada, mas seu argumento não a convencera.

Além disso, ele ainda estava muito consternado com a maneira com que Gwen explicou à estrangeira o porquê de o Marquês não poder ser considerado um futuro marido. Não queria ser tão duro e direto com ela, embora achasse que, talvez, fosse o melhor, para que ela não tivesse suas expectativas tão altas, pois, apesar de linda, ninguém a conhecia, e muitos nem ouviram falar de seu pais.

Helena fora observada por vários cavalheiros naquela noite, mas nenhum, mesmo após terem sido apresentados, a retirara para dançar. Conhecia como funcionava a mente de um homem, e a falta de procedência e precedência de Helena os fazia cautelosos. Eles a observariam durante algum tempo, até saberem se ela era, ou não, alguém em quem investir um cortejo. Por isso, Hawkstone estabelecera um prazo para que ela pudesse mostrar a eles quem era, mas se, ao findar o prazo, nenhum a procurasse para cortejá-la ou para pedir permissão de um casamento, ele começaria algumas conversas por aqui e ali sobre o dote dela e a maravilhosa e lucrativa fazenda no Brasil.

No fundo, ele esperava que não fosse necessário chegar a esse extremo, pois, a partir das primeiras propostas, inerentemente, os outros cavalheiros saberiam dos detalhes econômicos daquela linda moça.

Bufou, andando na direção de seu escritório. Na verdade, se pudesse escolher ser egoísta, ele diria a todos que ela já era sua e mandaria, principalmente Lorde Tremaine, que tirasse os olhos de cima dela.

Hawk entrou no cômodo e se surpreendeu ao ver Helena esperando por ele.

— Boa noite, senhorita. — Ele tentou manter a distância. — Não é um pouco tarde?

— Contava com seu retorno ainda esta noite — ela disparou. — Sabe, fiquei curiosa quando Sebastian, quer dizer, Lorde Tremaine, me perguntou sobre as rosas. — Ela mantinha aquela irritante sobrancelha levantada.

Hawkstone cruzou os braços sobre o peito e encarou-a altivo,

pois não lhe devia explicação alguma.

— Fiquei curiosa, sabe? — continuou. — Vi a enxurrada de flores que foram entregues nesta casa, porém todas para Lady Lily e nenhuma delas eram rosas vermelhas. — Foi até o arranjo e pegou uma flor para cheirar. Hawkstone se excitou ao pensar em Helena nua, coberta com as pétalas vermelhas daquela flor. — Procurei por todos os cantos e veja só onde as encontrei! Pensei comigo mesma que talvez não houvesse um cartão. — Mostrou-lhe o papel que ele amassara. — Mas, olha, encontrei um cartão, acidentalmente, amassado em cima de sua mesa. — O olhar dela demonstrava pura fúria. Ouro aquecido, avermelhando, quente.

— Não achei apropriado... — respondeu casualmente, como se não devesse nada a ela.

— Não achou apropriado?! — Helena riu, sarcástica. — Diga-me o que não foi apropriado, milorde... As flores escolhidas? Ou talvez a pessoa que as endereçou? — Ela arregalou os olhos com cinismo. — Ah, a pessoa a quem foram endereçadas! É isso, como ficou muito bem claro esta noite, não é? Sim. Não estou à altura de um futuro Duque, nem, quiçá, de um Conde! — cuspiu os títulos como se lhe dessem nojo. — Talvez um Visconde ou um Barão... um Baronete?

Hawk andou vigoroso até ela e a segurou pelos ombros.

— Pare já com isso! — disse irritado. — Sim! Eu não gostei de ele tê-las mandado a você! — admitiu, sacudindo-a. — Sim, acho que ele não é apropriado a você, pois o conheço bem e sei que ele não leva nenhuma mulher a sério! — Apertou os dedos no ombro dela e tentou acalmar-se. — Mas não acho que você não está à altura dele, talvez apenas não esteja preparada para aguentar o peso

do título e da família dele. E, além disso, eu tenho vontade de matá-lo sempre que a olha... ou sempre que você olha para ele.

— Você não tem o direito...

— Eu sei que não — gritou e respirou fundo. — Eu sei que não, mas não posso controlar.

— Você a escolheu... — acusou-o.

— Há muito tempo. — Puxou-a contra si. — Há muito tempo, eu achei que ela fosse a mulher certa...

— Perfeita! É como vocês a qualificam. — Helena se debateu, soltando-se daquele abraço. — Eu não sou perfeita! Não sei se aguentaria o peso de qualquer título, mas... — Ela olhou no fundo dos olhos dele, e neles estava o que exatamente iria dizer.

— Não o faça, Helena... — Hawk tremia por dentro. — Não faça isso conosco...

— Mas sei que eu o amo — disse enfim. Hawk fechou os olhos, absorvendo aquelas palavras. — Eu o amo desde que o vi tentando livrar-se de um abraço esmagador... — Sorriu ao lembrar da cena. — Eu o amo desde o primeiro beijo, desde o primeiro prazer... — Ela sentiu uma lágrima rolar, mas não se moveu. — Eu o amo, apesar de saber que não sou a quem você escolheu, apesar de querer odiá-lo por querer a ela e não a mim.

— Helena...

— Eu sei que isso não muda nada, que é só uma coisa que eu terei de enfrentar, derrotar e enterrar. — Ela colocou a rosa em cima da mesa e virou-se para sair. — Mas não me menospreze, não me machuque mais, por favor.

Ele a impediu de sair.

— Nunca foi minha intenção. — Tocou-lhe o rosto. — Eu

apenas ainda não consigo lidar com o fato de ter que a entregar a outro, seja ele quem for. Eu o invejo por poder tê-la. Eu já o odeio por tirá-la de mim e usufruir de um amor que eu nunca mereci. — Ela fechou os olhos, segurando as lágrimas. — Você entende que eu também estou machucado? Tenho um compromisso, novamente, com Lady Gwen. Há um ano, eu era um homem solteiro e, se a tivesse conhecido, a escolheria. — Ela abriu os olhos ao ouvir a declaração. — Minha pequena leoa, você seria a única escolhida!

Hawk a beijou, um beijo diferente de todos aqueles que eles partilharam. Era terno, desesperado e sofrido. Ela se entregou àquela sensação de estar nos braços dele pela última vez. Não importava mais ninguém, apenas os dois, apenas aquele sentimento louco que os unia.

Talvez, o caminho certo a seguir fosse não escolher ninguém e ir para bem longe daquele lugar, para bem longe daquele homem. Se ficasse na Inglaterra, nunca seria capaz de tirá-lo de seu coração. Imploraria ao pai que a aceitasse de volta. Iria para um convento se ele assim impusesse, como a ameaçara antes de mandá-la para lá. Já não importava, ela só queria sair dali.

Sim, faria isso. Antes, porém, realizaria o único desejo de seu coração. Sabia que não poderia ter Hawk para sempre, mas o tinha naquele momento e, da mesma maneira que quisera que ele fosse seu primeiro homem, queria que ele fosse o único.

Ela deixou-o intensificar o beijo, enlaçou-o pelo pescoço e se aderiu a ele como uma segunda pele, sentindo a protuberância em suas calças e os gemidos abafados pelo beijo. Levou uma das mãos até seu pênis e tocou-o. Hawk tentou protestar, afastar-se, mas ela não deixou, colando novamente os lábios nos dele.

Sentiu o exato momento em que ele deixou de lado todos os motivos para não dar vazão à paixão e a agarrou com mais força, levantando-a no colo e caminhando em direção ao sofá, onde a deitou.

— Se continuarmos, desta vez, não vou parar antes de ter você por inteira. — Ela assentiu, e ele tomou a boca dela com sofreguidão. — Vou fazer amor com você, Helena, como nunca fiz com mais ninguém. — Gemeu. — Já fodi, trepei, mas com você, agora, eu vou fazer amor.

Ela ainda estava com o vestido que fora ao baile e, assim como ele, ainda estava de casaca. Hawk colocou-a em seu colo, lambendo e trilhando beijos por seu pescoço enquanto desamarrava o vestido nas costas.

Abaixou o corpete, encontrou o espartilho e a camisa de linho. Virou-a totalmente, depositando beijos em sua nuca enquanto abria o espartilho e o jogava no chão. Desceu-lhe a camisa pelos ombros, acariciando suas costas à medida que iam aparecendo.

Segurou-a pela cintura e a depositou em cima do tampo de sua escrivaninha. Puxou o vestido para baixo, arrancando-lhe do corpo. Helena gemia e se retorcia, excitada, olhando-o com paixão e exigindo mais.

Ele provou-lhe novamente os seios, cada um deles, e seguiu beijando-a em direção ao ventre. Pôs suas mãos entre as pernas dela e a encontrou molhada, pronta para recebê-lo. Hawkstone massageou o clitóris dela, fazendo-a gemer e ficar ainda mais úmida, levando-a à loucura.

Helena deitou-se sobre os papéis, tinteiros, penas e pastas que estavam em cima da mesa, e Hawkstone abriu-lhe as pernas e

desceu o rosto para chupá-la mais uma vez, como fizera há meses.

O gosto dela era ainda mais incrível do que ele se lembrava. Sugou, lambeu e beijou. Usou a boca e a mão, introduzindo um dedo para que facilitasse seu caminho. Intercalava lambidas e carícias, chupadas e exploração. Esfregava seu clitóris, lambia o meio de suas nádegas, introduzia a língua em sua boceta tenra. Não demorou muito e o orgasmo a arrebatou.

Helena gritou, chamando-o, dizendo que o amava. Seus dedos puxaram os cabelos dele, as coxas dela retesaram-se ao extremo enquanto seu corpo convulsionava de prazer.

Naquele momento, Hawk agradecia a solidez das paredes e das portas que impediam que eles fossem ouvidos. Não gostaria de ser interrompido, não queria ter de sufocar a liberação dela. Queria-a plena, sentindo cada nuance do prazer.

— Eu quero você... — Helena suplicou. — Não me faça esperar...

Ele não a deixou pedir mais uma vez. Abriu as calças, que caíram sobre suas botas, tocou seu pau rijo sob os olhares dela e introduziu-o por entre suas coxas. Esfregou-o em seu sexo, molhando-o com os sucos do gozo dela, facilitando, assim, sua entrada.

Ela gemeu ao senti-lo, centímetro por centímetro, invadindo seu corpo nunca explorado. Hawk se esforçava para ir o mais devagar possível e, quando ouviu um gemido mais dolorido, parou, mas, em seguida, ela se mexeu, incentivando-o a continuar.

Foi o gemido dele que reverberou pelo ambiente quando se afundou completamente nela, sentindo a barreira de virgindade que ele, pela primeira vez em sua vida, rompera. Estava parado,

olhando-a com carinho, recuperando o fôlego e acalmando-se para não terminar antes mesmo de começar.

Helena ali, entregue, com a camisa de linho branco embolada na cintura, os seios nus, assim como seus quadris, deitada em cima de sua mesa de trabalho, recebendo seu corpo no dela, tão maravilhosa. Hawkstone gostaria de saber pintar e poder eternizar aquela imagem para sempre.

Ela era perfeita!

Sentiu o coração se agitar mais ao pensar em para sempre. Não sabia o que lhe acontecia quando ela estava por perto, pois seu corpo reconhecia o dela, seu coração mudava de ritmo por ela, e as sensações que tinha naquele momento nunca havia tido antes em sua vida, por ninguém.

Começou a se mover lentamente, tentando refrear seus pensamentos antes que fizesse ou falasse uma loucura. Sentir a maciez do corpo dela em volta do seu parecia ser o paraíso. Ela era apertada, quente e úmida e, a cada investida, ficava ainda mais.

Ele não se controlou ao vê-la delirar de prazer sob ele. Tombou por cima dela, segurando nas bordas laterais da mesa e aumentou o ritmo intensamente, sugando-lhe os mamilos ao mesmo tempo. Ele voltou a ficar em pé, mas trouxe Helena consigo, levantando-a pelas nádegas e apoiando-a contra os painéis de madeira da parede. Helena enlaçou-o com as pernas, e ele foi ao fundo dela, socando-a com seu pênis em um eterno frenesi.

Helena não sabia o que fazia, delirava, cheirava seu pescoço, mordia o lóbulo de sua orelha, arranhava as costas dele como uma verdadeira leoa entregue ao prazer. Hawk a queria por inteiro, queria experimentar cada pedaço dela, absorvê-la para si.

Ele se retirou dela, e Helena o olhou assustada. Um sorriso malicioso se formou em seu rosto quando puxou sua cadeira e a colocou de costas para ele, ajoelhada nela. Ele amava os seus quadris redondos, o rabo empinado e firme, queria montá-la por trás, como um selvagem, mordendo seu ombro enquanto a ouvia gemer.

Segurou seus cabelos, puxando levemente sua cabeça para trás enquanto balançava os quadris em constante vaivém, entrando e saindo, em eterna agonia prazerosa. Tudo estava molhado, ele ouvia o barulho de seu pau entrando na boceta encharcada dela e isso só contribuía para deixá-lo no limite.

Hawk não aguentaria mais, porém, parte dele sabia que deveria ser cauteloso e, apesar de querer gozar dentro dela, tinha que tomar a precaução de não correr o risco de engravidá-la. Só de pensar naquela possibilidade, de marcá-la para sempre com sua semente, ele quase se deixou ir. Aumentou as estocadas, segurando-a quase ereta na cadeira. Notou quando a temperatura dela se elevou e os músculos se contraíram.

— Goza para mim, Helena — disse ofegante em sua orelha. — Eu quero sentir seu gozo me molhando todo.

Ela gritou, segurando o encosto da cadeira com tanta força que as juntas de seus dedos ficaram brancos, e ele, sem conseguir impedir, sentiu fluir dentro de si uma satisfação enorme e a acompanhou.

Helena acordou de repente, sem saber onde estava. Olhou à sua

volta e viu que estava apoiada no peito de Hawk, completamente nua. Ele a olhava sério, mas suas mãos lhe acariciavam as costas.

— Dormi? — perguntou, constrangida.

Ele riu assentindo.

— Você ronrona como um gatinho quando dorme.

Ela voltou a deitar a cabeça sobre o peito dele, ouvindo-lhe os batimentos do coração. Nunca queria afastar-se dele, mas sabia que isso era impossível. Tentou não pensar no adeus e se dispôs a aproveitar os últimos momentos. Seus dedos começaram a brincar com os pelos do peito dele, adorando a textura e a maciez deles.

— Será muito tarde?

— Para o quê? — Hawk estava bem-humorado, embora não sorrisse. — Para voltar atrás no que fizemos? Sim, muito tarde! Para dormirmos? Sim, lamento, os criados já estão de pé e o dia, creio eu, já amanheceu.

Ela se sentou assustada.

— Merda! — Ele riu ante o xingamento. — Por que não me acordou antes?! Se eles nos virem aqui...

— Eu dormi também.

Tentou não mostrar preocupação, embora estivesse mentindo. Não pregara os olhos durante todo o tempo em que ela dormia placidamente sobre si. Sua cabeça girou procurando a solução, um modo de ser feliz sem que isso trouxesse infelicidade a outras pessoas.

— Meu Deus! — Ela se levantou, e Hawk a apreciou e se excitou ao vê-la nua à sua frente. Seu corpo jovem e sua... Tentou acalmar-se, pois ainda não era hora, ela precisava se recuperar. — Eu preciso sair daqui. — Começou a recolher suas coisas, gemendo

quando abaixava para pegar algo.

— Dolorida? — Hawk se sentou preocupado, talvez tivesse se excedido com ela, afinal, era virgem.

Ela assentiu, mas não parou o que estava fazendo. Ele foi até ela e segurou-lhe as mãos.

— Precisamos conversar...

— Não! — disse decidida. — Essa foi minha escolha. Você não é responsável por ela.

— Precisa-se de dois para uma dança...

— Não. — Encarou-o furiosa. — Eu não era o suficiente antes e continuo não sendo agora.

— Não diga...

— Não, Hawkstone! — Helena quase gritou. — Não quero sua culpa, muito menos seu senso de dever. Eu o queria, foi maravilhoso e fim. Nada mudou.

— Nada mudou? — Ele riu irônico. — Você é mesmo muito ingênua! Acha, realmente, que eu vou poder entregá-la a outro homem depois do que houve? — Sua voz estava rouca e baixa, sinal de que ele estava no limite da raiva. — Acha mesmo que vou conseguir me manter longe de você depois dessa noite?

— Isso é problema seu — rebateu. — Eu disse a você. Quero alguém que tenha orgulho de estar comigo, alguém que me queira de verdade, não como um dever. — Ela o impediu de interrompê-la. — Eu quero alguém que me escolha. E, definitivamente, milorde, esse alguém não é você.

Hawkstone sentiu a rejeição bater-lhe fundo no peito. Trincou os dentes para não dizer algo de que poderia arrepender-se e resolveu dar-lhe um tempo. Ela compreenderia, por fim, que não havia outra

saída, que eles precisariam chegar a um acordo.

— Eu preciso sair daqui. — Helena parecia desesperada e olhou para todos os lados do escritório.

Hawk abriu uma porta que dava acesso a um corredor.

— Onde vai dar isso? — perguntou desconfiada.

— Ao segundo andar da biblioteca, não se preocupe. — Inspirou fundo. — De lá, tome cuidado ao sair.

Ela assentiu, sabendo que seu quarto estava a duas portas do segundo andar da biblioteca, no mesmo corredor. Ela precisava ser discreta e rápida.

Helena saiu correndo sem olhar para trás.

Hawk olhou para sua mesa e sorriu para a desordem em que se encontravam seus documentos e seus tinteiros, que haviam derramado e sujado alguns papéis importantes de negócios. Continuou parado no lugar, apenas olhando para o que, antes, lhe causaria um ataque de fúria, mas, agora, achava que não era nenhum problema perder aqueles documentos.

22

Promessas

Helena passara o dia trancada em seu quarto. Depois que saíra, clandestinamente, do escritório, ela entrou pelo corredor que Hawk mostrara e, ao final, deparou-se com uma escada em formato caracol. Subiu a estrutura de madeira devagar e, quando viu surgir o segundo andar em forma de galeria da biblioteca, respirou aliviada por não ter ninguém ali dentro.

Eram apenas seis da manhã e todos os moradores da casa ainda dormiriam por mais algumas horas, porém o serviço já estava de pé, limpando as áreas comuns, polindo a prataria, adiantando o preparo das refeições.

Ela tentou ir o mais rápido e silencioso possível para o quarto. Por sorte, também não havia ninguém naquele corredor, pois, com certeza, um falatório de criados chegaria aos ouvidos de tia Maggie, ou pior, da Condessa.

Livrou-se das roupas e jogou-as de qualquer jeito em uma poltrona antes de enfiar-se na camisola e pular na cama. Com certeza, sua camareira questionaria, em silêncio, por onde ela esteve, mas Helena estava preparada para ignorar os seus olhares

curiosos.

Demorou a dormir, pois sentia sua pele pegajosa e algum desconforto em sua área íntima. Não queria pensar no que houve, escolhera aquele destino e iria levá-lo adiante. Foi acordada às dez da manhã, mas alegou não estar sentindo-se bem e voltou a dormir. Quando, finalmente, despertou, já eram duas da tarde e seu almoço, frio, jazia em uma bandeja ao lado da cama. Ela ignorou o prato com a redoma por cima, pois não sentia fome.

Pediu a criada que fosse preparado um banho e, após banhar-se, lavando os cabelos, ela ainda não tinha disposição para enfrentar Hawk. Arrumou-se e decidiu ficar ali, escondida naquele quarto, lendo um livro enquanto o dia passava.

Porém, algumas horas depois, ela viu Winnie, sua criada, entrar em seu quarto afobada, escolhendo trajes e dizendo que havia uma visita importante esperando por ela com flores.

Helena havia se esquecido de que Tremaine lhe solicitou aquela visita. Não queria descer, mas não tinha como recusar-se a recebê-lo sem ser, no mínimo, rude.

Deixou que Winnie escolhesse um vestido de tarde na cor lilás, com desenhos em alguns tons acima e lhe prendesse levemente os cabelos, deixando-os metade caindo em cascata por seu ombro direito e a outra metade, vinda do outro lado em uma linda trança, juntando-se à cascata, fazendo um belo arranjo.

Ela queria que Helena colocasse algum arranjo na cabeça, mas a senhorita já estava farta de todos aqueles detalhes e resolveu ir como estava.

Encontrou Lorde Tremaine na sala amarela, onde geralmente os convidados eram recebidos, inclusive ela quando chegou a

Londres. Porém, percebeu que o Lorde não a esperava sozinho, pois, além do Marquês, estavam na sala: Lady Elise, Lady Lily e Hawkstone.

Ela se sentiu corar quando o olhou e o cumprimentou. Mas ele não deixava transparecer nada do que estava pensando. Estavam todos tomando chá e conversando animadamente sobre os acontecimentos do começo daquela temporada e do que já saíra nas colunas de fofocas dos jornais.

— De acordo com a coluna de Mr. Kerr, o D. de N. apareceu no final do baile de ontem bêbado e foi colocado para fora! — Elise comentou. — Não entendo o que se passa com Vossa Graça.

— Nem sempre o título e as responsabilidades vêm como uma bênção, Lady Braxton — disse Tremaine. — Há quem só queira ser um homem comum e seguir a vida conforme sua escolha, porém, por nascimento ou outras circunstâncias, vê sua liberdade tolhida.

Hawk sabia que Tremaine estava falando de si próprio, pois, como segundo filho varão, nunca pensou em ser herdeiro, mas somente em seguir sua vida e tentar fazer o melhor. Porém, aos doze anos de idade, ele se tornara o herdeiro, uma vez que seu irmão mais velho morrera ainda solteiro e sem filhos.

Tinha razão no que falara, pois o título, para alguns, era uma enorme cruz a ser carregada todos os dias. E, mesmo para aqueles que não pensavam assim, algumas vezes, desejavam ser pessoas diferentes, sem tantas obrigações para com os outros, sem tantas regras e sacrifícios.

Hawk sentiu o gosto disso depois que reconstruiu sua fortuna, pois entendera que não era preciso ter um título para ter uma vida privilegiada. O título tinha a vantagem do poder e da deferência,

mas o dinheiro proporcionava, aos que se satisfaziam com isso, conforto, tranquilidade e contentamento. Ele tivera, em tão curto espaço de tempo, três experiências diferentes relacionadas a esse tema, fora um nobre com dinheiro herdado, depois, um nobre completamente roto e, por fim, um nobre que ganhava seu dinheiro da mesma maneira que faziam os novos ricos. Sabia que a chamada boa sociedade torcia o nariz para a forma com que ele se reergueu, mas Hawk sentia orgulho disso, muito orgulho.

— Uma mulher também não tem muita escolha sobre seu destino, não é? — Helena questionou, e Lily concordou. — Independentemente da classe em que ela se encontra, não há escolhas. Pelo menos, não se ela quiser encaixar-se e ser aceita pela sociedade.

— Tem toda razão! — Lily aplaudiu.

Elise se remexia incomodada com o rumo da conversa, enquanto Tremaine sorria admirado e Hawk fervia de ódio, pois sabia que ela mandava-lhe um recado.

— Explique-se melhor, senhorita Silveira. Gostaria de saber o que uma mulher tem a dizer sobre isso, afinal, somente vocês podem descrever o que nós, homens, tentamos apenas imaginar.

— Lorde Tremaine, é simples. Se uma mulher não quiser se casar, ela será vista pela sociedade como uma infeliz solteirona. — Ela riu. — Eles não querem saber se ela escolheu isso para si, mas a olham com pena, pensando onde ela errou para não ter tido o privilégio de casar com alguém.

Lily estava entusiasmada com o assunto e resolveu contribuir.

— Uma mulher não pode querer trabalhar e ter seu dinheiro! — Elise colocou a mão no coração ao ouvir sua irmã falar tal coisa. —

Se ela precisa, pois tem que ajudar à família ou a si mesma a sobreviver, tudo bem, pois todos pensam: “Pobre mulher miserável, se tivesse escolha, não estaria trabalhando.” — Ela tomou ar e coragem. — Mas e aquelas que não precisam trabalhar para manter seu sustento? Aquelas que só querem ter uma carreira, se sentirem úteis em exercer algo que lhes alegra? Essas, meu caro Lorde Tremaine, são as que não têm escolha!

Ele concordou com a cabeça.

— Uma mulher não tem a liberdade que um homem tem — Helena disse, e Hawk engasgou com a bebida. — Ela não pode se dar ao luxo de pensar em casamento depois de sua juventude. Ela não pode se dar ao luxo de gostar de bebida alcoólica ou de fumar. — Elise resmungou algo. — Nem de frequentar clubes para jogar ou praticar esporte.

Dessa vez, Elise se viu concordando com Helena e assentiu.

— Ela não pode se dar ao luxo de experimentar a vida, pois pode, para sempre, destruir sua reputação.

— Ora essa! — Hawkstone riu. — Parece que ainda temos uma entusiasta seguidora de Wollstonecraft!

Lily lhe deu um olhar enraivecido.

— Faz parte de uma mulher bem-educada e com um cérebro conhecer a obra de Mrs. Wollstonecraft! — Ela segurou a mão de Helena. — Estamos de acordo, deveríamos ter direitos iguais!

Tremaine gargalhou.

— Eu nunca poderia imaginar que nessas visitas sociais se têm conversas tão instrutivas e agradáveis. — Olhou para Hawk. — Acho que começo a rever alguns conceitos.

— Oh, não, milorde, essa conversa não é, absolutamente,

apropriada para uma visita social, posso lhe garantir! — Elise ressaltou.

— Tem certeza? — ele perguntou, fingindo preocupação.

— Creio que sim, milorde.

— Então, penso que esta casa será a única a ter minha presença. — Ele pegou a mão de Helena e a beijou. — O que não será nenhum sacrifício, já que o que me interessa encontra-se bem aqui.

Hawkstone depositou seu copo com força sobre o aparador.

— Lorde Tremaine, poderíamos conversar no escritório? Creio que as damas precisavam descansar um pouco, afinal, hoje compareceremos a mais um baile.

Tremaine assentiu e se despediu das damas.

— Que porra você pretende?! — Hawk disparou assim que Tremaine entrou e a porta foi fechada.

— Não é óbvio? — Tremaine riu. — Pensei que essas visitas serviam para aproximar uma dama e um cavalheiro e fazer a corte...

— Uma merda, Tremaine! — Ele estava furioso. — Acha que eu não me lembro de quem é você? Você é aquele que jurou nunca se casar!

— Envelheci, caro Hawkstone, e mudei de ideia. — Deu ombros. — Entrei em acordo com os Duques e concordei em estabelecer uma esposa e herdeiros.

— Com Helena? Você está louco?

— Ela me atrai, é rica, filha de um Barão...

— Merda, Tremaine, ponha as cartas na mesa de uma vez!

O Marquês apertou os olhos e sorriu malicioso.

— Então temos aqui uma concorrência, não é, meu caro?

Hawkstone não se abalou, conhecia bem os joguinhos dele.

— Tudo bem, não vou ficar em seu caminho, embora tenha entendido que seu compromisso é com Lady Muir. — Encarou Hawkstone desafiante. — Mas eu o entendo e, sim, já tinha adivinhado seu interesse. Pode me passar um daqueles seus charutos? — Apontou a charuteira e Hawkstone fez o que ele lhe pedira.

— Qual é o jogo, Tremaine?

— Nenhum muito elaborado. Apenas uma vontade enorme de te fazer sofrer um pouco — disse descaradamente. — Não que a moça não seja linda, mas meu acordo com os Duques não permitiria uma aliança decente com ela, o que é um pesar... — Parou para fumar um pouco. — Nós éramos amigos, Hawkstone. Você era o meu melhor amigo, porra!

Hawk fechou os olhos sentindo o peso de suas ações.

— Sabia a angústia que eu havia passado todos aqueles anos, sabia que eu nunca havia desejado esse maldito título e que tudo o que eu queria era ser livre para viver com ela...

Hawkstone assentiu.

— Você me apoiou, me ajudou e guardou meu mais precioso segredo. Mas, de repente, eu senti um medo terrível do que seu desespero podia fazer. — Hawkstone tentou interrompê-lo, mas foi impedido. — Eu sei toda sua história e o que o levou a me chantagear, mas, meu caro, o problema foi o momento que aquilo

tudo aconteceu. Philomena estava doente, e eu sabia que não tinha cura, e tudo o que eu desejava era que ela tivesse tranquilidade.

— Eu não sabia...

— Eu sei, mas, ainda assim, toda aquela confusão só a fez ficar pior. Ela tinha medo de que nos descobrissem.

— Eu sinto muito, sei o quanto vocês foram discretos todos aqueles anos. Eu não imaginei que meus atos...

— Ela não morreu por sua culpa, Hawkstone. Ela estava doente! Mas eu o odiei durante muito tempo. Odiei ver que seus investimentos foram tão exitosos e que, em pouco tempo, você já estava rico e reconstruindo sua vida. Doía saber que você não me procurou como um amigo e me pediu um empréstimo, simples assim. Eu o daria, dinheiro nunca foi um problema.

— Eu pensei que, por causa da distância, não havia mais amizade o suficiente para isso. — Hawkstone sentia-se desolado.

— Eu sempre o considerei um amigo, Stephen Moncrief — ele disse. — Por isso a mágoa de saber que você ameaçara um segredo de quase dez anos para conseguir dinheiro. Mas, hoje, embora ainda ressentido, eu o entendo. Não sei o que foi estar em sua pele, tendo uma família dependendo de você para sobreviver, e sei que não foi por sua culpa.

— Foi...

— Talvez um pouco. — Ele riu. — Eu venho acompanhando seus passos de longe e sei que tudo o que sua família possui foi graças à sua persistência.

— Mas então, por que...

— Eu notei, naquele dia no Drury Lane, que havia algo acontecendo, mas também sabia do seu compromisso com Lady

Muir. Pensei que ela fosse sua amante, mas Crystal me apontou que você possui um padrão, e ela, definitivamente, não o preenche.

— Eu sou o responsável por ela...

— Você se hospedou na casa da família dela no Brasil.

— Ela estava em um internato na...

— Ah, não, Hawkstone, não estava. Saiu do internato rumo ao Brasil quinze dias antes de vocês partirem e retornou a França meses depois, seguida do irmão. — Hawk parecia curioso. — Eu tenho influência e dinheiro o suficiente — disse arrogante. — O que mais me intrigou fora o motivo pelo qual esconderia que ela esteve no Brasil durante sua estada.

— Não tinha um motivo específico. Nem eu sabia que ela estivera por lá.

— Mas vocês se conheceram lá, e isso explica toda essa coisa que há entre os dois, não sei como os outros ainda não viram, embora ache que sua noiva percebeu, visto o modo como tratou Helena no baile.

Hawk franziu o cenho ao ouvir aquelas palavras, pois Lorde Tremaine não estava presente quando Gwen explicou a Helena o motivo pelo qual ela era inadequada ao Duque.

— Deixemos de conversa, ainda não entendi o porquê desse cerco fechado à Helena. Para me provocar?

— Mas divertida! — Riu debochado. — No entanto, quando percebi que a moça o adorava, senti pena. Sei que o casamento com Lady Muir é uma afirmação de que nem o destino pode contra suas escolhas. E sei também que manter o compromisso é uma questão de orgulho.

— Tremaine, não vejo como isso é seu assunto.

— Você, realmente, teria quebrado sua palavra se eu tivesse me negado a lhe dar o dinheiro? — perguntou à queima-roupa.

— Não — Hawkstone respondeu de pronto, pois essa era a verdade. Porém, como sabia o quanto Tremaine protegia aquele segredo, tinha certeza que o Lorde não arriscaria.

— Eu sei. — Ele se aproximou de Hawk e o tocou no ombro. — Você não me pediu, mas vou lhe dar um conselho, às vezes, não é possível cumprir todas as promessas que fazemos e, às vezes, não devemos mesmo cumpri-las. Hoje, Audrey está longe de mim porque eu fiz uma promessa à mãe dela de que eu nunca lhe contaria. — Ele respirou fundo. — Eu perdi a única mulher que amei, mas que nunca pôde ser minha, e não tenho minha filha, pois ela nunca saberá que sou seu pai.

— Eu sinto muito, Sebastian.

— Eu sei que ela quis resguardar a menina, mandando-a para longe. Mas, enquanto ela era viva, eu via a minha filha... Agora, por causa da promessa que fiz de nunca a procurar, eu sofro sem saber como ela está.

Hawk compreendia o que ele queria dizer. Tremaine manteve a promessa de não assumir a filha com a vergonha de ser uma bastarda, mas, por causa disso, não poderia ser pai da menina.

Manteve sua palavra e foi infeliz, assim como Hawk seria se mantivesse a sua para com Lady Muir, embora fosse nobre e correto mantê-la. Ele estivera acordado enquanto Helena dormia em seus braços, debatendo-se com aquela questão. Seria um golpe para Gwen ter, pela segunda vez, o casamento com ele cancelado, e ela não merecia tal desgosto. Mas, se cumprisse sua palavra, ambos seriam infelizes.

— Eu não sei o que fazer... — disse, por fim, a Tremaine.

— Tenha em mente uma só coisa: o destino não espera os indecisos, mas passa por cima deles.

Tremaine saiu, e Hawk ficou parado, em pé, no meio de seu escritório, pensando no que ele lhe dissera. Precisava decidir-se e ver o que falava mais alto para ele: o amor ou o dever.

Helena fechou o envelope e o entregou à criada para que fosse despachado. Precisava comunicar sua decisão ao pai e obter a autorização para sair daquele lugar. Ela suspirou.

Sabia que o destino que ela escolhera não seria fácil, mas seria o mais adequado diante das circunstâncias. Não se casaria com outro Lorde inglês, não ficaria até o final da temporada para presenciar o casamento de Hawk. E, muito menos, não aceitaria nenhuma proposta motivada pelo dever e pela honra.

Não, ela queria escolher. E sua escolha era não aceitar migalhas. Embora tivesse recebido carinho dos irmãos, crescera sem ter o amor do pai, que sempre a olhou como se ela não fosse suficientemente boa para ser sua filha. Ela não poderia impor isso a Hawk, suportar o olhar dele quando pensasse que ela não era suficientemente boa para estar casada com ele, ou mesmo ver o arrependimento em seu rosto por ter casado com uma mulher que não era perfeita.

Sabia que qualquer coisa que o Lorde fizesse nesse momento seria movido pelo remorso, pela honra e, é claro, pelo desejo. Ele

não a amava, nunca a amaria, e ela sabia que isso era motivo suficiente para não cometer o erro de aceitar qualquer proposta dele.

Helena ouviu uma batida à porta.

— Senhorita, milorde deseja falar-lhe agora, no escritório.

Ela bufou. Não teria como negar.

Desceu as escadas armada com sua convicção de que não aceitaria que lhe propusesse e que trataria o que houve como se não tivesse importância.

O criado abriu a porta para que ela entrasse, em seguida, a fechou, deixando-a sozinha e frente a frente com Hawk.

— Sente-se. — Ele indicou. — Conversei com Tremaine, e ele não manifestou qualquer interesse em um casamento entre vocês...

— É um alívio.

— Mesmo? — Hawk parecia impaciente. — É um futuro Duque, afinal.

— Ele não está à minha altura — disse mordaz. — Embora seja um homem apresentável e muito agradável.

Hawk riu.

— Porém, mesmo que ele pretendesse lhe fazer a corte, eu o negaria. —Aproximou-se dela. — Você não vai se casar com outro que não seja eu.

Helena sentiu a raiva tomando conta de todo o seu ser.

— Isso é impossível, milorde — disse resoluta.

— Helena...

— Até porque eu pensei que sua noiva fosse Lady Muir. — Ela tentava não gritar. — Já disse a ela que mudou de noiva?

— Ainda não. — Hawk ficou tenso.

— Bigamia é crime na Inglaterra também, não é?

— Helena, seja razoável! — Ele começou a andar pelo escritório. — Há algumas horas, nós estávamos aqui! — Apontou a mesa. — Eu estava dentro de você!

Ela sentiu o rosto queimar, mas não se abalou.

— A resposta é não, Hawkstone. — Levantou-se. — Continue com seus planos de casamento, porque eu não vou me casar com você! Não quero você por uma obrigação. O que aconteceu foi escolha minha, e eu assumo todas as consequências disso!

Ele levantou a sobrancelha em um gesto arrogante. Talvez ela não soubesse...

— Você pode estar com um filho meu no ventre!

Helena sentiu-se gelar quando ouviu a declaração dele. *Oh, maldito destino!* Ela não havia pensado naquela possibilidade em nenhum momento. O que ela faria com um bebê no Brasil? Fechou os olhos e sentiu que suas pernas não iriam aguentá-la.

Hawk a amparou quando a viu cambalear. Ele se odiava por ter lhe contado daquela maneira, afinal, ela era uma mulher virgem e fora criada, quase toda a vida, em colégios de moças, e ele sabia que aquele não era um assunto discutido em aulas.

Ela olhou para ele com desespero nos olhos.

— Isso pode mesmo ter acontecido? — disse em um fio de voz.

Hawk queria poder se dar um tiro.

— Sim. — Não iria mentir. — Eu não consegui me conter... e há uma possibilidade de que isso aconteça.

Ela tremia por inteiro, tão nervosa a ponto de seus dentes baterem uns nos outros. Hawk sentou-se no sofá e, em seguida, caminhou até o aparador e lhe serviu um copo de água.

— Não pensei que isso pudesse acontecer logo na primeira vez, pois, geralmente, as mulheres casadas levam um tempo...

— Sim, mas pode acontecer. Como também pode não acontecer. Está nas mãos do destino agora.

Maldito destino!

— Você entende agora o porquê de precisarmos nos...

— Não! — Ela colocou as mãos na cabeça. — Não! Isso era tudo o que eu não queria, ser uma obrigação.

— Helena...

— Ainda não temos certeza! — Olhou-o com a esperança brilhando nos olhos. — Pode não ter acontecido e, nesse caso, não há motivo para nos casarmos.

— O que você está dizendo?

— Exatamente isso! Até termos certeza, minha resposta continua sendo não. — Ela levantou-se da cadeira.

Hawk sentiu como se um soco lhe tivesse sido dado.

— E o que você sugere que eu faça? — Estava visivelmente irritado. — Só teremos certeza no seu próximo ciclo! — Ela arregalou os olhos e fez as contas desanimada. Ainda iria demorar. — Enquanto isso, continuo a planejar um casamento que talvez nem se realize?

— Isso, milorde, não é problema meu. — Saiu da sala, deixando-o pasmo com sua relutância.

Hawk xingou e socou a parede do escritório. Mulher teimosa!

— Hawkstone! — chamou a Condessa ao ver o filho passar pela porta de sua saleta onde ela estava sentada bordando.

Ele, embora tenha revirado os olhos, atendeu ao chamado da mãe.

— Hawkstone, eu estava aqui planejando um jantar em comemoração ao seu noivado e lembrei de uma coisa alarmante!

— O que foi?

— Vocês não anunciaram o compromisso! — ela disse como se fosse um sacrilégio. — Não entendo como isso pôde acontecer, pois estão noivos desde o ano passado, há quase um ano!

Hawk também não sabia por que não anunciara, talvez, por ter saído da Inglaterra sem fazê-lo e, quando retornou, Lady Gwen estava no norte com os pais, depois, houve a morte da mãe dela e o luto. Ou, simplesmente, por ele ter sido pego de surpresa ao regressar e descobrir que toda a Inglaterra comentava sobre seu noivado sem nem mesmo ele ter feito a proposta.

Hawk bufou impaciente, pois não tinha cabeça para tratar daqueles assuntos naquele momento. Precisava achar uma maneira de conversar com Gwendoline e chegar a um acordo com ela para que o rompimento não fosse um choque muito grande.Seria um pequeno escândalo, ele tinha certeza. Ainda mais se, algum tempo depois, ele se casasse com Helena e se tornasse pai. Mas era melhor ajeitar tudo antes que as coisas piorassem.

— Mamãe, preciso visitar Lady Muir. Depois conversamos.

— Ah, poupe-se de ir até ela. — Deu-lhe um belo sorriso. — Ela virá para o almoço.

Hawk teve ímpetos de enforcar a mãe, mas relevou, afinal a Condessa não sabia do rompimento iminente nem da situação em

que ele se encontrava.

A vinda de Gwen não lhe traria nada de bom, só seria um incômodo para Helena, e ele não poderia conversar com ela ali, pois não era o cenário ideal para um término.

Precisava esperar a oportunidade certa para isso.

23

Verdades

Gwendoline percebia que algo não estava bem entre Hawkstone e ela, sentia isso nos ossos, sabendo que sua intuição dificilmente falhava.

Desde que se reencontraram, no funeral de sua mãe, ela notou que a relação entre os dois tinha mudado, mas atribuiu a mudança ao fato de Hawk estar na casa do pai dela. Conhecia o ressentimento que o noivo ainda guardava e, embora não quisesse que o sentimento continuasse, pois não resultaria em nada positivo estarem afastados do Marquês, ela tentava não interferir.

Ao mesmo tempo, ter os dois brigados era-lhe uma vantagem, porque, assim, Hawk não falaria sobre a carta e não descobriria que ela mentira. Gwen balançou a cabeça para não pensar naquele assunto, mas não conseguiu.

Naquela época, ela era jovem, ingênua e impressionável, embora achasse que amava o seu pretendente, ela nunca poderia viver praticamente na miséria, com uma simples promessa de que ele conseguiria um negócio para voltar a ser rico.

Assim, quando ela chegou em casa, contou toda história para sua

mãe, e ambas planejaram o que deveria ser feito, pois, se seu pai soubesse que ela fugira no meio da noite para encontrar com Hawk, iria matá-lo e a deserdaria, com certeza. Gwendoline não podia arriscar-se a isso, já que seu valor no mercado matrimonial caíra por causa do cancelamento do compromisso. Não podia, além de tudo, ficar sem seu dote, porque correria o risco de ficar solteira para sempre.

Ademais, embora não quisesse fugir com Hawk naquele momento, contava que enrolaria o pai e, se o Conde conseguisse sua fortuna de volta, os dois poderiam se casar, porque ela realmente o queria.

Mas tudo dera errado. Seu pai já estava fazendo planos de juntá-la com um nobre de boa estirpe, jovem e sem filhos, porém sem a masculinidade e o encanto de Hawk. Ela tentou adiar o quanto pôde a apresentação dos dois, então soube que Hawkstone estava se desfazendo de todos os bens da família e se rebaixara a vender até itens pessoais e prataria.

Gwendoline decidiu que não podia esperar que o negócio dele desse certo e não poderia casar com o jovem que o pai elegera, visto que, se Hawk se recuperasse, ela não estaria disponível para ele. Foi então que ela, literalmente, seduziu o Conde de Muir. As propriedades do Marquês e do Conde eram vizinhas, e Gwen sabia que o homem era muito velho, mas que apreciava uma jovenzinha.

Entregou-se a ele, e os dois se casaram. Ela não gostava de lembrar-se daquilo, a sua única relação íntima com o homem, pois, depois do casamento, proibira o marido de tocá-la.

Para compensar, fora uma ótima esposa e tornara-se amiga das jovens filhas de seu marido, um pouco mais novas que ela mesma,

e as ajudara a ingressar na sociedade e a arranjar bons casamentos.

Hawk já estava refazendo sua fortuna e o maldito do velho Conde não morria. Gwen ficava com medo de que ele se casasse com outra, mas seus informantes lhes garantiram que o Conde só pensava em prosperar.

Quando, finalmente, a fortuna dele se consolidou e ele começou a investir em reformar seus imóveis, ela ficara desesperada, por isso, em um ato extremo, arranjara uma moça das redondezas que já tinha a reputação falida e a mandara a Londres, para o bordel onde ele buscava amantes.

Dera certo e, por longos meses, até finalmente seu marido morrer, Crystal manteve o Conde de Hawkstone ocupado e satisfeito demais para buscar por uma noiva.

A partir do momento em que Muir morrera, ela planejara sua volta para Hawkstone. Estreitara, novamente, os laços de amizade com Lady Braxton, contando-lhe sua imaginária história triste e, depois, escrevera a Hawk.

O resto se desenrolou muito bem, tendo como ápice o momento em que ele lhe levara para cama, selando o destino dos dois. Gwendoline esperava ficar grávida, mas ele fora cuidadoso e não se derramara dentro dela. De qualquer maneira, ela estava exultante, certa de que, dessa vez, teria o seu amado Hawkstone só para si.

Foi aí que veio a maldita viagem sem que ele anunciasse o compromisso dos dois.

Gwendoline tinha andado um longo caminho para conseguir o que queria e não deixaria que nenhuma pedra a impedisse. Por isso, comentou aqui e acolá sobre o compromisso e a história de amor impossível dos dois.

Quando ele estava pronto para retornar do fim de mundo onde estava, sua mãe, inconvenientemente, adoeceu, e ela teve que ir até sua casa ancestral para tomar conta do serviço, enquanto sua mãe agonizava, lentamente, e seu pai ficava cada vez mais perdido.

Em alguns momentos, ela desejou que sua mãe morresse logo, mas a lenta degradação da mulher não se adiantava nunca. Quando ela, finalmente, descansou, Gwen tivera a oportunidade de levar Hawkstone até ela, mas ele ficara somente um par de dias, pois comprometera-se a apadrinhar "uma ninguém" na temporada daquele ano.

Desde aquele momento, Gwen já odiara aquela mulher, pois ela lhe tirara a oportunidade de conseguir levar Hawk para cama novamente e sacramentar o relacionamento dos dois.

Lamentavelmente, ainda demorara alguns meses para retornar a Londres, pois sua tia paterna nunca chegava e ela ainda estava negociando com o Marquês uma mesada, porque, embora seu falecido marido lhe deixara provida, não fora muito generoso.

O velho Conde lhe deixara apenas uma pequena atribuição mensal, contando que ela ficaria com a casinha de viúva em sua propriedade. Para manter a casa de Londres e o nível de vida a que estava acostumada, ela tivera de negociar e implorar ao pai.

Voltou sabendo que todos os seus sonhos estavam próximos de se realizar, embora não tão prontamente, pois ainda tinha um pequeno período de luto a cumprir. Porém, mal colocou os pés em Londres e soubera da ida de seu noivo ao teatro com a bela e exótica dama que viera do Brasil.

Tentara saber mais detalhes sobre a moça, porém não conseguiu, pois Lady Braxton estava hospedada em Moncrief House. O que

soube, quase que por acaso, era que o noivo estava, temporariamente, morando com o primo português.

Contudo, foi só colocar os olhos sobre a “dama” e ver a reação de Hawkstone quando estavam perto que ela percebeu que havia perigo ali. Nunca vira seu noivo tão distraído e notara, algumas vezes, os olhos dele buscando-a, seja enquanto eles dançavam ou quando a fulaninha estava dançando.

Estava tão furiosa com aquilo que, quase cometera um deslize, fazendo aquele comentário mordaz sobre Lorde Tremaine e ela.

Gwen deixou para trás todos aqueles pensamentos do passado quando chegou a Moncrief House. Estanhou o convite ter vindo de sua futura sogra, e não de seu noivo, mas teve sua atenção a isso desviada quando a Condessa lhe falou sobre os planos do jantar — o que ela achou uma ótima ideia — e sobre o que ela havia imaginado para o casamento dos dois.

Lady Hawkstone tinha planos de um casamento grandioso e, por isso mesmo, os preparativos se arrastariam por meses. Se a situação fosse outra, Gwen teria adorado toda aquela suntuosidade, mas, no momento, precisava ter pressa.

As duas conversavam quando Lady Lily e Helena entraram no recinto. Assim que viu Gwendoline, Helena ficou um pouco sem graça, e a Lady notou isso, mas não saberia dizer se foi pelo que aconteceu no baile ou por outro motivo.

— Lady Gwen! — Lily lhe saudou feliz. — Que prazer em vê-la!

— O prazer é meu, Lily.

— Lady Muir — Helena a cumprimentou com uma reverência.

— Senhorita Pereira. — E, depois, fez uma cara de riso para a sogra. — Não é esse o nome, não é?

— Não — disse Hawkstone ao entrar na sala. — É Silveira! Como vai, Lady Gwen? Seja bem-vinda a Moncrief House!

— Eu agradeço o convite, milorde. — Ela deu-lhe um sorriso cheio de ternura.

— Estávamos aqui falando sobre o casamento! Disse a Lady Muir que nós fazemos questão de preparar o casamento do ano, não é, Hawkstone?

— Eu disse à sua mãe que não me importo com o tamanho da cerimônia, somente quero ser sua esposa.

— Ora, deixe de romantismo! — A Condessa riu. — Todos nós sabemos a história romântica de vocês dois, mas estamos falando do casamento de um Conde, afinal...

— Mamãe... — Hawkstone interrompeu. — Acho que os planos de casamento podem esperar, lembre-se de que Lady Muir ainda se encontra de luto pela mãe.

Gwendoline sentiu o coração disparar, pois aquela era a resposta que ela mais temia ouvir. Realmente, algo estava acontecendo a ponto de fazer seu impaciente noivo, que pensara em pedir uma licença especial, considerar esperar o final de todo o período de luto.

— Ora, Hawkstone, ninguém está sugerindo um casamento às pressas, sabemos das condições em que a Lady se encontra, mas, para o tipo de evento que estamos programando, devemos ser previdentes e começar os preparativos já! Você não...

Um criado entrou na sala, interrompendo o discurso da Condessa, para anunciar que o almoço já estava à disposição para ser servido. Hawkstone achou muito conveniente a interrupção, pois, antes de falar qualquer coisa sobre o casamento, precisava

conversar com Lady Gwen.

No caminho para sala de refeições, com sua noiva enganchada em seu braço, ele olhou para o espelho em uma das paredes e teve a visão de Helena. Ela estava junto com Lily, mas seguia calada, tensa e constrangida. *Inferno!* Ele sabia que precisava resolver aquela situação o quanto antes.

Para o infortúnio de Hawkstone, ele não conseguiu conversar a sós com Lady Gwendoline, nem no dia do almoço, há uma semana, nem tão logo, como ele estava pretendendo fazer.

No dia seguinte ao encontro na mansão, ele fora até a casa da Lady apenas para ser informado que ela tivera um problema de família e precisara ausentar-se. No bilhete deixado por Gwen, ela apenas dissera para ele não se preocupar e que, em alguns dias, estaria de volta.

Hawkstone mandara um criado ir à casa dela todos os dias para lhe dar notícias do retorno de sua noiva. Esperava que ainda pudesse resolver tudo com ela o mais breve possível, mas, enquanto isso, tentaria convencer Helena a aceitá-lo.

Porém, Hawk descobriu que nada parecia ir conforme seus planos, pois recebera um comunicado urgente de que havia acontecido um acidente na fábrica em Wiltshire, e ele, imediatamente fora para lá.

Quando, finalmente, conseguiu resolver tudo na fábrica, notou que, em Hawkstone Abbey, algumas terras pareciam mais irrigadas

do que outras.

Por meio de seu administrador, ele soube que, há semanas, eles estavam tendo problemas com isso, pois seu vizinho mexera no caminho natural das águas, fazendo, dentro de sua propriedade, uma pequena barragem.

Hawk levou mais uma semana negociando e ameaçando o Sir Humprey Doodle, cuja propriedade fazia divisa com Hawkstone Abbey, e ambos compartilhavam o riacho que passava por elas.

Nesse ínterim, ele escrevera a Lady Gwen, mas não obtivera resposta e também à mansão de Grosvenor Square para saber notícias da família. Ele gostaria de escrever à Helena, mas pareceria pessoal demais para os outros moradores da casa.

Hawkstone estava sobre seu cavalo árabe, negro como a noite, cruzando as ruínas da abadia, a qual dera nome à propriedade. Ele sempre amara aquele lugar e, quando criança, brincava e criava histórias ali. O local lhe dava paz e tranquilidade, ajudava-o a resolver, com sabedoria, todas as questões que ele pudesse ter.

Embora sua vida estivesse tumultuada com problemas em seu negócio e em sua propriedade, uma questão realmente o perturbava a ponto de tirar-lhe o sono: como convencer Helena a ficar com ele.

Agora, ele tinha certeza de que, independentemente das consequências daquela noite de paixão, ele a queria. Não a queria como quisera Gwen. Sabia que ela não seria considerada a noiva perfeita, nem pela sociedade, nem por sua família, mas, não obstante, ela era perfeita para ele.

Não para o Conde de Hawkstone, mas para o homem, para Stephen Moncrief. Não para ser sua Condessa, mas para ser sua companheira, sua esposa, sua mulher.

Ele sabia que precisaria enfrentar muitos problemas ao assumir aquela relação. O primeiro e mais preocupante estava relacionado a Lady Gwendoline, pois, apesar de ter decidido pelo fim do relacionamento entre ambos, ele não queria magoá-la. Lady Gwen era uma mulher doce e sincera, e ele teria sido um homem abençoado por tê-la como esposa, mas, infelizmente, ela nunca o faria sentir o que ele sentia por Helena. Acabar com o noivado, com certeza, a faria sofrer, mesmo porque ela tinha afeto por ele, mas continuar aquele engodo seria pior, seria condenar os dois a um sofrimento eterno, o que os transformaria em mais um casal infeliz da alta sociedade.

Ele não escolhera aquela situação, de encontrar alguém que lhe despertasse tais sentimentos, mas acontecera e ele não tivera como evitar. Lamentava profundamente não ter podido corresponder a Gwen como deveria tê-lo feito, mas aquela não era uma decisão que estivera em suas mãos.

Hawk apeou do cavalo e subiu no alto da torre, a única parte da abadia que ainda se conservava inteira apesar das centenas de anos. De lá, tinha uma visão ampla de suas terras e dos campos cultivados.

Ele se lembrara dos dias em que estivera no Brasil e de olhar, ao lado de Pedro, a vastidão das terras de Santa Lúcia. Hawkstone tinha orgulho de seu lar, era seu, embora o fosse somente por ele ter nascido homem e primogênito, mas ele o fizera prosperar e sobreviver, visto que, quando herdara Hawkstone Abbey, não era nada mais do que uma enorme casa com vazamentos, tapeçarias roídas por traças e roedores espalhados pela cozinha. Os campos, agora viçosos após o inverno, estavam secos, abandonados e

tomados de ervas daninhas.

Nada parecia mais com o que era antes, apesar de ter permanecido o mesmo local. Assim como acontecera com ele mesmo, Hawkstone Abbey tinha mudado completamente.

Ele olhou, ao longe, o sol se pondo e pensou que, na manhã seguinte, retornaria a Londres e esperava, com todas as suas forças, que pudesse, por fim, esclarecer tudo e tentar, pela primeira vez em muitos anos, ser verdadeiramente feliz.

Helena estava angustiada. Quase duas semanas haviam se passado desde que tivera uma noite de amor com Hawkstone e ela sabia que ainda precisava de mais alguns dias para ter certeza se houvera, ou não, consequências. Ela não se arrependia de ter se entregado de corpo e alma para ele, pois era o homem que ela amara, desde o primeiro momento, talvez, até antes disso, ela já sabia que o amara.

A comunicação e o reconhecimento do corpo dos dois eram tão grandes que ela se assustava. Também a assustava pensar que, embora de lugares tão distantes, eles se encontraram e se reencontraram, como se fosse para aquilo tudo acontecer, como se houvesse algo que os atraía, que tentava os unir.

Ela suspirou. Ele estivera fora de casa durante quase todo o tempo, e ela, apesar de saber notícias dele pelas cartas que vinham para a família, sentia muitas saudades. Queria-o de verdade, sonhava com ele, dormindo ou acordada, sentindo seu cheiro, a sensação de suas mãos sobre sua pele e o seu beijo.

Acordara, muitas noites, completamente suada e ofegante, com o corpo quase em chamas, desejando-o como o tivera no escritório. Seu corpo se ressentia por não o ter, seu coração tremia por não ter seu amor.

Porque, muito embora ele a tivesse pedido em casamento, nunca disse a ela se o que sentia era mais do que mera atração. Nunca lhe dissera que não amava a noiva, pois, apesar de tudo o que aconteceu, ia constantemente à mansão tratar dos preparativos do casamento, que, pelo que Helena ouvira, seria realizado ao final daquela temporada.

Helena soubera que até o Marquês, que era contra a princípio, estava apoiando a filha em tudo, fazendo questão de que o casamento fosse celebrado com toda pompa e circunstância.

Helena voltou a atenção para a tela que ela tentava pintar há alguns dias, sem sucesso e sem inspiração, mas foi interrompida antes que desse mais uma pincelada.

— Helena! — Lily chamou-a. — Veja só quem veio lhe fazer uma visita!

O coração de Helena disparou ao ver o irmão, Pedro, parado na entrada do solar.

Ela levantou-se para saudá-lo com um enorme sorriso no rosto, mas parou antes de chegar mais perto, pois notara, pelas rugas na testa do irmão, que alguma coisa acontecera.

— Onde está Acássia? — perguntou em português, embora soubesse ser uma falta de educação com Lily, que não entendia o idioma. — Aconteceu algo?

Pedro, notando seu nervosismo, virou-se para a irmã caçula do Conde e solicitou um momento a sós com a irmã. Lily assentiu e,

ao sair, deu um sorriso preocupado para Helena.

— O que houve, Pedro? — Helena sentia o corpo todo estremecer. Será que acontecera algo à cunhada? Talvez a seus irmãos? A seu pai? — Pedro! Fale-me alguma coisa, pelo amor de Deus.

Ele apenas lhe mostrou um envelope.

Assim que reconheceu a carta que escrevera ao pai, Helena questionou como Pedro a recebera, pois não dera tempo nem de ter sido entregue no Brasil, quanto mais de terem recebido e retornado.

— Por que você não me disse que ele a havia chantageado com isso? — ele perguntou em um tom de voz baixo, mas cheio de dor. — Por que você me fez acreditar que estava achando tudo uma aventura?

Ela fechou os olhos ao sentir a mágoa dele.

— O que você poderia ter feito? Ele é o meu pai!

— Deus, Helena, eu poderia, junto com os outros, fazê-lo colocar a cabeça no lugar!

Ela riu. O Barão Silveira? Impossível!

— Vocês viram como ele ficou quando me descobriu em Santa Helena. — Pedro aquiesceu. Ele e os irmãos tiveram que segurá-lo para que ele não a machucasse. — Além do mais, ele ameaçou vender o João.

Pedro crispou as mãos. João era casado com Marieta, suposta filha do Barão de Rubi e uma amiga querida.

Helena se escondera com eles e, quando o Barão descobrira, castigara Marieta, tirando-a dos serviços domésticos e pondo-a na lavoura e separou-a do marido, colocando-o em uma espécie de castigo por alguns dias. Depois, quando o Barão notou a teimosia

da filha em deixar o Brasil, ele, além das opções que dera, ameaçara vender o negro e separá-lo para sempre de sua esposa. Com certeza, isso foi o que mais pesou na decisão de Helena.

— Papai passou dos limites! — ele bufou. — Ele já havia castigado os dois, embora eu tenha tentado dissuadi-lo do castigo, entendi que seria melhor do que os colocar no tronco ou vendê-los, como faria antes.

Helena fez que sim com a cabeça sem conseguir falar uma palavra, pois seus amigos sofreram as consequências da loucura e da teimosia dela.

— Ainda assim, preciso perguntar: por que você não pediu ajuda?

— Como eu poderia? Tinha dois caminhos a seguir e escolhi um. Eu não podia ser colocada em um convento, pelo amor de Deus, nunca quis ser freira!

Ele levantou uma sobrancelha, mas a deixou seguir.

— Então tive que vir para cá, para atender a mais um capricho dele. — Ela riu. — Ele queria que eu conquistasse um nobre inglês para que pudesse dar a ele o orgulho de dizer que tinha uma filha! Ele nunca me quis, nunca me amou... — Ela soluçava.

Pedro a abraçou.

— Não diga isso, ele a ama! Do jeito dele, mas a ama.

— Ele me mandou embora, me afastou de todos...

— Eu sei, pequena. — Ela lembrou de quando ele a chamava assim e o abraçou mais forte. — Ele fez isso a todos. Mas não por maldade, entenda, ele queria que fôssemos instruídos, que fôssemos diferentes dos outros. Você sabe o quanto ele foi humilhado, não sabe?

Ela balançou a cabeça, assentindo. O Barão Silveira gostava de contar aquela história e bater no peito dizendo que as mesmas pessoas que o humilharam, agora, precisavam dele.

O fazendeiro pobre, vindo do interior das Minas Gerais, achou no Vale do Paraíba uma verdadeira fortuna e lá prosperou, com o suor de seu rosto, derrubando, ele mesmo, a mata virgem dos morros, com apenas meia dúzia de escravos.

Não tinha família tradicional, não tinha nenhuma instrução, apenas o conhecimento da terra. As famílias mais tradicionais, cuja maioria veio também das Minas, mas com dinheiro suficiente para começar, olhavam-no com superioridade e tentaram, diversas vezes, comprar-lhe a fazenda.

Mas o homem tinha a sorte no sangue e, em alguns anos, tornara-se um dos maiores de todo o Vale, fluminense e paulista. Ainda assim, tivera que pagar mais caro que os outros e demorara mais tempo para receber o título de Barão.

Ele aprendera a ler quando os filhos foram alfabetizados e percebeu que era o caminho do conhecimento que os levaria além do que ele mesmo fora. Insistira que todos fossem instruídos, mandara os dois mais jovem para a Europa e sempre sentira orgulho quando, nas reuniões da Câmara dos Cafeicultores, dizia que seus filhos eram diplomados em Coimbra.

— Ele só queria que nós tivéssemos o que ele mesmo não teve, Helena. A maioria das sinhazinhas de fazenda é analfabeta e os pais as usam apenas como moeda de troca, para casamentos vantajosos e alianças. Mas olhe para você! — Ele apontou para a aquarela que ela estivera tentando pintar. — Estudou nas maiores escolas para moças da Europa, fala três idiomas, sabe coisas que

elas nunca sonhariam saber. Você acha que isso não o enche de orgulho?

— Mas eu também estou sendo usada como moeda de troca — Helena disse, triste. — Não importa o que eu aprendi todos esses anos, importa apenas o que ele quer, que é manter-me longe das vistas dele, seja por meio de um marido ou detrás das grades de um maldito convento!

Pedro acariciou os cabelos dela, sabendo que ela estava certa. Helena fazia o pai se lembrar da loucura que ele cometera ao casar-se com a mãe dela, que o abandonou e o humilhou. E, embora a criança não tivesse culpa de nada, ele sempre a culpou.

— Então, por que essa carta se, como você mesma disse, não tem vocação para ser freira? Por que você lhe escreveu, humilhando-se, implorando-lhe para voltar, se você acha que ele a quer longe. O que está acontecendo, Helena?

Helena sentiu todo o peso de seu corpo sumir e, antes que pudesse avisar, estava caindo ao chão.

24

A escolha

Hawkstone chegou a Londres poucas horas antes do chá das cinco, mas não esperou o horário para ir direto à casa de sua noiva, porém, para sua surpresa, Lady Gwendoline estava em Moncrief House.

Ele se encaminhou à ala privativa da família, antes mesmo de pensar em se assear da viagem ou qualquer coisa parecida, pois não queria mais perder tempo, precisava conversar com Lady Gwen antes de falar com Helena.

Encontrou-a, junto com a mãe e a tia, na saleta íntima da Condessa, olhando amostras de tecido e revistas de moda. Ele sentiu um frio na espinha, pois, ao que parecia, os preparativos do casamento seguiam a todo vapor.

— Boa tarde, ladies! — ele as cumprimentou, entrando com passadas largas na sala. Sua mãe e sua tia pareceram surpresa com aquela intromissão, mas Lady Gwen lhe sorria. — Poderiam me emprestar a dama, por favor? Não vai demorar...

— Hawkstone, contenha-se! — ralhou a mãe. — Sabemos que vocês estão há dias sem se ver, mas mantenha o decoro!

Gwen deu uma risadinha.

— Não se preocupem — ela disse. — Eu sei me comportar. — Seguiu Hawkstone para fora.

— Nós precisamos conversar — ele falou à queima-roupa.

Ela sentiu o corpo inteiro gelar, pois, realmente, pensou que a distância o faria sentir saudades dela. Mas, não, ele parecia apenas apressado para resolver algo importante. Ela continuou muda.

— Irei até sua casa hoje à noite...

— Não acho conveniente, Hawkstone — ela respondeu, seca.

Ele a encarou. Já estivera naquele lugar antes.

— Posso saber o porquê disso agora? — ele questionou. — Nunca foi inconveniente antes.

— Resolvi não arriscar minha reputação antes do casamento. — Ela foi direta. — Sei que, como viúva, a sociedade é mais permissiva, mas decidi não contar com a sorte.

Ele bufou. Não queria adiar.

— Então irei amanhã à tarde...

— Poderíamos passear no Hyde Park...

Ele respirou fundo. *Droga! Droga! Droga!*

— Não, Gwen. — Ele foi sincero. — Acho que o que precisamos conversar deve ser feito em casa.

Ela arregalou os olhos, mas depois sorriu, faceira.

— Ora, Hawk, não acha melhor esperar até o casamento?

Condenação, mulher! Ele não queria ser grosseiro, não queria dizer nada ali, na casa dele, pois precisava saber que ela tinha pessoas para cuidar dela e seu quarto para se refugiar. Ali, definitivamente, não era o local.

— Não, esse assunto, embora não seja o que milady esteja

pensando, não pode esperar pelo casamento. — Ele sentiu as mãos dela ficarem frias. — Eu...

Ele foi interrompido por um pálido Pedro — que ele não fazia ideia do que estava fazendo ali — com uma desmaiada Helena em seus braços.

— Helena! — Correu até eles, soltando as mãos de Gwen. — O que houve?

— Não sei! — Pedro disse, desesperado. — Estávamos no solar. — Ele apontou o lado direito da casa. — Conversávamos, e ela desmaiou em meus braços.

— Leve-a para o quarto, eu vou buscar o médico. — Ele desceu as escadas em desespero, esquecendo-se de que estava conversando com Gwen, só pensando que nada de mau poderia acontecer a Helena antes que ele a pedisse novamente em casamento, dessa vez, da maneira certa, dizendo que a amava.

Mais tarde, o doutor saiu carrancudo do quarto da jovem e encontrou a Condessa, três ladies e o Conde à espera. O irmão da jovem ficara o tempo todo dentro do quarto com ela e, embora o Conde tenha insistido em fazer o mesmo, o médico não achou apropriado, visto que não era família.

— Bem, bem... — disse, colocando as luvas. — A jovem está desidratada e, ao que parece, não tem se alimentado corretamente.

— Tem certeza de que é só, doutor? — Hawkstone não escondia sua preocupação.

— Com todas as honras do meu diploma. — Ele se despediu.

Pedro saiu do quarto.

— Ela dormiu, o médico lhe deu um sedativo, e ela está descansando — disse a Hawk. — Nós poderíamos conversar?

O Conde concordou e, antes de seguir ao escritório, foi até Gwen.

— Eu irei vê-la amanhã...

— É melhor não ir, Hawkstone — disse. — Não quero ouvir o que quer que seja! — Sua voz se alterou, chamando a atenção de todos que estavam lá. — O que você fez não tem desculpa!

— Do que...

— Eu quero morrer! — Correu para a abraçar a Condessa, que estava aturdida.

— O que houve, Hawkstone? — tia Maggie perguntou.

— Oh, senhora Margareth, eu descobri que ele tem outra!

Hawkstone estava paralisado, sentindo o sangue ferver dentro de si ao ver a cena que Gwendoline estava armando.

— Querida, tenho certeza de que se enganou.

— Não. Eu sei. — Ela olhou para Hawk. — Ele me seduziu e agora não me quer mais.

— Hawkstone! — disse a Condessa. — Explique-se!

Ele andou até onde estava a noiva, calmo, sem expressão.

— Amanhã... — disse com a voz baixa e rouca. — Amanhã, de uma forma ou de outra. Não vou deixar de ser um cavalheiro, mesmo que a Lady não saiba se comportar como uma dama. Amanhã, ou eu nem terei o trabalho de lhe explicar.

Virou as costas.

— Hawkstone, eu exijo...

— A senhora, mamãe, não exige nada de mim! — Encarou a genetriz. — Eu sou o Conde de Hawkstone e exijo que a senhora não se meta em meus assuntos, entendeu? Chega! Não quero mais ouvi-la diminuindo Lily, nem dizendo grosserias a Braxton e Elise. Chega! A partir de hoje, quero que pare de se esconder atrás de suas doenças para justificar seu mau humor. — Ele tentou acalmar-se antes de prosseguir. — Ninguém tem culpa dos seus planos não terem se realizado como a senhora queria! Seu marido era um irresponsável bêbado e libertino, que dilapidou a fortuna da família, não pensando na esposa e nos filhos. Eu não sou e nunca serei o homem que a senhora queria como filho, eu trabalho e tenho orgulho disso — salientou cada palavra. — Nosso dinheiro não é mais antigo, como a senhora gosta de dizer, mas é o que lhe sustenta, desde o mais fundamental ao mais luxuoso e supérfluo. Chega de seus desmandos e pare de se comportar como uma criança mimada!

A Condessa fungou e sua tia o olhou com aprovação. Hawk estava cansado de tentar evitar um embate com a mãe, aturando todas as indelicadezas dela com os outros. Pedro estava de olhos arregalados, esperando-o para descer ao escritório. Os dois não disseram nenhuma palavra sobre o ocorrido até chegarem lá.

— Sinto muito se cheguei em hora inoportuna — Pedro desculpou-se.

— Talvez sim, talvez não. — Deu de ombros. — Mas estou curioso sobre o que o traz aqui.

— Uma das empresas de Kim faz o transporte de correspondência para as Américas, inclusive sua família utiliza esse serviço.

— Sim, tenho alguns investimentos nos Estados Unidos da América. Mas o que isso tem a ver?

— Minha irmã postou uma carta para casa. — Hawkstone franziu o cenho. Não sabia disso. — Kim a interceptou e, como sabia que minha esposa e eu estávamos em Portugal, me entregou a correspondência.

— Você a leu?

— Claro! E fiquei muito preocupado. O que houve com ela, Hawkstone? Havia um desespero na carta dela, que praticamente implorou ao nosso pai para deixá-la voltar.

Hawk fechou os pulsos, sentindo a raiva tomando conta de si.

— Quando ela enviou a missiva?

— Há duas semanas ou um pouco mais que isso...

Fechou os olhos e se controlou para não socar a mesa. Ela enviara a carta na mesma época em que eles fizeram amor. Ela se entregara a ele já planejando ir embora?!

— Mas o pior foi que eu descobri que ela está aqui contra a vontade dela — ele suspirou desanimado. — Sempre soube que papai era um homem inflexível, mas a ponto de obrigá-la a vir?

— Não entendo. Ela, em momento algum, disse que estava aqui à força. Não parecia gostar da perspectiva de casar-se com um desconhecido, mas nunca disse que estava fazendo isso obrigada.

Pedro riu triste.

— Ele lhe deu duas escolhas: ou ela vinha à Inglaterra a fim de casar-se com um nobre, ou ela deveria tomar parte em um convento. — Riu de novo. — Minha irmã em um convento! É claro que ela escolheu se casar.

Hawkstone estava lívido.

— E ela escreveu a ele pedindo para voltar, sabendo que teria que renunciar a tudo e trancar-se em um lugar desses?!

Pedro assentiu.

— Foi aí que eu soube que algo muito errado havia acontecido aqui. Talvez alguém a tenha ofendido em um desses bailes, ou um nobre tenha tentado...

— Inferno! — Ele rugiu ao, finalmente, socar a mesa. — Ela não podia ter feito isso!

Ele estava possesso de raiva, sabendo que ela fez tudo aquilo pelas suas costas, mesmo depois de ele tê-la pedido em casamento, mesmo depois da noite de amor dos dois, mesmo depois de saber que podia estar carregando um filho dele, ela preferia viver o resto da vida trancada em um convento.

Pedro o olhou perturbado, com a sensação de que algo muito grave estava acontecendo por ali.

— Hawkstone, eu lhe entreguei minha única irmã e pedi que a protegesse. Contamos, todos, com a proteção do seu título para que ninguém aqui, nesse maldito lugar, a magoasse. Vocês prometeram tomar conta dela, arranjar-lhe um bom casamento, e eu, pessoalmente, lhe pedi, antes de deixá-la, que tentasse encontrar alguém que a fizesse feliz. — Tomou fôlego. — Vou perguntar de novo: o que está acontecendo?

Hawkstone estava com a cabeça abaixada tentando controlar o que sentia, um misto de raiva e frustração, mas reconhecia que precisava honrar a amizade que tinha com aquele homem.

— Não pude arranjar-lhe um casamento.

Pedro se espantou ao ouvir-lhe a declaração.

— Rejeitaram-na?

— Não, pelo contrário. Ela tem sido um sucesso. — Apontou a mesa. — Tenho aqui alguns pedidos de visitas e cortejos. — Encarou o amigo. — Eu não quis fazê-lo.

— Hawk... — Ele se aproximou ameaçador. — Por quê?

— Eu me apaixonei por ela.

Ele nem mesmo quis desviar-se do golpe certeiro que veio em sua face. Um soco, bem técnico por sinal, de um pugilista amador enfurecido. Ele achava que merecia mais, mas Pedro não o fez.

— O que fez a ela, seu canalha?! — gritou.

— Eu a pedi em casamento.

Pedro emudeceu, pois não esperava essa resposta.

— Você o quê? — Balançou a cabeça. — Eu devo estar maluco, Hawkstone, pois a noiva que eu vi lá em cima não era minha... — Ele parou de falar ao lembrar-se da constrangedora cena que presenciara. O Conde dizendo que precisava conversar com ela e depois aquele pandemônio todo que se seguiu. — Oh, merda. — Ele se sentou. — Você está falando sério? Você está tentando acabar com o seu tão sonhado casamento perfeito com a dama perfeita, para casar-se com a minha irmã?

— Helena pode não ser perfeita, Pedro, mas é a mulher que eu amo, a mulher que eu escolho!

Pedro ficou estático, avaliando as palavras que ouvira e o conteúdo da carta, assim como o desespero da irmã.

— Ela não o quer?

Hawk riu.

— Tenho certeza de que sim — disse. — Sei que ela me ama.

— Eu não entendo...

— Mas ela rejeitou meu pedido. — Deu de ombros.

— Por que, se diz que o ama?

— Porque não disse a ela o mais importante. — Ele caiu sobre a cadeira e riu, olhando ao amigo. — Ao que parece, Pedro, você foi o primeiro a saber dos meus sentimentos.

— Mas que merda! — exclamou Pedro. — Por que todos nós, homens, somos tão burros? — Ele parecia desolado. — Mas creio que aprendemos muito bem com nossos erros... — disse superior. — Quando você vai dizer a ela?

Hawkstone passou a mão pelos cabelos, lembrando-se de Gwen e de todo o resto.

— Assim que resolver esse imbróglio que eu mesmo formei. — Respirou fundo. — Sei que o que eu fiz não foi correto, mas eu não pretendia me apaixonar por ela, acredite.

— Ninguém manda no coração — disse, concordando.

Hawk sabia disso, estava sentindo na pele a sensação de estar caminhando no escuro pela primeira vez. Não sabia do poder daquele sentimento, nem mesmo acreditava que ele existisse, achava que o amor vinha com o tempo, com a convivência harmoniosa, com o carinho e a afeição. Talvez, viesse assim para algumas pessoas, mas não para ele.

Nisso, ele concordava com Helena, ele se apaixonara por ela desde o primeiro momento, sem saber quem ela era e com um oceano entre eles. Ele a amara, talvez, mesmo antes disso, ele a amara como se a reencontrasse, como se fossem duas almas perdidas destinadas a se encontrar.

Ele se aprumou na cadeira.

Ele a amava e não abriria mão dela. Por nada.

25

Um novo plano

Hawkstone chegou à Regent Street, onde Lady Gwendoline morava, no meio da tarde e fora recebido por um mal-humorado mordomo. Ele entrou na casa, antes elegante e decorada, agora, com objetos faltando e móveis avariados.

— A Condessa o aguarda na biblioteca, milorde.

Hawkstone estranhou a escuridão do local, mas logo que viu a porta se abrir, a Lady acendeu a luminária em cima da mesinha. Ela estava sentada, de hobby, sem maquiagem e com os cabelos soltos. Hawk reconheceu que Gwen era uma linda mulher, mas seu rosto estava transfigurado.

— Está aqui — disse fria. — Faça o que tem que fazer e vá.

Ele nunca pensou que seria fácil.

— Gwen...

— Não — ela gritou. Ao que parecia, estava bêbada. — Não me trate com cortesia ou intimidade. Sabe o quanto me sacrifiquei por você? — Hawk não respondeu, pois não sabia ao que ela se referia, afinal, eles seguiram a vida separados durante alguns anos. — Não, você não faz ideia! — Ela bebeu mais um gole. — Eu confiei em

você! Você me prometeu que reconquistaria sua fortuna em alguns anos, e eu confiei em você...

— Do que você está falando? — Ele quis sacudi-la para tirá-la daqueles devaneios. — Você não pôde fugir comigo...

Ela gargalhou.

— Claro que eu podia, mas não quis! Não nasci para ser pobre, Hawk. Não sei o que fazer sem criados, sem dinheiro, sem o *status* que eu estou acostumada a ter desde que vim ao mundo! Eu não quis, porque eu sabia que você conseguiria se reerguer e, quando isso acontecesse, nós ficaríamos juntos novamente. — Hawk não estava reconhecendo a mulher à sua frente. — Escolhi casar-me com aquele velho nojento porque sabia que ele viveria pouco o suficiente para eu estar livre para você. — Ela fungou. — E tudo estava saindo como eu imaginei... até que ela apareceu!

Hawkstone ficou por algum tempo sem saber o que falar, então, achando que ela estava delirando devido à dor da separação, não fez caso do que acabara de ouvir.

— Eu peço que me perdoe por magoá-la, Gwen. Eu realmente não tinha a intenção de fazer isso. Eu gostaria, apenas, que você ficasse bem.

— Bem? — Ela riu. — Nunca vou ficar bem, Hawk. Eu o esperei por quatro anos! Você não me esperou, mas estava muito satisfeito com sua vidinha de amantes loiras e de olhos azuis, não é?

Ele ficou tenso com o rumo da conversa.

— Eu acompanhei sua vida, vi o seu sucesso, torci por ele, porque também seria o meu. De longe, eu acompanhava seus passos, sabendo que, quando voltasse, você seria meu... — Ela foi até ele. — O que não lhe agradou? Não sou tão experiente quanto

Crystal, mas aprendo rápido! — Abraçou-se a ele. — Posso não ser exótica como aquela fulana, mas sei que você sempre me buscou em suas mulheres, todas eram iguais a mim.

Ele a afastou do seu corpo enojado.

— Chega, Gwen. — Tomou-lhe o copo. — Você está bêbada!

Ela abriu a roupa de dormir, mostrando seu corpo a ele.

— Diga que não sou desejável. Eu sei que teria uma fila de homens dispostos a estar comigo... Diga! Eu posso fazer melhor que ela, nós somos perfeitos um para o outro.

— Não. — Ele a afastou novamente. — Não somos. Nunca seríamos. Gwen, você está doente! O que você diz sentir por mim não passa de uma loucura.

— Não! Você é meu! Eu o escolhi, você me escolheu... Você me queria de qualquer jeito, lembra? Mesmo sem o consentimento dos meus pais, você me queria.

— Sim, não nego. Mas esse tempo já passou, Gwen. Não somos mais os mesmos...

— Por causa dela? O que aquela garota tem, afinal? Foi boa na sua cama? A vadia devia ser experiente...

— Chega, Gwen! — ele a calou. — Eu não admito que você ouse falar assim dela, está entendendo? Nossa relação nunca daria certo, independentemente de qualquer esforço que fizéssemos. Não sentimos nada um pelo outro!

Ela lhe deu um tapa.

— Você é um desgraçado! Me iludiu, me pediu em casamento.

— Quando, Gwen? Há quatro anos? Sim. Ano passado? Não! — Ele não queria que fosse daquela maneira, mas estava ficando furioso. — Quando voltei de viagem, todos estavam falando de

nosso compromisso, que, por acaso, eu fiquei sabendo na ocasião. Minha família falava em preparativos de casamento, e a sociedade suspirava por uma história de contos de fada que nunca aconteceu! Qual era a intenção, obrigar-me a casar com você?

Ela fungou.

— Já tínhamos ido para a cama!

— Eu não a forcei a nada! Você mesma disse que era uma mulher moderna, e não uma virgem recatada esperando pelo casamento! Foi escolha sua! — Ele respirou fundo. — Mesmo assim, eu decidi ir em frente com esse compromisso, porque
realmente, achei que você era uma mulher que valia a pena... Enganei-me, completamente, mas ainda bem que estamos podendo conversar às claras desta vez.

— Eu espero que, quando você se cansar da sua vagabunda da vez, não ache que eu estarei à sua espera, como no passado...

Ele encarou-a com o olhar de desprezo mais altivo que treinara na vida.

— Nunca pedi que me esperasse, nem sabia que você esteve me esperando. Além do mais, ela não é a vagabunda da vez, ela será minha esposa, a Condessa de Hawkstone, e eu espero, para o seu próprio bem, que, se um dia vocês duas se encontrarem, você a trate com o respeito devido.

Ela fungou de novo, mas visivelmente acuada.

— Eu lhe desejo tudo de bom, Gwen — disse ainda altivo, mas sincero. — Nunca quis seu mal e torço para continuar não querendo. Adeus.

Ele virou as costas e ainda ouviu objetos sendo quebrados dentro da casa.

— Eu juro que não saio daqui enquanto não aprender essa sequência — disse Lily irritada por tentar, pela quinta vez, executar perfeitamente uma música ao piano. Helena sorriu para a amiga.

Helena aprendera a conhecer a vontade de ferro que a jovem possuía e admirava-a por isso. Muitos poderiam dizer que Lily era teimosa, mas a sutil diferença entre ser persistente e teimosa é que o persistente admite que algo está errado, enquanto o teimoso continua a insistir no erro. Lily era persistente, mas sabia ceder quando necessário.

Ela usou de sabedoria para sair da situação em que se encontrara, pois não queria um marido, queria independência e conquistar a realização de seu sonho de ter uma carreira, como qualquer outro ser humano, ainda que fosse uma mulher. Por isso, ela se fazia presente em todos os eventos da alta sociedade naquela temporada, mas, intimamente, sabia que estava fazendo a família acreditar em um grande engodo. A jovem, apenas por sua aparência, já chamava a atenção de um sem-número de cavalheiros, tanto era assim que, no dia de sua estreia, eles transformaram a mansão em um campo de flores. Mas, sabiamente, ela transformou a vantagem em desvantagem e conseguiu, lentamente, afastar cada um dos cavalheiros apaixonados e interessados. Tudo o que precisou fazer foi ser a dama mais perfeita da temporada.

Sua aparência, seus modos, sua voz e sua frieza eram perfeitas. Assim, alguns bailes atrás, ela mesma começara um rumor sobre si,

e a sociedade que sempre adorara intitular as pessoas concedeu-lhe um título único e majestoso: “Lady de gelo”.

Ela rira ao contar a situação para Helena, tanto, que até saíram lágrimas de seus olhos. Agora, todos os cavalheiros tinham medo de aproximar-se dela e entrarem para o rol dos rejeitados pela “Lady de gelo”. Helena só notara, naquela história bem montada, um problema, pois Lily pensara apenas em afastar os cavalheiros, mas, o que não previu foi que, ao se tornar a “Lady de gelo”, as demais damas também a evitariam.

Cochichavam sobre ela, temiam-na e, com o tempo, começaram a rejeitá-la. Lily dizia não se importar, afinal, elas não tinham nada em comum, mas Helena passou a perceber que a amiga estava ficando cada vez mais sozinha e isso a preocupava.

Principalmente naquele momento, pois ela acabara de decidir que precisava ir embora, e Pedro concordara em levá-la.

— Lily... — A amiga parou de tocar e a olhou séria. — Eu preciso lhe dizer algo. — Uma lágrima deslizou por sua face.

— Por favor, não faça isso... — disse já sabendo do que se tratava. Levantou-se e abraçou Helena. — Eu sei que você não está aqui porque quer, mas, agora, temos uma a outra!

Helena tentou impedir um soluço, mas não conseguiu. Lily nunca a entenderia.

— Eu não posso mesmo ficar... não dá.

— Eu sei que está acontecendo alguma coisa entre meu irmão e você. Não... — disse quando Helena tentou negar. — Por favor, não negue. Basta ser um pouco atenta para notar a tensão que há quando vocês estão próximos.

Ela assentiu.

— Então, você entende. Não posso ficar para vê-lo comprometer-se com outra mulher. Não posso ficar, não posso me casar com outro e permanecer aqui, próxima a ele, vendo-o com sua esposa perfeita.

Lily fechou os olhos e lamentou. Sabia o quanto Stephen queria aquele casamento, o quanto aquilo era importante ao seu ego, mas percebera que seu irmão parecia outro com Helena, de uma forma que ele nunca esteve com Lady Gwendoline.

— Vai voltar ao Brasil? — Helena assentiu. — Quando?

— Daqui a algumas semanas — disse triste. — Primeiro, irei a Lisboa com Pedro e, de lá, partiremos rumo à Corte brasileira.

— Eu queria poder fazer algo para evitar isso... — disse sentindo-se frustrada. — Eu queria fazê-lo enxergar...

— Ninguém pode, Lily. — Deu de ombros e virou-se para a vidraça que dava para a rua.

Lá fora, uma chuva teimava em cair, não estava forte, mas constante. O movimento na rua estava muito mais fraco que o normal, pois as pessoas preferiram estar dentro de suas casas do que passeando no parque ou dirigindo-se a algum lugar naquele dia cinzento e chuvoso.

Helena sentia-se como aquele dia. Era como se tudo tivesse perdido a cor e só lhe sobraram lágrimas. Nunca pensara que, um dia, passaria por aquilo, por ter aquela sensação dentro do peito, uma sensação parecida com o vazio e a falta constante de uma parte de si mesma.

Mas o sentimento que surgira em seu coração era tão forte, tão antigo, como se estivera lá, adormecido, até o momento em que encontrara Hawk no dia de seu aniversário, como um presente do

destino.

O destino os atraiu àquele momento, ela sabia. Depois de mais de uma década morando longe da fazenda, ela voltara no momento em que ele estava lá. Um Lorde inglês visitando uma fazenda de café no Brasil, quem poderia imaginar? Não poderia ser coincidência, ela tinha certeza de que não fora. Mas, infelizmente, Hawk já tinha traçado o próprio caminho, o próprio destino, e ela não fazia parte dos planos dele. Ainda que houvesse todo aquele sentimento louco a envolvê-los, ainda que eles fossem atraídos a todo momento, que se desejassem, ela ainda continuava a não fazer parte dos planos dele para o futuro.

— Nosso destino foi selado, mas ele tem o livre-arbítrio de escolher com quem passar o resto de sua vida. — Ela voltou para Lily e tentou sorrir. — Mas não deixe meus problemas atrapalharem seu ensaio. Sei que quer ser excepcional em sua apresentação no sarau desta noite.

Lily rolou os olhos.

— Fui praticamente obrigada a participar. — Sentou-se ao instrumento novamente. — Eu preferiria mil vezes poder declamar um poema, mas as vagas já estavam preenchidas... Odeio gente esperta! — Ela riu. — Agora sou eu quem está aqui tentando desenferrujar para não parecer tão ruim quanto aquelas outras do sarau do Duque Stanton.

Lily voltou a praticar. Particularmente, Helena não notava nenhum erro na execução da amiga, mas, sabendo o quanto era exigente, preferiu não opinar, além disso, ela mal tocava uma ou duas notas. Ela voltou a observar a rua e viu quando o Conde chegou, descendo de seu coche praticamente correndo por causa da

chuva, e entrou na casa.

Helena sentiu seu coração se quebrar ao pensar que ele passara a tarde com a noiva. A Condessa fizera questão de dizer que Hawkstone havia marcado aquele compromisso enquanto estavam tratando dos preparativos do casamento.

Ela não tinha o direito de estar magoada com ele, mas, diante das circunstâncias, sentia a dor de ser apenas um inconveniente para ele. Mas isso também teria fim, pois seu único fio de esperança se rompera naquela manhã. Ela foi até uma poltrona próxima ao fogo e sentou-se, estava com frio. O som da música que Lily tocava era tão triste quanto o estado de espírito dela, e olhar para as chamas consumindo o carvão lhe causava uma sensação de paz.

Tudo acabava, tudo tinha fim, inclusive aquele fogo tão intenso e devorador, que não sabia, mas, depois que tivesse consumido todo o carvão, morreria também, restando apenas uma pequena brasa.

Lily parou de tocar no meio de uma ponte, e Helena olhou para onde a amiga estava e, imediatamente, viu Hawk parado na entrada da sala de música. Os dois se olharam intensamente, até que ele fez o primeiro movimento.

— Lily, eu gostaria de falar com Helena. — A irmã prontamente se pôs de pé. — Obrigado.

Ela balançou a cabeça e caminhou para a saída, parando apenas para ver a reação de Helena, que a tranquilizou com um gesto.

— Como você está se sentindo hoje? — perguntou parecendo preocupado.

— Bem, obrigada. Eu apenas estava me alimentando mal e tomando pouco líquido — justificou o desmaio do dia anterior. — Não vai mais acontecer, não se preocupe.

— Tem certeza de que não é um sintoma...

— Tenho certeza — ela suspirou resignada, pois sabia que tinha de lhe informar. — Não houve consequência, soube disso hoje pela manhã.

Ela viu o desapontamento na expressão de Hawk, mas não quis ter esperanças. Não podia.

— Helena, eu...

— Decidi partir com Pedro. A princípio, nós vamos para Portugal, depois, seguiremos ao Brasil. Ele me prometeu que conversará com papai...

— Ah, sim, o convento! Eu soube, seu irmão conversou comigo ontem.

Helena assentiu, pois Pedro lhe contara.

— Agora, milorde, pode continuar com seus planos de casamento perfeito, com sua noiva perfeita — disse com o queixo empinado. — Não há mais nada que o impeça, não há mais nenhuma obrigação a ser cumprida.

Ele andou decidido até ela, Helena se pôs de pé e tentou retroceder, mas ele a alcançou e a beijou.

— Você nunca foi ou será uma obrigação — disse a ela. — Eu sou teimoso e orgulhoso, admito, mas nunca fui covarde e não serei agora. Ouça-me. — Segurou-lhe os dois lados da face, fazendo com que ela não tivesse outra opção a não ser encará-lo. — Você é a mulher perfeita para mim. Você, somente você, conseguiu despertar em mim sentimentos que eu nem sabia que existiam.

Helena sentiu o coração disparar dentro do peito.

— Eu não quero me ligar a você por uma obrigação. — Ele riu. — Não, obrigação seria eu continuar meu compromisso com Lady

Muir, mas não posso... — Tomou fôlego. — Porque, desde o momento em que uma mulher com olhos de leoa me tirou dos tentáculos, disfarçados de braços, de uma mulher-polvo, eu me rendi. Esqueci de minhas obrigações, esqueci que era um Conde e só me lembrei de que era um homem na frente da única mulher que foi capaz de me fazer sentir...

— Hawk... — disse, já sentindo as lágrimas descerem.

— Psiu. — Colocou um dedo sobre seus lábios. — Não quero que você fique comigo por causa de um senso de dever. Não! Quero você para sempre ao meu lado, porque você é a minha escolha, a minha única e definitiva escolha. — As lágrimas rolavam pelo rosto de Helena, e ele as limpou. — Eu amo você, Helena, e quero... não, eu preciso que você se torne minha esposa. Quero fazer novos planos ao seu lado, quero poder dizer isso a você todos os dias, quero sonhar com você, porque você me completa.

Helena o beijou nos lábios e, depois, encostou a testa na dele.

— Eu amo você — disse. — Sinto que sempre o amei. Você foi o presente que o destino me enviou, para que eu, finalmente, tivesse um lar, alguém para amar e me amar.

Ele sorriu ao ouvi-la dizer aquilo, pois se sentia da mesma maneira.

— Eu passaria por todos os momentos de angústia que passei ao estar na ruína, se fosse o preço para te conhecer. Se não fosse assim, eu nunca teria aceitado a oferta de Kim e nunca teria um elo com um Barão de café brasileiro. — Ele a beijou de novo. — Eu fui teimoso, mas o destino era poderoso demais e me levou aonde ele queria. Para você.

— Eu te aceito, Hawk — ela disse emocionada. — Eu já te pertenço, Stephen.

Eles se beijaram com toda a paixão que sempre estivera entre eles. Helena sabia que estar ali, em uma família tão antiga, tão nobre, não seria fácil para ela. Teria que ser corajosa para enfrentar aquela sociedade tão estreita e tão cheia de regras e imposições.

O escândalo do rompimento do compromisso de Hawkstone e Lady Muir seria pesado, e a sociedade os julgaria implacavelmente, sem contar as explicações que teriam de dar aos seus familiares.

Mas tudo o que realmente importava era que, finalmente, estariam juntos. Acima de todos os problemas e empecilhos, eles estariam juntos para sempre.

Epílogo

RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 1858

De volta à amada pátria.

Helena desembarcara na Corte sem acreditar que estava de volta depois de dois longos anos na Inglaterra. Claro que ela amava estar ao lado do marido, das cunhadas e do pequeno sobrinho, Henry, mas nada se comparava a estar de volta à sua casa.

Respirou fundo a brisa marinha que chegava até seu quarto de hotel que ficava bem próximo ao mar, tendo a alegria de poder, em alguns dias, estar de volta a Santa Lúcia e terminar o trâmite iniciado por carta.

Enfim poderia levar consigo sua mais amada e fiel amiga, Marieta. Voltara ao Brasil especificamente para buscá-la depois de saber, por carta, que João, seu marido, falecera após uma séria doença nos pulmões. Seu pai recusara-se a vendê-la para Helena por ainda se sentir em dívida com o Barão de Rubi, pai da escrava. No entanto, depois de esclarecido que o velho fazendeiro nem mesmo se lembrava da moça, Silveira decidira dá-la de presente à filha.

— Esse sorriso bobo em seu rosto é a coisa mais agradável de se ver ao acordar. — Hawk abraçou-a pela cintura. — Nem posso crer

que estou de volta a esse país com você ao meu lado.

— E pensar que você foi atraído para cá pelo meu pai para conseguir me casar com algum inglês insosso...

Hawk gargalhou ao ouvi-la falar de seus compatriotas.

— Eu nunca terei anos suficientes para agradecer ao Barão por isso. — Beijou-lhe o pescoço. — Você se sente bem?

Helena suspirou e assentiu. Hawk estava superprotetor com ela desde que sofrera um aborto há seis meses. Os dois estavam maravilhados com a possibilidade de serem pais, de constituírem uma família depois de um ano inteiro tomando cuidado, pois queriam usufruir a vida de casados.

Helena engravidou em Paris, mas só soube da notícia quando já estava em Londres. Contudo, a alegria durou pouco, apenas algumas semanas antes que o sangramento começasse e ela sentisse a dor, física e emocional, de perder um bebê desejado.

Stephen estivera ausente durante um tempo, tocado pela dor da esposa, mas imerso em sua própria dor, lidava com a frustração trabalhando como um louco, até que Elise entrou como um tufão em suas vidas e os fez perceber que não era o fim do mundo, pois, ela mesma, perdera dois bebês antes de dar à luz ao pequeno Henry e de engravidar novamente.

A partir daquele momento, ele ficou perto de Helena o tempo todo, cuidando dela, resguardando-a tanto a ponto de não querer tocá-la como mulher. A resolução dele durou pouco, pois sua esposa não queria ficar longe dos prazeres que descobrira nos braços do marido.

No começo, aconselhados pelo médico, foram cuidadosos para que ela não engravidasse em um período tão curto após um aborto,

mas, depois, passaram a ter a ideia de um filho firmemente plantada em suas mentes, porém ele não vinha, e, a cada novo ciclo de Helena, o coração de ambos sofria.

Secretamente, ela tinha receio de já não poder mais conceber e isso a deixava em verdadeiro desespero, pois, além da vontade enorme de ser mãe, queria dar ao marido o seu tão sonhado herdeiro. Não saberia como agir caso não pudesse engravidar novamente, e, mesmo Hawk garantindo que isso não importava para ele, Helena se cobrava.

— Eu estou ótima, morrendo de vontade de voltar para Santa Lúcia!

— Será que nossa cachoeira ainda está tão bonita e intocada como da última vez que estivemos nela?

Helena sorriu ao sentir os dedos de seu marido abrindo os cordões de seu espartilho.

— Tenho certeza que sim!

O reencontro com Marieta foi emocionante.

A pequena e linda negra de olhos verdes não conseguia parar de chorar e abraçar sua amiga, mesmo quando estavam a sós dentro do quarto, uma contando para a outra sobre suas dores. A da escrava, de ter perdido o marido e melhor amigo, e a de Helena, por ter perdido o bebê que tanto queria.

— Vou pedir à mãe Maria para fazer algo para você — Marieta sentenciou. — Ela tem remédio para tudo, você sabe.

— Eu te agradeço muito! — Helena se emocionou. — Animada com a mudança?

Marieta deu de ombros.

— Animada por ter você por perto!

— Sabe que não precisa ir, não é? — Helena pegou as mãos frias da amiga. — Você está livre! Pedro já resolveu todos os trâmites, sua carta já está assinada e registrada.

— Eu quero ir! — Sorriu. — Aqui, mesmo liberta, eu serei para sempre a mestiça, filha bastarda de um Barão. Lá, eu posso começar uma vida nova com vocês, assim que eu aprender a falar a língua.

— Você é esperta, vai aprender rápido! Eu me lembro de quando a gente começou a aprender a ler com a senhorita Virna. — Marieta gargalhou ao lembrar que a professora ficou apavorada por ter de ensinar a uma escrava. — Além disso, com sua beleza, vai conquistar a todos naquela cidade!

— Nenhum Lorde vai querer uma escrava...

— Você não é mais uma escrava, não repita mais isso! Tenha em conta que qualquer homem seria sortudo ao tê-la e, creia-me, você também não iria querer um Lorde! — ela segredou. — Que Stephen não nos ouça, mas os pares dele são muito sem graça, com exceção de Lorde Tremaine.

— Ah... o tal Marquês!

As duas conversaram por longas horas, e Helena contou todas as fofocas que ouvira envolvendo o nome do Marquês que, por meses, andara sumido do círculo social e agora anunciara compromisso com uma jovem debutante. Helena não entendera o motivo pelo qual ele escolhera a moça, com quem ela já trocara meia dúzia de

palavras e a achara frívola e sem graça. No entanto, sabia como funcionava a mente masculina e a moça era bonita e de ótima família.

Naquela noite, ao deitar-se ao lado de Hawk, Helena pensou nos rumos da vida e nas surpresas que o destino prepara a cada um que se dispõe a deixar o coração aberto. Seu pai estava um homem mais carinhoso com ela, embora ainda houvesse muitas marcas do passado entre eles, e seus irmãos seguiam felizes e saudáveis.

E ela tinha Hawk, seu Stephen, o homem que amava e que retribuía o sentimento. Era feliz, dava-se muito bem com suas duas cunhadas, inclusive tinha a Lily como se fosse sua irmã de sangue, sua sogra, embora ainda reservada, a tratava com distinção, e o restante da sociedade londrina, depois de esquecido o escândalo do rompimento de Hawk com Lady Muir, a aceitou de braços abertos.

Tudo o que ainda lhe faltava era um filho.

No dia seguinte, Marieta lhe entregou um chá e recomendações de comidas que, tanto ela quanto Hawkstone, tinham de comer. O marido reclamava, achava bobagem, mas seguia à risca o recomendado pela escrava mais velha da senzala.

Os dois retornaram à cachoeira, descobrindo que continuava como antes, e fizeram amor dentro da água gelada, agarrados um ao outro, insaciáveis e entregues ao prazer sem importarem-se com mais nada.

Hawkstone ia visitar outras fazendas com o sogro e, quando voltava, amava Helena de tantas maneiras que ambos pareciam novamente em lua de mel.

Quando chegou a hora de voltarem para Londres, Helena chorou abraçada ao pai. Sabia que demoraria a voltar, mesmo Hawkstone

prometendo trazê-la mais vezes, e, por mais que gostasse de viver em Londres, sentia falta de casa.

— Marieta estará contigo, Helena. Isso amenizará a sua saudade — Pedro a consolou já no cais da Corte. — Mande-nos notícias sempre.

— Pode ter certeza que mandarei.

A viagem de volta foi mais difícil para Helena, que se sentia mal ao longo do trajeto, deixando o marido como um leão enjaulado, nervoso, preocupado e disposto a matar qualquer um que se aproximasse dela.

Chegou a Moncrief House completamente sem forças, magra, pálida, e o Conde logo chamou o médico, que parecia não entender o que estava acontecendo com sua paciente.

Helena seguiu adoentada por muitos dias, mesmo já em terra firme.

— Milady... — Marieta chamou Helena da porta do quarto. — Posso entrar?

— Minha esposa está tentando descansar.

— Está tudo bem, Stephen. — Helena sentou-se na cama. — Entre, Marieta!

Hawk saiu da beirada da cama e foi até o aparador de bebidas, a fim de deixar as duas conversarem, embora preferisse que Helena dormisse.

— Você tem certeza?

Ouviu a voz emocionada de sua esposa, soltando o copo e correndo até ela assim que viu as primeiras lágrimas caírem de seus lindos olhos.

— O que você disse a ela? — Parecia desesperado. — Meu

amor, o que houve?

De repente, Helena começou a rir, e ele considerou se ela estava enlouquecendo depois de todos esses dias adoentada.

— A beberagem de mãe Maria, Hawk. — Ele pareceu não entender. — Nós vamos ter um bebê!

O Conde teve que se segurar para não cair da cama, pálido, sem saber o que fazer, afinal estava aflito, com medo de perder seu grande amor para alguma doença e, de repente, ela revelara estar grávida.

— Meu amor, o médico...

— Minhas regras estão atrasadas, eu sinto enjoo mesmo fora do navio, perdi peso e...

— Milorde vai ter seu tão sonhado herdeiro! — Marieta confirmou.

Hawk nunca saberia como aconteceu, mas se viu chorando como uma criança de colo, abraçado à esposa, a sua leoa, seu maior presente. As terras brasileiras lhe deram o privilégio de amar e ser amado e, agora, o de ser pai.

Novamente, o poderoso destino pregou-lhes uma peça.

— Mas o doutor disse que era alguma doença dos trópicos! — Ele virou-se para Marieta. — Ela perdeu muito peso, está sem apetite, não se assemelha a uma mulher grávida!

— Cada mulher reage de uma maneira ao fruto do amor dentro de si, milorde. — Marieta sorriu. — Já vi algumas que não sentiram nada e trabalharam como touros, e outras que, assim como milady, ficaram fracas como passarinhos.

Hawk parecia preocupado.

— Vou chamar o doutor!

As duas mulheres se olharam e sorriram quando ele saiu do quarto apressadamente.

— Será que vou me sentir assim por toda a gravidez?

— Não — Marieta acalmou-a. — O começo é sempre mais complicado, daqui a pouco passa!

Ouviram uma batida à porta, e Kim apareceu na fresta.

— Tudo bem por aqui? — Ele olhou para a acompanhante da Condessa e arregalou os olhos. — Marieta?

Helena notou o semblante de sua amiga ficar iluminado e, logo em seguida, sua expressão se fechou e seus olhos adquiriram um brilho diferente. Joaquim parecia completamente surpreso ao vê-la e não parava de encará-la.

— Marieta veio morar conosco em Londres, Kim. — Helena convidou-o a entrar com um gesto. — Hawkstone não comentou sobre isso?

— Não comentou... — Ele cumprimentou Marieta com a cabeça. — Está gostando de Londres?

Helena percebeu que a mulher não conseguia formular uma resposta, o que era, no mínimo, curioso, pois era muito versada e inteligente.

— Eu estive de cama desde que voltamos, por isso ela ainda não conheceu nada além do trajeto do porto até aqui. — Helena teve uma ideia. — Kim, você poderia convidar Marieta para um passeio no Hyde Park! — A amiga olhou-a apavorada. — Ela vai amar conhecer o local.

— Não, eu não poderia ir...

— Claro que sim, senhorita Marieta — Kim interrompeu-a. — Será um prazer enorme acompanhá-la.

Antes que a moça respondesse, Hawkstone retornou com o doutor em seu encalço. Kim e Marieta deixaram o quarto para que Helena pudesse ser examinada, e o clima entre os dois era pesado.

— Você não precisa me levar a nenhum local — ela disse.

— Mari, eu...

A moça o olhou séria.

— Não me chame assim, nunca mais! — Kim abaixou a cabeça e concordou. — Não sou mais uma escrava, senhor Ávila.

— Imaginei isso ao vê-la aqui. — Sorriu para ela. — Fico feliz de saber que está livre e que veio para cá recomeçar sua vida.

— João morreu. — Ele assentiu, pois soubera do fato. — Ele foi um bom marido, aceitou o que nenhum outro em seu lugar aceitaria...

— Mari...

— Eu não servi para você como escrava, senhor Ávila. — Marieta tentou controlar a emoção. — Continuo não servindo agora que sou livre. Com licença.

Kim sentiu o peso da dor que causara a ela há alguns anos. Ele já era um homem vivido, e ela, apenas uma moça cheia de sonhos e de beleza inimaginável. Os dois se envolveram, se apaixonaram, no entanto, ele não pôde libertá-la.

Magoou-a profundamente, sabia disso, e agora ela estava livre.

Os pensamentos de Kim foram interrompidos quando o médico abriu a porta do quarto e ele ouviu as risadas do primo e de sua esposa.

— O que está acontecendo por aqui? — Kim inquiriu o médico, que sorriu pela primeira vez desde que os dois se conheceram.

— A Condessa está esperando um filho — o médico informara-

o. — Ao que parece, as terras brasileiras não são férteis apenas para o cultivo do café.

O senhor idoso, sempre muito rígido, continuou seu caminho em direção às escadas sorrindo, deixando para trás um Kim totalmente surpreso por sua reação, feliz pelos amigos e primos e pensando o que mais o Brasil mudaria naquela família.

Olhou para o corredor onde Marieta fugira dele. Abrira mão de muita coisa ao longo de sua vida. O relacionamento com a filha do Duque na juventude fora uma paixão avassaladora, que marcara, machucara seu orgulho e, por isso mesmo, ele sempre se lembraria.

Porém, o que sentira por Marieta fora amor. Nunca sentira algo parecido e nem tamanha dor como ao deixá-la para retornar a Portugal. Passara anos sem pisar novamente no Brasil e, quando o fizera, ela já estava casada. Kim achara que fora o melhor e engolira qualquer sentimento que ainda restara, mesmo a atração absurda que sentia a cada vez que ela estava perto.

Abrira mão de muita coisa em sua vida, principalmente, da felicidade.

Não mais. A mulher que amava estava livre em todos os sentidos e, se Deus o ajudasse, ele a teria de volta.

Olhou para dentro do quarto, onde seus mais preciosos amigos comemoravam a notícia da vinda de um filho. Kim podia sentir a alegria dos dois mesmo de onde estava e percebeu o quanto queria ter um momento como esse em sua vida.

Amor, felicidade e sua própria família era tudo o que ele não tinha e tudo o que pretendia ter, e para isso precisava reconquistar um coração ferido e que acabara de ganhar a liberdade.

Agradecimentos

A Deus, sempre!

Aos meus familiares pelo apoio;
Ao Felipe Colbert, meu agente, por ter acreditado neste trabalho;
À Wilka Andrade, minha amiga, pelo incentivo em todos os momentos de minha carreira; e à Chiara Ciodarot pelas conversas e conselhos sobre o enredo;
Às Jujubas, minhas leitoras, que estão sempre ao meu lado, embarcando comigo nos projetos e histórias novas.
Gratidão sempre!

J. MARQUESI sempre foi apaixonada por livros e, na adolescência, descobriu seu amor pelos romances. Escreveu sua primeira história aos treze anos e, desde então, não parou mais. Só tomou coragem de mostrar seus escritos em 2017, tornando-se autora best-seller da Revista Veja e da Amazon.

Acompanhe a autora nas
redes sociais:
@j_marquesi
JMarquesiAutora
www.jmarquesi.com.br

DEPOIS DE SER PUBLICAMENTE HUMILHADO pela alta sociedade britânica, o Conde de Hawkstone precisa provar que é capaz de reerguer-se e ter de volta a fortuna de sua família, completamente arruinada pelo seu falecido pai. Com a chegada de Joaquim, seu primo português, Hawk vê a possibilidade de enriquecer novamente com um arriscado investimento: comercializar café brasileiro.

Anos depois, com o sucesso dos negócios e sua volta ao topo da aristocracia, o conde está pronto para reivindicar o amor de Lady Gwendoline, que lhe fora negada no passado. Mas uma viagem ao Brasil faz com que ele conheça o verdadeiro amor nos braços da jovem e misteriosa garota de cabelos castanho-avermelhados.

Ela pode dizer ao seu melhor amigo
qualquer coisa... Exceto isso.
A BARRACA
DO BEIJO
BETH REEKLES
NETFLIX
AGORA UM
FILME ORIGINAL
NETFLIX
astral

A barraca do beijo

Reekles, Beth

9788582467480

336 páginas

ELLE EVANS é o que toda garota quer ser: bonita e popular. Mas ela nunca foi beijada. NOAH FLYNN é lindo e um tanto quando bad boy - tá, o maior bad boy da escola - e o rei dos joguinhos de sedução. A verdade é que Elle sempre teve uma queda pelo jeito descolado de Noah, que, por coincidência, é o irmão mais velho de seu melhor amigo, Lee. Essa paixão cresce ainda mais quando Elle e Lee decidem organizar uma barraca do beijo no festival da Primavera da escola e Noah acaba aparecendo por lá. Mas o romance desses dois está bem longe de ser um conto de fadas. Será que Elle vai acabar com o coração partido ou conseguirá conquistar de vez o bad boy Noah?

A história de Elle e Noah continua em...
A CASA DA PRAIA
BETH REEKLES
Mesma autora de
A BARRACA DO BEIJO

A casa da praia

Reekles, Beth
9788582468272
144 páginas

Compre agora e leia

Quem disse que a história de Elle e Noah acabou? Para a sorte de todos nós, que amamos A Barraca do Beijo, Beth Reekles decidiu contar mais um pouco da história deles. Namorar o maior bad boy da escola jamais esteve nos planos de ELLE EVANS, mas aconteceu. Porém, isso teve um preço. Sua amizade com LEE FLYNN foi colocada à prova e ela teve que rever suas prioridades e abrir o jogo de uma vez por todas sobre o seu relacionamento secreto com NOAH FLYNN. Pode parecer um sonho finalmente conquistar o crush eterno de uma vida, mas uma hora o ensino médio vai acabar e Noah começará a faculdade. Entre fogos de artifício e confusões na praia durante as férias de verão, Elle e Noah precisam decidir qual será o futuro de seu relacionamento. Afinal, as coisas nunca mais serão as mesmas, nem mesmo na casa da praia.

生き甲斐
IKIGAI
OS CINCO PASSOS PARA ENCONTRAR
SEU PROPÓSITO DE VIDA E SER MAIS FELIZ
KEN MOGI
astral

Compre agora e leia

AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL
ANNA TODD
MESMA AUTORA
DA SÉRIE AFTER
Stars
AS
ESTRELAS
ENTRE NÓS
astral

Stars

Todd, Anna

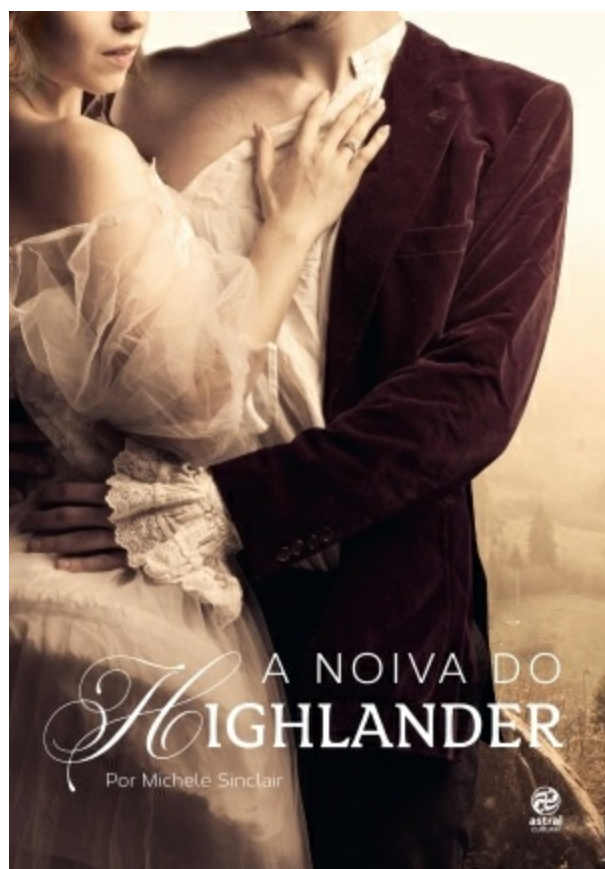
9788582467848

304 páginas

[Compre agora e leia]

DEPOIS DE CONQUISTAR BILHÕES DE LEITORES AO REDOR DO MUNDO COM A SÉRIE AFTER, ANNA TODD ESTÁ DE VOLTA COM UM DRAMA EMOCIONANTE E ENCANTADOR.Karina sempre soube o quão difícil é a vida militar, desde a convivência com seu pai militar até mesmo a infância e a juventude dentro de uma base. Depois de tantos anos de rigidez, ela aprendeu que guerras nunca terminam, elas sempre deixam marcas inimagináveis e causam feridas naqueles que estão à espera de seus entes queridos. Com a intenção de se dedicar à sua carreira de massagista e finalmente ser livre, Karina compra uma casa fora da base militar. Porém, Kael, um cliente misterioso e de poucas palavras, surge em sua vida e desperta mais do que apenas a sua curiosidade, fazendo com que ela mude todos os seus planos. Aos poucos, Karina percebe que Kael carrega consigo muito mais do que dois períodos no Afeganistão. A

carga de Kael e suas mentiras são muito maiores do que Karina é capaz de suportar, levando-a até mesmo a desconfiar de seus sentimentos e intuição.

A NOIVA DO
HIGHLANDER
Por Michele Sinclair
astral

A noiva do Highlander

Sinclair, Michele

9788582464908
320 páginas

O escocês Conor McTiernay sonhou a vida inteira com um amor verdadeiro e duradouro. Mas ele sempre se deparou com uma situação oposta... As mulheres sempre o desejavam por causa de suas terras e títulos. Por isso, ele decidiu que nunca iria se casar. Mas isso mudou quando ele viu, pela primeira vez, uma mulher vinda da Inglaterra, encontrada escondida na floresta. Por trás da sujeira, ele tinha certeza de que Laura Cordell era uma mulher linda. Porém, ela conseguiria provar a ele que, ao contrário das outras mulheres que só queriam seduzi-lo por interesses materiais, ele tinha encontrado, de fato, uma esposa a quem poderia entregar seu coração?

Compre agora e leia